

3581
47

HISTORIA UNIVERSAL.

TOMO SEGUNDO.

1897

1802

0075

UNIVERSITY

OF CALIFORNIA

LIBRARY

HISTORIA UNIVERSAL.

PRIMEIRA PARTE: HISTORIA ANTIGA.

ESCRITA EM FRANCEZ
PELO ABBADE MILLOT;

E TRADUZIDA EM VULGAR

POR J. J. B.

*Professor de Lingua Franceza no Real Colle-
gio de Alcobaça.*

Segunda Edição, correcta, e emendada.

António Pereira Carvallo Junior

TOMO SEGUNDO.

Seminário de Casimira

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1802

Com Licença da Meza do Desembargo
do Paço.

Historia Testis temporum; Lux veritatis;
Vita memoriæ; Magistra vitæ; Nuncia
vetustatis.

Cicero.

DEC
11
1985



HISTORIA UNIVERSAL.



CONTINUAÇÃO DA HISTORIA GREGA. LIVRO IV.

Desde o Reinado de Filippe, até ao
dominio dos Romanos na Grecia.

CAPITULO I.

*Reinado de Filippe de Macedonia, até ao
estabelecimento do seu poder na Grecia.*

Attendido o estado de decadencia, em que a Grecia se achava, só faltava haver hum Principe tão habil, como guerreiro para a subjugar. Este Principe appareceo. Nós vamos vêr levantar-se, e engrandecer-se insensivelmente huma Monarquia, quasi desconhecida ate áquelle tempo, fraca,

A Macedo-
nia desp-
zada em
de Silp-

ca, desprezada, e desprezível em quanto não teve por Senhor hum Homem grande. Posto que os Reis de Macedonia pretendessem descender de Hercules, os Gregos não os reconhecendo como seus nacionaes, os tratavaõ como barbaros. Havendo mais de quatrocentos annos, que aquelle Reino subsistia, quasi sempre necessitou da protecção ou de Sparta, ou de Athenas, sem ter parte na gloria daquellas Repúblicas. Porém, quando as circumstancias são favoraveis, hum unico genio basta para causar revoluções. Thebas acabava de o experimentar.

Antes de J.

C. 360.

Filippe
eleito Rei,
em lugar
de seu so-
brinho.

Depois da morte de Amyntas II. (375 annos antes de Jesu Christo) a Macedonia sempre esteve exposta ás perturbações, e á discordia. Perdiccas, hum dos seus filhos, a quem pertencia o Throno, morrendo em huma guerra contra os Illyrios, dous concurrentes, Pausanias, e Argeo, pretendiaõ reinar em lugar do mancebo Amyntas, filho daquelle Principe. Philippe, irmão de Perdiccas, tinha sido, como temos visto, levado em refens para Thebas, quando Pelopidas pacificou o Reino. Philippe fugio então para a sua Patria, governou algum tempo como tutor de seu sobrinho, e foi eleito Rei pelos Macedonios, os quaes necessitavaõ de hum Homem, e não de hum me-

menino para restabelecer os seus negocios.

Filippe, de idade de vinte e quatro annos, discipulo de Epaminondas, assim que appareceo no Throno, logo se mostrou digno de occupallo. Hum dos seus primeiros cuidados foi disciplinar o seu Povo, e educallo para a guerra. Philippe inventou a falange, que era hum corpo de seis para sete mil Homens, de dezeseis de fundo, armados com grandes piques, de tal sorte proporcionados, que os da ultima linha excediaõ á primeira em dous pés, e todas juntas formavaõ huma frente inaccessivel, e impenetravel. Os soldados, a quem Philippe tratava com bondade, ou a quem chamava seus camaradas, e a quem dava o exemplo em tudo, chegáraõ a ser outros tantos Heroes debaixo das suas ordens. Pausanias, e Argeo se víraõ logo obrigados a abandonar as suas pretensões á Coroa.

O valor, e a sciencia militar não eraõ as unicas qualidades, pelas quaes Philippe descobria o caminho da sua grandeza. Filippe unia ao valor, e á sciencia militar huma politica profunda, ainda mais capaz de servir a sua ambição. Athenas deixou-se surprender pelas suas promessas, concluiu com elle hum tratado, e o vio logo apoderar-se de Anfipolis, Colonia Athe-

Filippe
disciplina
os Mace-
donios.

Sua falan-
ge.

Sua politi-
ca profun-
da, e arti-
ficiosa.

Atheniense, da qual fez huma barreira contra a Grecia. Já Filippe pretendia engrandecer-se, e dominar. A astucia, a corrupção, e a arte de semear a discordia, de fazer, ou de quebrar allianças por interesse seu, de negociar com vantagem, e de empregar as armas sómente a tempo; finalmente, todos os meios, que o engenho pôde inventar, legitimos ou não, para chegar ao seu fim, faziaão a força principal daquelle Principe.

Filippe achou minas de ouro na Macedonia, as quaes deraão mais de mil talentos de renda; e das quaes fez o grande instrumento da sua politica, comprando por toda a parte partidarios, e traidores. » Toda a fortaleza, dizia o mesmo Filippe, se pôde tomar, com tanto, que nella possa entrar qualquer macho carregado de dinheiro. » Se o Oraculo de Delfos lhe respondeo, como refere Suidas: *Combate com dinheiro, e tudo sujeitarás*; seguramente aquelle Oraculo não era inspirado pela justiça.

» A maior parte das empresas não tem bom exito, esta he huma observação do Abbade de Mably, porque as principiaão a executar no mesmo instante, em que se concebe o seu projecto. Não prevenindo com antecedencia os obstaculos, nada se acha preparado pa-

« ra

Filippenaõ
empren-
de senaõ
depois de
ter pensa-
do em tu-

« ra os vencer. Em vez de estar apto para
 « resistir aos primeiros accidentes, que so-
 « brevem, muitas vezes se achão oppri-
 « midos com elles; obedece-se aos suc-
 « cessos, em lugar de ser senhor delles :
 « e a politica tão incerta, como a fortu-
 « na, não tem já regra alguma. » Es-
 ta reflexão todos os dias se verifica. Fi-
 lippe, meditando os seus projectos, com-
 binando os meios com os obstaculos, e
 unindo todas as partes do seu systema,
 soube senhorear a fortuna : os Homens
 de Estado não poderiam propôr-se modelo
 melhor, se a alma de sua politica não fos-
 se a ambição.

Filippe livra a Thessalia dos Tyran-
 nos, que a opprimiaõ, e grangea por este
 modo o amor de hum Povo, de quem
 espera grandes serviços. Com effeito, a
 cavallaria Thessalia, junta com a sua fa-
 lange, lhe deo huma grande superiorida-
 de. Philippe para pôr em defensa o seu Rei-
 no, faz-se Senhor de algumas Cidades de
 Thracia. Olyntha, Colonia de Athenas, era
 para Philippe huma conquista muito impor-
 tante. O mesmo Philippe a sitiã, depois
 de ter enganado os Olynthios. Estes im-
 ploraõ o soccorro de Athenas. Philippe ti-
 nha em Athenas pensionarios vendidos aos
 seus interesses.

Com tudo a Eloquencia de Demos-
 the-

Filippe
 grangea :
 si o parti-
 do dos
 Thessa-
 lios, e ac-
 commette
 Olyntha.

Antes de J.
 C. 347,

Os Athenienses
não manda-
do soc-
corros suf-
ficientes.

thenes, seu maior, e mais terrivel inimigo, desperta o sentimento do patriotismo. Mandaõ-se soccorros, porem insufficientes; augmentaõ-se-lhes outros mais, os quaes ainda não bastaõ: em lugar daquellas tropas mercenarias, de quem se queixavaõ os Olynthios, manda-se que os Athenienses partaõ, os quaes não sahiraõ melhor da sua empreza. Olyntha he entregue por dous traidores. Philippe aproveita-se da traiçaõ, e despreza os seus Authores. Aquelles traidores, ultrajados pelos proprios Macedonios, pediraõ justiça ao Rei, de quem recebêraõ a seguinte resposta: *que vos importaõ os discursos dos Homens grosseiros, que nomeaõ todas as cousas pelo seu nome?*

Demosthenes inimigo declarado de Philippe.

Se Demosthenes tivesse nascido em hum seculo melhor, ou a sua Patria tivesse conservado todo o ardor, que mostrava pela gloria, e pelas grandes emprezas, teria provavelmente opposto huma barreira invencivel aos progressos do ambicioso Macedonio. Demosthenes, Orador vehementemente, nervoso, intrepido, lançava raios sobre os seus adversarios; abrazava os seus ouvintes com o fogo, de que era animado, e reduzia a pó, para assim dizer, as razões, com que o contrariavaõ: os nomes de gloria, de liberdade, de bem publico, tinhaõ na sua boca huma força, á qual não se

se rodia resistir. O seu odio contra Filippe foi sem limites; Demosthenes prevenindo os seus intentos, sómente pensou em os impedir.

Infelizmente Athenas tinha degenerado, até ao ponto de ser apenas reconhecida. A brandura, e a indolencia prendia com cadeias o amor da liberdade; huma multidão de almas venaes entregava-se á corrupção; as Magistraturas, e os empregos eraõ a recompensa da intriga, ou da baixeza; soldados mercenarios combatiaõ em lugar dos Cidadãos; o Povo, ludibrio da lisonja dos Oradores, estava contente com tanto que lhe dessem prodigamente louvores, e tudo quanto podesse concorrer para os seus divertimentos; o furor dos espectaculos exauria o Thesouro publico.

Pericles, fazendo distribuir para aquelles jogos mil talentos, os quaes todos os annos se reservavaõ, tinha exceptuado ao menos os tempos de guerras. Porém Eubulo, opposto a Demosthenes, mandou prohibir, sob pena de morte, que se interrompesse a distribuição, e os fundos da guerra chegáõ a ser, por huma Lei singular, o alimento da vaidade. Duas vezes accommetteo Demosthenes indirectamente aquelle abuso, pedindo que se nomeassem Commissarios para examinar, e pa-

Os Athenienses haviam-se feito incapazes de grandes cousas.

O Theatro absorvia os fundos da guerra.

e para abolir as Leis perniciosas ao Estado. Vãs tentativas! os Athenienses querião-se divertir: o Theatro os interessava mais do que a Patria. *

Politica
impruden-
te de Demosthe-
nes.

Quando hum Povo se acha corrup-
to por este modo, não se póde delle
esperar esforços magnanimos, e constan-
tes, taes quaes eraõ necessarios para ven-
cer a Philippe. O Orador devia dirigir-se
sobre as conjuncturas. O mesmo Orador,
mais ardente que sabio, obra como se
Athenas fosse a mesma, como era no
tempo dos Aristides, e dos Themistocles.
Veremos os tristes effeitos do seu zelo.
Demosthenes pareceo já máo politico em
o negocio de Olyntha; porque necessita-
vaõ-se de acções decisivas: e propôz só-
mente mandar hum corpo de dous mil
Homens, para fazer simples incursões.
Este era o meio de irritar hum inimigo
poderoso, e de não lhe impedir os proje-
ctos, que meditava. Já Philippe havia ten-
tado fazer-se Senhor das Thermopylas,
a porta da Grecia. Finalmente achou a
occasião de estabelecer alli o seu poder.
Hu-

* Segundo Plutarco (*De glor. Athen.*), as representa-
ções de algumas Tragedias custavaõ maiores sommas de
dinheiro, do que aquellas, que seriaõ necessarias para
a defeza da Grecia contra os Persas. Plutarco exclama
contra a imprudencia de sacrificar o bem do Estado ao
Theatro.

Huma guerra, a qual se chama *Sa-grada*, por ter huma côr falsa de Religião, e por ser misturada de Fanatismo, destruia a Grecia havia quasi dez annos. Tendo os Foceos, visinhos do Templo de Delfos, lavrado algumas terras consagradas ao Deos, que nellas se adorava, os outros Povos visinhos, ou fosse para vingar Apollo, ou fosse por algum motivo occulto de animosidade, armárao-se logo contra elles. (Antes de Jesu Christo 355.) O conselho dos Anfictyões os condenou depois, como sacrilegos. Elles sustentárao a sua acção, pretendendo usar dos seus direitos, e authorisando-se tambem de hum Oraculo. Quasi toda a Grecia tomou partido; Sparta, e Athenas em seu favor; Thebas, e outros muitos Povos, a favor do Templo. Combatiaõ-se como furiosos. Os Foceos prizioneiros dos Thebanos, eraõ mortos, como impios abominaveis. Os prizioneiros Thebanos eraõ mortos cruelmente por direito de vingança. Philippe via de longe aquella grande paixã de furor de huns contra os outros, e applaudia-se de huma divisaõ tão favoravel á sua politica. Tanto mais se enfraqueciaõ os Gregos a si mesmos, quanto mais certo estava Philippe de os domar: e mostrando-se neutro, pensava em utilizar-se das suas contendas.

Guerra Sa-grada contra os Foceos.

Furor de ambos os partidos.

Os

Filippede-
clara-se, e
engana os
Athenien-
ses.

Os Thebanos, muito fracos contra os seus inimigos, finalmente lhe pedem soccorro; e Philippe declara-se. Os Athenienses, cansados da guerra de Thracia, lhe mandão huma Embaixada para contratar a paz: Philippe corrompe os Embaixadores; apodera-se das Cidades, em quanto elles se demoraõ no caminho; assigna o Tratado, quando lhe não restaõ mais conquistas para fazer, rejeita comprehender nelle os Foccos, cujo sacrilegio lhe serve de motivo especioso de invasão. Philippe chega logo ás Thermopylas, faz-se senhor da passagem, e entra na Focida, nada lhe resiste; os Foccos até entãõ indomaveis depõem as armas; Philippe dá fim, sem combater, á guerra *Sagrada*, e adquire huma brilhante reputação, que ambiciosamente desejava para chegar ao seu fim.

Antes de
J. C 346.
Filippe dá
fim á guer-
ra *Sagrada*.

Filippe he
admittido
no numero
dos Anfi-
ctyões.

Filippe tendo ajuntado o Conselho dos Anfictyões, dicta-lhe huma sentença, a qual ordena arruinar todas as cidades da Focida, e de proscrever todos os sacrilegos. Os Foccos são excluidos do Conselho Anfictyonico, Philippe pede o seu lugar. O mesmo Philippe, alem da vantagem de ser nelle admittido, obtem tambem a Intendencia dos Jogos Pythicos, tirada aos Corinthios, por terem defendido os profanadores. Nunca Principe al-
gum

gum soube aproveitar-se melhor da superstição dos Povos.

Já em outro tempo tinha havido humma primeira guerra *Sagrada*, a qual os Spartanos emprendêrão para tirar aos Foccos a guarda do Templo de Delfos, e para a dar aos Delfios. *Pericles* restabeleceo os primeiros no seu privilegio; e aquella guerra não causou grande mal, porque o Fanatismo não entrou nella. Eu a indico neste lugar sómente por ter occasião.

Antiga
guerra Sa-
grada.

C A P I T U L O II.

Fim do Reinado de Filippe de Macedonia.

Filippe já não era estrangeiro entre os Gregos. A qualidade de Anfictyaõ o fazia membro do seu corpo; os Gregos tinhamo começado a respeitallo, e a obedecer-lhe; a opiniaõ alhanava os caminhos para as suas emprezas: o que era muito. As intrigas, e a força podiaõ em pouco tempo aperfeiçoar a obra. Aquelle Principe sagaz dissimulou ainda, com receio de inspirar a desconfiança, e de atemorizar os animos ao mesmo tempo, que importava conservallos. Filippe voltou para a Macedonia, não para esperar soco-

Filippe
forma no-
vas empre-
zas.

ga-

gadamente pelas occasiões, mas para se preparar por meio de Conquistas. As suas armas entráão pela Illyria, pela Thracia, e pelo Chersoneso. Mais atrevido á propoção que se fortificava mais, apoderou-se de huma parte da Ilha de Eubea, (Negroponto) á qual chamava *as cadeias da Grecia*, por confinar quasi daquella parte com o Continente. Demosthenes declarou-se alta, e poderosamente contra elle; *as Filippicas* despertáão os Athenienses. Filippe não deixou de sitiar Perintha, e Byzancio, com a idea de causar a fome em Athenas, que extrahia da Thracia a maior parte dos seus viveres.

Filippicas.

Filippe reprehende
aos Athenienses, o
terem implorado
o soccorro
dos Persas.

Ao mesmo tempo o Rei de Macedonia por meio de huma carta muito eloquente, se esforçou por persuadir que respeitava religiosamente os Tratados, os quaes se violavaão a seu respeito; reprehendendo especialmente aos Athenienses de sollicitarem a corte da Persia. » Vos-
« sos Pais, lhes disse Filippe, reprehendiaão aos filhos de Pisistrato, como
« hum crime irremissivel, de terem chamado os Persas contra os Gregos;
« e não vos envergonhais de fazer aquillo mesmo, que condemnastes sempre
« nos vossos Tyrannos. » He verdade que Demosthenes os tinha excitado para aquelle

le passo. O Orador não cessou de formar invectivas contra os Athenienses, até os obrigar a se armarem. Annunciou a victoria; e prometteo a total ruina de Filippe. O General Chares, homem sem credito, avarento, e sensual, o qual fora mandado soccorrer Bysancio, e Perintho, não tendo tido successo algum bom, os alliados não quizerão nem ao menos recebello, tão indigno era do mando; nomeáráo o illustre Focion para occupar o seu lugar. Os Athenienses parecêrao outros Homens debaixo das ordens daquelle Chefe tão virtuoso, como grande militar. Filippe teve a prudencia de se retirar. Os Perinthios, os Byzantinos, e os Povos do Chersoneso, mostráráo o seu reconhecimento, ordenando por authoridade publica, que se dessem coroas de ouro aos Athenienses.

Focion, discipulo de Platao, verdadeiro Filosofo assim pelos seus costumes, como pelos seus principios, merece hum dos primeiros lugares entre os Heroes da Grecia. Focion a todos os seus talentos unia todas as virtudes. A sua eloquencia Laconica, em que as palavras erao, por assim dizer, outras tantas razões, convencia, e abatiã frequentemente a Demosthenes, cuja perigosa politica não approvava; este Orador chamava a Fo-

Demosthenes faz tomar as armas.

Focion he nomeado General.

Retrato deste grande Homem.

cion o Grande destruidor dos seus discursos. O mesmo Focion, inimigo da guerra, porque previa as suas consequencias, foi encarregado quarenta e cinco vezes do mando das tropas: nada prova melhor a confiança, que se fazia do seu zelo, e da sua capacidade. Com tudo a sua rigida probidade parecia ser a censura dos costumes de Athenas. Focion em lugar de lisongear o Povo, combatia quasi sempre os seus sentimentos. Hum dia em que Focion pronunciara hum Discurso Oratorio, vendo-se applaudido por todos; *acaso tenbo eu dito alguma tolice?* perguntou elle a hum dos seus amigos; taõ convencido estava da imprudencia dos Athenienses.

Sua politica preferivel á politica de Demosthenes.

Desejando somente o verdadeiro bem da sua Patria, Focion aconselhava sempre a paz, posto que continuamente se necessitasse delle para a guerra. Demosthenes, cobarde em os combates, e afouto na tribuna, ateou sempre o fogo da guerra, persuadindo que della dependiaõ a salvaçaõ, e a honra da Patria. Põde-se julgar pelo seu character, qual merecia maior confiança. Pelos factos melhor se julgará. Por ventura Turreil, a quem Rollin copiou, devia de tomar os discursos de Demosthenes por base do seu excellente Prefacio Historico? O que vem a ser quasi o mesmo, como se se relatasse qualquer cau-

causa seguindo o arrazoado de hum unico Advogado.

Hum sacrilegio verdadeiro, ou supposto, commettido pelos Locrienses de Anfyssa, os quaes foraõ accusados de ter lavrado as terras Sagradas junto ao Templo de Delfos, ateou a guerra com pretexto de Religiaõ. Philippe pretendia ser eleito General dos Gregos, contra os Profanadores; e seus sequazes. Os seus pensionarios obráraõ com feliz successo; o conselho dos Anfictyões deo-lhe aquella qualidade, e não podia servir melhor a sua politica. Philippe se apresenta logo na Grécia; toma Elatea, a Praça mais importante da Focida: e parece com aquella Conquista ameaçar Thebas; ao menos segundo o parecer de Demosthenes, o qual inflamma no mesmo instante os Athenienses, e os obriga a propôr huma alliança aos Thebanos, seus inimigos, e alliados de Philippe. Demosthenes eleito Embaixador voa a Thebas. Apesar da eloquencia de Python, Embaixador do Rei; Demosthenes inspira aos Thebanos o seu enthusiasmo; os dous Povos ligão-se contra o Macedonio. Entaõ he que Focion deo esta resposta a hum Cidadão fogoso, que lhe perguntou, se elle se atrevia ainda a fallar de Paz. *Sim eu me atrevo; e sei, não obstante, que tu me obedeceras*

Nova guerra de Religiaõ na Focida:

Demosthenes faz concluir huma alliança com os Thebanos contra Philippe.

Focion condemna Demosthenes com razão.

rias no tempo da guerra, e que eu te obedeceria no tempo da paz. Demosthenes applaudia-se de que por meio da alliança de Thebas a guerra se faria fóra da Attica. *Seria necessario pensar*, respondeo prudentemente Focion, *primeiramente sobre os meios de vencer, do que no sitio do combate: isto he o que desviaria de nós a guerra, porque se ficamos vencidos, temos todas as infellicidades ás nossas portas.*

Antes de J.
C. 338. Batalha de
Cheronea
ganhada
por Filipe.

A prudencia já não tinha lugar algum. Hum ardor incrível apenas permitia reflectir sobre o perigo. Debalde se espalháraõ alguns Oraculos de máo agouro. Demosthenes ridiculizou aquelles Oraculos, dizendo que a Pythia *filippizava*. Os Athenienses apressaõ a sua marcha, e os Thebanos unem-se com elles. Filipe, depois de ter inutilmente offerecido a paz, penetra pela Beocia dentro. Combate-se junto á Cheronea com forças quasi iguaes. O batalhaõ *Sagrado* de Thebas foi roto pelo mancebo Alexandre, o qual tendo sómente dezeseite annos, já muitas vezes se tinha mostrado digno de seu Pai. Hum dos Generaes Athenienses rompe da sua parte algumas tropas, e vai em seu alcance, como se a batalha estivesse ganhada. *Os Athenienses não podem vencer*, disse Filipe, á vista daquella imprudencia. O mesmo Filipe manda avançar

çar a sua falange contra aquelle corpo desordenado , e derrotando-o , alcança hum victoria decisiva. Demosthenes larga as suas armas para fugir. Focion naquella occasião tinha sido excluido do mando ; e Athenas sempre teve que allegar para sua reprehensão hum duplicado erro , de não se ter aproveitado dos seus conselhos , e de se ter privado dos seus serviços. Focion ao menos inspirou o animo em a infelicidade.

Refere-se que Philippe , esquentado com o vinho , e extraordinariamente alegre da sua victoria , puzera em Musica , por modo de insulto , as primeiras palavras do Decreto que Demosthenes mandára passar contra elle. Accrescenta-se que o Orador Demades , hum dos seus prisioneiros , lhe dissera com hum generosa liberdade : *Dando-te a fortuna o papel de Agamemnon , como não te envergonhas de representar a papel de Tbersitas?* e que o vencedor agradecêra muito esta lembrança a Demades. Este lance de moderação não lhe fez tanta honra , como o modo com que tratou os vencidos. Philippe mandou para a sua Patria os prisioneiros Athenienses sem resgate , e renovou o antigo tratado com a Republica. Bella resposta ás injúrias , que contra elle tinham proferido na Tribuna Ora-

Este Principe usa da victoria com moderação.

toria! Filippe concedeo a paz aos Beocios, porem deixando guarnição em Thebas. Huns, e outros conhecêraõ que se Filippe era hum politico perigoso, não era hum Barbaro. Por ventura aquelles Republicanos teriaõ sido capazes de tanta humanidade, e de tanta prudencia?

Processo
de Demos-
thenes, e
de Eschi-
nes.

A inconstante Athenas entregou-se como antecedentemente ao Orador, o qual a tinha precipitado. Demosthenes foi encarregado do cuidado de restabelecer os muros de Athenas, e de ter cuidado dos provimentos da Cidade. Huma Coroa de ouro foi a recompensa dos seus trabalhos. Isto he o que deo lugar ao famoso processo, que Demosthenes sustentou contra Eschines. Os seus arrazoados saõ conhecidos por todos os que amaõ a Eloquencia. Nelles se admira o modo, com que Demosthenes justifica a ultima guerra. *Não, Athenienses, exclama Demosthenes, não, vós não faltastes ao vosso dever expondo-vos pela liberdade, e pela salvação da Grecia. Eu o juro pelos nossos antepassados, por aquelles valerosos guerreiros, que combatêraõ em Marattonia, em Plateas, em Salamina, e em Artimisia, e por outros muitos Heroes, cujas cinzas descansão em os públicos monumentos. Nada faltava a este argumento, senão fazer os Athenienses dignos dos seus antepassados. Porém Fo-*
cion

Justifica-
ção de De-
mosthe-
nes, a res-
peito da ul-
tima guer-
ra.

cion tinha razão de lhes dizer, *Eu vos aconselharei a guerra, quando vós a poderdes sustentar; quando vir os mancebos cheios de valor, e de obediencia, os ricos contribuir voluntariamente para as necessidades do Estado, e os Oradores não roubar o Publico.*

Filippe, arbitro da Grecia, como sempre desejára, ou a fim de conservar aquelle imperio, ou a fim de dilatar as suas Conquistas, ou a fim de se immortalizar por meio da empresa mais gloriosa, e mais propria para dissipar o odio, e as prevenções, resolveo voltar as suas armas contra o Rei da Persia, cujo Throno esperava abalar, e talvez tambem derubar. Para esta expedição fez-se nomear Generalissimo dos Gregos. Philippe consultou o Oraculo, o qual respondeo como de ordinario em termos ambiguos, os quaes se podiaõ applicar a todos os successos: *O touro está já coroado, o seu fim he chegado, e logo vai ser sacrificado.* Philippe julgou, ou por melhor dizer persuadio, que o Deos lhe annunciava a victoria. Apressou o matrimonio de sua filha Cleopatra, a fim de empregar sómente as suas occupações nos seus projectos de Conquista.

Porém o termo dos seus dias estava determinado. No meio das Festas do casamento Philippe foi assassinado publicamen-

Filippe
emprende
a guerra
contra os
Persas.

Antes de J.
C. 336. Fi-
lippe mor-
reo assassi-
nado.

te por Pausanias, Cavalleiro moço, a quem Attalo, Tio de Cleopatra, deshonorára brutalmente, e a quem o Rei recusára fazer justiça. Filippe morreo, victima daquella vingança, depois de ter reinado vinte e quatro annos, aos quarenta e oito annos de idade.

Alegria indecente de Demosthenes, e dos Athenienses.

Demosthenes, avisado occultamente da sua morte, correo para o Conselho, fingindo ter tido hum sonho mysterioso, o qual annunciava alguma felicidade extraordinaria. Assim que se espalhou a noticia do successo, huma alegria indecente se manifestou por toda a Cidade: da qual o Orador deu o exemplo, ainda que havia poucos dias que sua filha tinha morrido. Demosthenes mandou fazer sacrificios aos Deoses em acção de graças, e ordenou por authoridade publica que se dêsse huma Coroa a Pausanias, assassino de Filippe. Hum excesso tão infame descobre o character de Demosthenes. Aquellas grandes maximas, que Demosthenes publicava na Tribuna Oratoria, eraõ menos a expressão dos seus sentimentos, do que os meios, pelos quaes fazia triunfar as suas paixões.

Vícios de Filippe misturados com grandes qualidades.

A Historia argue Filippê de vícios indignos do Homem honrado, de intemperança, de devassidão, e de perfidia. Filippe dizia: *Os meninos se divertem com brincos*

cos

cos, e os Homens com juramentos; dito que tambem se attribue a Lysandro. A sua primeira regra sempre era o interesse, e ninguem lhe excedeo em todas as astucias de huma Politica artificiosa. Porém Filippe nada teria conseguido sem humas qualidades eminentes. Se de huma parte o condemnamos, da outra o devemos admirar. A profundidade do seu engenho, os recursos de sua prudencia, a intrepidez do seu valor, a humanidade, e ainda a justiça, de que Filippe frequentemente deo provas, fazem reconhecer nelle o Discipulo de Epaminondas.

Filippe tinha muito bem experimentado as utilidades de humia educação excellente, para que as não procurasse para hum filho, nascido com as mais felizes disposições. Fazer de Alexandre hum guerreiro era pouco para Filippe, o qual pretendia que fosse hum Homem illustado, Aristoteles, o primeiro Filosofo do seculo, devia ser o Mestre, e Instructor de Alexandre. Assim que este Principe nasceo, Filippe se julgou feliz se lhe podesse assegurar hum tal Mestre. A carta que o mesmo Filippe escreveu ao Filosofo, he huma lição para todos os Reis: *tenho hum filho; dou graças aos Deozes, menos por mo terem dado, que por permittirem que elle nascesse no tempo de*
Aris-

Sua vigilancia pela educação de Alexandre.

Sua carta a Aristoteles.

Aristoteles. Lisonjeo - me que vós o fareis digno de me succeder, e de governar a Macedonia. Alexandre era filho de Olympias, ao depois repudiada. Inquietando os outros filhos de Philippe a Alexandre a respeito dos seus direitos á successão, recebeu este hum dia de seu Pai o parecer seguinte: Tende paciencia, meu filho, e conduzi-vos tão bem á vista de vossos irmãos, que a Coroa pareça ser para vós, antes o effeito do vosso merecimento, que da minha eleição.

Parecer que
deo a seu
filho.

Seu amor
pela verdade.

Entre hum grande número de acções singulares, que se referem de Philippe, as seguintes são verdadeiramente memoráveis. Hum criado de Philippe, repetia-lhe todos os dias antes de dar audiencia: *Lembra-te que és mortal.* O mesmo Philippe, conhecendo o valor da verdade, ainda quando esta offende o amor proprio, dizia que os Oradores de Athenas lhe tinhaõ feito hum grande serviço, emendando-o dos seus defeitos, a força de lhos arguir. Hum prisioneiro tendo affrontamente vituperado a Philippe, a respeito de ser vendido: *Dê-se a liberdade a esse Homem*, disse Philippe, *eu ignorava que elle fosse meu amigo.*

Sua moderação.

Empenhavaõ-se com Philippe para que expulsasse hum Homem honrado, que o arguia. *Vejamos primeiro*, respondeo Philip-

lippe, *se lhe temos dado causa para isso.* Aquelle atrevido Censor era pobre; Filippe o soccorreo; os vituperios mudáram-se em louvores, e Filippe disse então com muita sabedoria, *dos Principes depende o fazer-se amar, ou aborrecer.* De bom grado accrescentaria eu, que o fazerem-se amar, he para os Principes a cousa mais facil.

Huma Mulher, a quem Filippe condemnára, ao sahir de hum grande banquete, exclamou que appellava *para Filippe em jejum.* Filippe examinou novamente a causa, e reparou a sua injustiça. Outra mulher do Povo, differida de dia em dia, com o pretexto que não tinha tempo de lhe dar audiencia, lhe disse finalmente, *deixa pois de ser Rei.* Filippe logo a despachou, e foi dahi em diante mais exacto no primeiro dever do Reinado.

Tal era este Principe, do qual Demosthenes fallava em termos tão despreziveis. » Onde está, dizia Demosthenes, « a indignação que manifestais a respeito de Filippe; o qual mui longe de « ser Grego, e de pertencer aos Gregos « por parte alguma, mui longe tambem « de ter huma origem illustre entre os « Barbaros, he hum miseravel Macedo- « nio, filho de hum lugar, donde jámais

Sua justiça.

Desprezo injusto, que Demosthenes fazia de Filippe.

IV. Filip-
pica. Tra-
duc. de O-
livet.

« sahio hum bom escravo? » Neste pas-
so se conhece a vaidade do Atheniense.
Filippe mostrava-se bem superior, quan-
do galanteando a respeito do uso ab-
surdo de eleger cada anno dez Generaes,
dizia : *Eu em toda a minha vida não pu-
de achar senão hum unico General* (Parme-
nion); *porem os Athenienses achão dez to-
dos os annos.*

CAPITULO III.

*Reinado de Alexandre até a batalha de Ar-
bella.*

Mocidade
de Alexan-
dre, prefa-
gio de
grandes
 cousas.

Sua paixão
pela gloria.

ERA necessario hum Alexandre para
succeder a Philippe. A mocidade do pri-
meiro annunciava grandes cousas. As li-
ções de seu Pai, juntas com as lições
de *Aristoteles* *, tinhaõ educado, e dis-
posto o seu genio para a Politica, para
a guerra, para a Filosofia, e para as Le-
tras. O seu gosto pela Iliada de Homero
era o gosto de hum Heróe. A sua pai-
xaõ pela gloria era manifesta a respeito
do genero de gloria, que lhe convinha,
e per-

* Alexandre dizia ser devedor a hum de viver, e a ou-
tro de viver bem. O que não era reconhecer tudo o que
devia a seu Pai. Porém Alexandre era cioso da gloria de
Filippe, e lembrava-se do seu divorcio com Olympias.

e perguntando-lhe os seus amigos se não disputaria o premio dos jogos Olympicos, de que Filippe tinha sido tão cioso, respondeo, que o faria sem duvida, se devesse ter Reis por antagonistas. Nada descobrio melhor o seu character, e a sua alma, do que o modo com que entreteve hum dia os Embaixadores do Rei da Persia.

Em lugar de fallar com os Embaixadores a respeito das maravilhas da pompa Asiatica, objecto da curiosidade de tantos Homens já feitos, Alexandre se informou do caminho da Asia Superior, da distancia dos lugares, das forças da Nação, da natureza do governo, e do procedimento do Monarca. Refere-se que os Embaixadores todos admirados, fallando entre si diziaõ: *Este Principe he grande; o nosso he rico.* Os Homens de espirito penetrante podiaõ de semelhantes reflexões vivas, e engenhosas presagiar as suas emprezas, e a sua grandeza.

Alexandre não dissimulava a ambição, que o devorava. Com a noticia de alguma acção grande, ou de alguma façanha de Filippe: *Meu Pai tomará tudo,* dizia Alexandre aos seus amigos, *e não nos deixará nada a fazer.* Semelhantes Homens são ou a gloria, ou o flagello do Genero Humano, conforme empregão mal,

Sua conversação com dois Embaixadores da Persia.

Sua ambição.

mal , ou bem os seus talentos , e o seu poder.

Antes de J.
C. 336.
Alexandre
he despre-
zado, e faz-
se temer.

Quando Alexandre subio ao Throno da idade de vinte annos , todos os Povos sujeitos por seu Pai julgárao ser livres. Os Barbaros pegárao desde logo nas armas. Demosthenes , mais experimentado na arte de convencer , do que na arte de conhecer os Homens , animou os Gregos para se unir contra *hum rapaz , e hum tonto* , (tal era o modo , com que Demosthenes tratava a Alexandre ,) cuja fraqueza expunha o seu proprio Reino a grande perigo. Os Macedonios , assustados por causa daquelles movimentos , aconselhavao ao Principe , que se valesse dos meios de insinuaçao , e de doçura. Alexandre julgou dever antes lançar por terra os seus inimigos por meio de estrondosas accoes. Os Triballos , os Illyrios , os Thracios , os Getas , e outros Barbaros , foraõ castigados pela sua atrevida imprudencia. Depois daquelle ensaio de firmeza , e de valor o vencedor cahio sobre a Grecia.

Alexandre
destroe
Thebas.

Thebas tinha morto cruelmente *hum* parte da guarniçao dos Macedonios. Alexandre apresenta-se defronte de suas muralhas ; offerece o perdao ; com tanto , que lhe entreguem os culpados ; e derrotando os Thebanos infelizmente obstin-

nados , toma a Cidade , e abandonando-a á pilhagem a destroe. Alexandre conservou a liberdade aos Sacerdotes , e aos descendentes de Pindaro ; porém quasi trinta mil Cidadãos forão vendidos. Terrible castigo da rebellião !

Timoclea , Mulher de Thebas , tendo sido violada por hum Capitaõ , mostrou-lhe hum poço , onde tinha , dizia ella , lançado o seu dinheiro , e as suas joias. O Capitaõ chega-se ao poço ; aquella valerosa Mulher o precipita nelle , e o mata ás pedradas. Alexandre sendo informado do caso , em lugar de castigar a Mulher , lhe concedeo a liberdade.

Valor de
hum Mu-
lher.

Athenas , timorata com aquella noticia , manda pedir a paz. Demosthenes era da Embaixada , e enchendo-se de medo no caminho separou-se dos seus Collegas. Que contrariedade dos seus sentimentos com os seus discursos ! Alexandre , o qual queria que logo lhe entregassem dez Oradores , dos mais ardentes contra elle , contentou-se com o desterro de Caridemes : Alexandre mostrou a sua clemencia para com Athenas , assim como mostrára a sua vingança contra Thebas.

Alexandre
perdoa a
Athenas.

Alexandre , Senhor da Grecia em hum unica campanha , ajunta em Corintho os Deputados de todas as Cidades , e pro-

Alexandre
faz-se de-
clarar Ge-
neralissi-

mo contra
os Persas.

Alexandre
visita Dio-
genes.

Temerida-
de desta
empreza.

e propondo-lhes o grande intento de sob-
jugar o Imperio dos Persas, se faz no-
mear Generalissimo daquella expedição.
Filippe apenas tinha chegado a occupar
aquelle posto em todo o seu Reinado. Os
principaes Cidadaãos, e os mesmos Filo-
sofos o vierão então felicitar. Não appa-
recendo Diogenes, Alexandre teve a cu-
riosidade de hir vêr hum Homem tão
singular, que affectava o desprezo de tũ-
do o que os outros Homens procuraõ.
O mesmo Alexandre foi testemunha da
sua altiva independencia no centro da
pobreza, e não pôde deixar de dizer :
*Se eu não fosse Alexandre, quizeria ser Dio-
genes.*

Alexandre voltando para a Macedo-
nia, apressou os preparativos, e a par-
tida. Não quiz casar por não perder o
tempo nas bodas. Fez prodigas as libe-
ralidades, que exercitou com os officiaes,
cujo amor, e affecto lhe era tão necessa-
rio. Hum dos Officiaes perguntando-lhe
o que reservava para si : *a esperança*, res-
pondeo Alexandre. Antipatro foi encarre-
gado de guardar a Macedonia com o nume-
ro de quasi treze mil Homens. O exercito
do Rei era sómente de trinta e cinco mil
Homens, porém tropas excellentes, com-
mandadas por Capitães antigos, e excel-
lentes. Alexandre partio, sem outro fun-
do

do para a guerra, senão com setenta talentos, e viveres para hum mez.

Conforme todas as regras da prudencia, emprender com tão fracos meios a Conquista da Asia, era huma louca temeridade. Qualquer infelicidade podia causar a perda da Macedonia. Alexandre contava sobre a sua fortuna, e sobre a fraqueza do Monarca, cujo Throno pretendia invadir, com o pretexto de vingar a Grecia tantas vezes insultada pelos Persas.

Temerida.
de desta
empreza.

Havia muito tempo que o imperio de Cyro ameaçava ruina. A sua grandeza excessiva era hum principio de destruição; ao qual se uniaõ os vicios do Governo, a escravidão dos Povos, e a depravação dos Principes. Os Satrapas, muito apartados da Corte, eraõ quasi outros tantos Reis independentes. Huma multidão de Povos, os quaes sómente eraõ communs na escravidão, formavaõ hum corpo sem harmonia, sempre prompto para se dissolver. O grande Rei não era, senão hum Despotico effeminado, em huma Corte cheia de crimes.

Estado do
Imperio
dos Persas.

Depois da morte de Artaxerxes Mnemon (361), Ocho seu filho, e seu Successor, manchado com o sangue de dous irmãos, tinha mandado enterrar viva sua irmã Ocha, com cu-

Ocho, Ty-
ranno, as-
sassinado.

ja filha casára. O seu insaciavel furor tinha-se exercitado em todas as cabeças as mais illustres. A Fenicia , e o Egypto rebellárao-se. Sidon foi queimada pelos seus proprios Cidadãos; o Egypto vencido experimentou barbaridades horrorosas ; e vio os seus Deoses insultados, e os seus archivos tirados dos Templos. Bagoas, Eunuco Egypcio, sendo o Confidente , e o Ministro de Ocho, vingou algum tempo depois a sua patria, com o homicidio daquelle Tyranno. Bagoas deo-lhe por Successor Arsés hum dos filhos do Rei, e logo o assassinou.

Dario Codomano.

O mesmo Bagoas substituiu a Arsés Dario Codomano, (336) Principe da Casa Real, a quem teria assassinado do mesmo modo , se Dario não prevenisse o seu intento, castigando-o a tempo. Este Principe , com excellentes qualidades, era falto de politica, e de valor. Os seus erros contribuírao para o feliz successo do Rei de Macedonia; porém ha humas circumstancias fataes, em que os erros parecem inevitaveis, ainda para Homens superiores.

Antes de J.
C. 334.
Alexandre na Asia.

Alexandre passa o Hellesponto, e chegando á Frygia, honra a sepultura de Achilles, e mostra invejar a duplicada felicidade daquelle Heróe, por ter tido em toda a sua vida hum amigo fiel, e de-

e depois da sua morte hum cantor admiravel. O mesmo Alexandre cheio do enthusiasmo, que inspira a gloria dos Homens grandes, passa o Granico á vista do exercito inimigo, e o obriga a fugir. Aquella arriscada acção, além de se conformar com a impetuosidade do seu animo, lhe pareceo necessaria para inspirar o terror aos Persas. Alexandre não ignorava, que a opiniaõ muitas vezes decide do successo, e que algumas vezes tudo depende do primeiro passo.

Se se tivessem regulado pelo parecer de Memnon de Rhodes, o melhor General de Dario, ter-se-hia evitado o combate, e arruinando as Terras ter-se-hia causado a fome aos Gregos, cujo exercito carecia de provimentos. O Satrapa da Frygia oppôz-se á Memnon, a fim de livrar as Terras da sua Provincia. Sem aquelle Satrapa, Alexandre precipitava-se infallivelmente. A que cousas está unida a sorte dos Imperios? hum conselho os pôde perder, ou salvar. Memnon aconselhou depois a seu amo, que fosse fazer a guerra na Macedonia, a fim de obrigar o vencedor a hir defender os seus proprios Estados; projecto tanto mais judicioso, quanta era a ruina, que Sparta, e outros Póvos da Grecia, desejavaõ ao Macedonio. Dario approvando o

—————
Sabios . e
prudentes
conselhos
de Mem-
non , os
quaes não
forão abra-
çados pelos
Persas;

conselho, encarregou da execução ao proprio Memnon. Porém tendo este General morrido no sitio de Mitylene, a sua morte fez abandonar o unico meio, que restava para desviar a tormenta.

Alexandre
toma Tarsa.

Já a Asia Menor estava sujeita, posto que Memnon tivesse defendido em pessoa as Praças de Mileto, e de Halicarnasso. Alexandre tinha mandado para Macedonia a maior parte da frota, ou porque fosse a despeza muito consideravel, ou a fim de pôr os seus soldados na necessidade de vencerem, ou de morrerem. Os seus rapidos successos justificárao aquelle atrevimento. Voltando Alexandre de Cappadocia para Tarsa, passou livremente pelos desfiladeiros estreitos da Cilicia, os quaes abandonou o inimigo, sem se atrever a esperar por elle. O mesmo Alexandre se apossou das riquezas de Tarsa, antes que fossem consumidas pelo fogo; porque os Persas principiavaõ a queimar a Cidade.

Sua doença,
e sua
força de
alma.

Em Tarsa he, onde Alexandre depois de se ter banhado, coberto de suor, em o Cydno, teve humda doença mortal, da qual o curou Philippe seu Medico. Parmenion tinha escrito a Alexandre que aquelle Medico tendo-se deixado corromper o devia envenenar. O aviso era falso, porém capaz de o agitar cruelmente.

Ale-

Alexandre mostrou a carta a Philippe, e ao mesmo tempo tomou huma bebida, que elle lhe apresentava. *O unico favor, que vos peço, lhe disse o Medico, he que socegueis o vosso animo: a vossa cura me justificará.* Alexandre, se fosse dotado de hum espirito menos constante, estava perdido. Ou o temor, ou a desconfiança o teria morto: o seu valor de animo o salvou.

Dario avançava-se imprudentemente para combater. Em lugar de esperar pelos Gregos, como o aconselhavaõ, nas vastas planicies de Assyria, onde teria podido fazer manobrar livremente todas as suas tropas contra elles, Dario entrou no Cilicia pelo passo de Amano, e metteo se em hum desfiladeiro, onde a maior parte do seu exercito não podia manobrar. Os Despoticos soffrem com impaciencia todo o conselho, que mortifica o seu orgulho. Charidemes, Atheniense refugiado na Persia, padeceo a pena de morte, por ter dado hum conselho, que deveriaõ ter seguido. A batalha de Isso confundio logo a presumpção do grande Rei. Dario aprendeo á sua custa, que hum innumeravel exercito mal disciplinado, e peor conduzido, nada vale contra excellentes soldados mandados por hum Heróe. Sómente trinta mil Gregos, que

Antes de
J. C. 332.
Imprudencia de Dario.

A batalha
de Isso.

que Dario tinha a seu soldo, podiaõ disputar a victoria. Alexandre os rompeo, depois de ter dissipado o resto. Dario ao menos mostrou valor, e naõ fugio senaõ depois de ter visto atravessados de feridas os cavallos do seu carro. A perda dos Persas se avalia em cento e dez mil Homens; Quinto-Curcio reduz a perda dos Macedonios a quatrocentos e sincoenta.

Observações a respeito dos Historiadores de Alexandre. Quinto-Curcio pouco digno de credito.

Devemos aqui observar, quanto he pouco digno de fé aquelle Author elegante. As suas descripções, e os seus discursos estudados bastariaõ para inspirar desconfiança; as suas descripções mais parecem Fabulas, do que Historia. Além daquelle defeito essencial, encontraõ-se no seu Livro erros palpaveis. Descrevendo, por exemplo, a marcha pomposa de Dario, a qual se tomaria por huma Festa, Quinto-Curcio faz apparecer hum carro consagrado a Jupiter, e orna o carro do Rei com estatuas, que representaõ os Deoses; como se os Persas naõ tivessem em horror a Idolatria. He de admirar que Rollin copiasse Quinto-Curcio, em hum Seculo illustrado pela Critica, e em huma Obra destinada para sólidas instrucções.

Arrio mais judicioso.

Entre as frequentes contradicções dos Historiadores de Alexandre, o parecer, e o

e o juizo de Arrio deveria sempre prevalecer, quando por outra parte se ignorasse, que elle escreveu seguindo Ptolemeo, e Aristobulo, Capitães do mesmo Alexandre. Arrio refere a visita, que fez o vencedor ás Princezas, suas prisioneiras, o engano de Sysigambis, lançando-se aos pés de Hefestion, cuidando ser o Rei de Macedonia; as excellentes palavras daquelle Rei: *Naõ, minha Mãe, vós naõ vos enganastes; porque Hefestion tambem he Alexandre.* Porém Arrio sem certificar o facto, como os outros Historiadores, contenta-se em dizer: « que ha tanta dignidade nesta acção, que se nós a naõ devemos crêr, ao menos desejar a sua certeza. » Arrio naõ falla de Abdolonymo, o qual Alexandre tira da sua horta, para o fazer Rei de Sidon. Por ventura ter-lhe-hia escapado hum facto tão notavel? O seu silencio he hum prova negativa, tanto mais forte, quanto se contradizem entre si os Autores, que d'elle fallão. As palavras, que Quinto-Curcio põe na boca de Abdolonymo, naõ são menos instructivas. Alexandre perguntando-lhe, com que paciencia supportára a miseria: *Queiraõ os Deuses*, respondeo Abdolonymo, *que eu possa sustentar o pezo do Reino com a mesma força! estas mãos tem provido a todos os meus*

Succeſſo
de Abdo-
lonymo
provavel-
mente fa-
buloso.

meus desejos: sem ter nada, nada me faltou.

Thesou-
ros de Da-
rio, toma-
dos em Da-
masco.

Sigamos o fio da Historia, da qual nos he necessario apartar alguns momentos, a fim de se evitarem os precipicios, a que nos expõem os Historiadores infieis. Alexandre depois da batalha de Isso passa para a Syria. Parmenion se apodera de Damasco, onde os Thesouros de Dario estavam encerrados. Refere-se, que se acháraõ em Damasco despojos para carregar sete mil bestas de carga; que havia trezentas e vinte nove concubinas do Rei da Persia, e quatrocentos e noventa e dous Officiaes, destinados para o seu luxo, e divertimentos. Aprestos de guerra, os quaes sômente podiaõ annunciar huma derrota. Dario escreveu ao vencedor huma carta altiva para lhe pedir novamente sua Mãi, sua Mulher, e seus filhos, e para o exhortar a acabar huma guerra injusta. A resposta muito differente em Arrio, e em Quinto-Curcio, respira o orgulho da victoria: onde Alexandre falla, como Soberano da Asia, e como tal pretende ser reconhecido.

Alexandre
em lugar de
hir, no al-
cance de
Dario,
marcha pa-
ra Tyro.

Alexandre deveria ter hido no alcance do inimigo, sem lhe dar tempo de respirar. Em lugar de tomar aquelle partido marcha para Tyro; onde pretende entrar para fazer hum sacrificio a Her-

Hercules. Os Tyrios suspeitosos lhe fechão as suas portas, a colera lhe inspira o intento de as forçar. Outras razões movião Alexandre áquella grande empreza: elle pretendia fazer-se Senhor do Mar, ou para conquistar o Egypto, ou para conter os Gregos, de quem tinha motivos para desconfiar, porque se tinhão encontrado em Damascô Embaixadores de Sparta, de Athenas, e de Thebas encarregados de huma negociação com os Persas. Aquelle Conquistador causava-lhes naquelle tempo maior inquietação do que o grande Rei.

A nova Tyro, edificada em huma Ilha defronte da antiga, parecia inconquistavel sem frota. Alexandre, a quem nenhum obstaculo descorçoava, empenhe-se em unir a Ilha com o Continente por meio de huma calçada. Infinitos trabalhos adiantão a obra; porém os Tyrios, e as ondas a destroem. Principia-se de novo a trabalhar com ardor. Os Sidonios, e outros Povos, que foraõ tratados favoravelmente por Alexandre, lhe procuráão finalmente baixeis. Alexandre aperta o sitio. Todas as qualidades de maquinas de guerra se empregáão de huma, e de outra parte. Tanto os sitiadores, como os sitiados mostraõ igualmente a sua habili-dade, e o seu valor. Depois de sete me-

Sitio, e
toinada de
Tyro.

zes de resistencia, a Cidade foi tomada de assalto. Quasi oito mil Tyrios foraõ degolados; trinta mil prisioneiros foraõ vendidos, e o Conquistador fez o seu sacrificio a Hercules sobre as ruinas de Tyro.

Relaçã
de José a
respeito da
viagem de
Alexan-
dre a Je-
rusalem.

Alexandre, conforme José, o Historiador dos Judeos, marcha depois para Jerusalem, resoluta a tratar esta Cidade do mesmo modo, por lhe ter negado viveres, com o pretextõ do juramento, que tinhaõ dado ao Rei da Persia. O Pontifice Jadolo veio ao caminho ter com Alexandre, paramentado com os vestidos pontificaes; o qual, cheio de respeito á sua vista, prostrou-se para adorar o nome de Deos, que Jadolo trazia escrito em huma lamina de ouro; certificando que aquelle mesmo Pontifice lhe apparecêra em outro tempo em sonhos, e lhe promettêra a Conquista da Asia. Hum facto tão maravilhoso deveria ser confirmado por outro qualquer testemunho: do qual a Escritura não falla, nem os Historiadores profanos, os quaes com tudo tem espalhado outros muitos prodigios.

Alexandre
no Eglyp-
to.

A Cidade de Gaza, valerosamente defendida por Betis, não podendo resistir aos esforços de Alexandre, este passou ao Egypto, onde foi recebido com gran-

grandes demonstrações de alegria. Os Persas tinhaõ-se feito odiosos no Egypto, especialmente desprezando a Religião da Terra. Alexandre permittio aos Egypcios o viverem segundo os seus costumes, e as suas Leis; este era o meio de os obrigar a amar o seu dominio. Huma louca vaidade o conduzio ao Templo de Jupiter Ammon, por entre as arêas ardentes, onde sincoenta mil Homens do exercito de Cambyzes tinhaõ sido sepultados. Todos os Historiadores certificaõ que Alexandre se livrou daquellas arêas por huma especie de milagre. Alexandre pretendia, segundo dizem, ser reconhecido por filho de Jupiter; o Oraculo lhe deo aquelle titulo; porque quem lhe podia resistir? Porém Olympiasua Mãe escreveo-lho galanteando, que a não confundisse com Juno. O mesmo Alexandre fundou Alexandria no Egypto; empreza digna de hum Homem grande, e mais gloriosa sem duvida que a sacrilega lição do Sacerdote de Jupiter.

Alexandre
parte para
o Templo
de Jupiter
Ammon,

Alexan-
dria edifi-
cada por
ordem sua,

CAPITULO II.

Fim do Reinado de Alexandre. — Sua morte.

Alexandre
rejeita os
offereci-
mentos de
Dario.

A FORTUNA he hum terrivel vene-
no para as almas: viraõ-se os seus es-
tranhos effeitos em hum Heroe, o qual
parecia destinado para ser a admiração
do Universo. Dario por meio da segunda
Embaixada tinha offerecido a Alexandre
dez mil talentos, e sua filha em casa-
mento, com todas as terras situadas en-
tre o Eufrates, e o Hellesponto. A pru-
dencia não permittia vacillar. Parmenion
disse, que se fosse Alexandre acceitaria
aquelles offerecimentos. *E eu tambem,*
replicou o Rei, *se fosse Parmenion.* Ale-
xandre os desprezou, querendo ter tu-
do, e expondo-se por este meio a per-
der tudo. Quinto-Curcio refere, que
Alexandre dissera, que *o Mundo não po-
dia supportar nem dous Soes, nem dous Senho-
res.* Porém estas palavras são as de hum
declamador, e que tudo exaggera a fim
de brilhar.

Antes de
J. C. 331.
Batalha de
Arbella.

Dario teve o tempo para ajuntar se-
tecentos para oitocentos mil Homens. Ale-
xandre, acompanhado sempre da fortu-
na,

na, passou o Eufrates, e o Tigre sem obstaculo, e apresentou-se defronte do inimigo. Alexandre confiava-se no valor das suas tropas. O conselho, que Parmenion lhe deo, que accommettesse de noite, lhe teria feito perder aquella vantagem. Alexandre respondeo com tanta prudencia, como com grandeza de alma, que lhe não convinha occultar a victoria. A famosa batalha de Arbella completou os seus felizes successos. A ala esquerda mandada por Parmenion esteve em perigo, a cavallaria de Dario já pilhava o campo. Alexandre, vencedor do outro lado, mandou ordem a Parmenion que não se inquietasse da bagagem, e que sómente cuidasse em vencer. Esta ordem produzio o melhor effeito; a victoria logo foi completa. Arrio conta quasi trezentos mil mortos do exercito inimigo; e menos de mil e duzentos do exercito dos Macedonios. Dario, entre infinitos Homens, tinha muito poucos soldados. Esta foi a causa das suas infelicidades. O valor não lhe faltou no tempo da acção; porém vio-se obrigado a fugir, por causa da fugida do seu exercito.

Não se pódem negar os louvores; muito menos a piedade, áquelle desgraçado Principe, victima da ambição alheia, generoso, pacifico, e reduzido á sorte,

que

Morte de
Dario.
Qualida-
des deste
Principe.

que merecem os Tyrannos. Dario depois de ter passado hum rio fugindo , não consente que se desfaça a ponte , não querendo conservar a sua vida á custa da vida dos seus vassallos , os quaes deixaria expostos ao ferro dos inimigos. O mesmo Dario sendo depois atraído por Besso , hum dos seus Satrapas , recusa confiar a guarda da sua pessoa aos Gregos do seu partido , com o receio de deshonrar os Persas. Dario sempre perseguido por Alexandre , e assassinado por Besso , morre encarregando hum Macedonio (se dermos credito a Plutarco) de agradecer ao seu inimigo as graças , que tivera para sua Mãe , Mulher , e filhos.

Os Macedonios corrompidos por causa das suas Conquistas.

Babylonia , Suza , Persepolis , e Ecbatana , já estavam no poder do Conquistador. As immensas riquezas que Alexandre achou naquellas Cidades corrompêrão logo as suas tropas , e o incendio do palacio de Xerxes em Persepolis deve-se considerar como hum preludio dos excessos , em que o mesmo Alexandre se hia precipitar. Arrio não falla da meretriz Thais ; a qual , segundo outros Escritores , lhe inspirou aquella barbaridade em hum convite desordenado.

Excessos de Alexandre.

Apenas se acharão aqui em diante vestigios alguns dos sentimentos virtuo-

tuosos, dos quaes Alexandre tinha dado tantas provas. Os vícios, a crueldade, e a ingratidão denigrem toda a sua gloria. Alexandre, o qual se tinha visto antecedentemente não querer outros cosinheiros, senão o exercício, e a sobriedade, passa os dias, e as noites em os banquetes. Affecta o luxo, e os ornatos daquelles Reis da Persia, tão desprezíveis aos seus olhos. Despreza o vestido, e os costumes dos valerosos Macedonios, instrumentos das suas victorias, e querendo fazer-se adorar, se expõe ás murmurações, e á rebelliaõ.

Forma-se no seu campo huma conspiração, da qual sendo avisado Filotas, filho de Parmenion, não a descobre, porque a julga ser falsa. Filotas he castigado como hum traidor. O seu verdadeiro crime era ter offendido o orgulho do Rei por meio de huma altivez imprudente. O illustre Parmenion, tão estimado de Filippe, e sem o qual Alexandre não teria executado acção alguma consideravel, he assassinado por ordem do Rei, provavelmente com receio que não vingasse o seu filho. Tal era com tudo a admiração dos soldados para com Alexandre, que com huma só palavra desarmava os sediciosos.

Alexandre adianta as suas Conquis-

Conspiração.

Morte de Parmenion, e de seu filho.

Novas expedições.

tas até a Bactriana, e a Sogdiana, onde Besso tendo-se feito intitular Rei, he castigado dos seus crimes. Os Scythas, a pezar da sua reputação de invenciveis, são derrotados. Calo infinitas individuações, observando que as flores, com que Quinto-Curcio as carregou, degradaão a dignidade da Historia.

—
Homicidio
de Clito.

O que nos interessa mais, e o que serve de huma grande lição para todos os Homens, he o horroroso espectáculo, que apresenta o homicidio de Clito. Este bello Official, amado de Alexandre, a quem salvára em hum combate, conservava a soberba liberdade dos costumes antigos. Hum banquete, onde Clito a mostrou excessivamente, foi a occasião da sua morte. Alexandre esquentado por causa do vinho, louvando as suas façanhas, e abatendo as proezas de Philippe, seu Pai, Clito descuidou-se até chegar a offendello com acções de indignação, e de desprezo. O orgulhoso Monarca o mata atravessando-lhe o peito com hum dardo. Os remorsos, e a desesperação seguem-se logo immediatamente áquella acção; porém os Cortezãos chegam ao ponto de os dissipar. Decide-se por hum Decreto, que o homicidio de Clito era hum acto de justiça, e desde então a liberdade ficou quasi anniquilada em todos os corações. Os

Os Macedonios com tudo não se abatiaõ, como os outros Gregos humildes, até prostituir ao Rei as honras Divinas. Hum Cortezaõ tendo-lhes propozto de o fazer, Callisthenes, Filosofo animoso, e inflexivel, o refutou com hum discurso, cheio de verdade, em o qual Alexandre achou sómente hum espirito de rebelliaõ. Callisthenes experimentou logo a sua vingança: pois o suppozeraõ complice de huma conspiraçãõ, cujo author Hermoláo tivera tido intelligencias com elle. Callisthenes foi posto em huma masmorra sem prova alguma; onde morreo por causa daquelle crime imaginario, deixando ao Rei a vergonha eterna de huma injustiça meditada.

Callisthenes castigado por ter dito a verdade.

Se Alexandre tivesse a politica, e a prudencia de seu Pai, procuraria estender menos as suas Conquistas, do que as fazer firmes, e sólidas, e não abraçaria senaõ o que se póde conservar pela força humana. Porém tanto mais o favorecia a fortuna, quanto mais se entregou ao delirio do orgulho. Os limites da Monarquia Persiana lhe parecêraõ muito estreitos: Alexandre imaginando de ver caminhar sobre os passos de Hercules, e de Baccho, empredeo subjugar as Indias. Não o seguiremos na sua marcha. Os perigos, que soffreo, augmenta-

Antes de J. C. 327. Ambição excessiva de Alexandre.

Alexandre quer conquistar a India.

riaõ pouca cousa a idea , que nós temos formado do seu valor. Taxilo , hum dos Reis daquelle Continente , veio ter de seu moto proprio com Alexandre , e lhe fez , segundo Plutarco , este singularissimo discurso : « Que necessidade temos nós de » nos combater , ó Alexandre , se vós » naõ pretendeis roubar-nos nem a nos- » sa agua , nem o nosso alimento , as » unicas cousas , pelas quaes huns Ho- » mens sensatos devem punir? Em quan- » to ao que chamaõ riquezas , se eu sou » mais rico do que vós , estou prompto » para vos fazer parte dellas ; e se sou » menos rico consinto em vos ser obri- » gado. » Alexandre recebeu os seus presentes , encheo-o de liberalidades , e concedeo-lhe a sua amizade.

Discurso
de Taxilo.

Poro ven-
cido.

Porém Poro , outro Rei Indio , mais altivo , e mais valeroso , dispunha-se para rechaçar o Conquistador. Este passa o Indo , chega á margem do Hydaspes , além do qual Poro o esperava com hum exercito numeroso. Alexandre engana o inimigo com hum estratagemas , atravessa felizmente aquelle grande Rio ; e derrota os Indios , a pezar dos seus elefantes , e do valor do seu Rei. O vencedor ordena que se conserve a vida áquelle Principe , o qual se defendia como Heróe. Poro he conduzido á presença de Ale-

xan-

xandre, que lhe pergunta como quer ser tratado? *Como Rei*, responde Poro. *Consinto que sejas tratado como Rei por amor de mim mesmo*, replica Alexandre. Cumpre a palayra, e adquire em Poro hum fiel alliado.

Alexandre depois de tantas fadigas, e de incriveis proezas, obrigado a retroceder os seus passos, não querendo as tropas seguillo para aquellas incognitas Terras, embarcou-se no Indo para ver o Oceano. O fluxo, e o refluxo admirou os Pilotos, os quaes ignoravaõ aquelle phenomeno. Alexandre visitou duas Ilhas pequenas, a fim de poder jactar-se de huma expedição inaudita. Isto he tudo quanto Alexandre alcançou daquella empreza a respeito da India.

Se he verdade, como se diz, que Alexandre passando o Hydaspe exclamara: *Oh Athenienses, julgarieis vós, que eu me expozesse a tantos perigos a fim de merecer os vossos louvores?* Se Alexandre desejava sobreviver a si mesmo algum tempo, para ser testemunha da impressaõ, que faria a leitura da sua Historia; a razaõ devia ensinar-lhe a se immortalizar por meio de monumentos uteis, e a preferir huma gloria sólida ao vaõ estrondo de huma fama, a qual eterniza tanto o vituperio, como os elogios. Erostrates a fim de im-

D ii

mor-

Alexandre
obrigado
voltar, vi-
sita o Oceã-
no.

Reflexões
a respeito
das suas
Conquis-
tas.

mortalizar o seu nome, tinha queimado o Templo de Efeso; por ventura hum Conquistador destruidor não era semelhante a Erostrates?

O que Alexandre fez na Persia, quando voltou.

Alexandre, quando voltou para a Persia, esforçou-se em remediar as desordens, excitadas por causa da sua ausencia. Castigou Governadores corruptos; reprimio sedições de tropas; casou com duas Princezas do Real Sangue; e para unir ambos os Povos, obrigou os Macedonios a semelhantes alianças. O mesmo Alexandre desceo ainda pelo Rio Eulco, até o Oceano; formou novos projectos de Conquistas; empredeu novas incursões; porém já estava chegado ao seu fatal termo. A morte de Hefestion seu valido *, causada por hum excesso de vinho, não o tinha feito nem mais moderado, nem mais prudente: Alexandre morreo do mesmo modo em Babylonia, tendo de idade trinta e tres annos. Refere-se, que perguntando-lhe os seus Capitães a quem deixava o Imperio, Alexandre respondeu, *ao mais digno*; accrescentando, que antevia as sanguinolentas exequias, que lhe

Antes de J. C. 323. Suamorte.

* *Hefstion ama Alexandre*, dizia este Principe; e *Cratero ama o Rei*. Cratero era hum Cortezaõ virtuoso, o qual conservando os costumes Macedonios se interessava na verdadeira gloria de seu senhor. Razão, porque se empregava Cratero para tratar com os Macedonios: em quanto Hefestion tratava com os Persas.

lhe fariaõ. Tantas Conquistas não termináraõ com effeito, senão em guerras civis, e na rotura inevitavel de hum Imperio, infinitamente vasto para ficar entre as mãos de hum unico Homem.

As vozes de veneno, espalhadas alguns annos depois da morte daquelle Principe, eraõ, segundo a observação de Plutarco, ficções de gentes, que imaginavaõ dever dar *hum fim tragico a este grande drama*. A sua doença tinha durado trinta dias; o seu diario existia. O mesmo Author observa, que Alexandre entrára em Babylonia, desprezando os prognosticos funestos dos Caldeos; e que não obstante, se preocupou tanto dos terrores da superstição na molestia, que o Palacio se encheo logo de Sacerdotes, e de agoureiros. Taõ abatidos saõ algumas vezes os espiritos fortes á vista do perigo.

Noticias falsas de veneno.

Alexandre he huma grande lição para os Homens, e para os Reis: os quaes vem nelle tudo o que póde a cegueira da fortuna em huma alma generosa, e magnanima, que teria servido de modelo aos Heróes, se não fosse inficionada pelo vicio. Aquella passagem rapida do bem para o mal, da sabedoria, e da prudencia para a loucura, da moderação para o furor, e da gloria para o opprobrio, fa-

As paixões tinhaõ corrompido Alexandre.

fará tremer o Homem racionavel á borda do abysmo, que cavaõ as paixões. O Heróe Macedonio merecia em parte a resposta daquelle Pirata, ao qual Alexandre perguntou, que direito tinha para infestar os Mares: *O mesmo que tu tens para infestar o Mundo. Porém chamaõ-me salteador, e corsario, porque ando a corso em hum pequeno navio; e a ti chamaõ-te Conquistador, porque andas a corso com huma frota.*

Elogio de
te Principe
por Mon-
tesquieu.

Naõ devo dissimular, que o célebre Montesquieu he o panegyrista de Alexandre. » Se he verdade, diz elle, que a » victoria lhe deo tudo, Alexandre tam- » bem fez tudo para alcançar a victo- » ria. Em o principio da sua empreza » pouca cousa deixou ao acaso; quando » a fortuna o fez superior aos successos, » a temeridade foi algumas vezes hum dos » seus meios..... Alexandre resistio áquel- » les, que pretendiaõ que tratasse os » Gregos como senhores, e os Persas co- » mo escravos: naõ cuidou, senaõ em » unir ambas as Nações, e em fazer per- » der as distincções do Povo conquista- » dor, e do Povo vencido;... Alexan- » dre tomou os costumes dos Persas, a » fim de naõ destruir os Persas, fazen- » do-lhes tomar os costumes dos Gregos, » Parecia, que Alexandre naõ ti- » nha

» nha conquistado, senão para ser o Mo-
 » narca particular de cada Nação; e o
 » primeiro Cidadão de cada Cidade.....
 » A sua mão fechava-se para as despesas
 » particulares, e se abria para as despesas
 » publicas. Acaso era necessario regular
 » a sua casa? era hum Macedonio. E se
 » era necessario pagar as dividas dos seus
 » Soldados, dar parte da sua Conquista
 » aos Gregos, e fazer a fortuna de qual-
 » quer Homem do seu exercito; era
 » Alexandre. Fez duas pessimas acções;
 » queimou Persepolis, e matou Clito:
 » as quaes fez célebres por causa do seu
 » arrependimento, de forma que se es-
 » quecêraõ das suas acções criminosas,
 » para se lembrarem do respeito, que es-
 » te Principe tributava á virtude.» (*Es-
 pírito das Leis, Liv. 10, Cap. 14.*

Por muitos creditos, que tenha o
 nome de Montesquieu, a maior parte da-
 quellas idéas parecem mais engenhosas,
 que sólidas. O talento de Alexandre sem
 duvida era vasto, porém o impeto vio-
 lento da sua ambição era pouco capaz
 de hum systema de prudencia. Alexandre
 sempre foi bem succedido; porém muitas
 vezes necessitou de huma felicidade, que
 não se póde alcançar sem temeridade. Sob-
 jugou os Persas, os quaes o despotismo
 dos seus Reis havia preparado para ou-
 tro

Alexandre
 merece
 mais viti-
 perio, do
 que elo-
 gios.

tro jugo; porém cançou a paciencia dos Macedonios a pezar do enthusiasmo, que lhes inspiravaõ as suas victorias. Afundação de varias Cidades em differentes terras, principalmente a de Alexandria no Egypto, prova que Alexandre tinha grandes idéas; porém » Alexandre não considerava aquellas Cidades, diz o Abade de Mably, senão como os trofeos, que os Gregos costumavaõ levar em os lugares, onde ganhavaõ alguma batalha. » A sua continencia, e o seu respeito á familia de Dario, lhe fazem muita honra, porém pôde-se acaso duvidar que a serie da sua vida não fizera perder inteiramente o lustre daquellas primeiras virtudes? Finalmente se Alexandre meditava levar a guerra á Africa, á Sicilia, e á Hespanha, depois de ter conquistado a India até quasi ao Ganges; não he esta huma prova de que não conheceo os limites, em que se devem conter as humanas empresas?

Avaliemos as cousas pela sua verdadeira utilidade. Louvemos Alexandre por ter querido fazer seccar as lagoas de Babylonia, e profundar em Babylonia hum lago para huma frota numerosa; louvemos os seus projectos de Marinha, e de Commercio; porém confessemos que Alexandre fez muito maior mal do que bem,

bem, não sómente aos Povos vencidos, mas aos seus proprios vassallos, os quaes deixou para servirem de victima da discordia. O seu Imperio foi logo dividido; a sua familia despojada, e extincta, e pareceo ter sómente trabalhado para a fortuna dos seus Generaes.

C A P Í T U L O V.

Discordias em Athenas. — Fim de Demosthenes, e de Focion. — Demetrio Falereo.

EM quanto duravaõ as Conquistas de Alexandre, a Grecia, ainda que em huma especie de lethargo, fez alguns movimentos pela sua liberdade. Sparta rebelou o Peloponneso; (330) porém Antipatro, que governava em Macedonia, suffocou aquella liga com huma grande victoria, tirando aos alliados toda a esperanza de sacudir o jugo.

Passados alguns annos Harpalo, Governador de Babylonia, receando, que Alexandre, quando voltasse da expedição da India, o castigasse das suas injustiças, e das suas violencias, passou o mar com sinco mil talentos, e retirou-se logo a Athenas, onde empregou os seus Thesouros em

Liga do Peloponneso contra os Macedonios.

Harpalo pretende corromper os Athenienses.

Focion in-
corrupti-
vel.

em grangear os Oradores, cujas almas venaes unicamente se moviaõ do seu interesse. Harpalo achou Focion incorruptivel. Este grande Homem no seio da sua pobreza, fazendo elle mesmo na sua casa, com sua mulher, as ordinarias funcções dos domesticos, já tinha enfeitado cem talentos a Alexandre. *Elle vos ama, como o unico Homem de bem*, lhe diziaõ os Enviados do Monarca. *Alexandre me deixe pois ser Homem de bem, e queira que eu como tal seja reputado*, respondeo Focion; mais rico, segundo o pensamento do judicioso Plutarco, podendo passar sem huma igual quantia, do que o Principe, que lha dava.

Demosthenes
corrompi-
do.

Demosthenes, cuja alma fraca, e mercenaria degradava os talentos, não resistio ao dinheiro de Harpalo. A sua prevaricação indignou o Povo; o Areopago o condemnou. Demosthenes preso para pagar a condemnação pecuniaria, fugio, e mostrou no seu desterro huma pusillanidade desprezivel. Os Athenienses lançáraõ fóra Harpalo, quando Alexandre se preparava para os vir castigar em pessoa.

Antes de
J. C. 323.
Louco
procedi-
mento dos

Athenas, ainda conservava a pezar do seu abatimento, a inquietação, a petulancia, e o impeto violento, que lhe haviaõ attrahido tantas infelicidades. Athenas

nas pretendia sempre ser livre, sem ter nem a virtude, nem o valor, que requer a liberdade. Para lhe fazer pegar nas armas era sómente necessario hum transporte de paixão, e qualquer desgraça para a opprimir de terror. A imprudencia dos seus procedimentos devia acabar a sua ruina. A primeira noticia, que se espalhou da morte de Alexandre, os Athenienses manifestão o seu jubilo, e julgando-se libertos do jugo da Macedonia, não respiraõ senão guerra, e vingança. Os Oradores ateaõ o fogo por toda a parte. O sabio, e prudente Focion de balde emprega os seus esforços para suspender a violencia do incendio. Por mais que Focion diga: *Se Alexandre morreo hoje, amanhã, e tambem depois de amanhã morto estard! temos tempo para deliberar com prudencia.* Ninguem lhe dá attençaõ; mandão-se Deputados a todos os Povos da Grecia, para os obrigar a fazer hum ligã. Demosthenes ainda desterrado pondo-se em campo, e rebellando o Peloponneso, he mandado vir gloriosamente do seu desterro; enchem-o de honras; levanta-se o estandarte da guerra.

Athenienses depois da morte de Alexandre.

Focion não os pôde desviar da guerra.

Antipatro achava-se sómente com cou- sa de treze mil combatentes, tão exaurida estava a Macedonia por causa das recrutas, que Alexandre della tinha tirado.

Antipatro os sobjugã.

do. Antipatro não obstante avançou a sua marcha contra os Gregos; e ficando derrotado, se recolheu em a Cidade de Lamia na Thessalia *, esperando que os Generaes da Asia viessem a soccorrello. Leonato chegou primeiro, e morreo em huma batalha. Leosthenes, General Atheniense, estava triunfante. Todos por zombaria perguntavaõ a Focion, se não quereria ter executado humas tão excellentes empresas? *Sim*, respondeo Focion, *e ter aconselhado o contrario*. Focion previa as consequencias de huma confiança presumptuosa; e dizia, *quando deixaremos nós de vencer?* Com effeito aquelles principios de felicidade não servirão, senão para embotar a disciplina. Cratero unio-se com Antipatro. Huma fatalidade consternou os alliados, os quaes abandonarão os Athenienses, para tratar separadamente. Athenas logo recebeo Leis: onde Antipatro abolio a Democracia, restabeleceo o Governo Aristocratico, pôz guarnição no porto de Munychia, e requereo injuriosamente que se satisfizessem todos os gastos da guerra.

Morte de
Demos-
thenes.

Demosthenes, o qual lhe devia ser entregue, tinha fugido, e envenenou-se com o reccio de cahir nas suas mãos.

Es-

* Dalli he que vem o nome de guerra *Lamiaca*.

Este Orador havia vencido a natureza, a fim de adquirir a perfeição da Eloquencia. Demosthenes governou muito tempo a sua Patria com o dom da palavra, porém acaso o funesto enthusiasmo, que lhe ateou, pôde se pôr em paralelo com a prudente politica de Focion? E quando Rollin lhe attribue *huma sagacidade maravilhosa, a qual lhe mostrava os successos futuros, e remotos, como se estivessem presentes*, por ventura não se diria, que a derrota de Philippe, e de Alexandre havia verificado os seus prognoticos? Os Athenienses erigirão-lhe huma Estatua com a seguinte inscripção: *Ob Demosthenes, se tu tivesses tido tanta força, como juizo, nunca o Marte Macedonio teria dominado na Grecia.* Melhor teriaõ feito selhepozessem: *Se tu tivesses tido tanto juizo, como engenho, e eloquencia.*

A precipitação funesta aos Gregos.

A demasiada precipitação occasionou a desgraça daquella Republica. Contender com os Generaes de Alexandre ainda unidos, e acostumados á victoria, era huma loucura. Em quanto a discordia os tivesse armados huns contra os outros, ter-se-hia achado a occasião de combater com vantagem. A Grecia, unida contra huns inimigos, que trabalhavaõ para se destruir entre si, teria podido recuperar a sua independencia: porém quando chegou

gou a occasião de obrar, a mesma Grecia se achou sem forças.

Divisões
entre os
Capitães
de Alexandre.

Perdiccas,
Regente;
depois Antipatro.

O Imperio de Alexandre chegou a ser hum vasto theatro de guerra, e de revoluções: Arideo, seu irmão natural, tinha sido reconhecido por seu successor, juntamente com hum filho novamente nascido de Roxana, huma das Mulheres do Conquistador. O primeiro era incapaz de sustentar a Coroa: e a ambição não podia respeitar os direitos de hum menino. Perdiccas, encarregado do Real annel, e da Regencia, excitou o ciúme dos outros Capitães, antecedentemente seus iguaes, occupados todos dos seus projectos de grandeza. Cada hum, no seu Governo, se queria fazer Senhor absoluto; cada hum podia formar para si hum Estado. Antigono, Governador da Lycia, da Panfylia, e da grande Frygia, mais ambicioso do que os outros, foi o primeiro, que se moveo contra Perdiccas. Antigono empenhou no seu partido Antipatro, Cratero, e Ptolemeo, Governador do Egypto. A guerra ateou-se. Perdiccas foi assassinado no Egypto pelos seus proprios Officiaes. O habil Ptolemeo rejeitou a Regencia, que o teria exposto á inveja, sem lhe dar poder algum; a Regencia passou para as mãos de Antipatro, cuja morte excitou novas discórdias.

Cas-

Cassandro, filho de Antipatro, General da Cavallaria, furioso porque seu Pai morrendo, lhe preferira Polysperchon, e o associára sómente áquelle antigo Capitão, querendo apoderar-se por força de huma authoridade, que considerava injustamente, como seu patrimonio, formou hum partido com Ptolemeo, Antigono, e Seleuco. Polysperchon julgou attrahir a si os Gregos, perdoando, e chamando por hum Decreto todos os desterrados; ordenando que as Cidades tornassem a tomar o seu antigo Governo, e restabelecendo a Democracia em Athenas. Este Decreto despertou a inquietação dos Athenienses, os quaes coroáraõ todas as suas injustiças.

Poly sperchon, novo Regente, se esforça por grangear o partido dos Gregos.

Tudo devia fazer Focion tão amado, como respeitavel: a sua virtude, a sua velhice, a sua gloria, e os seus serviços. Porem Focion seguia o partido da Aristocracia, a qual sómente podia refrear o furor popular. Tanto não era necessario para lhe suporem crimes. Os Declamadores soltaõ-se. Focion he suspeito, tiraõ-lhe o mando do exercito, he accusado de traição, e condemnado em huma Assembleia tumultuosa. O mesmo Focion perguntado, segundo o uso, de que pena se julga digno, pede a morte, com tanto que se perdoe aos demais ac-

Focion accusado injustamente.

Sua morte.

cu-

cusados, suspeitos, e innocentes como elle. Todos são condemnados a beberem a cegude. Focion antes de a beber, a unica ordem que dá para seu filho, he que se esqueça da injustiça dos Athenienses. Tal foi o fim de hum Heróe Philosopho, que possuia em o mais alto gráo a politica, a sciencia da guerra, o valor, e a virtude; o qual, até á idade de mais de oitenta annos, servira a sua Patria nos exercitos, e nos conselhos, e o qual igualando a Socrates na sabedoria, o excedia na importancia dos empregos publicos, que occupára.

Acções de
probidade
de Focion.

Sitemos ainda dous lances da sua probidade, pois que o merecimento da Histeria consiste principalmente em propor grandes modelos. Charicles, seu genro, tendo sido chamado perante a Justiça por ter recebido dinheiro de Harpalo, Focion não quiz advogar em seu favor: *Eu te fiz meu genro*, lhe disse elle, *mas para as cousas decentes* Antipatro, que o amava, e o respeitava, fazendo-lhe hum dia algumas perguntas pouco justas, Focion respondeo-lhe valerosamente: *Antipatro não póde ter em mim hum amigo, e hum lisonjeiro*. Os Athenienses erigirão hum Estatua a Focion. Aquellas Estatuas lhes reprehendiaõ continuamente os seus attentados contra a virtude, e não os emendavaõ.

Ao

Ao mesmo tempo que os Athenienses se entregão deste modo ás intestinas dissensões, sem prever cousa alguma, e sem darem ordem a nada, Cassandro se faz senhor do Pireo, impondo-lhes condições de paz. Cassandro põe guarnição na fortaleza; restabelece a Aristocracia; e manda eleger hum Cidadão para presidir ao Governo. Elegêrao Demetrio Falereo, discipulo de Theofrasto, engenho cultivado pelas Sciencias, cuja probidade, e cujas luzes concorrêrao igualmente para o bem publico. Demetrio governou dez annos com tanta moderação, como justiça, insinuando-se no animo do Povo sem o lisonjear, e reformando os abusos sem o irritar. As rendas augmentárao-se, e a Cidade foi ornada de edificios, para utilidade dos Cidadãos; porque Demetrio não approvando as fastosas despesas de Pericles, procurava em tudo a utilidade; o mesmo Demetrio reprimio o luxo, que não servia senão para a vaidade, e effeminação.

Demetrio pôz toda a sua attenção em os costumes, porque delles depende o feliz estado da Sociedade. Queria que a Mocidade fosse educada na virtude, mais do que em outra qualquer especie de merecimento; que respeitassem seus Pais em caza, e que estando sós se res-

Antes de
J. C. 317.
Cassandro
dá Leis aos
Athenien-
ses.

Governo
prudente de
Demetrio
Falereo.

Sua atten-
ção em re-
formar os
costumes.

peitassem a si mesmos. Os mesmos mandebos contidos pela paternal authoridade, e dominados por aquelles sentimentos de honra, os quaes não permittem fazer occultamente aquillo mesmo, de que em público se envergonharião, chegariaõ a ser dignos dos seus antepassados, se a Legislação podesse extirpar em pouco tempo os vicios de huma Nação corrompida.

Antes de
J. C. 306.
Demetrio
Poliorce-
tes restabe-
lece a De-
mocracia
em Athe-
nas.

Demetrio
Falereo he
tratado in-
dignamen-
te.

Mas tudo mudou logo de face. Demetrio Poliorcetes, filho de Antigonos, apresentou-se alguns annos depois no porto de Athenas, annunciando que seu Pai o mandava para libertar os Athenienses, e tornar-lhes a restituir a Democracia. Demetrio Poliorcetes foi recebido com todas as demonstrações de alegria; e os Athenienses prodigos em lisonjas, lhe deraõ o titulo de *Deos Salvador*. Demetrio de Falera chegou a ser o objecto do odio, como se tivesse sido hum traidor, ou hum tyranno. Faziaõ-lhe hum crime de ter consentido guarnição Macedonia em a fortaleza por espaço de dez annos. Este era tambem o crime de Focion. Hum, e outro tinhaõ cedido á força, julgando por outra parte aquelle freio necessario para reprimir o impeto violento do Povo. As Estatuas de Demetrio foraõ derrubadas. Os Historiadores referem que se lhe ha-
viaõ

viaõ levantado trezentas e sessenta Estatuas.

Demetrio Falereo tinha procurado a protecção do Poliorcetes , para se retirar. Sabendo do ultrage feito ás suas Estatuas : *Ao menos os Athenienses não poderão*, disse Demetrio Falereo, *destruir as virtudes, que forão a causa de nós terem levantado.* O mesmo Demetrio Falereo condemnado á morte por contumacia, passou para o Egypto, onde Ptolomeo lhe concedeo sua amizade, e onde os seus trabalhos litterarios sobre objectos de Politica, e de Moral, augmentarão a sua gloria, consolando-o das suas desgraças.

Seu retiro.

C A P I T U L O VI.

Guerra entre os Capitães de Alexandre.

— *Divisão do seu Imperio.* — *Ir-
rupção dos Gaulezes.*

AS divisões, e as guerras dos Capitães, ou dos Successores de Alexandre, formão hum longo tecido de successos, cujo quadro apresenta sómente intrigas, batalhas, e homicidios; objectos uniformes, que de continuo se encontram a cada passo na Historia. Discorramos de

Guerra entre os Capitães de Alexandre.

hum golpe de vista sobre os factos principaes. Polysperchon tinha tornado a chamar Olympias, Mãe de Alexandre, retirada no Epiro, em cuja protecção pretendia fazer o seu apoio. Esta cruel Princeza vingava-se do divorcio de Philippe, mandando matar o Rei Arideo, sua Mulher, e huma multidão de Cidadãos. Cassandro acode, e sitiando-a, e fazendo-a prisioneira, a manda assassinar. Eumenes, Governador da Cappadocia, e da Paflagonia, fiel ao Real Partido, entregue por traidores a Antigono, foi morto na prisão. O Mancebo Rei Alexandre, filho do Conquistador, Roxana sua Mãe, e Hercules, seu irmão, morrem assassinados. Deste modo as Conquistas do mais célebre Heróe paraõ no homicidio de toda a sua familia, e na usurpação de todo o seu Imperio.

Toda a sua familia exterminada com homicidios.

Antes de J. C. 301. Batalha de Isso.

Divisão entre Ptolomeo, Cassandro, Lysimaco, e Seleuco.

A batalha de Isso na Frygia decide a sorte dos competidores, em a qual Antigono perde a vida, e Demetrio seu filho foge com as reliquias do exercito. O Imperio divide-se entre os vencedores. Ptolomeo tem o Egypto, a Lybia, a Arabia, a Palestina, e a Cele-Syria; Cassandro a Macedonia, e a Grecia; Lysimaco a Thracia, a Bithynia, e algumas outras Provincias; e Seleuco o resto da Asia, até ao Rio Indo. Este ultimo Reino,

no , o mais poderoso dos quatro , he chamado o Reino da Syria , porque Antioquia , edificada por Seleuco na Syria , chegou a ser a residencia dos Seleucidas.

Demetrio Poliorcetes , guerreiro imprudente , e despojado de quasi todos os seus Estados , depois da derrota de seu Pai Antigono , se lisonjeou de achar hum recurso em o reconhecimento dos Athenienses. Porém estes fecháraõ as suas portas áquelle *Deos Salvador* , a quem antecedentemente adoravaõ. Principiando os seus negocios a restabelecerem-se , Athenas foi obrigada a recebello , posto que tivesse prohibido sob pena de morte , propôr a mesma paz. A moderação , com que Demetrio Poliorcetes tratou aquelle povo infiel , merece maiores elogios do que todas as suas façanhas.

Cassandro morre depois de ter governado como Rei a Macedonia , onde Polysperchon não tinha podido conservar-se. Ambos os seus filhos disputaõ a successaõ entre si. Hum delles chama Demetrio a seu soccorro ; este o mata , e se faz acclamar Rei. Desthronizado Demetrio por Pyrrho , e por Lysimaco , morreo de paixaõ , e por causa da sua vida licenciosa.

Demetrio tinha-se feito famoso particu-

Procedimento dos Athenienses a respeito de Poliorcetes.

Demetrio usurpa a Macedonia ; e he privado do Reino.

Famoso sítio de Rhodes.

ticularmente no sitio de Rhodes, que durou hum anno, e acabou por hum Tratado com os Rhodios. Refere-se, que aquelle Povo tirára trezentos talentos das maquinas de guerra, que Demetrio lhe deo; e que aquelle dinheiro fora empregado para fazer o famoso Colosso do Sol, de cento e sincoenta pés de altura, o qual foi derrubado por hum tremor de Terra sessenta e seis annos depois. O Pintor Protogenes, habitando em hum arrabalde de Rhodes, trabalhou sem inquietação todo o tempo que o sitio durou. Admirando-se Demetrio da sua ousadia: *tu sei*, lhe disse o Pintor, *que tu declaraste a guerra aos Rhodios, mas não ás Artes.* Com effeito Protogenes foi admirado, e protegido por Demetrio.

Ptolomeo
faz florescer
o Egypto.

He hum espectaculo pasmoso vêr no centro dos crimes, da ambição, e dos horrores da guerra, exercitar as Bellas Artes, as Letras, e as Sciencias o seu suave imperio sobre aquelles mesmos, que fazem tremer o Genero Humano. Em o mesmo tempo Ptolomeo Soter, o mais estimavel dos Successores de Alexandre, animava os talentos, e fazia dominar a razão no Egypto. Alexandria lhe era vedora do *Museo*, especie de Academia de Sabios, cuja celebridade augmentou cada vez mais. Ptolomeo fundou aquella

Academia,
e Bibliote-
ca de Ale-
xandria.

fa-

famosa Bibliotheca, aquelle Thesouro immenso de litteratura, no qual deixou a seu Successor cem mil volumes, e no qual finalmente se contavaõ setecentos mil. O Egypto, illuminado deste modo pela Grecia, a qual tinha tirado da barbaridade, adquirio o gosto da verdadeira formosura, e as solidas luzes superiores áquellas, com as quaes o mesmo Egypto se ensoberbecia haviaõ tantos Seculos. A unica torre de Faros, edificada para a segurança da navegação, merecia ser mais admirada, do que as inuteis, e enormes Pyramides. Ptolomeo, dous annos antes da sua morte, cedeo a Coroa a seu filho Ptolomeo Philadelpho, o qual, seguindo os seus mesmos passos, apressou os progressos do Commercio, e das Sciencias. Porém o principio do seu Reinado foi manchado com huma injustiça, que foi mandar matar Demetrio de Falera, por ter aconselhado a seu Pai, que não largasse o Throno.

Torre de Faros.

O fim tragico de Lysimaco, e de Seleuco completou os horrores, que temos referido. O primeiro, enganado por sua segunda Mulher Arsinoe, madrasta furiosa, tinha mandado matar seu filho Agathocles, cunhado de Arsinoe; Lysimaco tinha-se feito taõ abominavel, que os seus principaes Officiaes, tendo-se retirada

Fim tragico de Lysimaco, e de Seleuco.

do para a Corte de Seleuco, o obrigára a armar-se contra elle. Lysimaco foi morto em huma batalha. O mesmo Seleuco, Senhor dos seus Estados, foi assassinado por Cerauno, irmão do Rei do Egypto, ingrato a tantos beneficios, de que Seleuco o cumulára, e enriquecêra. (280) Seleuco, intitulado Nicator, por causa das suas victorias, he louvado como hum Protector das Letras. Elle mandou entregar aos Athenienses a sua Bibliotheca, de que Xerxes os despojára.

Cerauno
usurpa as
suas ren-
das.

Antigono
Gonatas.

O perfido Cerauno, a fim de se segurar da successão de Lysimaco, casa com Arsinoe, manda degollar seus filhos entre os seus proprios braços, e depois a desterra para a Samothracia. Cerauno acabou ás mãos dos Gaulezes, os quaes inundárao logo a Grecia. Antigono Gonatas, filho de Demetrio Poliorcetes, fez-se Rei de Macedonia. Huns crimes atrozes causárao quasi todas aquellas revoluções; e quando os culpados não fossem castigados, por ventura seria menos odiosa a sua memoria? Eis-aqui pois o fruto das Conquistas de Alexandre!

Antes da
J. C. 278.
Irrupção
dos Gau-
lezes.

Em o estado de abatimento, em que se achava a Grecia, esta devia naturalmente não poder resistir a hum diluvio de Gaulezes, que repentinamente vio cahir sobre si com furor. Este Povo vale-

roso, e barbaro, arrastado pela sua inquietação natural, ou por outras causas pouco conhecidas, procurava estabelecimentos longe. Havia mais de hum Seculo, que Brenno, hum dos seus Chefes, tinha atemorizado até a mesma Roma. Hum segundo Brenno, entrou pela Grecia, passou as Thermopylas, e marchou para Delfos a fim de roubar o famoso Templo de Apollo. *He justo, dizia Brenno, que os Deoses repartão suas riquezas com os Homens, os quaes necessitam mais dellas do que elles, e fazem dellas hum melhor uso.*

Posto que os Gregos tivessem feito alguns esforços contra Brenno, huma fatalidade os havia logo espalhado. O Ceo pareceo combater pelo Templo, e aquelle feliz acaso os salvou. Huma grande tempestade, seguida de hum tremor de Terra, atemorizou tanto os Gaulezes, que cheios de hum terror panico em as trevas da noite, se matavaõ huns aos outros. O perigo do Templo tinha ajuntado os Gregos, os quaes aproveitando-se da occasião, accommettêraõ os inimigos, e os derrotáraõ. Brenno ferido, e desesperado, matou-se a si mesmo, cravando hum punhal no seu proprio peito. Se se deve dar credito aos Historiadores, de cento e sessenta e sinco mil Homens,

Brenno pretende roubar o Templo de Delfos.

Derrota dos Gaulezes, cheia de prodigios.

mens, nem hum escapou. O interesse dos Sacerdotes, e o amor dos prodigios evidentemente alterárao, e augmentárao os objectos; e Rollin mostra maior piedade do que juizo, quando insinúa que a Vingança Divina pôde manifestar-se em semelhante occasiaõ, de hum modo milagroso. Por ventura o verdadeiro Deos teria castigado pois por meio de milagres o desprezo de Brenno para com os Deoses do Paganismo?

—
Gaulezes
estabele-
cidos na
Asia.

Outro exercito de Gaulezes passou o Hellesponto, e empenhou-se no serviço de Nicomedes, Rei de Bythinia, o qual, depois de se ter aproveitado dos seus serviços, lhes deo a Terra, que se chamou depois Galacia, ou Gallo-Grecia na Asia Menor.

CAPITULO VII.

Liga dos Acheos. — Arato. Agis. Cleomenes. — A Grecia subjugada pelos Romanos.

A GRECIA, antes de cahir debaixo do dominio de Roma, ainda nos offerece hum grande espectaculo na liga dos Acheos, e nos esforços de Agis, e de Cleomenes, a fim de res-
ta-

tabelecer os antigos costumes em Sparta.

Quando a Achaya sacudio o jugo do Reinado, seguindo o exemplo dos outros Gregos, as suas Cidades formárao huma confederação tão util, que huma perfeita igualdade desterrou a sua emulação, e a sua discordia. Hum Senado commum regulava os negocios publicos. Dous Pretores, que todos os annos se elegiaão, presidiaão, e mandavaão os exercitos: tinhaão hum conselho composto de dez pessoas, sem o qual nada podiaão emprender. A alma desta liga era a justiça. Como o seu fim se encaminhava unicamente á segurança dos Cidadãos, a ambição nunca já mais a perturbou. Os Achcos governando os Reis de Macedonia, Successores de Alexandre, perdêraão a sua liberdade, assim como a maior parte dos seus visinhos. Cada Cidade teve seu Tyranno, ou huma guarnição estrangeira; e a liga foi inteiramente desunida, a qual até áquelle tempo não se compunha, senão de doze Cidades pequenas, e pouco conhecidas do Peloponneso.

○ amor da liberdade resuscitou. Algumas daquellas Cidades expulsáraão os Tyrannos, e renováraão a alliança. A Republica recobrou novamente a sua primei-

Liga antiga dos Acheos, desunida no tempo dos Reis de Macedonia.

Anno de J. C. 280. Arato formou novamente a liga.

ra forma, e se augmentou logo por meio da sociedade de diversos Povos, que dividirão as suas vantagens. Hum Chefe sagaz, e virtuoso a fez tão celebre como poderosa. Arato, mancebo valeroso, animado com o zelo da Patria, tendo libertado Sicyone, sua Patria, do Tyranno Nicocles, que a opprimia, e receando que ficasse sendo victima das sedições, a fez entrar na liga dos Acheos. Arato mostrou-se digno do Governo: e foi eleito Pretor, dignidade, que não se dividia já em duas cabeças. Posto que aquella Dignidade fosse annual, a authoridade ficou sempre nas suas mãos.

Seu caracter.

Engenho elevado, magnanimo, vivo, e admiravel na occasião, Arato tinha o defeito de ser vagaroso, e timido na frente de hum exercito, quando considerava de sangue frio o perigo, e as difficuldades de huma empreza. Arato unia em si, segundo o sentimento de Polybio, qualidades totalmente contrarias, não sendo nunca o mesmo Homem, assim que mudavaõ as circumstancias.

Antes de J. C. 244. Arato pretende expulzar os Macedonios da fortaleza de Corintho.

O seu odio para a Tyrannia lhe fez emprender libertar o Peloponneso, e fazer da liga dos Acheos huma barreira invencivel contra as invasões. O Rei de Macedonia estava Senhor da fortaleza de Corintho, donde ameaçava toda a Grecia.

cia. Arato forma o atrevido projecto de expulsar os Macedonios da fortaleza. Hum Homem obriga-se a conduzillo, por hum vereda occulta, até debaixo da praça. Sessenta talentos deviaõ ser o premio do feliz successo: era necessario depositallos antes nas mãos de hum Banqueiro; e Arato não os tinha. O mesmo Arato, para suprir aquella falta, empenha a sua baixella, as joias de sua Mulher, e todas as suas preciosidades. Arato compra, diz Plutarco, o maior perigo a custa de toda a sua riqueza, sem que ninguem soubesse o segredo, e sem outro algum penhor, senão a esperança de servir á Patria; generosidade, que excede a todas as proezas heróicas. Infinitos obstaculos se apresentaõ; a fortaleza situada sobre hum escabroso rochedo parece inaccessible; Arato penetrando nella dissipa a guarnição. Os Corinthios o honraõ como seu libertador, e fortificaõ a liga, unindo-se a ella.

Sua heroica generosidade.

Arato consegue a sua empreza.

Arato não teve o mesmo exito nas suas tentativas a favor de Argos. Aristippo a tinha na escravidão; Tyranno cruel, desconfiado, sempre cercado de guardas, e sempre tremendo. Este monstro soltou varios assassinos contra Arato; porém inutilmente, porque o amor dos Cidadãos velava na sua segurança. O Pretor o accom-

Argos não entra na liga.

O Tyrão de Megalopolis se depõe voluntariamête.

Sparta corrompida pela avareza.

commetteo, e perdeu huma batalha. O mesmo Pretor ganhou huma batalha, em que Aristippo morreo. Argos não obstante, ficou debaixo do jugo de outro Tyranno. O Tyranno de Megalopolis, chamado Lysíades, cuja alma nada tinha de Tyranno, se deixou convencer com as exhortações de Arato. Lysíades depõe voluntariamente o seu poder, e obrigou a sua Cidade a entrar na liga dos Acheos. O Rei do Egypto os protegia contra a Macedonia.

Huma grande revolução, que succedeo em Sparta, mudou os negocios do Poloponneso. Aquella Republica, perdendo os seus costumes, tinha perdido toda a sua força. Lysandro tinha-lhe introduzido juntamente com o ouro huma fatal corrupção. O Eforo Epilades acabou de corromper tudo, fazendo publicar huma Lei, pela qual se permittia a cada qual dispor dos seus bens. O mesmo Epilades não procurava senão desherdar hum filho, de quem estava descontente, e pôz realmente toda a sua Patria em confusão. Não subsistindo mais a divisaõ das Terras, os ricos invadiraõ logo a herança dos pobres; a miseria do Povo cresceo cada vez mais; as Artes meccanicas, chegando a ser necessarias para a subsistencia, fizeraõ abandonar todos os anti-

gos

gos exercicios ; a avareza desvanecio todos os principios de honra, e de probidade ; as dividas, e as vexações arrastarão a maior parte dos Cidadãos. Sparta contou somente setecentos Cidadãos, seiscentos dos quaes não possuiaõ censo algum.

O Rei Agis, descendente do famoso Agesiláo, Principe moço, educado na molleza, intentou remediar aquellas desordens. Hum enthusiasmo de virtude lhe fechou os olhos a respeito dos obstaculos. Agis, julgando poder restabelecer as Leis de Lycurgo, as principiou a praticar. Porém os grosseiros costumes do tempo de Lycurgo, eraõ mais proprios para se sujeitar a huma severa legislação ; do que huns costumes inficionados pelos vicios. As circumstancias pediaõ precisamente outro plano de reforma: e he mesmo provavel, que o antigo Legislador se precipitasse naquelle plano. A Mocidade, ardente ou para o bem, ou para o mal, entregou-se ás impressões do mancebo Rei, cujos heróicos sentimentos eraõ proprios para transportar os corações : ao mesmo tempo que aquelles, aos quaes hum dilatado costume corrompêra ; tremiaõ de medo com o nome de Lycurgo, segundo a expressão de Plutarco, *como escravos fugiti-*

Agis em-
prênde
restabele-
cer as Leis
de Lycur-
go.

Impossibi-
lidade desta
reforma.

tivos, que se conduzissem para seus Senhores.

Abolição das dividas, porém a divisação das terras não se faz.

Com tudo Agis soborna sua Mãe, e alguns Cidadãos principaes, e propõe a divisação das Terras. Leonidas, seu collega, excitado pelas mulheres, e pelo seu proprio interesse, combate aquella proposta. Hum Eforo accusa Leonidas de ter violado as Leis. Não se atrevendo aquelle Principe a comparecer, deo-se o Reinado a Cleombrotes, seu genro, que segue o mesmo parecer de Agis. As difficuldades vencião-se. Todos os pobres desejavaõ a reforma; porém o Eforo Agesiláo, cheio de dividas, enganou ambos os Reis, persuadindo-lhes que abolissem as dividas, antes de tratar das terras. Todos os contratos, sendo apprehendidos, foraõ queimados na Praça publica. Agesiláo disse rindo-se, *que nunca tinha visto hum fogo taõ excellente.* Em quanto á divisação das terras, o mesmo Agesiláo achou pretextos para a demorar.

Tudo muda na ausencia de Agis.

Entre tanto os Acheos, alliados de Sparta, pedem soccorro contra os Etolios, Povo feroz, e salteador, o qual ameaçava o Peloponneso, donde era muito visinho. Agis parte com as tropas, e faz admirar a antiga disciplina da sua Patria: porém voltando, acha huma depioravel mudança. Leonidas he restabeleci-

cido pelos sediciosos ; e Cleombrotos expulsado. O mesmo Agis refugia-se em hum Templo. Huns perfidos amigos achão meios para se segurar da sua pessoa, e o conduzem para a prisão. Os Eforos em as perguntas que lhe vem fazer, lhe perguntão, se se arrepende de ter querido fazer innovações no Estado ; ao que Agis responde, que nem o apparato da morte o faria nunca arrepender de huma empresa tão excellente. Então, sem respeito á Dignidade de Rei, que sempre parecêra infinitamente respeitavel, condemna-se aquelle virtuoso Principe ao supplicio. Hum dos executores derramando lagrimas: *Cessa de me lamentar, lhe disse o Rei, soffrendo huma morte injusta, sou mais feliz do que os meus homicidas.* Sua Mãe, e sua Ayó tinhaõ vindo para o ver na prisão. Os barbaros as fazem entrar, e as enforcaõ sobre o cadaver de Agis. Sparta, manchada com semelhantes horrores, he o exemplo mais terrivel de revoluções moraes, causadas pelo vicio, e pelo desprezo das leis.

Agis he condemnado á morte, e executado.

Leonidas sobreviveo pouco tempo áquella catastrophe. Seu filho Cleomenes, a quem tinha obrigado a casar por força com a viuva de Agis, era de hum caracter vivo, confiado, ambicioso, e capaz dos maiores projectos. Cleomenes

Antes de J. C. 242: Cleomenes abraça o projecto de Agis.

amava a sua Mulher, e as conversações da Princeza o excitavaõ para executar a reforma. Ou fosse por virtude, ou fosse por ambição, ainda que as suas acções não davaõ indícios de hum Homem muito virtuoso, Cleomenes abraçou aquelle projecto com ardor, fazendo delle o fundamento da sua Politica. A guerra pareceo-lhe com razão hum meio necessario para chegar ao seu fim; pois necessitava valer-se da força, não estando dispostos os corações para a persuasão. Algumas hostilidades dos Acheos, os quaes pretendiaõ obrigar Sparta, e a Arcadia a entrar na sua liga, lhe deraõ hum pretexto para os accometter. Cleomenes sómente com sinco mil Homens, lhes apresentou a batalha. Arato tinha vinte mil Homens, e com tudo retirou-se. O mesmo Cleomenes, soberbo com aquelle primeiro successo, repetia o antigo dito de hum Rei de Sparta: *Os Spartanos não perguntão pelo numero dos inimigos, porém onde estão.*

Cleomenes
declara a
guerra aos
Acheos.

Violencias
de Cleome-
nes.

Huma victoria, que alcançou depois contra os Acheos, augmentou a sua confiança. Cleomenes, depois de voltar para Sparta, chama Archidamo, irmão de Agis, o qual tinha fugido. Cleomenes, segundo Plutarco, pretendia collocar Archidamo no Throno, porém os homici-
das

das de Agis o assassiná-lo. Polybio, quasi contemporaneo, attribue pelo contrario a Cleomenes o assassinio de Archidamo, e refere as suas circumstancias. Todos convem que aquelle Rei mandára matar os Eforos pela mesma via. Estranho modo de dar vigor ás Leis de Lycurgo! Os Eforos abusando criminosamente do seu poder, fazião tremer os Principes. Porém acaso hum acto violento de Despotismo para os abolir, não devia fazer tremer o Povo? Oitenta Cidadãos foraõ desterrados depois daquella execução. Naquelle tempo era facil ter dominio nos votos.

Cleomenes he o primeiro, que põe os seus bens em commun; os seus amigos o imitaõ; as terras dividem-se como antigamente. Restabelece os exercicios, e os communis banquetes: e nomea para seu Collega, a seu irmão Euclidas. Até áquelle tempo, os dous Reis tinhaõ sido de dous ramos differentes dos Heraclidas; e aquella innovação tambem foi hum golpe de politica para se fazer Senhor do Estado. Não acho em parte alguma, que Cleomenes proscrevesse o ouro, e a prata, assim como Lycurgo. Se a sua idéa era o restabelecimento dos Costumes antigos, era necessario extirpar aquella semente de corrupção. O exemplo do Prin-

Divisão das Terras.

Uso antigos restabelecidos.

cipe podia inspirar a prática da frugalidade, da simplicidade, e da paciência; não o nego: com tudo era para temer, que hum exemplo contrario não desfizesse tudo, menos que não o fizessem impossivel com a proscricção total das riquezas.

—————
Cleomenes
pretende
dominar os
Acheos.

—————
Arato cha-
ma os Ma-
cedonios
para o Pe-
lopóneso.

O Rei de Sparta se dispunha particularmente para tomar novamente a superioridade, da qual a sua Republica tinha gozado por espaço de muitos seculos. Cleomenes pedio o mando aos Acheos. Arato não o queria ter por Senhor; com tanta maior razão, que teria provavelmente sido tyrannico o seu Imperio. O Pretor, não julgando ter força sufficiente para resistir aos Spartanos, recorreo ao Rei de Macedonia, de quem sempre se mostrára o maior inimigo. Por este meio, conforme Plutarco, Arato escureceo a gloria de trinta annos de prudencia, e sabedoria, devendo ser menos intoleravel para os Gregos o jugo de Sparta, do que o jugo dos Macedonios. Este Escriitor não deixa de confessar, que Arato cedeo ao tempo, *o qual manda áquelles, que parecem mandar.* Com effeito a liga estava quasi prompta para se dissolver, tão grande era o odio, que tinha aos Spartanos, se se tivesse tomado outro qualquer partido. Polybio o dá a enten-

der,

der, e o seu testemunho não deixa duvida alguma. Já Cleomenes se havia apoderado de Corintho, quando Antigono Doson, Rei de Macedonia, foi chamado para o Peloponneso. Deraõ-lhe em penhor a fortaleza de Corintho: não lhe podiaõ entregar penhor mais precioso.

Por muito temivel que fosse aquelle novo inimigo, Cleomenes se assenhoreou, quasi á sua vista, de Megalopolis, e o foi insultar debaixo dos muros de Argos. Porém reduzido depois a defender a Laconia, falta de viveres, e de dinheiro, Cleomenes quiz aventurar huma acção decisiva. A famosa batalha de Selasia, em que Cleomenes foi derrotado por Antigono, destruiu os seus projectos, e as suas esperanças. Filopemenes de Megalopolis, muito moço naquelle tempo, contribuiu muito para a victoria, accommettendo hum corpo de Spartanos, contra o parecer dos Officiaes superiores, e tambem contra a ordem do Rei. Antigono affectou reprehender o Capitaõ; o qual lançou a culpa em Filopemenes. *Esse mancebo*, lhe disse entaõ o Rei, *conduzio-se como hum grande Capitaõ, porque se aproveitou da occasiaõ, e vós, Capitaõ, obrastes como hum mancebo.* Aproveitar da occasiaõ de vencer he sempre obedecer ao

Antes de
J. C. 223;
Cleomenes
vencido em
Selasia.

Acção
atrevida de
Filopemenes.

Ge-

General, com tanto que o successo justifi- que o que parece desobediencia, a primeira vista.

Cleomenes
retira-se
para o
Egypto,
conservan-
do-se para
a Patria.

Cleomenes chegando a Sparta, depois da sua derrota, aconselhou aos Cidadãos que recebessem Antigono, ao qual não se podia resistir. Não querendo elle mesmo soffrer a lei do vencedor, se embarcou para o Egypto, a fim de hir ter com Ptolomeo Evergetes, de quem esperava soccorro. Hum dos seus amigos o exhortava a acabar antes as suas desgraças por meio de hum morte voluntaria. Cleoménés respondeo, que morrer por temor de hum falsa infamia, ou por desejo de hum falsa gloria, era cobar- dia; que a morte devia ser hum acção, e não a fugida das acções; que elle se julgava obrigado a reservar-se para o serviço da Patria; e que depois de se ter perdido toda a esperanza, seria facil morrer. Evergetes, movido da sua grandeza de alma, o teria soccorrido, se a morte o não tivesse impedido.

Cleomenes
excita os
Egyptios á
rebellião.

Governando Ptolomeo Filopater, seu Successor, Cleomenes suspeito em hum Corte voluptuosa, não sómente se vio logo sem recurso algum, mais ainda guardado á vista. Então Cleomenes com treze amigos, que lhe ficavaõ, toma a resolução de acabar desesperadamente,

Ten-

Tendo enganado os seus guardas , corre pelas ruas de Alexandria , convidando os Egypcios para a rebelliao. Ninguem se move. Os Spartanos matao-se huns aos outros , a fim de evitar o supplicio. O corpo de Cleomenes foi pregado em hum cruz , e sua Mãi , e seus filhos mortos cruelmente. Tito Livio chama a Cleomenes o primeiro Tyranno de Sparta. Talvez que merecesse antes este nome , que o titulo de reformador.

Sua morte.

Sparta , depois da batalha de Sela-sia , cahio nas mãos de Antigono , o qual a tratou de hum modo , de que lhe resultou muito maior gloria , do que aquella que a victoria lhe alcançou , permitindo-lhe que se governassem segundo as suas Leis , e não exercitando acto algum de severidade. As mudanças feitas por Cleomenes não podiao subsistir , porque o fundamento dos costumes permanecia corrupto. Esta Republica , antigamente o reparo da liberdade dos Gregos , teve Tyrannos particulares , e desapareceo de algum modo na Historia dos Povos celebres. A geração dos Heraclidas se extinguiu em Agesipolis , Successor de Cleomenes.

Sparta cahiu em hum inteiro esquecimento.

A confederação dos Acheos , pelo contrario , sustentou-se , por causa da prudencia de Arato : o qual teve toda a confiança

Antes de J. C. 215. Filippe ,

Rei de Macedonia,
manda en-
venenar
Arato.

Filopem-
nes susten-
ta a confe-
deração.

fiança de Antigono; e depois teve no principio, a confiança de Philippe, Successor daquelle Principe, e alliado de Annibal. Philippe foi logo corrompido pelos lisonjeiros; e chegando a ser-lhe odiosa a probidade de Arato o mandou envenenar. *Eis-aqui o fructo da amizade dos Reis*, disse o illustre Grego, experimentando o effeito do veneno. Os Acheos armárao-se contra Philippe, e Filopemnes deo hum novo lustre á Republica: a qual conservou o amor da liberdade, ainda quando a mesma Roma principia-va a dominar naquella Região, como o veremos em outro lugar. A tomada de Corintho por Mummio (146) annunciou a total ruina daquella liberdade, que tinha produzido tantos exemplos de Heroismo; e a Grecia chegou logo a ser hum Provincia Romana com o nome de Achaya. Todas as differentes Historias vão agora entrar novamente na Historia de Roma.

A Grecia,
sobjugada
pelos Ro-
manos,
exercita
sobre ellas
o Imperio
das Letras.

« A Grecia opprimida com o pezo
« das suas proprias divisões, e do poder
« Romano, diz o Abbade de Mably, con-
« servou hum especie de Imperio, por-
« rém muito honorifico, sobre os seus
« vencedores. As suas luzes, e o seu
« gosto para as Letras, Filosofia, e Artes,
« a vingação, para assim dizer, da sua
« rui-

« ruina, e sujeitáraõ ao seu turno a so-
« berba dos Romanos. Os vencedores
« chiegáraõ a ser os discipulos dos venci-
« dos, e aprendêraõ huma lingua, que
« os Homeros, os Pindaros, os Thucy-
« dides, os Xenofontes, os Demosthe-
« nes, os Platões, os Euripides, &c. ti-
« nhaõ aformoseado com todas as gra-
« ças do seu entendimento. Huns Orado-
« res, que já encantavaõ Roma, foraõ
« beber entre os Gregos aquelle gosto
« subtil, e delicado, talvez o mais raro
« de todos os talentos, e aquelles se-
« gredos da Arte, que daõ ao engenho
« huma nova força; em huma palavra fo-
« raõ educar-se no talento encantador de
« aformosear tudo. Nas Escolas de Fi-
« losofia, onde os Romanos mais distin-
« ctos se despojavaõ das suas preoccupa-
« ções, aprendiaõ a respeitar os Gre-
« gos; levavaõ para a sua Patria o seu
« reconhecimento, e a sua admiração, e
« Roma fazia mais suave o seu jugo;
« temia de abusar dos direitos da victo-
« ria, e por meio dos seus beneficios
« distinguia a Grecia das outras Provin-
« cias, que subjugára. Que gloria para as
« Letras, ter livrado a terra que as culti-
« vou, das desgraças, de que os seus Legis-
« ladores, os seus Magistrados, e os seus
« Capitães não a podêraõ livrar! As mes-

« mas

« mas Letras são vingadas do desprezo,
 « que lhes mostra a ignorancia, e tem
 « a certeza de ser respeitadas, quando se
 « encontrarem tão justos avaliadores do
 « merecimento como os Romanos. » (*Ob-
 serv. a respeito dos Gregos.*)

He neces-
 sario estu-
 dar aquillo
 que inte-
 ressa o en-
 tendimen-
 to huma-
 no.

Estas judiciosas reflexões nos con-
 duzem a fazer algumas individuações
 a respeito das Artes, da Litteratura, da
 Filosofia, e das Sciencias. Não podendo
 profundar materias tão interessantes, pro-
 curemos aproveitar-nos dos seus primeiros
 principios, e formar dellas huma jus-
 ta idéa; as mesmas materias são infinita-
 mente mais uteis, do que todas aquel-
 las narrações de guerras, de combates,
 de intrigas, de pequenas mudanças, que
 se tirão da immensidade das cousas huma-
 nas, para formar dellas Bibliothecas, on-
 de a razão não acha quasi nenhum ali-
 mento; e do que todos aquelles gran-
 des Catalogos de nomes, e de datas,
 com que se opprime cruelmente a me-
 moria, sem dar ao entendimento as No-
 ções mais importantes. Saber palavras não
 he nada; saber fatos indifferentes he co-
 mo nada; e saber o que interessa a Huma-
 nidade, he a verdadeira Sciencia do Ho-
 mem honrado.

L I V R O V.

Em que se trata das Artes, da Litteratura, e das Sciencias dos Gregos.

C A P I T U L O I.

Das Artes da Grecia.

§ I.

Agricultura, Commercio, e Nevegação.

OS Gregos, adquirindo as instrucções, logo conhecêraõ todas as utilidades da Agricultura, para a qual tinhaõ mostrado tanta aversão, quando apenas provavaõ os primeiros fructos da Sociedade. Da Agricultura depende a felicidade das Nações situadas em huma terra fertil. A abundancia das producções naturaes attrahe os outros bens, ou impede sentir a sua falta. Os outros bens, sem os fructos da terra, não são senão hum pezo; o que se vê na fabula de Midas, algumas vezes realizada com tristes experiencias. Razaõ, porque os sabios Filósofos da Antiguidade, particularmente Xeno-

Utilidades
da Agri-
cultura.

fon-

fonte, se applicáraõ áquelle objecto, que deveriaõ profundar mais. As suas instrucções limitaõ-se á pratica ordinaria. Não hé necessario crer, conforme o testemunho de Plinio, que hum graõ de trigo produzia muitas vezes cem espigas na Beocia, e no Egypto, para se convencer dos recursos, que se tiraõ da terra bem cultivada. O maior producto na propria Sicilia, segundo Cicero, era de dez por hum.

Preço dos
frutos.

O terreno da Attica sendo pessimo, excepto para as oliveiras, que os Athenienses cultivavaõ cuidadosamente, supriaõ estes áquelle defeito com as suas Colonias. Bysancio, conforme Demosthenes, dava-lhes cada anno quatrocentos mil medimnos de trigo. O medimno, que corresponde a tres alqueires de quasi vinte arrateis de pezo cada hum, não se vendia senão por sinco drachmas: donde se segue, que o dinheiro era raro, e que se vivia muito barato. Hum boi, no tempo de Solón, vendia-se sómente por sinco drachmas; hum porco, no tempo de Socrates, por tres drachmas. Taõ modico era o preço das cousas necessarias para a vida.

Commercio dos A-
thenienses.

Com tudo Athenas, depois da expedição de Xerxes, entregava-se ao Commercio. A marinha lhe tinha aberto os seus

seus canaes; porém era muito limitado. Xenofonte, no seu *Tratado das Rendas*, exhorta os Athenienses para que nada desprezem a fim de o fazer florecente; para que favoreçam aquelles, que o exercitam, Cidadãos, ou estrangeiros; para que lhes adiantem dinheiros, se for necessario, com as seguranças convenientes, e para que lhes dem navios: Xenofonte suppõe (o que devia ser hum regra de Governo,) que a riqueza dos particulares faz a riqueza do Estado: e sobre tudo recommenda de trabalhar nas minas da sua terra, sendo as materias, que entre si se achão, e a industria em as pôr em obra, o fundo mais util de Commercio.

Não fallo de Corintho, nem das Colonias Commerciantes, taes como Syracusas. Sabemos geralmente, que estas erão ricas, e corruptas. Os modernos aperfeiçoárao muito a Theorica do Commercio. Não se pôde duvidar, que o Commercio procura grandes recursos para os Estados, quando se dirige sobre bons principios. Porém como se tem podido imaginar que a opulencia fosse a base da felicidade dos Estados? como se tem podido desprezar os costumes, a educação, as Leis, e abandonar os Cidadãos a hum funesta depravação, a fim de re-

con-

Se as riquezas fazem a felicidade de hum Estado.

concentrar a Politica no circulo apertado das finanças, e rendas do Estado? A Historia dá mil exemplos de Nações corrompidas pelas riquezas, as quaes nunca estiverão mais perto da sua ruina, senão quando pareciaõ dispôr dos Thesouros do Universo.

Commercio de Alexandria : canal de communicação com o Mar Vermelho.

Alexandria, no tempo dos Ptolemeos, fez-se logo tão florecente com o Commercio, que escureceo Tyro, e Carthago. Hum canal de communicação, que Philadelpho mandou cavar desde Copto até ao Mar Vermelho, guarnecido com estalagens para a commodidade dos Mercadores, attrahio todo o Commercio da Asia Meridional. O Egypto livre em fim da sua antiga superstição, gostou tanto do Mar, quanto o tinha aborrecido. A Marinha de Philadelpho consistia em cento e vinte náos de hum grandeza extraordinaria, e em quatro mil navios.

Marinha, e Navegação.

A Marinha tinha-se aperfeiçoado muito, depois da invasão dos Persas. Os navios, ou as galeras consideraveis tinham diversas ordens de remos, e continhão quasi duzentos Homens. Não intento aclarar as difficuldades a respeito daquellas ordens de remos, postos obliquamente, e algumas vezes muito multiplicados sómente para ostentação. Contento-me em

ob-

observar alguns factos pertencentes á Navegação. A frota de Alexandre, vindo pelo Indo abaixo, chegou a Susa dez mezes depois, tendo navegado tres mezes pelo Rio, e sete pelo Mar da India, de Patala para Susa. Os Gregos até aquelle tempo não tinham conhecimento do Oceano. Ao depois, a passagem da costa de Malabar para o Mar Vermelho fez-se em quarenta dias, segundo Plinio (*Liv. VI. Cap. 23.*) Alexandre, e os seus Successores julgavam que o Mar Negro communicava com o Oceano. Esta ignorancia deve-nos admirar menos, do que as atrevidas Navegações dos navegadores, em hum tempo em que havia tão pouco soccorro entre tantos obstaculos. O Globo era incognito, e por consequencia não tinham por onde se guiar pelos Mares.

§ II.

Architectura, Escultura, Pintura, e Musica.

QUANDO as riquezas introduziram o gosto do luxo entre hum Povo industrioso, basta hum engenho poderoso para fazer brilhar as Bellas Artes. Pericles as animou todas. Estas continuaram por

Architec-
tura.

As tres Ordens Gregas as mais perfeitas.

por espaço de dous seculos a produzir Chefes de obra. A Architectura levantou aquelles soberbos monumentos, cujas proporções encantaõ a vista, ao mesmo tempo que os corpos sólidos Egypciacos não podiaõ deixar de causar pasmo, e admiração. As tres ordens de Architectura Grega, a Dorica, a Jonica, e a Corinthia, subsistem como humia regra immutavel. A ordem Toscana he grosseira. A Composta, posto que mais ornada que a Corinthia, he menos perfeita. As Gothicas bellezas não são senão brilhantes defeitos. Foi necessario tornar á nobre simplicidade dos Antigos, a fim de igualar, ou a fim de exceder as suas obras. Que difficuldades não vencião elles? Em o tempo de Thucydides ainda se ignorava o uso dos guindastes.

Lei de Efeso para os Architectos.

Sumptuosos Edifícios são humia despesa ruinosa para os Estados, se não se procede com elles com humia sabia, e prudente economia. Vitruvio refere humia Lei de Efeso, que prevenia grandes abusos. O Architecto, antes de emprender qualquer obra publica, devia declarar o seu preço, e empenhar todos os seus bens. Se a despesa não excedesse do ajuste, o Architecto era recompensado; se importasse humia quarta parte mais, o Publico pagava o excedente; e se importasse

tasse mais da quarta parte, era por conta do Architecto.

A Escultura, antes de Pericles, não tinha produzido quasi nada que não fosse informe. Assim as Estatuas dos Gregos, como as Estatuas dos Egypcios, tinham os braços pendentes, pegados ao corpo, as pernas, e os pés juntos hum com outro, sem gesto, sem postura, e sem elegancia. Fidias de Athenas aperfeiçoou esta Bella Arte, pois ajuntava muitos conhecimentos com hum talento superior. Huma Estatua, que Fidias tinha feito para ser collocada sobre huma columna, pareceo horrenda; a Estatua de Alcamenes, seu competidor, pareceo admiravel: *Collocai-as onde devem estar*, disse Fidias. Então se vio a superioridade, que lhe dava a Sciencia da Optica. A sua Minerva de ouro, e de marfim, de altura de trinta e nove pés, tendo-o exposto á ingratidão de Athenas, Fidias vingou-se com o seu Jupiter Olympio, o qual fez em Elida, e cuja idéa tirára de Homero.

A Escultura aperfeiçoada por Fidias.

Myron de Athenas, Polyceto, e Lysippo de Sicyonia, Praxiteles, e Scopas de Paros, também foram Escultores muito celebres. Contava-se mais de seiscentas obras de Lysippo. Alexandre não permittia que ninguem fizesse a sua Es-

Outros Escultores celebres.

Lysippo.

tatua senão Lysippo, assim como também não permittia que ninguém o retratasse senão Apelles. As duas Venus de Praxiteles eram admiraveis. Praxiteles deixou a sua eleição, pelo mesmo preço, aos habitantes de Cos, os quaes preferiram a menos formosa á outra, por estar a primeira composta, e a outra descomposta; exemplo de pejo, que seria louvado, ainda entre os Spartanos. Os nossos grandes Artistas modernos estudam a natureza em as Estatuas antigas, muitas das quaes escaparam ás injurias do tempo. Nada faz maior honra ao gosto dos Antigos.

Pintura na
Grecia.
Maravilhas
mais que
duvidosas.

Os milagres, que Plinio, e outros Authores referem da Pintura Grega, não se podem provar, e parecem tanto menos criveis, que da propria confissão de *Plinio*, os Gregos empregavam sómente quatro cores, branca, amarella, vermelha, e negra. Os Gregos conheciam na verdade aquella privação imperceptivel de luzes, aquelle claro-escuro, que occupa o meio entre a claridade, e as sombras, que faz sahir as figuras, e faz apparecer os fundos; porém temos fundamento para duvidar, que elles tirassem daquelles conhecimentos os mesmos effeitos, que se admiram nos nossos tempos. Frutas pintadas, que os passaros vem

vem picar com o bico, cavallos pintados, que fazem rinchar os cavallos, são talvez maravilhas, das quaes Plinio carregou muito a sua obra. Que teria dito o mesmo Plinio, se tivesse visto os paineis de Rafael, e de Rubens?

A pintura *encatistica* consistia em applicar, por meio do fogo, em madeira, ou em marfim, ceras de diferentes cores. O Conde de Caylus achou novamente o seu segredo. Os Antigos não conheciam a pintura a oleo. Plinio dá a entender que antes de Nero, os mesmos Antigos não pintavam em pano; e certifica, que os grandes Mestres raras vezes pintavam a fresco. Temos diversos pedaços de mosaico da Antiguidade, que não se poderiam admirar como paineis.

Entre os Pintores célebres, basta nomear Polygnotes, a quem o Conselho dos Anfyctiões agradece, por hum Decreto, por ter pintado gratuitamente a guerra de Troia em hum portico de Athenas; e o qual, em virtude do mesmo Decreto, devia ser isento de pagar cousa alguma por toda a parte, por onde passasse; Apollodoro, que inventou a Magica do claro-escuro, e antes do qual, segundo Plinio, nenhum painel suspendia os espectadores; Zeuxis, que depois de ser muito rico, dava as suas obras,

Differêntes
espécies de
pinturas.

Pintores
célebres.

Polygnotes.

Apollodoro.

Zeuxis.

Parrhasio.

porque, dizia elle orgulhosamente, *naõ havia quem as pudesse pagar*; Parrhasio, a quem Zeuxis reconheceo, segundo dizem, por seu vencedor, depois de ter sido enganado com huma cortina, que pintára; Panfilio, que sendo o primeiro

Panfilio.

que ajuntou as Sciencias com a Pintura, pedia de cada hum dos seus discipulos hum talento cada anno; Timanthes,

Timãthes.

celebre por causa do seu painel de Ifigenia, em que cobrira com hum veo a dor, que com palavras se naõ pôde ex-

Apelles.

primir, de Agamemon; Apelles, discipulo de Panfilio, e Pintor de Alexandre, que expunha as suas obras á vista dos pas-

Proto-
genes.

sageiros, a fim de se aproveitar das suas criticas; Protogenes, competidor de

Apelles, a quem o mesmo Apelles elogiava, porém accrescentando, *que elle naõ sabia largar o pincel*; isto he, que peccava por hum excessõ de exactidaõ, e de correcçaõ.

Recompê-
sas exces-
sivas dos
Artistas.

As honras, e as recompensas, que prodigamente se davaõ aos Artistas, eraõ, sem duvida, o melhor meio para estimular, e aperfeiçoar os talentos. Os Athenienses naõ podem ser arguidos se naõ de excessivos. Tanto mais vivamente julgavaõ os Athenienses do preço das Bellas Artes, quanto mais deveriaõ julgar da superioridade das virtudes, das bel-

bellas acções, e do merecimento essencial, que em lugar de entreter os Cidadãos, os illustra, e os governa a fim de lhes segurar a sua felicidade. Quando os talentos agradaveis tem maior consideração do que os outros; quando estes absorvem as recompensas devidas aos serviços; quando para elles se exhaurem riquezas, que a Patria reclama; e quando se preza de os avaliar, olhando para tudo mais com desprezo; então os Costumes, as Leis, os Principios, e o Governo, tudo a ameaça ruina.

Athenas o experimentou. Ao mesmo tempo em que Athenas não se occupava senão em Estatuas, em Paineis, e em Espectaculos, a Meretriz Frynea, amiga de Praxiteles, e de outros muitos, teve o desaforo de se empenhar em querer reedificar Thebas, com tanto que huma inscripção declarasse; *Alexandre destruiu Thebas, e Frynea a reedificou.* Zeuxis, coberto de Purpura, e de ouro, caprichava com ostentação pelo seu orgulho nos Jogos Olympicos. Parrhasio mostrava-se insolentemente com huma Coroa de ouro na cabeça ao mesmo tempo que Socrates, e Focion bebêrao a cegude.

Huma das cousas mais notaveis em os costumes da antiga Grecia, he a im-

Corrupção, que resulta das excessivas recompensas.

Importante estimação da Musica.

por-

portante estimação, que se dava á Musica; a qual fazendo de algum modo parte da constituição, pertencia ás mesmas Leis. A austera Sparta cuidava na Musica, como hum objecto de tão grande consequencia, que toda a innovação em semelhante genero era severamente prohibida. Platao sustenta a necessidade daquella lei; da qual nenhum outro motivo imagino senão a grande sensibilidade dos Gregos, e a forte impressão, que a harmonia lhes fazia.

Sua verdadeira utilidade.

Tinha-se experimentado as utilidades da harmonia, ou para civilizar os Povos, e suavisar os ferozes costumes, ou para excitar o valor em os combates, ou para inspirar o amor da virtude, e animar para as grandes acções por meio dos louvores aos Homens Grandes; porque o Canto, e a Poezia erao inseparaveis, e tendiao a este mesmo fim. Em huma palavra a Musica era huma das partes essenciaes da educação da Mocidade. Polybio, Author grave, e judicioso, observa que a Musica era tão necessaria particularmente para os Arcades, que huma das suas Cidades (Cynetha) tendo-a desprezado, fez-se famosa com as excessivas ferocidades, e barbaridades, de que em outra qualquer parte haviaão poucos exemplos. Plutarco, depois dos mais celebres Philosophos,

fos, representa a Musica, como hum meio admiravel para socegar as paixões, e para regular o animo, e o coração. Porém trata-se de huma Musica varonil, simples, e magestosa, que nada tinha daquella molleza licenciosa, que Plataõ, e Aristoteles arguiaõ ao Theatro do seu Seculo. Os seus principios devem-se applicar á Poezia, e á Dança, ambas comprehendidas na idéa geral de Musica. Os Romanos deixáraõ para os escravos humas Artes tão estimadas dos Gregos.

A lyra ao principio tinha sómente tres cordas. Timotheo, no reinado de Philippe, multiplicou-as até onze; depois accrescentáraõ-lhe outras mais. He hum problema entre os Sabios, se os Antigos conheciaõ o *contraponto*, ou os concertos de muitas partes. A sua Musica se dividia em dezoito tons, que se notavaõ com caracteres particulares. A gamma, inventada no undécimo seculo por Gui de Arezzo, fez a Arte muito mais facil; e parece, que assim neste genero, como em outros muitos, os Modernos excedem superiormente aos Antigos. Póde-se consultar a obra de Burette, em as Memorias da Academia das Bellas Letras, Tom. V.

Musica antiga.

§. III.

Arte Militar.

Arte Mili-
tar.

A PERFEIÇÃO das Bellas Artes não embarçou os progressos da Arte Militar. As grandes victorias dos Gregos, devem-se attribuir á disciplina das tropas, e á habilidade dos Generaes. Entrarei tambem em algumas individuações a respeito da sua Milicia; porque importa ter huma idéa das causas, que produzirão os grandes successos, e decidirão do destino das Nações.

Cidadãos
Soldados.

Nascendo os Cidadãos para defender a Patria, devem ser seus soldados; e o Espirito Republicano, o amor da liberdade, e da glória, produziaõ naturalmente Heróes. Qualquer Spartano marchava para os combates desde trinta até sessenta annos. Os moços, e os velhos guarneciaõ a Cidade, onde viviaõ mais asperamente do que os outros no exercito. A guerra unicamente suavizava hum pouco a austeridade daquelle Povo, cujas instituições todas tinhaõ a guerra por fim. Lycurgo tinha achado o segredo de lhes fazer amar a guerra. Em quanto aos Athenienses, desde a idade de dezoito annos, alistavaõ-se no serviço da Republica por meio de

de hum juramento solemne, e servião até sessenta annos. Homens que combatem pelos seus bens, pelas suas Mulheres, pelos seus filhos, e sobre tudo pela sua liberdade, devem ser superiores aos guerreiros ordinarios; com tudo, que vantagens não fazem nas Nações modernas a disciplina, e a mesma honra?

Quando as guerras chegáram a ser dilatadas, e se fizerao em terras remotas, foi necessario prover á subsistencia das tropas. Pericles estabeleceo hum soldo para os Soldados. Hum Infante tinha quatro obolos, hum cavalleiro huma drachma, e hum marinheiro tres obolos. Virão-se os mesmos Spartanos receberem o soldo dos Persas na Asia.

As armas dos Gregos erao o capacete, a coiraca, o broquel, a espada, a lança, e o dardo, o arco, e as frechas. Estas armas se aperfeiçoárao com o tempo. Ificrates, Atheniense, fez os broqueis mais pequenos, e mais leves, as espadas, e os piques mais compridos; mandou fazer coiracas de linho molhado em vinagre, misturado com sal, as quaes erao, segundo dizem, melhores, que as coiracas de ferro: cousa bem difficultosa de comprehender. O mesmo Ificrates exercitava continuamente as tropas nas evoluções

Soldo das tropas.

Armas dos Gregos.

ções militares, e esta importante parte adquirio muita perfeição.

Infantaria,
Cavallaria.

A maior força dos exercitos Gregos consistia na infantaria. Os Gregos tinham abandonado os carros tão communs antigamente, e tão inuteis, ou antes tão perigosos. A sua cavallaria, muito pouco numerosa por falta de cavallos, combatia em boa ordem. Não se conheciaõ nem estribos, nem sellas, nem botas, e sabiaõ passar sem estes meios muito bem. O que a Historia refere dos Numidas, he mais admiravel. Aquelles Povos governavaõ perfeitamente os seus cavallos sem freio, e sem barbella. Tanto pôdem suprir a huns soccorros, que nos julgamos necessarios, o costume, e a industria.

Arte dos
sitios.

Nas guerras de Sparta contra os Mesienses, a Cidade de Ithome, sómente por causa da sua situação sobre hum monte, sustentou hum sitio de dezenove annos. A Arte da guerra estava pois ainda no seu berço. A mesma Arte fez rapidos progressos á medida que a Grecia se illustrou, e que os Povos reflectiraõ a respeito dos seus interesses. Os acampamentos vantajosos, as excellentes disposições de batalha, as sabias manobras, os segredos do ataque, e da defeza das Praças, perdêraõ em fim o merecimento de segredos. Serviraõ-se de todos os generos de

Maquinas.

ma-

máquinas de guerra, catapultas, trabucos, torres movediças, tartarugas, e arietes, ou vaivens, cuja descripção se acha a cada passo. Basta ler os sitios de Syracusas, e de Tyro, para conceber os recursos, que o engenho, e o valor davaõ aos Antigos.

Não tenho necessidade de repetir que o vigor da disciplina, as recompensas, e os trabalhos, a paixão da gloria, e o temor da infamia, foraõ as principaes causas, que deraõ aos Gregos tanta superioridade sobre os seus inimigos. Os Gregos não perdiaõ meio algum de formar Homens invenciveis. Posto que os Spartanos fossem acostumados desde a infancia a desprezar a morte, traziaõ na guerra vestidos vermelhos, a fim que o seu sangue não apparecesse. Em todos os generos deve-se ajudar a Natureza; e algumas vezes pequenas cousas na apparencia produzem grandes effeitos. Que cousas não pôdem pois produzir os dous grandes moveis do coração humano, a esperanza, e o temor, quando a sua acção se dirige com prudencia, e com sabedoria.

Meios de
excitar o
valor.

CAPITULO II.

Bellas Letras.

§. I.

Poezia.

—
Vantagens
dos Gre-
gos na lit-
teratura.

—
Bualingua.

—
Origem, a
objecto de
Poesia.

HUM gosto delicado, huma imagi-
nação viva, hum engenho facil, e fecun-
do, hum idioma rico, e harmonioso, ta-
lentos superiores, excitados por causa da
mais forte, e vigorosa emulação, he o que
deo a occasião aos Gregos de ter a vanta-
gem de serem a respeito da litteratura
os Mestres, e os Modelos de todos os
Póvos illustrados. A sua incomparavel lin-
gua accommodava-se a tudo, tudo afor-
mozeava. Já na penna de Homero aquel-
la mesma lingua unia as graças, a força,
a magestade, sendo digna de Jupiter, ou
de Venus. O que prova evidentemente,
se me não engano, que antes de Home-
ro já tinhão havido bons Escriitores; por-
que as linguas formando-se de vagar, não
se aperfeiçoão senão com os trabalhos lit-
terarios.

A Poezia avançou-se quasi sempre
mais, que os outros generos de littera-
tura; sem duvida por ser o fruto da ima-
gi-

ginação , e do sentimento , e porque ambas estas faculdades exercitaõ-se antes da razão. Os Homens sensiveis se inclinaõ por huma especie de instincto , a cantar os seus gostos , a sua felicidade , os Deoses , que adoraõ , os Heróes , que admiraõ , e os factos , que querem imprimir na memoria. Esta a razão , porque se achaõ versos entre os Salvagens. A viveza das paixões contribuiu para os progressos desta excellente Arte ; porém o interesse da Humanidade tem sido muitas vezes o seu objecto. O fim da Iliada he suffocar na alma dos Gregos huma fatal discordia , e excitar entre elles o Heroismo por meio do espectaculo das proezas dos seus antepassados. As virtudes pacificas eraõ pouco conhecidas. Se Homero tivesse sentido as suas vantagens provavelmente as teria celebrado.

Os seus Poemas saõ a origem da Arte Dramatica , inventada no tempo de Solon. Transportando para o Theatro acções , que agradavaõ na leitura , augmentou-se o prazer , e a utilidade. Eschylo , o verdadeiro fundador da Tragedia (os entremezes , ou farças de Thespis não mereciaõ aquelle nome) empregou a piedade , e o terror , a fim de commover o coração Humano. O mesmo Eschylo vivia no tempo da invasaõ de Xerxes , e

Tragedia.

as

as suas Obras respiravaõ o odio da Tyrannia. Sofocles appareceo antes da morte de Eschylo, disputou-lhe o premio, e alcançando-o fez a Tragedia mais interessante pela regularidade do plano, e pela nobreza do estilo. Euripides, seu competidor, accrescentou-lhe aquella Filosofia, que introduz a Moral na acção, a fim de fazer admirar a virtude.

Sua utilidade.

He difficuloso de crer que o fim daquelle Poetas fosse principalmente curar as paixões com a força do pathetico. Porém he certo que procurando a approvação dos espectadores, davaõ-lhes excellentes lições de sabedoria, e que o Theatro não retumbava maximas proprias para corromper os costumes, nem para perder as almas. Quão uteis não seriaõ as representações Theatraes, se o encanto do prazer não lhes servisse, senão de meio para instillar sentimentos nobres, e virtuosos?

Comedia antiga, media, e nova.

Licença concedida a Aristofanes.

A Comedia, particularmente ridiculizando o vicio, poderia ser huma das melhores Escolas para a Sociedade. Não se póde conceber como os Athenienses, depois de ter approvado a Moral dos seus Poetas Tragicos, fossem capazes de applaudir as galantarias indecentes de hum Aristofanes. Os Athenienses quasi criminalvaõ Euripides por ter posto na boca de Hip-

Hippolyto as seguintes palavras: *A minha lingua sim pronunciou o juramento, porém meu coração não lhe deo o seu consentimento*, posto que o juramento, de que se tratava, parecesse contrario ao dever. E ao mesmo tempo consentiaõ, que se representassem os Deoses, o Governo, os Magistrados, e os Socrates, em Obras, que scandalizavaõ igualmente a Religiaõ, e a publica honestidade. A Comedia antiga não teve freio algum; tudo sacrificou á satyra; e os fragmentos, que ainda conservamos de Aristofanes, contribuem a esse respeito, para ser a infamia de Athenas. A Comedia media, inventada no tempo dos trinta Tyrannos, disfarçou sómente os nomes, e ultrajou as pessoas. Aquella Comedia, em lugar de extinguir a malignidade do Povo, pelo contrario a afiava. Finalmente Alexandre reprimio aquella átrevida liberdade. A nova Comedia descrevia os costumes sem offender os Cidadãos; pois apresentava hum espelho, segundo a expressão de Boileau, em que todos podiaõ reconhecer a sua imagem, rir dos seus proprios defeitos, e aprender agradavelmente a emendar-se. Menandro brilhou naquella immensa carreira. Perdemos as suas Obras, cuja perda não se poderia sentir sufficientemente, pois que formáraõ o gosto de Terencio, seu imitador.

He

Verdadeira
Comedia.

Os Modernos superiores na Arte Dramatica.

He necessario ser, como Madame Dacier, bem Idólatra da Antiguidade, para não convir que os Modernos são muito superiores aos Gregos na Arte Dramatica. Reconhecendo que estes foram nossos Mestres, não nos ceguemos até o extremo de incensar os seus defeitos, a custa da justiça devida aos seus emulos. A prodigiosa fecundidade dos Antigos, provaria somente que elles não eram senão mediocrementes delicados na conducta, e na composição das suas Obras: de Sophocles contava-se quasi cento e trinta Obras dramaticas.

Furor dos Athenienses pelo Theatro.

O furor dos Athenienses pelos espectaculos, os premios, que adjudicavaõ aos Poetas, a honra de ser preferido publicamente aquelles, que seguiaõ a mesma carreira, tudo accelerou os progressos de huma Arte tão interessante. Foram-nos necessarios Seculos para substituir o bom gosto aos entremezes grosseiros dos nossos Avós; Athenas teve logo o seu Sophocles, e o seu Euripides. Aquelle Povo frivolo fez de algum modo do Theatro hum negocio de Estado. Poderia ser louvado, se a utilidade dos costumes tivesse sido sempre o seu objecto; porém Aristophanes, e seus semelhantes tinhaõ a authoridade de espalhar o veneno pela Republica. Que idéa se deve ter de hum Estado

do onde os bobos tem o direito de insultar a propria virtude, e o poder de rebellár contra ella os Cidadãos?

Todos os outros generos de Poemas, a Ode, a Elegia, a Poesia Pastoril, e o Epigramma nos vieraõ da Grecia, e todos se aperfeiçoáraõ pelos Romanos. He da ordem da natureza, que o engenho se aproveite dos modelos antigos, observe os seus defeitos, e imite as suas bellezas com maior gosto.

Outros generos de Poesia,

§. II.

Historia.

O CONHECIMENTO da Historia he huma das principaes obrigações, que nós devemos aos Gregos. Humas collecções confusas de factos sem ordem, tradições muitas vezes absurdas, transmittidas sem se saber como, serviraõ de Annaes ás Nações; e o bem que fizeraõ foi perpetuar a sua ignorancia, e a sua barbaridade, até que chegando a ser commum a Arte de escrever, alguns Escritores laboriosos, e illustrados recolhêraõ, examináraõ, e ordenáraõ os materiaes historicos, a fim de fazer delles hum corpo de instrucções interessantes. Por muitas que sejam as Fabulas, que insensivelmente se intro-

A Historia entre os Gregos.

duzissem em as Obras deste genero, quando se tratasse das Antiguidades, cujos monumentos não existissem, com tudo nelas se achão preciosas verdades, e o que não he talvez menos precioso, aprende-se nas mesmas Fabulas a suspender o seu parecer, e a formar dúvidas necessarias para descobrir a verdade. Os erros dos Antigos, depois de ter muito tempo enganado huma multidão de entendimentos credulos, fizeram nascer as regras da Critica, pelas quaes nos devemos livrar do erro.

Herodoto. Herodoto de Halicarnasso, Cidade de Caria, tido pelo Pai da Historia, nasceu poucos annos antes da expedição de Xerxes na Grecia. A sua Obra principia em Cyro, e acaba no combate naval de Mycala. As suas digressões a respeito dos Egypcios, e de outros Póvos, em parte são fabulosas; porque estão cheias de Tradições dos seus Sacerdotes, e não se lhe deve dar sempre credito a respeito das circumstancias dos successos do seu Seculo. Herodoto era muito amante das maravilhas para discernir bem a verdade. O mesmo Herodoto diffunde, com hum modo de candura, aquellas brilhantes ficções, que attrahiraõ á Grecia o injurioso nome de falsidade (*Græcia mendax*). Se Herodoto os não cer-

certifica sempre, ao menos parece dar-lhes credito; e comparado com tudo com os nossos antigos Authores de Chronicas, não sómente em quanto á forma, porém ainda em quanto ao fundamento, merece os maiores elogios. Vide *Tom. I. pag. 257.*

Este Historiador pretendia agradar aos Gregos, e lisonjeou a sua credula vaidade. A leitura, que Herodoto fez das suas Obras nos Jogos Olympicos, e depois em huma das maiores Festas de Athenas, lhe attrahio os universaes applausos. Thucydides ainda rapaz, sendo testemunha, e transportado de huma especie de enthusiasmo, derramou lagrimas, como se estivesse presente a qualquer Tragedia. O Author percebendo-se daquelle demonstração de sensibilidade, e de genio, exhortou o Pai do Mancebo para que o cultivasse, e instruisse com toda a vigilancia possivel. Hum exemplo basta muitas vezes para excitar, e para fixar, desde a menor idade, hum talento superior.

Thucydides entregou-se pois ao estudo. Servio na guerra do Peloponneso; e occupado sempre com o projecto de escrever a sua Historia, examinou tudo, ajuntou os materiaes, e fez memorias exactas. Hum desterro de vinte annos deo-lhe occasião, e tempo para trabalhar. De-

O seu exemplo animou a Thucydides.

Thucydides.

pois de voltar para a sua Patria, e depois da expulsão dos trinta Tyrannos, Thucydides pôz a ultima mão naquella bella Obra, que contem os vinte e hum primeiros annos da guerra. A gravidade do estilo, e a sabedoria das reflexões sufficientemente dão a conhecer, que o Author procurava menos agradar, do que instruir.

Critica
peffima de
Dionysio
de Halicar-
nasso.

Dionysio de Halicarnasso, a quem se louva como hum bom Historiador, e hum bom Critico, fazendo o paralelo de Herodoto com Thucydides, põe o primeiro superior ao outro, por humas razões, que não julgo dignas nem de hum Critico, nem de hum Historiador. Dionysio argue o ultimo a respeito da eleição do seu assumpto, da tristeza dos espectaculos, que offerece o Leitor, a respeito da falta de episodios, e de digressões, e da severidade, com que realça os erros alheos &c. Assim Thucydides, como Herodoto deverião ser arguidos, por ter collocado na Historia tantos discursos, que a aformoseação á custa da exacta verdade.

Xenofon-
te.

Xenofonte, e Ctesias, erão contemporaneos de Thucydides, porém mais moços. Já os dei a conhecer. O primeiro, além da Cyropedia, e da expedição dos dez mil, continuou a Historia Grega depois

pois que Alcibiades voltou para a Attica. Xenofonte attendido ser hum Filosofo, discipulo de Socrates, parece muitas vezes muito credulo; porém respeita infinitamente a Religião.

Polybio de Megalopolis, discipulo de Filopemenes, amigo do grande Scipião, merece a preferencia sobre todos os Historiadores Gregos, e sobre a maior parte dos Latinos. Da sua *Historia Universal*, que incluia todos os successos desde os primeiros annos da segunda guerra Punica, até á conquista de Macedonia, só restaõ os sinco primeiros Livros com fragmentos. Dionysio de Halicarnasso diz que a leitura de Polybio he insoffrivel, porque ignora a ordem de collocar as palavras. Este Critico amava as bellas frases, e preferia certamente as palavras ás cousas. Porém Bruto na vespera da batalha de Farsalia estudava ainda por Polybio.

Polybio.

As Antiguidades Romanas de Dionysio de Halicarnasso, escritas no reinado de Augusto, são huma Obra muito louvada, que contém muitas individuações interessantes a respeito dos costumes, e dos usos da Antiga Roma, porém onde a Critica descobre as preocupações de hum Grego supersticioso, applicado a dar huma origem Grega ás cousas notaveis.

Dionysio
de Halicarnasso.

veis. Os seus onze primeiros Livros, que o tempo conservou, chegam sómente até ao anno de Roma 312. Os ultimos nove perdêrao-se.

Diodoro
de Sicilia.

Diodoro de Sicilia, copista de Ctesias, e muito desacreditado, como temos visto em outro lugar, vivia no tempo de Cesar, e de Augusto. A sua *Bibliotheca Historica* chega aos Seculos fabulosos, e á origem do Mundo, e acaba na guerra dos Gaulezes. Daquella *Bibliotheca* conservao-se sómente quinze livros. Este Author, que tinha viajado a fim de se instruir, he muito semelhante áquelles Viajantes sem Filosofia, cuja credulidade, ou mentiras enchêrao a Historia de incertezas.

Plutarco.

Naõ ha Historiador algum Grego mais util do que Plutarco, contemporaneo de Nero; porque dá a conhecer os Homens, particularmente os Homens célebres, e porque a sã Moral he a alma dos seus Escritos. Plutarco algumas vezes se enganou, porém quasi sempre instrue, e interessa.

§. III.

Eloquencia.

ATHENAS, antes de Pericles, teve Oradores ; porque a Tribuna Oratoria era hum Theatro aberto para o zelo, e para a ambição. Com todo attribue-se a Pericles a origem da verdadeira Eloquencia, que une, e concorda a Arte de convencer por meio da razão, com o talento de persuadir por meio do sentimento. A verdadeira Eloquencia não podia deixar de florescer em huma Cidade, onde as honras, e a fortuna eraõ o fructo das approvações populares; onde dava hum Imperio a respeito das deliberações, e a respeito da mesma Republica; onde o Homem mais eloquente chegava tambem a ser o mais poderoso.

Eloquencia em Athenas.

Não nos admiremos, se Demosthenes excitado por hum motivo semelhante, fez grandes esforços para exceder nesta carreira. A primeira vez que Demosthenes orou publicamente teve grandes vaias attrahidas pela fraqueza da sua voz, e por hum defeito da lingua. Hum Comediante, a quem o mesmo Demosthenes mostrava a sua desesperação, o consolou dizendo-lhe, que o remedio era facil.

Demosthenes.

Seus trabalhos.

Man-

Mandou-lhe repetir alguns versos; e repetindo-os o mesmo Comediante com tanta força, e com tanta graça, Demosthenes os achou totalmente differentes. Aquella experiencia ensinou ao novo Orador, que o successo dependia em grande parte da acção. Demosthenes edificou hum lugar subterraneo para se exercitar mezes inteiros, sem distracção, e sem descanso. Humas vezes hia declamar á borda do Mar a fim de se acostumar ao estrondo; outras vezes declamava caminhando, e trepando, com seixinhos na boca, a fim de desembaraçar a lingua. De quantas cousas não he capaz o amor do trabalho, e o desejo do bom successo! Demosthenes obrigou a natureza, e reinou por causa da sua eloquencia. Eschines á sua vista era fraco; nem Demado, nem Focion, pudéram competir com Demosthenes. Este raio destruiu tudo. Philippe temia mais Demosthenes, do que as frotas, e os exercitos de Athenas.

A corrupção da Eloquencia attribue-se a Demetrio Falereo, o qual preferio hum estilo florido á vehemencia, e ao vigor dos seus antecessores. Não sei se o famoso Isocrates devia ser antes tido pelo modelo daquelle máo gosto. Cicero lhe chama em algumas partes hum grande Orador; porém em outras, diz que o seu

Isocrates,
Orador
mediocre.

o seu genero de eloquencia, mais proprio para o apparatus, do que para a acção, foi desterrado das Salas da Audiencia, e mandado para os Gymnasios. (*Orat.* 41.) Isocrates, com effeito, não brilha senão por huma fria elegancia. Não move os animos; sómente discorre. Como não possuia os talentos exteriores, Isocrates limitou-se ao trabalho da composição, e á profissão de Rhetorico, em que grangeou grandes quantias de dinheiro. Conta-se que Demosthenes tomára lições de outros, por não ser sufficientemente rico para pagar as suas.

Assim que a Arte Oratoria teve sequito, apparecêraõ Mestres para a ensinar. Os Sofistas geralmente erigiraõ-se Rhetoricos. Os seus preceitos, e os seus exemplos deviaõ ser contagiosos. Em lugar de seguir os principios da verdade, e da Natureza, ensinavaõ a desnaturalizar todos os objectos, a mudar o pequeno em grande, a dar ao falso as côres de verdadeiro, a sustentar indifferentemente o pro, e o contra, finalmente a offuscar o entendimento com prestigios, cuja impressaõ não podia ter duraçaõ. Para dar, e ensinar huma boa Rhetorica era necessario hum Filosofo, como Aristoteles, ou hum Orador, como Cicero. Além de que

só-

Sofistas
Rhetoricos.

sómente o estudo dos grandes modelos, o exercicio frequente, e maiormente o talento, e o engenho, são os meios, que pôdem fazer os verdadeiros Oradores. A Eloquencia deve-se estudar nas Filippicas, e em outros Chefes de obra semelhantes. As boas regras dirigem o gosto, e os bons modelos o animão, e o formaão.

CAPITULO III.

Sciencias.

§. I.

Filosofia.

Como os
animos se
voltaõ pa-
ra as Sci-
encias.

QUANDO os animos estaõ em movimento, e quando a curiosidade, a emulação, ou outros motivos, os inclinaõ ao estudo, não pôdem todos seguir a mesma carreira; e se as Bellas Letras tem hum attractivo invencivel para huns, as Sciencias não são menos proprias para satisfazer os outros. A paixãõ de saber, e o amor da verdade manifesta-se no proprio centro das Musas. Assim que os gostos da razaõ principiaõ a descobrir-se, os da imaginaçaõ embotaõ-se para os engenhos serios, e activos, que preferem o sólido ao agradavel, ou por melhor dizer, que

que achão o agrado em tudo o que he verdadeiro. O Homem, a Sociedade, e a Natureza lhes offerecem huma materia immensa de reflexões, e de indagações. Abração a Filosofia, porque não achão em outra parte materia para satisfazer as suas inclinações.

Os primeiros Filósofos forão huns Sabios, applicados principalmente ao estudo, e á prática das obrigações. Meditavaõ a respeito de tudo quanto póde segurar a felicidade dos particulares, e dos Estados; para este fim applicavaõ as contemplações mais profundas; não conheciam nem as vãs subtilezas, nem as disputas de nomes, nem o espirito de systema, e de seita, que produziraõ tantos erros, e extravagancias, quando huma vez se apartáraõ da esfêra das cousas sensiveis para estabelecer novamente causas intellectuaes, e quando se sacrificou o amor da verdade ao desejo de fazer triunfar a opiniaõ. Perdêraõ-se nas hypotheses a respeito da origem do Mundo, da causa primaria, do soberano bem, &c. &c. A sabedoria se evaporou em delirios, e em sofismas. Aquillo que huma boa Mulher disse a Thales Mileto, vendo-o cahir na occasiaõ, em que contemplava os Astros, podia muito bem applicar-se á maior parte dos Filósofos anti-

Objecto
dos pri-
meiros Fi-
lósofos.

tigos: *Como conhecerias tu o Ceo*, lhe disse ella, *pois que tu não vês a terra diante dos teus pés?*

Seitas Jonica, e Italica.

A Filosofia Grega divide-se em dous ramos, a Seita Jonica, e a Seita Italica; huma, e outra subdivididas em diversas Seitas. Thales contemporaneo de Solon, foi o Chefe da primeira, e Pythagoras o Chefe da segunda. Não fallarei senão historicamente, e em poucas palavras dos Filozofos mais celebres, limitando-me no que interessa mais o entendimento humano.

Pythagoras ras reformador dos costumes.

Pythagoras particularmente merece ser conhecido, porque trabalhou eficazmente a respeito dos costumes. Não he no tempo de Numa, como muitos suppozeraõ, mas no tempo de Tarquino o Soberbo, no anno de 540 antes da nossa Era, que este grande Homem fez tanta honra á Grecia, e tanto bem á Italia. A sua Patria julga-se que fora Samos. Pythagoras tendo ouvido os discursos de hum Filozofa a respeito da immortalidade da alma, entregou-se com huma especie de enthusiasmo á Filosofia; foi adquirir conhecimentos ao Egypto, á Fenicia, á Caldea, e provavelmente até á India. O mesmo Pythagoras, Geometra, e Astronomo, olhou para a Sabedoria, como a primeira das Sciencias, julgando-se

ser

ser nascido para lhe dar proselytos. Depois de ter ensinado na Grecia, passou para aquella parte da Italia chamada *a grande Grecia*, por causa das Colonias, que a povoárao. Crotona, Metaponto, e Tarento, foraõ a sua habitação ordinaria; onde o viraõ, naõ encerrar-se á sombra de hum Gabinete, ou de hum Escola; porém prégar de algum modo a virtude, e reformar os publicos costumes. Crotona, Cidade corrupta, mudou de face; as mesmas Mulheres se despojáraõ dos seus enfeites; as desordens cessáraõ, e a Santidade do Matrimonio foi inviolavelmente respeitada. Varias Cidades da Italia seguiráo do mesmo modo as lições do Filosofo, e governáraõ-se pelos seus conselhos. Huma das suas maximas era naõ ser necessario declarar a guerra, senaõ a cinco cousas, ás enfermidades do corpo, á ignorancia do entendimento, ás paixões do coração, ás sedições das Cidades, e á discórdia das familias.

Pythagoras vivia com os seus discipulos em communidade, mandando-lhes ter hum especie de noviciado, que durava ao menos dous annos, e algumas vezes cinco; em cujo tempo deviaõ instruir-se em silencio, sem poder perguntar a razão das instrucções. Pythagoras os suppunha muito pouco capazes de dis-

Seus trabalhos na Italia.

A que cousas pretendia Pythagoras, que se declarasse a guerra.

Modo como Pythagoras formava os seus discipulos.

cor-

correr, antes de se inteirar dos bons principios; empregava a Geometria para lhes formar o entendimento; no que se não pôde reconhecer nem hum charlatao, nem hum impostor. As suas palavras se recebiao, como Oraculos. *O Mestre o disse*, tapava a boca aos seus discipulos. Por ventura ordenava Pythagoras huma obediencia cega, ou dissipava as duvidas com a persuasao? O verdadeiro Filosofo não se pôde erigir como Tyranno do entendimento Humano, e não he provavel que hum Geometra pretendesse que lhe dessem credito sobre a sua palavra.

Sua Doutrina a respeito da Divindade.

A sua doutrina a respeito da Divindade era admiravel. Pythagoras ensinava hum só Deos, Author de todas as cousas, espirito infinito, omnipotente, impassivel, incomprehensivel, que não se comprehende pelos sentidos, e a quem sómente a intelligencia pôde perceber. O mesmo Pythagoras pretendia que todas as acções, e todos os estudos se dirigissem para nos fazer semelhantes a Deos, por meio da acquisição da verdade; acrescentando que para adquirir, e conhecer a verdade, era necessario procuralla com huma alma pura, e Senhora das paixões. *Attribue-se a Pythagoras*, talvez sem fundamento, a opiniao dos Stoicos,

cos, que Deos he a alma do Universo, donde se tiráraõ as almas Humanas, como partes do seu todo. Porém ao menos não parece que o entendesse no sentido dos Materialistas.

A Metempsychosis, ou transmigração era hum ponto fundamental da sua doutrina. Consequentemente, Pythagoras prohibia matar, e comer os animaes. A recompensa dos bons, e o castigo dos máos estão unidas com aquella idéa, derramada pelo Egypto, e pela Asia. Este era, he necessario convir, hum erro util para aquelles, que não eraõ illustrados pela Revelação, a respeito da vida futura.

Transmi-
gração.

Publicáraõ-se a respeito de Pythagoras milagres, e absurdas Historias, porque era tido como hum Homem Divino: ao mesmo tempo, que o accusaõ de proferir imposturas contrarias á probabilidade. Huma prova da sua profunda sabedoria, no centro das trevas da Idolatria, são as Leis de Zaleuco, e de Charondas, seus discipulos, cujos preciosos fragmentos nos conservou Diodoro. O primeiro foi o Legislador dos Sybaritas, célebres antedecentemente por causa da sua frouxidão; o segundo, dos Locrienses da Italia. O preambulo das Leis de Zaleuco trata da existencia da Di-

Seus disci-
pulos Le-
gisladores.

vin-

vindade, a quem se devem attribuir todos os bens, que gozamos, que despreza as offertas, e os sacrificios dos perversos, e a quem he necessario honrar por meio da pureza dos costumes, e do exercicio das virtudes. Qualquer Legislação, que tenha hum fundamento semelhante, he tanto mais respeitavel, quanto he o amor das obrigações, que inspira, ao mesmo tempo que as impõe.

Thales,
Anaxago-
ras.

Thales, Chefe da Seita Jonica, tinha dito que a agua era o principio de todas as cousas, e que Deos, intelligencia, que suppunha não ser senão a alma da materia, tinha formado tudo da agua. Anaxagoras, hum Seculo depois, ensinou que a ordem do Universo se deve attribuir ao Poder, e á Sabedoria de hum Espirito infinito. Anaxagoras julgava a materia eterna, e os seus Successores seguirão a mesma opiniaõ. Não obstante, elevar-se ao conhecimento de hum Ente Supremo, cuja Sabedoria tinha ordenado o Mundo, era o maior passo que a Filosofia póde dar. Anaxagoras para com os Athenienses foi sómente reputado, como hum impio, por definir ser o Sol huma materia inflammada, e se Pericles o não tivesse obrigado a sahir daquella Cidade supersticiosa, teria sido castigado.

Anaxago-
ras perse-
guido.

Taes

Taes são os juizos da ignorancia, excitada por hum zelo cego de Religiaõ: ao mesmo tempo, em que a mesma ignorancia imagina defender a Religiaõ, a deshonra. Perguntava-se a este Filosofo, se queria que o transportassem depois da sua morte, para Clazomena, sua Patria: *Para que?* respondeo Anaxagoras; *o caminho para os Infernos he tão distante de hum, como de outro lugar.*

Socrates, discipulo de Anaxagoras, remettendo tudo á Virtude, zombou da vaidade dos Sofistas, ensinou que a verdadeira Sciencia era conhecer-se o Homem a si mesmo; para se fazer melhor, consagrou a Filosofia ao bem publico, do qual já mais deveria separar-se, e bebeo a cegude como hum impio, em recompensa da sua piedade, e dos seus serviços.

Plataõ, discipulo de Socrates, o qual nada tinha escrito, escreveo com estylo eloquente excellentes cousas a respeito da Divindade, da Alma, das Leis, e das Obrigações; porém misturou-lhes muitas idéas vãs, donde nascêraõ infinitas quimeras. A imaginação o dominava; e hum filosofo sómente deve attender á razão. Plataõ creou hum Mundo intellectual, onde os genios, os numeros, e as fantasticas correlações formaõ hum ver-

Abusos dos
numeros.

dadeiro chaos. Pythagoras empregou os numeros, provavelmente como signaes: Platao os empregou como razoes, e a Natureza desapareceu em os seus Systemas: a qual não se encontra nem na sua Metaphysica, nem na sua Fysica, nem tão pouco na sua Moral, e muito menos ainda na sua Politica, cujos principios se não podem realizar. Com tudo Platão muitas vezes he tão admiravel, que os seus proprios defeitos enganao. *Eu preferiria antes enganar-me com Platao, diz Cicero, do que pensar rectamente com os outros Filozofos.* (Tuscul. I.) Maxima estranha, a qual mostra quanto os melho- res entendimentos são algumas vezes victimas das preoccupações.

Aristote-
les.

Aristoteles, de Stagira na Macedonia, o mais celebre discipulo de Platao, apartando-se muito dos seus sentimentos, fundou a Seita dos Peripateticos. Quando Alexandre partio para a Conquista da Asia, Aristoteles veio ensinar para Athenas. Hum Sacerdote de Ceres, tendo accusado Aristoteles de Impiedade sem prova alguma, este se retirou, *a fim de impedir*, disse elle, *que os Athenienses não commettessem hum segundo crime contra a Filosofia.* A sua Doutrina a respeito da Divindade he equivocada. Humas vezes pretende que o Mundo seja Deos; outras

ve-

vezes admitte hum Deos superior ao Mundo. As trevas, que Aristoteles espalhou a respeito de quasi todas as materias, que trata, se augmentárao pela ignorancia dos Peripateticos modernos. Porém Aristoteles deixou monumentos preciosos, ou em materia de Politica, e de Historia natural, ou em materia de Literatura, onde se admira tambem a extensão da sua sciencia, e sagacidade do seu engenho.

A Academia, ou a Escola de Platóo logo se desgostou daquella Filosofia dogmatica, cujas opiniões arriscadas não podiao convencer os bons discursistas. Abraçou-se o methodo de Socrates, o qual nada affirmava de duvidoso. Arcesiláo, fundador da *Academia media*, passou de hum extremo para outro. O mesmo Arcesiláo pareceo duvidar de tudo; suspendendo o seu juizo sobre tudo, como se não existissem verdades no Mundo. A nova *Academia*, fundada por Carneades, seguiu hum Systema menos excessivo na apparencia, e que vinha a ser quasi o mesmo. Esta Academia reconheceo que haviaõ verdades; porém tão escuras, e confundidas com tantos erros, que não se podiao discernir com certeza. Deste modo permittia de se determinar á acção, por meio da probabilidade,

Arcesiláo,
Carneades:

com tanto que não se affirmasse absolutamente cousa alguma. Ao menos esta Filosofia era modesta. Quantos erros, e quantas disputas não teria esta Filosofia prevenido, se não tivesse estendido a duvida até aos principios melhor estabelecidos pela razão, e pelo sentimento?

Antisthenes, Chefe dos Cynicos.

Ao mesmo tempo que Platao discorria com menos solidez do que pompa, Antisthenes, outro discipulo de Socrates fundou a Seita dos Cynicos, tão famosa por causa das suas Maximas austeras, e da audacia dos seus sequazes. Hum capote, hum sacco, e hum bordão por toda a sua riqueza podiaõ dar-lhes o direito para censurar o Genero Humano. Antisthenes fez consistir a felicidade unicamente na Virtude. Perguntava-se-lhe de que servia a Filosofia? *Para viver bem comigo mesmo*, respondeo elle. Hum Sacerdote, que o iniciava nos Mystérios de Orfeo, louvando-lhe a felicidade da outra vida, Antisthenes lhe disse asperamente: *por que razão pois não morres tu?* Antisthenes era hum Homem intratavel, melancolico, mais proprio para fazer aborrecer a Virtude pela sua aspereza, do que para a inspirar pelo seu exemplo.

Diogenes, seu discipulo.

O famoso Diogenes de Sinope, deterrado por crime de moeda falsa, quiz ser seu discipulo. Antisthenes o desprezou.
amea-

ameaçando-o com o seu proprio bordaõ. *Dá, lhe disse o proselyto enthusiastico, tu não acharás bordaõ tão duro, que me aparte de ti em quanto fallares.* Diogenes tomou o sacco, viveo em hum tonel, não necessitando de nada, declarando a guerra aos vicios, e insultando todas as pessoas. Respondiaõ-lhe ás pedradas; lançavaõ-lhe ossos, como a hum caõ: e nem por isso era menos atrevido, nem menos insolente. *Eu pizo aos pés o fasto de Plataõ*, dizia Diogenes hum dia; *sim*, replicou aquelle Filosofo, *porém com outro fasto.* Huma semelhante filosofia não era na essencia senaõ hum insulto da Humanidade. Entre varias Maximas, que se citaõ de Diogenes, a seguinte parece-me a mais notavel: *Tem os bons para amigos, a fim que te animem a fazer o bem, e os máos para inimigos, a fim que te sirvaõ de impedimento para não fazer o mal.* Focion he contado entre os seus discipulos, porém este grande Homem soube ser moderado em a sabedoria.

Crates, outro Cynico, vendeo o seu rico patrimonio, e lançando no Mar o dinheiro, exclamou: *Estou livre.* Crates era disforme: Hipparchia, irmã de hum Orador Atheniense, querendo não obstante casar com Crates, a pezar de toda a sua familia, tomou o bordaõ, e

Crates, e
Hipparchia.

o sacco, a fim de se fazer digna daquella felicidade. O *Cynismo* não podia deixar de fazer fanaticos, nem de degenerar logo em relaxação, como todo o *Systema*, que offende gravemente a Virtude, os principios, e os deveres.

Zeno, e os
Stoicos.

Seu Systema a respeito de
Deos.

A respeito
da Virtude.

Zeno, natural de Citio, em a Ilha de Chypre, foi o discipulo de Grates, e o fundador da Seita dos Stoicos. Zeno exercitava antecedentemente o negocio. Hum naufragio de que Zeno sempre se congratulou, deo-lhe o motivo para abraçar a Filosofia em Athenas. Zeno tomou o essencial da Moral Cynica, despojando-a daquelles exteriores indecentes, que a desacreditavaõ. Os Stoicos confundirão a Divindade com o Mundo material, de quem a mesma Divindade era, conforme a sua opinião, a alma espalhada por toda a parte. A fim de se livrarem das objecções contra a Providencia, os Stoicos diziaõ que a Natureza fez quanto podia fazer melhor com os Elementos, que existiaõ. Este he em parte o Systema do Optimismo; porém unirão-lhe a Fatalidade, que nunca se poderá concordar com o Dogma da Providencia. Os mesmos Stoicos sustentavaõ que a Virtude he o Soberano Bem, que nos faz felizes em todas as infelicidades, e que os mesmos soffrimentos não são mal algum; em hu-

humã palavra, que viver segundo a recta razão, causa essencialmente a felicidade.

O seu Sabio era hum Homem perfeito, sem paixões, insensivel á mesma piedade, que perturba a alma, e entregue com tudo a todas as obrigações da Humanidade. Os Peripateticos menos entusiasticos, vendo o Homem composto de corpo, e de alma, dignava-se contar por alguma cousa a dor, e o prazer Fysicos. O entusiasmo dos Stoicos era superior á Natureza.

O Sabio
dos Stoicos.

« Se eu pudesse hum só instante,
« diz Montesquieu, deixar de pensar,
« que sou Christão, não me poderia im-
« pedir de pôr a destruição da Seita de
« Zeno no numero das infelicidades do
« Genero Humano. Esta Seita não leva-
« va ao extremo senão as cousas em que
« ha grandeza, o desprezo dos gos-
« tos, e da dor. A mesma Seita era a
« unica, que sabia produzir Cidadãos,
« e Homens grandes. » (*Espirito das
Leis Liv. 24.*) Plutarco observa judicio-
samente, que aquella Seita era alguma
cousa perigosa para hum character arden-
te, e colerico; porém que em qualquer
genio suave, e grave, obrava prodigios.
(*In Cleomen.*) *Huma parte da Sciencia,
segundo Zeno, consiste em ignorar o que
não*

Juizo a ref-
peito da
Seita Stoi-
ca.

naõ se deve saber. Esta Máxima será sufficiente para o seu elogio. Cleantho, Chrysippo, Panelio, Epictetes, illustrarão menos o Stoicismo, do que as virtudes de hum Cataõ, de hum Antonino, e de hum Marco-Aurelio.

Democri-
to.

Huma Seita bem differente, que Epicuro fez célebre, existia havia muito tempo, sem ser conhecida. Democrito, da Cidade de Abdera na Thracia, morto no anno de 461 antes de Jesu Christo, era o seu fundador. Este Filosofo tinha aprendido de Leucippo a Doutrina do vacuo, e dos atomos. Os conhecimentos, que Democrito adquirio nas suas dilatadas viagens, e as suas profundas meditações a respeito da Natureza, o constituirão hum dos homiens mais sabios do Mundo. Os Abderitanos vendo a Democrito rir de tudo, (porque a vida Humana era para elle hum Comedia perpetua), chamáráõ Hippocrates para o curar da sua pretendida loucura. O Medico não se enganando com Democrito, lhes disse que mais loucos eraõ aquelles, que julgavaõ estar no seu juizo perfeito, e ser mais Sabios. De Democrito não nos restou obra alguma.

Epicuro, e
os seus dis-
cipulos.

Epicuro, nascido na Attica, em o anno de 342 antes da nossa Era, introdu-

duzio a Doutrina daquelle Filosofo. Epicuro ensinou que o Mundo fora formado com o concurso fortuito dos atomos, que os Deoses não obravaõ em os successos naturaes, nem em as cousas humanas, e que a alma morria com o corpo. O mesmo Epicuro fez consistir o Sobrano Bem, ou a felicidade na sensualidade; entendendo-a porém dos gostos da Alma, que a Virtude excita, e que supõem a temperança. A sua vida he huma prova dos seus sentimentos a este respeito; pois que no seu jardim delicioso, não se comiaõ senão legumes, e não se bebia senão agua. Epicuro frequentava os Templos, ou por submissão ás Leis, e aos usos da terra, ou para se livrar da accusação de Impiedade: amava o bem publico; recommendava a obediencia; e dizia, que *se devia desejar Principes bons, e sujeitar-se d'elles, que governaõ mal.* A sua paciencia em huma enfermidade cheia de muitas dôres; o amor, e a veneração dos seus discipulos, refutaõ as calumnias, com que opprimiraõ a sua memoria. Origenes, S. Gregorio Nazianzeno, e outros Padres o justificáraõ a respeito dos costumes. Epicuro viveo sabio, e prudentemente, com huma Doutrina condemnavel, de que os Epicuristas abusáraõ pelo tempo adiante: aos prazeres,

O que Epicuro entendia por sensualidade.

O seu sabio, e prudente procedimento.

res, e divertimentos honestos, e virtuosos substituirão as grosseiras sensualidades; e não crendo nem na Providencia, nem na vida futura, largarão a redea ás suas paixões.

Seita Eleatica.

Pyrhronismo.

Da Seita Eleatica, da qual Parmenides, Zeno de Elea, Leucippo, Democrito, &c. eraõ Chefes, nascêraõ o Pyrrhonismo, e o Atheismo. Pyrrho, natural de Elida em o Peloponneso, reprovou todas as verdades como incertas, e ensinou, que a justiça, e a injustiça dependiaõ unicamente das Leis, ou do uso. Viver, e morrer eraõ, segundo Pyrrho, a mesma cousa. Por que razão não morres tu pois? lhe disse hum certo. *Precisamente*, respondeo Pyrrho, *porque não ha differença entre a vida, e a morte*. Pyrrho vendo que zombavaõ hum dia d'elle por ter fugido de hum caõ, sahio-se bem, dizendo: *Despojar o Homem he difficilissimo*. O Pyrrhonismo he muito ridiculo para chegar a ser contagioso. O sentimento interior basta para oppôr ás suas subtilidades huma resistencia invencivel.

Atheismo.

Protagoras, e Diágoras.

O simples Atheismo he capaz, pelo contrario, de produzir as maiores infellicidades, accommettendo huma verdade incomprehensivel, que não obstante he o mais firme apoio da Moral. Protagoras, discipulo de Democrito, tendo

escrito: *Eu não posso dizer se ha, ou se não ha Deoses*, os Athenienses mandárao queimar as suas Obras, e o expulsárao da sua Cidade. Diagoras atreueo-se a negar abertamente a existencia dos Deoses. Os Athenienses, mandando-o comparecer em justiça, fugio: prometteo-se hum talento a quem o matasse, e dous a quem o trouxesse vivo. Que Estado poderia tolerar hum erro tão funesto ao Genero Humano? Porém lembremo-nos que Athenas mandou matar por Atheista o piedoso Socrates; e não confundamos as calumnias da Superstição com as justas queixas da Religião offendida.

Tanto mais absurda era a Theologia Grega, quanto mais louvaveis erao os Filósofos por dissipar com prudencia os seus prestígios; e quanto maior era também o receio, que elles tinhao da demencia do Povo, animada pelo odio dos Sacerdotes. Pretendia-se que o Sol fosse Apollo, e que a Lua fosse Diana; porque de outro modo os Templos de Apollo, e de Diana perderiao huma grande parte das suas riquezas. Aquelles Fysicos, que não achavao na Natureza senão huma intelligencia infinita, e Fenomenos naturaes, erao tidos, e havidos por impios. De resto os Filósofos erao mais ignorantes a respeito da Divindade, do que o Povo de hoje

Accusa-
ções de Im-
piedade
contra os
Filósofos.

hoje em dia, illustrado com as luzes do Christianismo. Fallo do Povo instruido por huns Homens verdadeiramente dignos do Sacerdocio.

Parece essencialmente, que a Filosofia especulativa dos Gregos não produzio nenhuma outra cousa senão disputas, e erros; porque em lugar de experiencias, occupavaõ-se em Systemas, e deliravaõ em lugar de observar. O gosto dos Sofismas, as falsas subtilezas, a teima, e o orgulho foraõ communs em todas as Seitas. Donde procedêraõ tantas quimeras, e tantas loucuras, que se perpetuáraõ até aos nossos tempos.

§. II.

Geometria. Astronomia. Geografia.

Geometria.

COM tudo cultivava-se a Geometria, aquella Sciencia, que não procedendo senão de demonstrações, he tão propria para desgostar o entendimento de qualquer opiniaõ incerta. Pythagoras ensinava a Geometria aos seus discipulos. Anaxagoras, Plataõ, Aristoteles, &c. usáraõ da Geometria. Euclides de Alexandria, cujos *Elementos* serãõ sempre estimados, aperfeioou a Geometria no anno de 300 antes de Jesu Christo. Archimedes na
nos-

nosso Seculo teria sido outro Newton. As maquinas, que Archimedes empregou contra os Romanos no sitio de Syracusas, não lhe pareciaõ senão hum brinco, em comparação dos seus scientificos descobrimentos. O mesmo Archimedes tendo proferido, que se lhe dêssem hum ponto fixo fóra da terra, a moveria como outro qualquer corpo; provou, segundo dizem, aquella estranha proposição, movendo huma das maiores galeras, e das mais carregadas, por meio de huma máquina, que fez sómente tocar na ponta. Rollin teria podido duvidar daquela experiencia. Porém não se póde duvidar que Archimedes não fosse hum prodigio de engenho. Archimedes com o soccorro da Hydrostatica, descobrio o roubo de hum Ourives, o qual, em huma Coroa feita para o Rei Hieron, tinha misturado outro metal com o ouro de que se devia compor. O seu espelho para queimar a frota de Marcello era tido nos nossos tempos por huma quimera. Depois de se ver o espelho de Buffon, ninguem se atreve a negar o outro.

A Astronomia foi introduzida na Grecia por Thales, que descobrio o movimento do Sol, e da Lua, o anno Solar, a causa dos eclipses, e a Ursa peque-

Astronomia. Thales. Anaximandro.

na tão necessaria para os navegantes. Anaximandro, seu discipulo, inventou a Esfera, segundo Plinio, ou as Cartas Geograficas, segundo Strabaõ, e usou dos relogios do Sol. Porém aquellas pretendidas invenções dos Gregos vinhaõ provavelmente, ou do Egypto, ou da Fenicia. A sua ignorancia, em quanto á Astronomia, dissipou-se muito de vagar. O mesmo Anaximandro não julgava que o Sol fosse maior do que o Peloponneso; e apezar das lições de Thales, o anno, no tempo de Demetrio de Falera, não era senão de trezentos e sessenta dias. Meton

Meton.

Eudoxo, e
Pytheas.

Eudoxo, discipulo de Plataõ, achando muito pouco recurso em Athenas para a Astronomia, a foi estudar no Egypto, donde trouxe o conhecimento das Constellações, e dos Planetas. Quasi no mesmo tempo, Pytheas de Marselha, Colonia dos Foceos, fez a respeito da sombra do Sol, no tempo do Solsticio, huma observação celebre, pela qual determinou a Latitude da sua Patria. Pytheas,

theas, passando do Mediterraneo para o Oceano, adiantou-se até á Ilha de Thulé (a Islandia); e penetrou depois pelo Mar Baltico, até á embocadura de hum Rio, ao qual lhe dá o nome de Tanais, que he provavelmente o Vistula. O mesmo Pytheas tendo observado, que os dias chegavaõ a ser maiores no Solsticio do Veraõ, á proporção que se adiantava para o Norte, estabeleceo a distincção dos Climãs pelo comprimento dos dias, e das noites.

Strabaõ, e tambem Polybio accommettêraõ a realidade das viagens de Pytheas, suppondo inhabitaveis os Climãs, que dizia ter corrido. Tanto importa suspender cada hum o seu juizo a respeito das cousas, que se ignoraõ: Herodoto não podia deixar de se rir (estes saõ os seus proprios termos) daquelles, que julgavaõ que o Oceano cercava a Terra, e não imaginava que os Naveganres de Nechos podessem ter visto o Sol em huma posição contraria áquella, em que nós o vemos na Europa. Acaso muitos Seculos depois não se pretendeo fazer huma Heresia daquella verdade de facto?

Juizos precipitados
contra hús
factos naturaes.

As Observações Astronomicas illustraõ a Aristoteles, a respeito da figura, e da grandeza da Terra. A redondeza da sua sombra em os eclipses da Lua, a des-

Observações Astronomicas.

igualdade das alturas meridianas, segundo os Climas, lhe deraõ a conhecer que a Terra era esforoida. Alexandria tendo chegado a ser o Asylo das Sciencias, Eratosthenes fez nella, governando Ptolomeo Evergetes, novas Observações a fim de medir a circumferencia do Globo. Hipparco, seu contemporaneo, tambem fez em Alexandria a enumeração das Estrellas fixas, e descobriõ o seu movimento particular á roda dos Pólos da Ecliptica. Plinio intitula a Hipparco o *confidente da Natureza*. Reinando Antonino publicou o famoso Ptolomeo hum corpo completo de Astronomia.

Geografia.

A Geografia, que depende daquella Sciencia, pois que as Observações Astronomicas servem para medir a Terra, e determinar a posição dos Lugares, não se podia adiantar senão vagarosamente, á proporção que se descobrissem, e se examinassem as terras. Homero (cousa estranha) sabia mais Geografia que Herodoto: os Gregos no tempo de Xerxes, imaginavaõ ainda que de Egina a Samos era tão distante como ás columnas de Hercules. A Navegação os illustrou; o Commercio estendeo os seus conhecimentos. As Conquistas de Alexandre foraõ utilissimas para a Geografia, que fez grandes progressos no tempo dos Suc-

ces-

cessores daquelle Principe. Strabaõ, no tempo de Augusto, e depois Ptolomeo augmentáraõ muito a Geografia. Ptolomeo applicou-se a determinar a longitude, e a latitude: unico methodo para conseguir huma exacta precisão

Assim neste genero, como em todas as Sciencias exactas, os Modernos são muito superiores aos Antigos. A sua Geografia está cheia de erros. Como não estaria, pois que Delisle provou pelas Observações Astronomicas, que haviaõ erros muito consideraveis ainda nos melhores Mappas dos Modernos? Delisle encurtou á Asia o espaço de quinhentas legoas, e ao Mediterraneo do Occidente para o Oriente de trezentas legoas. Admiremos como os Antigos pudéraõ fazer progressos tão grandes, com tão pouco soccorro; e como sem telescopios, e sem algarismos arabicos pudéraõ ser Astronomos, e Geometras: » Elles fizeraõ, « diz o Marquez do Hospital, o mesmo que os nossos bons engenhos teriaõ feito em seu lugar; e se estivessem em o nosso lugar, he de crer que teriaõ tido as mesmas idéas que nós. » (*Prefac. de l' Anal. des infiniments petits.*)

Superioridade dos Modernos.

Alguns Escritores lhes fazem a honra dos nossos descobrimentos mais ad-

Descobrimientos

modernos
atribuidos
aos Anti-
gos.

miraveis. Os Pythagoricos julgavaõ que a Terra, e os Planetas giraõ á rôda do Sol. Empedocles (a quem huma tradiçaõ ridicula suppõe ter-se precipitado no Volcão do monte Etna) referia ao peso do ar o Fenomeno de hum cano recurvo, onde a agua fica suspensa, em quanto se tapa a boca com o dedo. O mesmo Filosofo tinha imaginado huma especie de força attractiva, pouco differente da attracçaõ Newtoniana. Cicero, e Seneca explicavaõ o fluxo, e o refluxo por meio da impressaõ da Lua. Porém não eraõ estas senaõ humas conjecturas sem provas, huns Systemas casuaes. A gloria dos Modernos he ter achado por meio da Observaçaõ o segredo da Natureza.

§. III.

Medicina.

Medicina.

A MEDICINA, mais necessaria por certos respeitos, pela culpa dos Homens, do que pela fraqueza da Natureza, ainda era hum uso cego, e muito limitado, pouco tempo antes da guerra do Peloponneso. Desde o Seculo de Homero, em que nem os unguentos, nem os emplastros eraõ, sem duvida, conhe-

cidos, pois que Homero não trata delles ; quando falla dos menores remedios ; não se vê que a mesma Medicina se aperfeiçoasse. Se Pythagoras merece hum lugar entre os Medicos celebres, como Celso pretende, poderia ser talvez por causa da sua reputação equivocada de Homem Universal. Herofilo, que vivia quasi 570 annos antes de Jesu Christo, parece com tudo ter adquirido conhecimentos. Certifica-se que Herofilo obtivera a licença de anatomizar ainda vivos os criminosos condemnados á morte ; se dermos credito a Tertulliano, Herofilo anatomizou seiscentas pessoas. Porém acaso pôde-se-lhe dar credito?

Herodico de Sicilia, Mestre do célebre Hippocrates, he tido pelo Chêfe de duas Seitas de Medicina, chamadas *Dietetica*, e *Gymnastica*, cujos remedios consistem na dieta, no regime, e nos exercicios do corpo. Herodico devia pois ser muito superior aos charlatães, os quaes distribuíam antes do seu tempo tantas receitas, ou perniciosas, ou inuteis.

Finalmente nasceo Hippocrates na Ilha de Cos, no anno 460 antes da nossa Era. Quando se duvidasse dos serviços, que Hippocrates fez aos Gregos, segundo a maior parte dos Historiadores, no tempo da

 Herodico.

 Hippocrates.

da famosa peste de Atheuas, as suas Obras ainda subsistentes, e sempre admiradas como Chefes de Obra, fariaõ bastantementem o seu elogio. Hippocrates tinha-se instruido fazendo huma collecção de todas as observações de seus predecessores; e tinha observado melhor que pessoa alguma. Os remedios os mais simples lhe pareciaõ os mais efficazes, e ainda estes os empregava o menos que podia. A sincera confissão, que Hippocrates faz de alguns erros, e de diversas curas inuteis, prova quanto era superior á cega presumpção, dedicando toda a sua gloria ao bem publico. O célebre Galeno, no reinado de Marco-Aurelio, respeitava Hippocrates como seu Mestre.

Seitas na
Medicina.

He triste cousa para a Humanidade, que os Medicos, assim como os Filosophos, se tenhaõ dividido em diversas Seitas competidoras, cujos principios oppostos conduziaõ para práticas contrarias. *Empiricos, Dogmaticos, Methodicos, &c.* são nomes que não podem inspirar senão terror, quando supõem hum homem systematico, e que não olha para as enfermidades, senão por entre as nuvens da preocupação. Cataõ fallava provavelmente de gente semelhante, quando dizia: *Tudo se perde, se os Gregos, trazendo-nos a sua litteratura, nos enviaõ sobre*

tudo os seus Medicos; os quaes juráraõ matar por meio da Medicina todos aquelles, a quem chamaõ barbaros. (Plin. 29).

A Botanica, da qual a Medicina necessita particularmente, ainda estava, para assim dizer, na sua infancia. Dioscorides, e Plinio não tiveraõ mais conhecimento do que de seiscentas plantas. Desde o principio do decimo sexto Seculo conheciaõ-se mais de seis mil plantas; e depois, pelo methodo se aperfeiçoou muito a Sciencia. A Quimica Medicinal he huma Sciencia moderna, que tira dos Arabes a sua origem. A Anatomia não pôde fazer progressos senaõ em os ultimos Seculos, em os quaes a superstição não impedio mais o anatomizar os cadaveres. Deste modo a Cirurgia, e a Farmacia, separadas presentemente da Medicina, da qual antigamente faziaõ parte, adquirirão huma perfeição admiravel, e incognita a toda a Antiguidade. Porém os exercicios do corpo, a luta, a barra, a carreira de cavallo, aquelles jogos, em que os Gregos gostavaõ tanto de se distinguir, os exercicios militares, que faziaõ parte das obrigações do Cidadão, finalmente a acção, e a sobriedade valiaõ mais que todos os remedios.

Botanica ,
Anatomia ,
&c.

Sciencia
Economica
muito des-
prezada.

HUMA Sciencia essencial para o governo, muito pouco cultivada pelos Gregos, ou ao menos muito desprezada pelos seus Escritores, he a Sciencia Economica. Apenas sabemos alguma cousa a respeito das suas rendas, da sua administração, dos seus principios nesta materia, e de infinitas individuações, mais uteis em si mesmo, do que aquellas, com que augmentáraõ as suas Historias. A sabia Athenas parece preferir sempre o especioso ao solido. Os seus Filósofos, excepto hum muito pequeno numero, exaurirão-se em especulações vagas, em discursos excellentes a respeito das generalidades; e desprezavaõ aquillo, que juntamente com os costumes, e com as Leis, faz a base da felicidade dos Cidadãos. Tantos Systemas a respeito da origem do Mundo, e do Soberano Bem não faziaõ os Homens mais Sabios, nem o Estado mais florecente. Por ventura a Republica imaginaria de Platóã era dotada de bons principios a respeito da vida commum, e do governo do Estado?

Tratado E-
conomico

Temos dous Tratados de Xenofonte,

te, hum intitulado *Economico*, e outro *de Xenofonte*. O primeiro trata da Economia particular; e o segundo das rendas de Athenas. Estes fragmentos preciosos, modernamente traduzidos em Francez, posto que muito superficiaes, merecem ser lidos. O Author louva com razão os cuidados domesticos, particularmente a Agricultura, sem dar muitas instrucções a respeito desta materia. Xenofonte não falla nem ainda do enxerto. Conforme o seu parecer, a Arte consiste na observação da Natureza; e o motivo das Terras não se cultivarem, não he por ignorancia, mas sim por preguiça. Este principio, geralmente verdadeiro, seria falso, e pernicioso, se excluísse qualquer methodo novo: porque por mais que se louvem os antigos usos, acaso não se achão reformados em muitos pontos? Com tudo todos devem convir, que o trabalho fará mais, que todo o resto. Inspirar o seu amor pelos lucros, que deve produzir, esta he a grande Arte para fazer a Terra fecunda.

O Tratado sobre os meios de augmentar as *Rendas* da Attica he mais curioso, porque offerece cousas mais incognitas. Sem repetir o que já em outro lugar fica dito, exporei simplesmente algumas idéas de Xenofonte, dignas de hum

Seu Tratado das rendas.

hum exame particular. Xenofonte applica-se principalmente para o Commercio, que era com effeito o recurso de huma Terra esteril; insiste a respeito das vantagens da situação de Athenas, exaggerando, quando pretende que se considere aquella Cidade, não sómente como o centro da Grecia, porém como o centro do Universo, e recommenda com razão attrahir-lhe os estrangeiros por todos os generos de meios, a fim de se aproveitar da sua industria, e da sua felicidade. Cada Estrangeiro pagava hum tributo de doze drachmas. *Ponhamos os Estrangeiros*, diz o Author, *no caso de nos amar, e de nos servir utilmente.* Xenofonte mostra evidentemente a necessidade, que ha de prohibir a liberdade do Commercio, sobre tudo de abbreviar os Processos, que demoraõ as operações, e apartaõ os Estrangeiros. O mesmo Xenofonte propõe se edifiquem Praças publicas para mercados, armazens, e navios mercantes, mostrando o lucro que de tudo se tiraria: empresas bem dignas de se preferirem a todas as empresas do luxo, e do ornato, as quaes arrastaõ algumas vezes a ruina dos Povos.

Attrahiros
Estrangei-
ros.

Facilitar o
Comercio.

Abundan-
cia do pu-

A respeito da administração de trabalhar nas minas, Xenofonte expõe que

que o dinheiro não he semelhante aos outros productos da Terra, e que a grande abundancia nunca o faz diminuir de preço; que o ouro chegando a ser mais commum do que a prata, faria levantar esta, e diminuir a si mesmo. A ultima proposição he provavel. Porém se a grande abundancia do dinheiro o não faz diminuir de preço, acaso não augmenta o preço dos fructos? não he necessario mais dinheiro para viver? e não he isto, como se o dinheiro diminuísse; ou abaixasse?

Julgando sobre a administração do trabalho das minas pela mesma Obra de Xenofonte, os Athenienses estavaõ' mediocrementes illustrados a respeito dos Contratos, e da Economia Politica. Alguns particulares se enriqueciaõ em a administração do trabalho das minas, ao mesmo tempo em que o estado desprezava aquelle recurso. O Author propõe meios para conciliar o interesse do Estado com o interesse dos particulares, observando prudentemente, que não se deve emprehender tudo juntamente; que he necessario proporcionar as emprezas ás difficuldades, que o feliz successo de qualquer primeiro estabelecimento facilitará o segundo, attrahindo outros muitos com o mesmo successo. Parece que Xenofonte se applica a huma idéa quimerica, quando re-

Adminis-
tração do
trabalho
das minas.

requer que se estabeleça Magistrados para fazer observar humia paz perpetua; porém adverte que *o meio mais seguro para vencer os seus inimigos, he não dar motivo algum de os ter.* O mesmo Xenofonte conclue com humia exhortação para consultar os Oraculos, a fim de saber se o Geo authoriza a execução dos seus projectos, e de qual Deos he necessario implorar particularmente o soccorro. Por ventura poder-se-hia imaginar que hum Filosofo julgasse os Oraculos necesarios, em humia materia de Contratos? Sem duvida, tudo aquillo era a fim de conservar a superstição da Terra.

A Theorica dos Contratos mais necessaria hoje em dia.

A Marinha custava pouco aos Athenienses.

Lei de Solon.

Se aos Gregos faltou a boa Theorica a respeito deste objecto, em que se occupaõ tanto as modernas Nações, a razão he porque tinhaõ menos razões para se applicar a elle. As guerras eraõ menos dispendiosas, ou porque ordinariamente voltava-se para as suas Terras depois da campanha, ou porque os exercitos eraõ pequenos, e raras vezes compostos de Mercenarios. Além de que a marinha, que fazia a força principal dos Athenienses, custava pouco á Republica. Por meio de humia Lei de Solon, os mil e duzentos Cidadãos mais ricos dividiaõ-se em setenta e cinco companhias de dezeseis Homens, cada humia das quaes pro-

provia huma galera, que era governada pelos dezeseis, cada qual a sua vez. Como haviaõ disputas a respeito de mais, ou menos riquezas, Demosthenes ordenou por meio de outra Lei, que todo o particular, cuja riqueza chegasse a dez talentos, armaria huma galera; duas galeras, tendo o dobrado; e os que possuíssem menos de dez talentos, se ajuntariaõ com outros para a despeza. Athenas, com semelhantes recursos na necessidade, e com a industria, e Commercio, podia-se sustentar sem a Sciencia Economica dos Modernos, ignorada pelos seus visinhos. Os vícios, e não a falta de dinheiro, causáraõ totalmente a sua ruina.

Estas individuações parecêraõ-me importantes, para dar a conhecer até que ponto se elevou o Humano entendimento, e até que ponto se deteve, em a Nação, que illustrou a arbitra do Mundo. Roma entra a offerecer-nos espectaculos de outro genero. O valor, a pobreza, a Virtude, ou a ambição faráõ a sua grandeza, primeiro que as Artes, e as Sciencias, penetrando nella consecutivamente depois das riquezas, a façãõ competidora de Athenas; de Athenas destinada para lhe dar lições, e para receber as suas Leis.

Outra Lei
de Demos-
thenes.

A D V E R T E N C I A.

A HISTORIA Romana, que faz a parte principal da Historia Antiga incluída nesta Obra, acaba no estabelecimento do Mahometismo, e em o setimo Seculo; posto que eu principie a Historia Moderna, no estabelecimento da Monarquia Franceza, quasi no fim do quinto. Pareceo-me necessario seguir o fio dos successos, até á Epoca da decadencia total do Imperio Romano. No Oriente, as Conquistas dos Arabes precipitaraõ a sua ruina.

HISTORIA UNIVERSAL.

HISTORIA ANTIGA.

TERCEIRA PARTE.

HISTORIA ROMANA.

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES.

COMO a Historia Romana absorve, para assim dizer, a Historia das outras Nações, principiando hum dilatado fio de factos, os quaes terminão na Historia Moderna; nós a dividiremos em Epocas, para melhor observar a serie, e a correlação dos principaes successos: distinguiremos tambem cada Epoca, tanto quanto for possivel, não sómente com hum facto importante, segundo o uso, mas com huma idéa relativa ao espaço de tempo que incluir.

Plano desta Historia.

A Historia dos primeiros Seculos de Roma inuito incerta.

Os primeiros Seculos de Roma se achão cobertos de trevas, e de incertezas. Fabio Pictor, seu primeiro Historiador, vivia no tempo da segunda Guerra Punica, mais de quinhentos annos depois da fundação daquella Cidade. Quantas Fabelas se não espalhariaõ, quando a ignorancia cegava todos os entendimentos, quando a Superstição cria tudo, e quando a Escriitura era rara, e os Monumentos dos Pontifices, eraõ huns archivos das maravilhas! Ainda aquelles Monumentos, conforme Tito-Livio, perecêraõ quasi todos no incendio, que lançáraõ os Gaulezes. Donde se origináraõ tantas tradições absurdas, recebidas pelos Historiadores; e aquelles prodigios accumulados sem sombra de verisimilhança. Roma julgando-se Divina, adoptava tudo quanto lisonjeava as suas preocupações.

Apezardaquella incerteza ha tradições dignas de fé.

Pódem-se ler nas *Memorias da Academia das Inscriptões, e Bellas Letras*, Tom. VI., as dissertações de Pouilly, e do Abade Sallier, a respeito da Historia dos quatro primeiros Seculos. Sustenta hum, o que o outro pretende destruir. A disputa daquelles dous Sabios parece conduzir para o Pyrrhonismo; porém a Critica deve guardar hum meio justo, reprovando o absurdo, e o incrível, sem negar o verdadeiro, que se acha confundido com o fal-

falso. Excepto os factos, de que nós mesmos fomos testemunhas oculares, como Freret o observa, (*ibid.*) toda a Historia não tem certeza, senão aquella que resulta da nossa confiança no testemunho de outrem; deste modo tudo he de alguma sorte tradição. A tradição não escrita, posto que menos forte do que a outra, deixa subsistir a certeza para os factos publicos, e frequentes, cuja lembrança a memoria dos Homens conserva muito facilmente. Por ventura as circumstancias maravilhosas, que se lhe ajuntão algumas vezes, destruirão a verdade? Será pois necessario negar toda a Fé aos contemporaneos, que divulgáráo algumas maravilhas semelhantes? Além de que, ainda existião Monumentos, dos quaes se aproveitáráo os Historiadores de Roma. O essencial para nós, he de não tirar das suas narrações senão o que importa saber.

O nosso Plano nos aparta das discussões Chronologicas, materia eterna de disputas pouco interessantes. Se a data da Fundação de Roma he incerta, ao menos não diversifica senão em hum pequeno numero de annos. A opinião mais provavel a determina no principio do quarto anno da sexta Olympiada, 573 annos antes de Jesu Christo, qua-

Data da
fundação
da Roma.

quasi 120 annos depois que Lycurgo publicou as suas Leis, e 140 antes de Solon publicar as suas; quatorze annos antes da Era de Nabonassar, tempo, ao qual os Sabios modernos referem, como temos observado, as grandes obras de Babylonia, attribuidas pelos Antigos a Semiramis. Ordinariamente põe-se a data, assim do anno de Roma, como do anno antes da nossa Era. Para evitar aquella confusão de algarismos, limitar-me-hei no primeiro methodo, o qual he facil de combinar com o segundo. He sómente necessario substrahir de 753 o numero, que exprime a data de Roma.

PRIMEIRA EPOCA.

FUNDAÇÃO DE ROMA.

OS REIS.

Espaço de 244 annos.

ROMULO.

ROMA, a pezar de toda a sua grandeza, teve a pequena vaidade tão ordinaria ás Nações, de fazer a sua origem maravilhosa, pois pretendendo descender de Eneas, dava por Pai a Romulo; seu Fundador, o Deos Marte, e o fazia ser criado milagrosamente por huma loba. No centro daquelles absurdos, vê-se Romulo, Chêfe de salteadores, e homicida de Remo seu irmão, edificar cabanas em hum territorio dependente da Cidade de Alba, e fundar quasi com três mil Homens, hum Estado, que devia absorver em si as mais vastas Monarquias. O mesmo Romulo augmenta o numero dos seus subditos, abrindo hum asylo a todos os ladrões, e a todos os facinorosos, que quizessem obedecer-lhe. Os Sabinos negão-lhe Mulheres para o fim da po-

Anno de
Roma 1.
Romulo
Chêfe de
Salteado-
res, Fun-
dador de
Roma.

voação: Romulo attrahindo-os para huns jogos, rouba-lhes as suas filhas com mão armada, e as casa com os seus soldados. Se remontarmos á origem da maior parte dos Imperios, acharemos semelhantemente só violencias, e roubos commettidos á força das armas.

Politica de
Romulo, e
idéa da sua
Monar-
quia.

Se Romulo não tivesse sido senão hum aventureiro atrevido, os Póvos vizinhos teriaõ, sem duvida, destruido a Cidade nova. Porém Romulo tinha idéas politicas, e firmou a sua obra tanto com as Leis, como com as armas. O governo de Roma, desde a sua infancia, merece a nossa attenção. Foi esta hum Monarquia mixta, conforme ao character, e aos costumes dos Barbaros, que conservavaõ a maior liberdade, elegendo Reis, a cujo dominio se entregavaõ. Romulo revestido com aquelle titulo, julgou bem que o Povo não se deixaria subjugar, e que era necessario dar-lhe parte no governo, ou renunciallo por si mesmo. Dividio logo a Colonia em tres Tribus, e cada Tribu em dez Curias. Repartio o territorio em tres porções desiguaes, humma para o Culto Religioso, outra para as necessidades do Estado, e a terceira para os Cidadãos, que tiveraõ cada hum quasi duas geiras de Terra. Depois estabeleceo hum Senado composto de cem

pes-

Divisaõ do
Povo em
tres Tri-
bus.

Estabeleci-
mento do
Senado.

peessoas, ao qual confiou o cuidado de fazer observar as Leis, de deliberar a respeito dos negocios grandes, e de apresentar as deliberações nos Comicos, ou Assembléas do Povo. O supremo direito de decidir pertencia ao Povo, porém as suas decisões se devião confirmar pelo Senado. O mando dos exercitos, a convocação dos Comicios, e do Senado, a sentença das causas mais importantes, e a dignidade de Soberano Pontifice, competiaõ ao poder do Rei.

Os tres poderes.

Romulo, confundindo deste modo os tres poderes, soube conservar o Povo, e satisfazer a sua propria ambição. Podia governar o Senado, cujos membros eraõ eleição sua. As forças militares, a Religião, e a Justiça ficavaõ no seu poder, a fim de conter o Povo na dependencia: e posto que lhe tivesse deixado os principaes direitos da Soberania, como o de dar Leis, e de eleger os Magistrados, o direito de decidir sobre a guerra, e paz, Romulo tinha reservado para si os meios de dirigir os votos, o que essencialmente o constituia, de alguma sorte, arbitro de tudo. Doze Lictores lhe serviaõ de guardas, apparatus util á Dignidade de Rei; e lhe accrescentou hum corpo militar de trezentos Homens, que combatiaõ a pé, e a cavallo. Es-

Romulo tinha-se reservado industria-famento muita authority.

Cavalleiros Romanos.

ta he a origem dos Cavalleiros, chamados no principio *Celeres*.

Patronos,
e Clientes;
estabelecimen-
to admiravel.

Romulo, a fim de prevenir as divisões entre o Senado, e o Povo, fez hum regulamento, (ao menos lho attribuem assim como outras muitas cousas) o qual contribuiu muito para a prosperidade de Roma. Permittio a qualquer plebeo eleger para si hum Patrono em o Senado. Humas reciprocas obrigações unirão os Patronos, e os Clientes; aquelles protegião os outros, por quem eraõ soccorridos em caso de necessidade. Aquelles laços de humanidade inspirarão a concórdia, e a moderação. Esta a razão porque não houve sangue derramado em as primeiras perturbações, que o ciume das ordens excitou, depois do estabelecimento da Republica. A feliz sorte da sociedade depende sobre tudo da uniaõ dos Cidadãos; e se os pequenos nada representam á vista dos grandes, o Povo será ou rebelde, ou opprimido.

Leis barbaras a favor dos Mari-
dos, e dos
Pais.

Os Barbaros tem poucas Leis, e as suas Leis trazem o sello da barbaridade. Citarei somente duas Leis de Romulo. A primeira permittia que os Homens repudiassem as suas Mulheres, e as mandassem tambem matar, não somente por crimes grandes, mas por ter bebido vinho; a mesma Lei prohibia ás Mulheres

lheres a separação de seus Maridos de-
baixo de qualquer pretexto. A segunda fa-
zia os Pais senhores absolutos de seus fi-
lhos; os quaes os podiaõ vender até tres
vezes em toda a idade, condemnallos á
mesma morte; podiaõ mais engeitar aquel-
les, que nascessem muito disformes, com
tanto que tomassem antecedentemente o
parecer de sinco pessoas da visinhan-
ça, não sendo obrigados a semelhantes
procedimentos a respeito das filhas se-
gundas.

Ter Homens, e Terras foi o ob-
jecto principal de Romulo. Alguns con-
sideraõ Romulo, como o Author da Po-
litica Romana, sempre attenta aos meios
de engrandecer, e de fortificar o Estado,
ou por meio de allianças, ou por meio
de Conquistas. Romulo inclinou-se prin-
cipalmente á guerra, da qual necessita-
va para se engrandecer, e para exercitar
por fóra o genio turbulento dos seus
vassallos.

Dous obje-
ctos de Ro-
mulo, ter
Homens, e
Terras.

A Italia era naquelle tempo seme-
lhante á antiga Grecia, dividida em mui-
tos Póvos pequenos, a maior parte dos
quaes se assemelhavaõ por hum valor fe-
roz, e de resto nada tinhaõ commum.
Roma esteve successivamente em guerra
com todos, por hum dilatado espaço de
tempo. He facil julgar, reflectindo ácer-
ca

As primei-
ras guerras
dos Roma-
nos pouco
dignas de
individua-
ções.

ca da sua origem, que nem os sitios, nem as batalhas daquelle tempo, quaesquer que fossem os effeitos, que dellas devessem resultar para o futuro, não mereciaõ as pomposas descripções, que dellas fazem os Historiadores.

8
Tacio, Rei
dos Sabinos, collega de Romulo.

Contra os Sabinos he que a nova Colonia exercitou logo o seu valor. Os Sabinos formavaõ huma especie de Republica confederada, cujas forças unidas podiaõ parecer dignas de se temerem: algumas das suas Cidades foraõ com tudo reduzidas a se sujeitar. Porém hum dos seus Principes, Tacio, Rei de Cures, penetrou até dentro de Roma. Tacio talvez a tivesse destruido, se as Sabinas roubadas pelos Romanos, não conservassem a paz entre os seus esposos, e os seus Pais. Ambos os Póvos se uniraõ á custa do poder de Romulo; porque dividindo Romulo a Dignidade de Rei com Tacio, admittio no Senado cem principaes Sabinos. O seu collega tendo sido assassinado seis annos depois, Romulo obrou de modo, que não lhe nomeáraõ outro Successor.

Romulo
assassinado
pelos Senadores.

Depois de novas victorias, cujo fructo era sempre augmentar o numero dos Cidadãos, admittindo-lhes os vencidos; o Rei, certo, e inteirado do affecto dos seus soldados, contando já quarenta e se-

sete mil vassallos, entregou-se muito ao gosto do dominio; pretendendo governar sem o Senado. Os Senadores conspirárao, e livrárao-se de Romulo occultamente; e a fim de occultarem o seu attentado, publicárao, que Romulo tivera sido arrebatado para o Ceo. Depois exercitárao alternativamente hum depois de outro o Poder Real, por espaço de hum anno de interregno. Romulo reinou trinta e sete annos.

N U M A.

O POVO cançou-se de obedecer a tantos Reis, e o Senado foi obrigado a fazer huma eleição. Como aquelle Povo se compunha de Romanos, e Sabinos em igual numero, os dous partidos disputavao a Coroa entre si. Concordárao finalmente ajustando-se, que os Romanos elegeriao, e que a sua eleição cahiria em hum Sabino. Numa Pompilio, vivendo retirado no campo, e indifferente ás honras, pareceo ser o Homem mais capaz de governar, ou o menos proprio para inspirar temor. Numa foi eleito, e accetou, a seu pezar, hum poder, de que fazia menos caso, do que da sabedoria, e do

39
Numa P6-
pilio, eleito
to Rei.

do estudo. Onde tinha numa podido tomar aquelle gosto da Filosofia? nós o ignoramos.

Numa cõ-
serva a paz
para formar
a Nação.

Tão grande era a paixão, que Romulo tinha pela guerra, quanto foi o zelo, que seu Successor teve pela paz. Numa Pompilio julgou dever abrandar os costumes de hum Povo feroz, o qual não estando corrupto, achava-se no ponto em que huma Legislação não podia deixar de acertar. Quando as Leis formão os costumes, os costumes chegaõ a ser de algum modo o fundamento das Leis. A sua reciproca influencia era a gloria de Sparta: Roma tambem experimentou as suas vantagens; e por este meio principalmente he que Roma merece elogios.

Influencia
reciproca
das Leis, e
dos costu-
mes.

Numa in-
clina-se á
Religião.

A piedade, e a politica, duas qualidades, que raras vezes se achão juntas, se viaõ unidas em Numa. Huma, e outra lhe serviraõ de regra. Numa mostrou-se inspirado, suppondo corresponder-se com a Nympa Egeria. Este artificio servio-lhe para espalhar os religiosos sentimentos, de que elle mesmo se achava penetrado. A Religião foi o movel principal, de que o novo Rei se servio, para sujeitar ás obrigações o caracter aspero dos Romanos. O mesmo Numa imprimio profundamente em a sua alma o temor do Ente invisivel, o qual vê, e castiga o crime

me, Erigio hum altar á *Boa Fé*, a fim de fazer sagradas as promessas; e instituiu as Festas do Deos Termo, para que os limites das herdades fossem inviolaveis. Estabeleceo as ceremonias do Culto; porque unem os corações aos pés dos Altares, e porque, sem estas, a Divindade faria pouca impressão em a maior parte dos espiritos; dividio os Ministros da Religião em diversas classes, sendo a primeira a classe dos Pontifices. O Summo Pontifice presidia a todas, e aquelle importante emprego pertencia á Dignidade de Rei, como hum dos eixos do Governo.

Instituições religiosas.

Conforme a conjectura de hum Author moderno, (Pelloutier, Historia dos Celtas,) os Antigos Romanos sendo hum mistura de Sabinos, de Latinos, e de Toscanos, todos Celtas de origem; a sua primeira Religião deveria ser, assim como a Celtica, muito differente do que chegou a ser, quando os Deoses da Grecia forão introduzidos em Roma, contra hum Lei de Romulo, que excluia as Divindades estranhas. Os Celtas não tinham Simulacros: os Romanos, segundo a relação de Plutarco, não tiverão Estatuas, senão 160 annos depois da fundação da sua Cidade. Os Celtas tributavaõ honras ao fogo, e entregavaõ-se á Arte dos agouros: razão porque no tempo

Primeira Religião de Roma, provavelmente Celtica.

Estabelecimento das Vestaes.

po de Numa se vem agouros, hum Templo levantado em honra de Vesta, e as Vestaes estabelecidas para conservar o Fogo Sagrado. Esta instituição de virgens consagradas ao Culto, he tanto mais notavel, quanto a virgindade, sem clausura, era huma obrigação, a qual não podiaõ violar senão com o risco de ser enterradas vivas. As Vestaes eraõ muito respeitadas. Tendo a liberdade para se casar depois de servirem trinta annos, preferirão ordinariamente as honras do Sacerdocio, ou porque o habito lhes alliviava o seu constrangimento, ou porque a idade dos prazeres lhes tinha já passado, ou porque a ambição, ou a piedade as inclinava ao Altar. Nunca houveraõ mais de seis Vestaes.

Os Feciaes.

A guerra revestida com as cores da Religião.

Attribue-se igualmente a Numa outro estabelecimento utilissimo, o estabelecimento dos Feciaes. Revestidos os Feciaes de hum character sagrado, decidiaõ da justiça de huma guerra, e cuidavaõ vigilantemente na observancia dos Tratados de paz. Os Feciaes deviaõ declarar a guerra aos inimigos, tomando o Ceo por testemunha da sua injustiça; e fazendo imprecações contra Roma, se a guerra fosse injusta a seu respeito. Este era o freio mais necessario para hum Povo guerreiro, e ambicioso. Varraõ

raõ observa que os Romanos olhando para a guerra com olhos de piedade, não se determinavaõ a emprendella senão vagarosamente, e sem paixãõ. Porém acaso não tinhaõ elles huma paixãõ encoberta, capaz de córar muitas injustiças, o desejo das Conquistas? Nós veremos Roma manifestar-se com o tempo, sustentar-se também sobre motivos, ou pretextos de Religiaõ, e olhar para o Mundo inteiro, como para huma victima, que o Ceo lhe destinava. O interesse facilmente engana os Homens os mais religiosos. O interesse muitas vezes faz da Religiaõ o instrumento das suas injustiças.

A Agricultura foi huma origem verdadeira de felicidade, e de virtude, que Numa abriu para o seu Povo. Distribuindo as Terras conquistadas em o ultimo Reinado, formou grandes espaços de Terreno, onde os cultivadores se applicavaõ a trabalhos uteis; e nomeou Homens para ter o cuidado de recompensar a industria, e de castigar a preguiça. Deste modo he, que a Agricultura chegou a ser huma occupação tão amada pelos Romanos. Os primeiros Homens do Estado acháraõ nella o seu prazer; e nunca o Estado foi mais glorioso, senão quando depois do triunfo se corria para o arado.

Numa inspira o gosto da Agricultura.

Ha-

Corpos de
Offícios es-
tabelecidos
para unir
os Roma-
nos, e os
Sabinos.

Havia ainda na Cidade hum principio de divisaõ, por causa do ciuime nacional entre os Romanos, e os Sabinos. Numa, segundo dizem, conseguiu destruir aquelle ciuime. O Povo distribuido em corpos de officios, e em sociedades, cada huma das quaes tinha os seus privilegios, esquecendo-se dalli em diante de toda a distincão do Paiz, não conheceo dahi em diante senão aquella da sua classe; com esta vantagem a respeito dos Egypcios, que as classes não eraõ separadas, de modo que excitassem os odios, ou suffocassem os talentos.

Novo Ka-
lendario.

Finalmente Numa teve a gloria de empregar a sciencia para o bem publico. O anno de Romulo era sómente de dez mezes. Numa substituiu-lhe o anno Lunar de doze mezes, o qual unio com o anno Solar por meio das intercalações. Isto he o que os Historiadores dizem; porém parece-me difficiloso conceber, donde Numa extrahira tanta sciencia, no meio de hum Povo barbaro. Os Athenienses apenas tinhaõ a menor idéa da Astronomia; e eis-aqui hum Sabino Astronomo.

Lei, que
permittia
emprestar
as Mulhe-
res.

Huma Lei singular, attribuida a Numa, permittia aos Maridos emprestar suas Mulheres a outros, depois de terem filhos dellas. Era este hum costume de Spar-

Sparta compativel entaõ com a pureza dos costumes, porque naõ se procurava, senaõ dar bons Cidadãos ao Estado, sem ter a respeito do Matrimonio as sublimes idéas, que nos dá a Religiaõ.

Numa morreo depois de hum Reinado pacifico de quarenta e tres annos. A sabedoria das suas Leis, e o conhecimento que tinha do Supremo Ser, o fizeram considerar, como discipulo de Pythagoras, posto que este Filosofo naõ apparecesse, senaõ no tempo do ultimo Tarquino. Em o anno de Roma 572, acháraõ-se alguns Livros de Numa em hum cofre, que continhaõ os seus sentimentos a respeito da Religiaõ. O Pretor Petilio tendo-os lido, disse ao Senado, que aquelles Livros eraõ perigosos, porque naõ concordavaõ com a Religiaõ estabelecida. Sobre aquella representaçãõ, o Senado os mandou queimar. Esta he huma prova, (supposto o facto,) da supersticiaõ, que havia alterado o Culto dos primeiros Romanos, e do interesse, que os Grandes tinhaõ em a conservar.

Morte de Numa.

Os seus Livros a respeito da Religiaõ queimados pelo Senado, muito tempo depois.

TULLO HOSTILIO.

TULLO Hostilio he eleito para Successor de Numa. Tullo principia o seu Reinado, distribuindo por todos os que não tinhaõ Terras, hum campo do dominio da Coroa. Tendo por este modo grangeado a si os corações, anima novamente o ardor militar, o qual huma paz dilatada não pudéra extinguir. A emulação de Alba contra Roma atea a guerra. Os dous Póvos disputaõ entre si a preeminencia. Nomeaõ-se de ambas as partes Campeadores, para decidir a contenda por meio de hum duelo singular. Da parte de Roma, Horacio, vencedor dos tres Curiacios, assegura a superioridade pela sua Patria. Sabe-se como Horacio matou sua irmã, que chorava por hum dos Curiacios, seu futuro esposo. Tullo o mandou julgar por dous Commissarios, e lhe aconselhou que appellasse para o Povo da sentença de morte. Assim foi o Povo reconhecido por Juiz supremo.

O modo com que Tito-Livio descreve aquelles diversos successos, os excellentes discursos, com que os aformozea, parecem mais depressa partos da

ima-

8;
Tullo Hostilio.

Guerra cõ os Albanos.

Horacio, e os Curiacios.

Tito-Livio digno de critica.

imaginação, do que passos da Historia. Este Excellente Escriitor abriu caminho, seguindo o exemplo dos Gregos, manejando as antigas tradições, muito imitando nisto por Rollin, e outros Modernos. Por ventura he no seio da Barbaridade que se pôdem achar discursos escritos com tanta Arte? O mesmo combate dos seis Campeadores he muito duvidoso, que parece ser copiado da Historia Grega.

Sufecio, General dos Albanos, culpado de perfidia, foi esquartejado por ordem de Tullo. A Cidade de Alba, á qual se dão quinhentos annos de Antiguidade, foi destruida em huma hora, e os seus habitadores passárao para Roma, onde os principaes entrárao no Senado. Roma ganhava terreno. Tullo derrotou os seus vizinhos, quando se atrevêrao a pegar nas armas. Porém, nos estragos de huma peste, elle não se pôde livrar das superstições, que produz ordinariamente o temor. Alguns Authores referem seriamente que Jupiter o ferira como raio ao mesmo tempo, que fazia hum Sacrificio Magico. Conjectura-se que Tullo fora assassinado.

Alba destruida.
Morte de Tullo.

ANCO MARCIO.

113
Anco Marcio.

Guerras
declaradas
aos Latinos. Formulario do Fecial.

O POVO, e o Senado deraõ a Coroa a Anco Marcio, neto de Numa por parte de sua Mãe: elle se mostrou digno do seu avô, cujas virtudes unia ao valor, e animo de Romulo. Os seus primeiros cuidados foraõ a respeito da Religiaõ, e da Agricultura. Os Latinos desprezando-o entaõ como hum Príncipe frouxo, commettêraõ hostilidades que perturbáraõ aquelles pacificos cuidados. Mandou-se-lhes pedir satisfação. Os Latinos recusáraõ, e o Fecial lhes declarou a guerra em nome do Povo. Naõ se falla do Rei em a Formula, cujos termos saõ os seguintes: *Por causa dos danos que os Latinos causáraõ ao Povo Romano, o Povo Romano, e eu declaramos a guerra aos Latinos, e a principiamos.* A estas palavras, lançou o Fecial no territorio inimigo hum dardo ensanguentado. Aquella guerra, e outras que se seguirãõ, serviraõ de gloria para Anco, e de beneficio a Roma.

Nada faz tanta honra a hum Rei guerreiro, como occupar-se depois da victoria em objectos muito mais interessantes para o bem publico. As obras de An-

Anco o teriaõ podido immortalizar, independentemente das suas proezas. Anco Marcio incluio no circuito da Cidade, que se limitava desde a sua fundação no monte Palatino, o monte Aventino, e o monte Janiculo, comprehendidos antecedentemente na Etruria. Mandou levantar huma ponte sobre o Tibre, a fim de comunicar com o Janiculo; edificou o porto de Ostia, na embocadura daquelle Rio; e mandou cavar marinhas de sal na borda do Mar, distribuindo ao Povo huma grande parte do sal, que dellas se tirava. Semelhantes distribuições de trigo, de azeite, &c. fizeram-se ao depois comuns, com o nome de *congiaria*, e se convertêraõ em abusos, como o observamos em outro lugar. Anco edificou huma cadeia, tanto mais necessaria, quanto devia augmentar-se a demasiada liberdade juntamente com o numero dos vasallos. Este Principe morreo depois de hum glorioso Reinado de vinte e quatro annos.

Porto de Ostia, marinhas de Sal, &c.

TARQUINO O ANTIGO.

139
 Tarquino
 o Antigo
 procura
 ambiciosamente, e
 obtem a
 Dignidade
 de Rei.

TARQUINO, por sobrenome o Antigo, quinto Rei, não deveo a sua elevação senão á facção, cujo uso elle introduzio. Natural de Tarquina, na Etruria, e filho de hum Comerciante rico de Corintho, tinha-se estabelecido em Roma, com a esperança de que a sua qualidade de estrangeiro não serviria de obstaculo á sua ambição de conseguir as honras, as dignidades, e tinha trocado o seu nome de Lucumon, em Tarquino, extrahido do lugar do seu nascimento. Hum merecimento verdadeiro, sustentado com as riquezas, e com huma industriosa politica, lhe tinha procurado, juntamente com a boa amizade de Anco, hum lugar em o Senado. Anco, quando morreo, o nomeou Tutor dos seus dous filhos, dos quaes o primogenito ainda não tinha quinze annos. Posto que a Coroa não fosse hereditaria, a veneração do ultimo Rei podia determinar os votos a favor da sua familia. Tarquino procurou a Coroa abertamente sem attender aos seus pupillos: e manejaudo tão bem os animos a seu favor, o Povo, ou comprado, ou persuadido lhe ordenou, que *se encarregas-*

gasse da administração dos negocios publicos, isto he, o elegeo Rei.

Tarquino, a fim de augmentar o seu credito em o Senado, tanto como para recompensar os seus sequazes, ercou cem Senadores novos, extrahidos das plebeas familias (*patres minorum gentium*). Elle grangeou muito mais o amor do Povo, edificando hum circo para os Jogos, seguindo o exemplo dos Gregos. Todo o Povo gosta dos espectaculos, e póde-se fazer conta de lhe agradar, quando se lhe dao divertimentos.

Os Latinos, os Etruscos, e os Sabinos, os quaes rompendo sempre com Roma, não accommettião de acordo, experimentárao successivamente o valor do novo Rei. Tarquino, semelhante aos seus Predecessores, soube aproveitar-se da victoria, incorporando os vencidos com os Cidadãos. Estabeleceo a cerimonia pomposa do triumpho: a qual foi depois hum motivo poderoso de emulação. Em quanto a Tarquino este era unicamente o meio de augmentar o respeito para com a sua pessoa.

Já em Roma se formavao aquellas idéas de grandeza, tão proprias para dar principio a grandes cousas. As obras executadas por Tarquino foraõ prodigios, em hum Seculo de barbaridade. Tarqui-

Tarquino
augmenta
o Senado,
e edifica
hum Cir-
co.

O numero
dos Cida-
dãos aug-
mentado
por meio
das victo-
rias.

Triunfo
estabaleci-
do.

Construc-
ções de
Tarquino.

no construiu aqueductos, e canos soberbos, rompendo os outeiros, e os rochedos para utilidade da Cidade. Aquelles que julgaõ do merecimento pela utilidade, porãõ os canos de Roma superiores aos fastosos edificios de Pericles. Hum carro carregado de feno podia passar por baixo da abobada, e Plinio ainda os admirava oitocentos annos depois da sua construcção. Tarquino edificou tambem Templos, Salas de audiencia, e escolas destinadas para a educaçãõ: terraplanou o cume do monte Tarpeio, onde depois se levantou o Capitolio.

Fabula do
agoureiro
Nevio.

He necessario que a Superstiçaõ tenha hum Imperio incrivel, ainda sobre os bons entendimentos, pois que no centro daquelles factos dignos da Historia, Tito-Livio colloca o conto do calhão, cortado sem esforço, com huma navalha de barbear, pelo agoureiro Accio Nevio, a fim de mostrar que a sua Arte era Divina. O mesmo Cicero, posto que tambem agoureiro, zombava daquella vã tradiçaõ. Santo Agostinho inclinava-se a dar-lhe credito, segundo a observação de Rollin; porém o virtuoso Rollin podia accrescentar, que dar-lhe fé, e fazer intervir o poder do Demonio, não he humma razãõ. Huma Estatua erigida a Nevio prova sómente que se enganáraõ com alguma

guma apparencia de prodigio, que se deo credito a huma Fabula, e que Homens poderosos se interessárao em consagrar a sua memoria.

Com effeito, a Arte de prognosticar o futuro, por meio do voo dos passaros, ou de outras circumstancias semelhantes, as quaes nenhuma correlação pôdem ter com o futuro; aquella Arte dos Etruscos, mais insensata do que a Astrologia Judiciaria, chegou a ser em Roma huma das grandes maquinas do governo, e huma das cadeias com as quaes se prendeo o Povo. Tarquino I., Etrusco de nascimento, e Grego de Origem, estabeleceo provavelmente as superstições da Etruria, e da Grecia, julgando-as uteis para a sua politica. A Religião simples de Numa se alterou muito no tempo do seu Reinado, e recebêrao-se os Deoses estrangeiros.

Este Principe morreo quasi de oitenta annos, assassinado pelos filhos de Anco Marcio, que o viao com pezar preparar a fortuna de Servio Tullio, seu Genro. Porém Tanaquil, Mulher de Tarquino, occultou industriosamente a sua morte, até que assegurou a Coroa a Servio: o qual era hum Latino, cuja Mãe tendo sido levada cativa a Roma, foi creado, e educado pelo ultimo Rei, com a ternura de hum Pai.

Supersti-
ções da E-
truria, e da
Grecia in-
troduzidas
por Tar-
quino.

omit
over

Tarquino
he assassi-
nado pelos
filhos de
Anco Mar-
cio.

SERVIO TULLIO.

175
Servio
Tullio se
apossa do
Throno, e
grangea o
amor do
Povo.

TENDO Servio tomado a authoridade sem o consentimento do Povo, e do Senado, por muito grande que fosse além disso o seu merecimento, Servio não podia reinar tranquillamente em hum Estado livre, se não suprisse de algum modo a falta dos direitos legitimos. Elle grangeou o amor do Povo, pagando as dividas dos pobres, dividindo por elles as Terras, de que alguns Cidadãos se haviaõ apossado, e diminuindo o intervallo que separava as duas ordens. O mesmo Servio se lamentou depois publicamente de huma conspiração formada pelos patricios * contra a sua vida, e requereu que se elegeisse hum Rei, como se elle estivesse pronto para largar o Throno. O Povo não teve trabalho em se decidir a seu favor.

Novas
guerras.

Servio seguindo o exemplo de Tarquino, levantou Templos á superstição; e alcançou victorias contra os visinhos de Ro-

* Os Senadores eraõ chamados Pais (*Patres*), donde procedia o nome de patricios, o qual distinguia as familias nobres.

Roma. Os Tratados, que aquellas Republicas pequenas tinham concluido com hum Rei, julgavaõ-se isentas delles a respeito do seu Successor. O odio, e o ciu-me lhes faziaõ pegar novamente nas armas. Donde se originavaõ perpetuamente novas guerras. Aquelle era sempre hum exercicio para o valor dos Romanos, e hum meio de augmento para o Estado: porque adquiriaõ-se ou Terras, ou Cidadãos.

Sem embargo de Servio ser ambicioso, pareceo entregar-se á paixãõ do bem publico. O seu Reinado fez brotar salutiferas mudanças, de que a Republica precisava. Os Romanos não pensavaõ, como os outros Póvos, que se não deve já mais tocar nem no governo, nem nos usos estabelecidos; elles devêraõ a sua prosperidade, em grande parte, a humas innovações, das quaes se indignariaõ os Egypcios, e alguns Filósofos entusiasticos. Reformar os abusos com prudencia he hum dever da Politica. E onde se não achaõ abusos para se reformar?

Haviaõ em Roma dous abusos consideraveis. Os tributos pagavaõ-se por cabeça, e posto que não ficasse mais vestigio algum da antiga igualdade de riquezas, aquelles tributos eraõ ainda iguaes; o que arruinava o pobre em beneficio do rico.

Servio em-
prende
uteis inno-
vações.

Dous abu-
sos para re-
formar: os
tributos
iguaes por
cabeça, e a
superiori-

dade da infima plebe em os Comícios.

rico. Porém assim como o pobre, o rico não tendo senão o seu voto, em as Assembleas do Povo, onde tudo se decidia pela pluralidade dos votos; os negocios os mais importantes estavam entre as mãos de hum Povo numeroso, facil de enganar, de esquentar, e que naturalmente devia imitar os excessos da Democracia Atheniense. Servio empreendendo extirpar aquelle segundo principio de desordens, o conseguiu.

Dá-se poder ao Rei para executar o seu plano de reforma.

Servio expôz logo em huma Assembleia geral, o abuso das contribuições ordinarias, e a necessidade de as proporcionar aos bens de cada particular. O Povo, lisonjeando-se com a esperanza de hum allivio, deo-lhe o poder para estabelecer o plano da reforma, que julgasse conveniente. Este plano que nós veremos executado, tem huma correlação essencial com a Historia.

Tribus da Cidade, e do campo.

Os habitantes da Cidade se dividiram em quatro Tribus, segundo os bairros; e os Camponeses em quinze Tribus, ás quaes se ajuntáram outras muitas depois; de modo que entre todas houveram trinta e cinco Tribus. Cada qual tinha as suas *Curias*, semelhantes ás nossas Paroquias, cujo Sacerdote se intitulava *Curião*. A conta exacta dos Cidadãos fez-se facil por aquelle methodo. Já se con-

Meio para facilitar o censo.

contavaõ oitenta mil Cidadãos em estado de pegar nas armas. Huma ordem severa de fazer exacta declaração de todos os bens, deo ao Rei os conhecimentos de que necessitava para terminar a sua Obra.

Servio formou depois de todo o Povo Romano seis classes, subdivididas em Centurias. A primeira classe comprehendia os ricos, cujos bens chegassem ao menos ao valor de dez mil drachmas, ou de cem mil azes de cobre, como os Romanos contavaõ naquelle tempo. Esta classe teve noventa e oito Centurias; entre as quaes dezoito eraõ de Cavalleiros, a quem o Estado dava, e provia os cavallos. (As viuvyas, até entãõ isentas de impostos, foraõ taxadas para aquelle objecto.) As quatro classes seguintes eraõ proporcionadas ás suas riquezas, e faziaõ em tudo noventa e sinco Centurias. A sexta composta de pobres, posto que a mais numerosa, não tinha senãõ huma unica Centuria. Os seus membros se chamaõ *Proletarii*, porque os seus serviços consistiaõ em dar filhos para a Patria; e *Capite censi*, por fazer numero, sem pagar impostos, e sem serem obrigados como os outros, a hir á guerra.

Esta nova divisãõ produzio hum grande effeito. Em os Comicios, recebê-

Os Cidadãos divididos em seis classes, e as classes em Centurias.

A primeira Classe do-

minava em
os Comi-
cios.

raõ-se os votos por Centurias, e não por cabeça. Deste modo a ultima classe, conservando o direito de votar, não teve verdadeiramente nenhuma influencia a respeito das deliberações; em lugar que a primeira era a unica que decidia, quando as suas Centurias concordavaõ. A primeira Classe comprava esta vantagem com o dinheiro, e com os Homens que provia; porque cada Centuria devia dar para o Exercito huma certa quantia, com hum certo numero de Soldados. Porém acaso era justo fazer os ricos arbitros das deliberações? Julgar-se-ha pela continuação.

A ultima
Classe ex-
cluida da
milicia.

Os moços, e os velhos se distinguiaõ em cada Classe, excepto a ultima. « A razão he, diz o célebre Rousseau de « Genebra, porque não se concedia á « plebe, da qual aquella Classe se com- « punha, a honra de pegar nas armas « pela Patria: era necessario ter fôgos « para obter o direito de os defender; e « daquellas innumeraveis tropas de men- « dicantes, com que hoje em dia bri- « lhaõ os Exercitos dos Reis, não ha « talvez hum, que não tivesse sido en- « pulsado com desprezo de qualquer co- « horte Romana, quando os Soldados eraõ « os defensores da liberdade. » (*Contr. Social, Liv. IV.*) O Genebrez exaggera nes-

neste lugar, assim como em outra qualquer parte, porém he sem duvida, que se defendem os proprios fogos com maior valor, do que os direitos, ou as pretensões alheas. Xenofonte dizia judiciosamente: *por ventura qualquer Terra não inspira valor ao seu possuidor?*

Servio antevendo, que sendo as riquezas sujeitas a mil accidentes, varios Cidadãos se achariaõ logo depostos das suas Classes; ordenou que o Censo se renovasse todos os sinco annos, com as ceremonias que foraõ a causa de lhe dar o nome de *Lustro*. Os *Lustros* chegáraõ a ser entre os Romanos humia conta do tempo, assim como as Olympiadas entre os Gregos.

Censo,
Lustro.

A sorte dos escravos merecia a compaixão de hum bom Principe, e Servio a suavizou como bom Politico. Elle via bem, a pesar da barbaridade dos costumes, quanto horroroso era, que a escravidão se transmittisse de Pais a filhos, sem que a Humanidade podesse nunca recuperar os seus direitos; quantos escravos reduzidos á desesperação deviaõ necessariamente ser inimigos de seus Senhores; quaõ facil seria, unillos ao Estado, fazendo-lhes esperar de chegar a ser seus membros. Servio penetrado daquellas razões, as quaes o Senado teve grande

Suavidade
da sorte
dos escravos.

Libertos
admittidos

no numero
ro dos Ci-
dadãos.

de trabalho em as approvar, permittio não sómente que se dêsse a liberdade aos escravos, porém que se encorporassem os libertos em o numero dos Cidadãos. O nome de libertos, que estes conservavaõ, excitava idéas humildes; não obstante, escapar da condição servil era huma grande felicidade; tanto mais que os Romanos não differenciavaõ os seus escravos das suas bestas. Os libertos entráraõ em as quatro Tribus da Cidade, as menos consideraveis de todas.

Servio fo-
cega a ani-
mosidade
dos Sabi-
nos, e dos
Latinos.

Outro projecto executado por Servio merece todos os nossos elogios. A força das armas, e os tratados, unindo os Sabinos, e os Latinos á Republica Romana, não podéraõ extinguir a sua animosidade contra hum Povo levantado sobre as suas ruinas. O Rei a fim de fortificar a paz, cujas vantagens representou vigorosamente, obrigou-os a edificar hum Templo em Roma, em honra de Diana, onde sacrificariaõ todos os annos em common. Servio regulou, que depois dos sacrificios, se terminariaõ as differenças amigavelmente, e que se deliberaria a respeito dos meios de conservar a concordia, e a amizade; que depois haveria huma feira, onde cada qual podesse prover-se das fazendas, de que necessitasse. A Religião, as Conferencias, e o Com-

o Commercio, tudo concorreo com o tempo para fazer daquelles estrangeiros outros tantos Romanos; e assim elles como Roma logrão os mesmos beneficios. As condições do tratado, posto que feitas na lingua Latina, forão gravadas em huma columna, em caracteres Gregos. Dionysio de Halicarnasso, que se esforça em dar huma origem Grega aos Romanos, não deixa de insistir a respeito desta prova. Por ventura não se provaria do mesmo modo que os Godos, os Francos, e os Lombardos, provem de Roma, porque se serviraõ de caracteres Romanos.

Tratado
na lingua
Latina, e
em caracte-
res Gre-
gos.

Certifica-se que Servio sacrificando tudo ao bem do Estado, pensava em depôr a Dignidade de Rei, a fim de estabelecer hum Governo republicano, quando foi arrebatado aos seus vassallos por meio de hum crime atroz. Tullia, sua filha, monstro de ambição, e de crueldade, tinha casado com Tarquino, neto do Rei do mesmo nome. Ambos empreendem tirar o Throno a Servio. A conspiração termina-se com o Regicidio, cujo cadaver foi pisado debaixo do carro da sua execravel filha. De seis Reis de Roma, todos dignos de elogios, são quatro, os que morrem de morte violenta.

Assassinio
de Servio.

TAR-

 TARQUINO O SOBERBO.

219
 Tarquino
 o Soberbo.

Sua Tyrã-
 nia.

MANCHADO com o sangue mais precioso, usurpador do Throno, sem dignar-se de recorrer nem o Povo, nem ao Senado, Tarquino devia reinar como Tyranno. Em lugar de Leis vio-se a injustiça, e a violencia. Porém Tarquino, como Tyranno sagaz, não desprezou meio algum de estender, e de fazer firme o seu poder. Attrahindo-lhe as vexações o odio dos Cidadãos, procurou hum apoio em o Exercito. A sua brandura, e os seus beneficios grangeárao-lhe o amor de huma parte dos soldados. Huma guarda numerosa de Estrangeiros o defendia, ao mesmo tempo em que as denuncias, e os supplicios espalhavao o terror, e as Assembleas do Povo sendo suspensas por Decretos, não havia recurso algum contra as emprezas da Tyrannia.

Como Tar-
 quino sob-
 juga os
 Gabios.

O seguinte passo he dos mais celebres da politica de Tarquino. Varios Patricios, refugiados em Gabias, Cidade dos Latinos, tinham sublevado os seus habitantes contra Tarquino. Sexto, seu filho, cujos passos erao dirigidos por Tarquino, affecta ser-lhe traidor, com o pretext-

texto de alguma discordia, e retira-se para aquella Cidade; onde Sexto executa tão bem o seu fingimento, que chegou a alcançar o mando das tropas. Então Sexto manda consultar a seu Pai, sobre o modo, com que deve proceder. Tarquino não querendo explicar-se nem por palavra, nem por escrito, conduz o Emisario a hum jardim, abate na sua presença as cabeças das papoulas que excediaõ as outras, e o manda partir sem outra resposta. Sexto adivinhou o enigma, e mandando matar os Gabios principaes, entregou a Cidade a seu Pai.

O Tyranno unia o valor com a crueldade, alcançando victorias contra todos os seus inimigos. O Senado estava sem forças, o Povo abatido soffria o jugo sem se atrever a queixar-se: Roma parecia reduzida áquelle ponto de frouxidão, e de abatimento em que principia ordinariamente a escravidão das Nações.

Huma fraude politica, (porque não se póde dar outra idéa a respeito deste objecto) pôz em obra a Superstição, a fim de fazer o Povo mais docil. Os Historiadores referem que huma Mulher incognita apresentou ao Rei nove volumes, pelos quaes pretendia huma grande quantia; que não os tendo querido o Rei pagar tão caro, a Mulher queimára tres

As suas victorias augmentaõ o seu poder;

Livros Sibyllinos, uteis para senhorear o Povo.

volumes, e dos outros seis tornára a pedir o mesmo preço; que depois de hum nova recusação, a mesma Mulher queimára ainda outros tres volumes; que depois principiára novamente a mesma scena; e que tendo sido reconhecidos os Livros que ficáraõ, como oraculos da Sibylla de Cumes, Tarquino os comprára; depois do que a Mulher desapareceo. Aquelles Livros guardados preciosamente foraõ no poder do Príncipe, e depois do Senado, os infalliveis interpretes da vontade dos Deoses. Em caso de necessidade, faziaõ-se fallar os Livros, donde se extrahiaõ os Oraculos, que o interesse presente podia dictar. Com hum ma máquina semelhante, não havia duvida de senhorear hum Nação supersticiosa.

Capitolio
edificado.

Fabula que
servio para
elevar o a-
nimo dos
Romanos.

Ao mesmo tempo se executou o projecto do primeiro Tarquino, de edificar o Capitolio, e foi esta hum occasião para fabricar outra Fabula, que não produzio menores effeitos. Cavan-do-se a Terra para os alicerces do Templo de Jupiter, se achou, segundo dizem, hum cabeça de Homem tão fresca como se fora cortada naquelle mesmo instante. Os agoureiros consultados sobre aquelle prodigio, declaráraõ que Roma chegaria a ser a Capital da Italia. Donde se origi-
nou

nou o nome de *Capitolio*, que se deo ao monte Tarpeio. Semelhantes ficções ferialão os entendimentos, elevavaõ as almas, e inspiravaõ huma especie de enthusiasmo, ao qual foraõ os Romanos em parte devedores dos seus successos. Persuadidos de que os Deoses lhes destinavaõ o Imperio, os Romanos corriaõ para os combates, como para humas victorias certas, e seguras.

Com tudo Tarquino colhia os fructos da sua politica. As quimeras, com que entretinha o Povo, acabavaõ, e aperfeiçoavaõ o que a violencia havia principiado. Tarquino reinava como Despotico; e provavelmente teria gozado até ao fim de hum poder usurpado, se o attentado de Sexto seu filho contra a casta Lucrecia não excitasse a mais viva indignação. Junio, por sobrenome Bruto, cujo Pai tinha sido huma das victimas do Tyranno, de quem elle mesmo se não livraria, senão fingindo-se louco, aproveitou-se do instante de se vingar, quebrando os ferros da Patria. A sua eloquencia animou novamente o valor dos Senadores. O Povo, ao nome da liberdade, e á vista do cadaver de Lucrecia, que se matára pelas suas proprias mãos, sahio do seu entorpecimento. Tarquino sitiava Ardea. O mesmo Tarquino, e a sua

Lucrecia
violada pelo
filho de
Tarquino.

Bruto faz
proscrever
a Dignidade
de Rei.

posteridade foraõ condemnados a hum desterro perpetuo; consagrou-se com maldições aos Deoses infernaes todo o que tentasse restabelecer a Tarquino: o Governo Republicano se substituiu ao Governo Monarquico. Esta grande revolução não foi tanto effeito da tyrannia de Tarquino, como do crime de seu filho. Lucrecia violada fez abominavel hum poder, do qual nenhuma outra cousa se vio mais que o abuso. Athenas ao mesmo tempo sacudio o jugo dos Pisistratidas. Ha huma correlação singular entre as causas, e as circumstancias de ambas estas revoluções.

Roma deve muito
aos seus
Reis.

Sete Reis governáraõ Roma por espaço de 244 annos. Elles lançáraõ os fundamentos da sua grandeza, porque todos eraõ grandes Principes, sem exceptuar o ultimo, ao qual devem-se arguir as injustiças, porém não negar-lhe a gloria do engenho, e dos talentos. Montesquieu diz a seu respeito: « Desgraça-
« da a reputação de qualquer Principe,
« que he opprimido por hum partido,
« que chega a ser o dominante. » He provavel com effeito, que se a Coroa de Tarquino tivesse ficado na sua familia, a sua memoria teria sido menos denegrida, e ainda celebrada em os Annaes de Roma. Os Historiadores são suspeitos de
ter

ter encarecido a descripção da sua Tyrannia.

Pergunta-se como sete Reis electivos, quatro dos quaes morrerão assassinados, e o último foi privado do Throno, abração na Historia hum espaço de 244 annos, ao mesmo tempo em que os Reinos hereditarios não dão exemplo de huma igual duração de sete Reinados. Pergunta-se por que prodigio todos aquelles Reis mostraõ qualidades superiores; o que também não tem exemplo. Donde se tira huma prova contra a sua Historia. A difficuldade he grande sem duvida. Eu lhe não opponho nem probabilidades, nem conjecturas. Naquelles principios, as datas, e certas particularidades pôdem ser falsas; porém julgo ter relatado cousas uteis.

Duvidas a
respeito da
Historia
destes Reis.

SEGUNDA EPOCA.

OS CONSULES

EM LUGAR DOS REIS.

O Povo opprimido pelo Senado desde o anno de Roma 245, até 260.

OS Romanos, juntos em Tribus, e em Curias, tinham publicado o Decreto irrevogavel contra a Dignidade de Rei. Aquella era verdadeiramente a Obra da Nação, pois que nesta especie de Comicios, não valendo de nada as riquezas, todos os votos eraõ iguaes. Porém quando foi necessario prover o Governo da Republica, os Patricios, attentos aos seus interesses, preferirão os Comicios por Centurias, onde a primeira classe excedia a todas as outras. Do seu corpo se tiráraõ dois Magistrados annuaes, os quaes com o nome modesto de Consules, exercitáraõ a Real Authoridade. Bruto, Author da Conspiração, e Collatino, Marido de Lucrecia, foraõ nomeados para o Consulado. O nome de Rei tinha, sem duvida, alguma cousa de sagrado, pois que não o aboliraõ inteiramente. Creou-se hum novo Sacerdocio, ao qual se

246

Dous Consules substituidos ao Rei pelo Senado.

O nome de Rei unido com o Sacerdocio.

se unio aquelle titulo ; porém o *Rei dos Sacrificios* nenhuma authoridade teve em os negocios civis.

Nada he mais proprio para inflamar os animos, e para produzir acções extraordinarias, do que huma passagem repentina da Tyrannia para a liberdade; ainda quando a liberdade he menos real do que apparente. Os perigos, e os trabalhos não intimidão; tudo se sacrifica para se manter em hum Estado, onde todos se julgaõ arbitros de tudo, os animos ardentes esquentão os outros, e a paixão do bem publico parece só animar o Povo inteiro. Roma dá diversos exemplos dos effeitos da liberdade bastante-mente conhecidos.

Tarquino, abandonado das suas tropas, tinha-se refugiado em Tarquinia. Os Etruscos mandáraõ huma Embaixada, com o pretexto de pedir a restituição dos seus bens. Alguns mancebos Romanos sendo enganados por aquelles perigosos Embaixadores, conspiráraõ a favor de hum Rei, a quem julgavaõ perseguido, ou cujos favores desejavaõ ambiciosamente. Tendo sido descoberta a conspiração por hum escravo, e achando-se ambos os filhos de Bruto incluídos no numero dos culpados, o mesmo Pai pronunciou contra elles a sentença de morte, e os

Enthusiasmo da liberdade.

Bruto condemnna á morte os seus dous filhos.

man-

mandou executar na sua preença. Exemplo horroroso, o qual Bruto julgou ser necessario a fim de cortar o mal até á sua propria raiz. Os bens de Tarquino foram entregues ao Povo. Os Embaixadores Etruscos, cuja perfidia tinha violado o direito das gentes, foram despedidos. Este lance de moderação faz tanta maior honra aos Romanos, quanto mais odiosos lhes deviaõ parecer os inimigos da sua liberdade.

Collatino renuncia o Cõsulado, e Bruto morre em hum batalha.

Collatino pareceo suspeito, unicamente por se ter mostrado menos severo do que Bruto para com os conspiradores; e o teriaõ desterrado, se não renunciára o Consulado, conforme o parecer do seu collega. Este morreu com as armas na mão em hum batalha contra Aruns, filho do Rei. Bruto, e Aruns mutuamente se ferirão mortalmente, e a liberdade fortificou-se com o sangue do seu Author principal. Fez-se a Oração funebre de Bruto; as Mulheres andáraõ de luto por hum anno inteiro.

Procedimento de Publicola a favor do Povo.

O espirito de liberdade he taõ suspeito, que Valerio Publicola, novo Consul, e homem popular, foi suspeito de aspirar á Tyrannia, por edificar hum casa em hum terreno, que dominava a Praça publica. Publicola, a fim de grangear novamente a confiança dos Romanos,

nos, desmantelou a sua casa, tirou as alabardas aos seus Lictores, em lugar do que lhes mandou dar lanças, com as quaes quiz que se fizessem continencias na presença da Assembleia do Povo; permittio matar qualquer que tentasse erigir-se como Soberano; permittio appellar para o Povo das sentenças dos proprios Consules; finalmente confiou o Theouro publico a dous Senadores eleitos pelo Povo. Valerio Publicola foi eleito Consul quatro vezes por causa do seu procedimento, que naturalmente devia desagradar ao Senado, muito cioso da authoridade, porém necessitava-se de Povo contra o inimigo.

Porsena, o mais poderoso Rei da Etruria, tomou como propria a causa de Tarquino; e appareceo logo ás portas de Roma. O Senado havia-se acautelado, ou fazendo provimentos de viveres, ou alliviando os Cidadãos pobres de todo o imposto, os quaes por causa de discontentamento podião excitar a rebelliaõ. Declarou-se, que os filhos que elles davaõ para a Republica, eraõ hum tributo sufficientemente grande, que pagavaõ. Com tudo a Cidade talvez tivesse ficado vendida, sem a acção quasi incrivel de Horacio Cocles, que defendeo só a ponte do Tibre, ao mesmo tempo, em que se

Porsena fittia Roma.

Acções de Horacio Cocles, e Mucio Scevola.

tra-

trabalhava para a desmanchar. O sitio mudou-se em bloqueio, e a fome temia-se. Se se deve dar credito a Tito-Livio, porque o silencio de Dionysio de Halicarnasso faz o facto muito duvidoso, Mucio Scevola, mancebo intrepido, julgando que tudo lhe era licito a fim de libertar a Roma, entrou no campo do Rei Etrusco, e penetrou até á sua propria tenda, com a resolução de o assassinar á custa da sua propria vida. Mucio não executando o golpe por inadvertencia, declarou altivamente a Porsena, que outros muitos Cidadãos tinhaõ formado o mesmo projecto. *Obrar, e soffrer como Heróe*, lhe disse Mucio, *he o character Romano*. Por ventura hum homicidio era pois cousa tão heróica? E como podêraõ os Historiadores de Roma celebrar aquella acção, condemnada por todas as Leis das Nações? Só o Fanatismo consagra tudo quanto he contrario á Humanidade.

Porsena faz
a paz.

Clelia.

Porsena mostrou-se mais generoso, mandando livre o assassino, e concluiu a paz com os Romanos. Passo em silencio a Historia de Clelia, e das suas companheiras, dadas em refens, as quaes são obrigadas a passar novamente o Tibre a nado debaixo de hum chuveiro de frechas. As maravilhas entretem os meninos, porém aos outros unicamente ensina a des-

desconfiar das tradições antigas. Horacio Cocles, Mucio Scevola, e Clelia forão, segundo dizem, cheios de honras, e de recompensas. O certo he que Roma formava Heroes honrando o valor. Roma perdeu em Valerio Publicola hum verdadeiro modelo do patriotismo; o qual morreo pobre, havendo sido quatro vezes Consul. As suas exequias se fizeram á custa do Publico; e o luto, que trouxeraõ hum anno as Senhoras Romanas, assim como por Bruto, foi huma expressaõ manifesta dos sentimentos da Patria.

Morte de
Publicola.

Com tudo as intrigas de Tarquino continuavaõ. Trinta Cidades do Lacio alliãraõ-se, e uniraõ-se ao seu partido. Roma tinha em seu seio hum principio de sublevaçaõ. Os Patricios geralmente, em lugar de ser como antecedentemente os Pais do Povo, unicamente aspiravaõ a fazer-se os seus Senhores. A desigualdade da fortuna crescia todos os dias, e trazia comsigo juntamente as sementes da divisaõ. Nenhuma outra cousa se via, senaõ ricos, e pobres. Posto que as riquezas fossem mediocres em hum Estado pequeno sem Commercio, com tudo eraõ excessivas em comparaçaõ da indigencia daquelles, que careciaõ de tudo. Aquelles desgraçados naõ possuindo terras

O Povo vexado pelos
Patricios.

ras algumas, ou poucas, não tendo industria alguma, e não sabendo desprezar a morte em os combates, viviaõ de emprestimo; a usura chegava a doze por cento. Depois de ter accumulado dividas sobre dividas, achavaõ-se expostos ás violencias dos Credores impios, os quaes ou os mandavaõ prender, ou os reduziaõ á escravidão. O Povo opprimido por causa das vexações, declarou, que não se alistariaõ para a guerra, menos que as dividas não se abolissem. Alguns até ameaçaraõ que abandonariaõ a propria Cidade. « Que nos importa, diziaõ elles, huma « Patria, onde não se nos deixa cousa « alguma mais que a obrigação de verter « por ella o nosso sangue? acaso não vi- « veremos nós igualmente em outra qual- « quer parte? ao menos não acharemos « lá credores. »

Crueldade
dos Credores.

Murmura-
ções dos
pobres.

Propõe-se
a abolição
das dividas,
á qual se
oppõe Ap-
pio Clau-
dio.

Inquieto o Senado com semelhantes murmurações delibera a respeito de hum negocio tão grave. Valerio, irmão de Publicola, propõe a abolição das dividas, como hum partido, que a humanidade, e a prudencia exigem. Os Senadores mais doces, os mais pobres applaudem o seu discurso. Porém Appio Claudio, Sabino rico, estabelecido novamente em Roma, altivo, cruel, e inflexivel, representa que abolir as dividas,

se-

seria arruinar a Fé publica, a base da Sociedade; que o mesmo Povo padeceria, pois que em caso de necessidade acharia por este meio fechadas todas as bolsas; que se podia ter indulgencia para os devedores, que não haviaõ merecido a sua infelicidade, por causa de hum máo procedimento; porém que os outros sendo a vergonha de Roma, não se devia ter delles saudades, se a abandonassem; que de resto afrouxando-se, a sedição se excitaria; e que não era necessario senão hum, ou dous exemplos de severidade, para conter os amotinadores. Aquellas especiosas razões não convinhaõ de modo algum na presente situação do Povo: o mal era muito geral. Perdíaõ-se totalmente, reduzindo á desesperação aquelles, que faziaõ a força do Estado.

Em huma crise semelhante, o Senado devia fazer pouca conta dos expedientes, cujo effeito pareceria duvidoso. O mesmo Senado differio a decisão para depois da guerra, contentando-se de suspender todas as dividas naquelle intervallo. O inimigo avisinhava-se. Os amotinadores esquentavaõ-se mais. Excepto os plebeos mais ricos, e os clientes, que estavaõ unidos com os Nobres por causa de huma obrigação particular, todos

os

O Povo re-
cusa pegar
nas armas.

Engana-se
o Povo,
propondo-
se a Dicta-
dura.

os mais recusaõ pegar nas armas, até que se lhes conceda o que elles pedem. Então imaginou a Politica hum meio para enganar o Povo. Propoz-se a fim de finalizar as dissensões, crear hum Magistrado com o nome de Dictador, o qual fosse inteiramente senhor de toda a authoridade, e governasse como Soberano a Republica em humas conjuncturas, em que as regras ordinarias eraõ faltas de poder: o Dictador não podia exercitar o seu Emprego, senão seis mezes, com receio de que o seu poder degenerasse em Tyrannia.

255
Creação de
hum Dicta-
dor.

O Povo, sempre facil em se deixar enganar a respeito do futuro, que não prevê, approvou sem grande trabalho aquelle expediente. A nomeação do Dictador reservava-se para hum dos Consules. O Povo a devia sómente confirmar. Longe de desejar ambiciosamente aquelle grande Emprego, ambos os Consules, Clelio, e Larcio, disputáraõ generosamente entre si, sobre quem nomearia o seu collega. Larcio cedeo, e foi Dictador. Deve-se admirar como hum dos phenomenos principaes da Historia, que dando a Dictadura o direito de vida, e de morte, e o poder mais despotico, tenha sido muitas vezes a salvação de Roma; que nenhum ambicioso tenha abusado da-
quel-

A dictadu-
ra foi uti-
lissima.

quelle poder; e que tenhaõ renunciado o mesmo cargo de Dictador antes dos seis mezes, logo que o seu objecto se completava. Sylla foi o primeiro exemplo de usurpação a este respeito. Taõ grande era o imperio que as Leis tinhaõ sobre a alma dos Romanos!

Larcio creou logo hum General da cavallaria (*Magister equitum*), cujo emprego devia durar tanto tempo, como o seu; o que sempre depois se praticou. O mesmo Larcio depois com hum cortejo de vinte e quatro Lictores armados com alabardas, mostrou-se resolutos a castigar severamente o crime, e a rebellião. Sendo os seus juizos sem appellação, os amotinadores tremêraõ, e sentiraõ a necessidade da obediencia. Fazendo-se a resenha exacta dos Cidadãos, acháraõ-se mais de cento e sincoenta mil superiores á idade de puberdade*. O Dictador formou tropas como quiz. Os Latinos, que ameaçavaõ Roma, desejáraõ huma suspensão de

O Dictador
Larcio re-
prime a se-
dição.

Resenha
exacta dos
Cidadãos.

* Não sei se nos devemos fiar em as resenhas exactas dos Cidadãos, taes como os Historiadores as referem. A oitava resenha, em o anno 279 de Roma, só consta de cento e tres mil Cidadãos; e a nona, em 288, he de cento e cincoenta mil duzentos e quinze. As guerras, e as doenças podiaõ diminuir muito o numero em hum espaço pequeno de annos. Porém como se acha esta resenha tão augmentada em tão breve tempo?

de armas; Larcio concluiu a tregoa, e depôz logo a Dictadura.

Batalha da Regilla, a qual affigura o estabelecimento da Republica.

Assim que a tregoa espirou, os Latinos pegárao novamente nas armas. Pareceu ser necessario hum segundo Dictador. Posthumio revestido daquella Dignidade marchou contra os inimigos. O seu exercito se compunha de quarenta e tres mil Homens. Posthumio tinha unicamente vinte e sinco mil Homens; porém as suas tropas, tendo para combater o filho de Tarquino, estavao transportadas de todo o ardor que a Tyrannia pôde inspirar. A sanguinolenta batalha de Regilla determinou a sorte da Republica. Naquella batalha morrêrao Tito, e Sexto, filhos do Tyranno. Apenas se salvárao dez mil Latinos. Este Povo pedindo a paz aos Romanos, sujeitou-se para sempre.

Os Latinos sujeitos inteiramente.

Morte de Tarquino.

Tarquino morreo em Cumas na Campania, cheio de annos, e de infortunnios. A liberdade de Roma era o fructo do seu despotismo, e Tarquino experimentou que a ambição, ainda a mais feliz, pôde conduzir para o precipicio. Nisto he em que os ambiciosos nunca pensão, a pezar da experiencia de todos os Seculos.

Os Patricios principiaõ no-

Os Patricios tinhao conservado alguns respeitos para com o Povo, em quanto receavao ver chegar o momento, em

em que chamassem novamente a Tarquino, e livres daquella inquietação, reduplicárao as suas violencias. Executou-se mais rigorosamente que nunca a odiosa Lei, que permittia carregar de ferros, e tambem vender os devedores, que não podessem pagar. Toda a Cidade se encheo logo de vexações, e de murmurações. Hum velho foge da prizaõ, mostra-se na Praça, magro, e horrendo; descobre as cicatrizes das feridas, que recebeu na guerra, e os sinaes ainda frescos dos golpes, com que hum credor impio, o mandou despedaçar; e relata as suas desgraças causadas por accidentes, e pela avareza alheia. O Povo se enfurece; o Senado se ajunta; e Appio Claudio vota, como antecedentemente tinha feito, em não conceder cousa alguma, e em castigar.

vamente as
suas vexa-
ções.

Sedição do
Povo.

Aquelle parecer era insupportavel, e muito mais em huma occasião, em que os Volscos tendo violado hum Tratado de paz, se lhes tinha declarado a guerra. De repente chega a noticia, que os Volscos se avançam com hum exercito numeroso. Os plebeos não dissimulando o seu contentamento, declaraõ que os Patricios pódein hir combater, pois que elles sómente se aproveitaõ da victoria. Porém a docilidade do Consul Servilio,

Procedi-
mêto pru-
dente do
Cõsul Ser-
vilio a fim
de fôcegar
o Povo.

as suas promessas, que se satisfaria o Povo, entre tanto concedida a suspensão das dívidas, e o amor da Patria novamente animado pela esperança, socegaõ aquelles valerosos Cidadãos. Os devedores se fazem alistár á porfia huns com os outros. Servilio derrota os Volscos, e reparte todo o despojo pelos soldados. Appio, seu collega, arguindo a Servilio de huma condescendencia popular, determinou o Senado para lhe negar a honra do triumpho. Servilio, indignado de semelhante affronta, ajunta o Povo no campo de Marte, queixa-se da injustiça do Senado, ordena elle mesmo o triumpho, e marcha com toda a pompa para o Capitolio, seguido do exercito, e entre as acclamações de todo o Povo.

O Senado
nega-lhe o
triumfo: o
mesmo Ser-
vilio o or-
dena.

Crueldade
inflexivel
do Senado,
seguida de
humarebo-
lhaõ.

He para admirar, que o Senado, cuja sabedoria, e prudencia tanto se celebra, se obstinasse em os partidos de rigor; como se o horroroso estado do grande numero dos plebeos não tivesse pedido hum remedio prompto; e como se fosse possivel ter sempre opprimido hum Povo guerreiro, sem o qual não se podia defender. A Aristocracia he o mais cruel de todos os Governos. Os Senadores a pretendiaõ estabelecer, e o seu procedimento bastava para a fazer detestar. Debalde sollicitou o Povo a execuçaõ das

das promessas de Servílio. O inexoravel Appio sempre esteve firme contra as queixas dos infelizes. Então estes se ajuntão, cercaõ os Tribunaes, insultaõ os Senadores, e recusaõ absolutamente alistar-se contra os Sabinos, os quaes com o favor daquellas perturbações levantáraõ o Estandarte da rebelliaõ.

Appio persiste em sustentar no Senado, que he necessario reprimir a insolencia, e o insulto com o terror: que a appellação dos juizos Consulares he a origem das sedições; e que para as remediar, basta nomear hum Dictador, cujo poder absoluto suffocará o espirito de rebelliaõ. O seu parecer he seguido. Valerio he elevado á Dictadura. Felizmente era este hum Homem prudente, e moderado. As suas promessas obrigaõ os Plebeos para a defeza commum. Valerio, depois de derrotar os Sabinos, requer que as dividas sejaõ abolidas. O mesmo Valerio acha os mancebos Senadores teimosos em negar a extinção das dividas, e sendo tambem insolentemente accusado de ser traidor aos interesses do seu corpo, a favor da plebe, sahe cheio de indignação, convoca o Povo, e depois de lhe ter dado conta da má vontade do Senado, depõe a sua Dignidade de Dictador.

O Dictador
Valerio de
balde se en-
força em
applacar o
Senado.

Os Soldados detidos a seu pezar, por causa do juramento.

Tanto maior foi o reconhecimento, e o respeito, que lhe mostráram, quanto mais se entregáram ao odio contra o corpo dos Patricios. A sedição já estava quasi para se manifestar. Os Consules, que tinham ainda cada hum o seu exercito prompto, ordenáram aos Soldados, que os seguissem com o pretexto de huma nova guerra. Os Consules fiavam-se na força do juramento, de que a Religião fazia huma Lei inviolavel para com os Romanos. Todos os Soldados alistando-se juravam de obedecer aos Generaes; e até que fossem despedidos, aquelle juramento os obrigava para o serviço militar. Foi pois necessario sahir de Roma. Os mais furiosos pensáram matar os Consules, a fim de se desobrigar do seu juramento; até que ponto não cegam as paixões a consciencia? Representáram-lhes, que hum vinculo sagrado não se podia quebrar por meio de hum crime. Não obstante imagináram outro expediente frivolo, que servisse para illudir a lei. Este foi roubar furtivamente as insignias, ou as bandeiras, e retirarem-se com ellas. Os soldados tambem juravam de não as abandonar, e julgáram ser fieis ao juramento, sendo traidores os Consules, seguindo as suas insignias. Os mesmos soldados nomeando-se Officiaes, estabelecêram o seu

Os Soldados iludem o juramento, e retiram-se para o Monte Sagrado.

cam-

campo no Monte Sagrado, além de Teveron, tres milhas distante de Roma.

Aquella imprevisita deserção ensinou ao Senado, quanto damno se tinha feito a si proprio, por meio da sua crueldade, e da sua injustiça. O Povo sahia em multidão correndo para o monte Sagrado. As guardas que se mandáraõ pôr nas portas, não podêraõ resistir. Os Deputados que se mandáraõ aos Sediciosos, nenhuma outra resposta trouxeraõ, senão que depois de violadas tantas promessas, não era possível fiarem-se mais no Senado; que querendo os Patricios dominar, como arbitros de Roma, podiaõ ficar sendo seus Senhores; porém que os pobres Cidadãos queriaõ ser livres, e que a sua Patria seria o lugar, onde gozariaõ da sua liberdade. O que he mais admiravel, he a ordem, e a disciplina, que se vê reinar no seu campo. Nenhum tumulto, nenhuma violencia. Descem do Monte a buscar viveres, contentaõ-se com o puro necessario, e tornaõ tranquillamente para o seu posto. Nunca exercito algum tinha parecido mais digno deste nome, no tempo dos Consules. Não se acharia em parte alguma exemplo de hum Povo amotinado, armado, e desesperado, que se fizesse notavel por meio da moderação.

Deserção
do Povo.

A sua moderação
admiravel.

**O Senado
envia De-
putados ao
Povo.**

O Senado porém estava inquieto por causa daquella propria moderação, que annunciava alguma empresa bem concertada, e forças formidaveis promptas para cahir sobre a Cidade. A consternação foi geral. Ninguém se atreveo a pretender o Consulado; até foi necessario obligar a dous Senadores para o receber. Deliberou-se novamente a respeito do negocio das dividas: nomeárao-se dez Deputados para tratar com o Povo; concedêrao-lhes pleno poder para concluir, com as condições que julgassem uteis á Republica. Appio, e os moços Senadores de balde se oppuzerao áquelle partido. Os seus violentos conselhos tinhao tido consequencias muito funestas, para suffocar ainda os sentimentos de Humanidade. As cousas haviaao chegado ao ponto, que sem conceder muito ao Povo, era impossivel restabelecer a boa ordem, e a paz. Deste modo he que as rebelliões se movem pelo abuso da authoridade.

TERCEIRA EPOCA.

TRIBUNOS DO POVO.

O Povo adquire authoridade; desde o anno de Roma 260, até 302.

CAPITULO I.

Desde a creação dos Tribunos do Povo, até ao desterro de Coriolano.

TRES Homens havia na frente da Embaixada do Senado, que erañ dignos da confiança do Povo, Larcio, e Valerio, os quaes tinhañ exercido a Dictadura, e Menenio Agrippa, Consular illustre, e Author do conselho prudente, que se acaba de seguir. O Povo, a pezar do seu descontentamento, amava a Patria. O mesmo Povo os recebeo com alegria, e teria sido muito tratavel, se naõ tivesse dous Chefes sediciosos, cujo impeto violento entretinha a discordia. Menenio empregou, segundo dizem, com feliz successo o apologo do estomago, e dos membros. Os membros rebellados contra o estomago, ao qual accusavañ de se aproveitar do seu trabalho, e de nada fazer a

260
Os Depu-
tados do
Senado saõ
bem rece-
bidos pelo
Povo.

Apologo
dos mem-
bros, e do
estomago.

fa-

favor dos membros, foraõ desenganados por huma triste experiencia: os membros negando-lhe os seus serviços, cahiraõ em huma debilidade mortal. Esta era a imagem do Povo, muito prevenido contra o Senado. Os espiritos tranquilos podiaõ comprehender a exactidão daquelle apologo; porém o Povo necessitava de outros motivos. Menenio fez certamente maior impressaõ, declarando que as dividas se aboliriaõ pelo Senado.

Junio Bruto obriga o Povo a pedir Magistrados plebeos,

Nenhuma outra cousa desejava o Povo. Hum dos seus Chefes, chamado Junio, que affectava tomar o nome de Bruto, como sendo o Restaurador da liberdade, aproveitou-se da occasiaõ para injuriar a má Fé, que o Senado até entaõ havia mostrado. Junio representou que se deviaõ acautelar para o futuro; e requereu que houvessem Magistrados plebeos, os quaes se encarregariaõ unicamente de cuidar nos interesses do Povo. Requerimento fundamentalmente justo, pois que o passado dava occasiaõ a reccar as mais crueis injustiças. Os Deputados, vendo-se perplexos com semelhante proposiçaõ, julgáraõ devella relatar ao Senado; e partiraõ fazendo esperar o seu consentimento.

Creação dos Tribu-

Estava-se na infeliz necessidade, ou de

de soffrer a guerra civil, ou de conceder ao Povo o que elle pedia. Appio sem embargo de declamar com força, e com vehemencia, e de tomar os Deoses, e os Homens por testemunhas das infellicidades, que prognosticava; as quaes se poderiaõ prevenir por expedientes sabios, e prudentes: a sua crueldade, e a sua altivez tendo fechado outra qualquer via de conciliação, o Senado consentio na eleição dos Tribunos do Povo. Este he o nome daquelles novos Magistrados, extrahidos do corpo dos Plebeos para os proteger. Declarou-se por huma Lei, que a sua pessoa seria sagrada; que se alguem os maltratasse, seria amaldiçoado, e os seus bens confiscados para o serviço de Ceres; e que o homicida poderia ser morto sem fórma alguma de justiça.

nos do Povo.

A sua pessoa
foa sagrada.

Os Tribunos do Povo não foraõ condecorados com sinal algum de Dignidade. Sentados á porta do Senado, não podiaõ entrar nelle, senão por ordem dos Consules. O seu poder limitava-se quasi no circuito de Roma; era-lhes prohibido o ausentarem-se da Cidade. Porém se hum unico se oppozesse a qualquer Decreto do Senado, era o que bastava para o annullar: o seu *veto* suspendia tudo. Veremos a sua authoridade augmentar-se de dia em dia, e fazer-se formidavel, as-

O seu poder sem
finaes de Dignidade.

sim

sim como a authoridade dos Eforos de Sparta. Se os Tribunos muitas vezes abusáraõ della, (o que se poderia prevêr) ao menos livráraõ o Povo da oppressaõ. Os Tribunos ao principio foraõ sinco, e depois dez. O seu emprego durava hum anno. Desde o principio os mesmos Tribunos fizeraõ eleger dous Edis, Magistrados Plebeos, que eraõ seus Officiaes, encarregados da Policia dos edificios.

Edis.

Tomada de
Coriolos,
Capital dos
Volscos.

Tendo o estabelecimento do Tribunato, e a suppressaõ das dividas reduzido o Povo a cumprir com o seu dever, o Consul Posthumio Cominio derrotou os Volscos, e tomou Coriolos sua Capital. Posthumio deveo principalmente os seus felizes successos ao valor de Marcio, Patricio moço, o qual tinha todas as qualidades de Heroe, porém não a moderação de hum Sabio. O Consul depois de o ter coroado com a sua mão, o quiz enriquecer, para o que lhe destinava a decima parte do despojo: Marcio a rejeitou. O sobre-nome de Coriolano foi hum recompensa mais digna de Marcio; elle a recebeo dos soldados, por quem era admirado.

O Povo faz
o gasto das
exequias de
Menenio
Agrippa.

A pezar dos exemplos de avareza dados por hum numero de Patricios, o desprezo das riquezas distinguirá ainda por muito tempo os Heroes da Republica. Aquel-

Aquella nobre virtude, que no mesmo tempo fazia Aristides superior a todos os Homens Grandes de Athenas, era tão amada por Menenio Agrippa, que morreo sem deixar com que se fazerem as suas exequias. O Povo se fintou entre si para lhe fazer exequias magnificas, e não quiz tornar a receber o seu dinheiro, posto que o Senado encarregasse os Questores da despeza; o mesmo Povo deo aquella quantia de dinheiro aos filhos do defuncto.

Depois daquella disputa de generosidade entre as duas Ordens, succedeo hum novo tumulto, occasionado por causa da fome. O que era huma consequencia da retirada do Povo para o Monte Sagrado. As Terras não se tinhaõ semeado. Por muito grandes que foraõ os cuidados, que o Senado teve a fim de remediar aquella penuria, padeceo-se, e murmurou-se. O Povo padecendo ordinariamente he injusto, porque sem reflectir a respeito das causas da sua miseria, o sentimento das desgraças o irrita contra aquelles, de quem espera em vão os soccorros. Suppôz-se que os Senadores guardavaõ o trigo todo para as suas familias. Os Tribunos, offendidos porque os Senadores tinhaõ mandado duas Colonias a pezar da sua opposição, acredi-

Tomulto
popular a
respeito da
fome.

Os Tribu-
nos esquẽ-
taõ o Povo.

ditáraõ aquella noticia, e esquentáraõ os cabeças. Appio, injuriando-os em o Senado, inspira a resolução de os reprimir, e de os castigar. Os Consules para este effeito ajuntaõ o Povo, e interrompidos pelos Tribunos, pretendem tapar-lhes a boca, disputando-lhes o direito de fallar nas Assembleas. Esta contenda deo occasiaõ aos Tribunos para estenderem a sua authoridade.

Os Tribunos irritados por causa dos Consules os impedirem de fazer hum Discurso Oratorio ao Povo.

Junio Bruto, hum dos Edis, aquelle mesmo sedicioso, cuja audacia temos visto, tendo obtido dos Consules a licença de fallar, como para terminar a disputa, lhes perguntou, por que razao impedião elles aos Tribunos o fallar ao Povo. « A razao he, respondeo hum dos Consules, porque tendo nós mesmos « convocado a Assembleia, nos pertence a nós o fallar. Se os Tribunos a « tivessem convocado, alem de não os interromper, eu os não viria ouvir. » Este dito imprudente teve grandes consequencias. « Vós tendes vencido, ó « Plebeos, exclamou Junio. Tribunos, « deixai' discorrer os Consules. A'manhã « eu vos mostrarei qual he a Dignidade, « e o Poder dos vossos Empregos. » Com effeito os Tribunos por conselho seu, no dia seguinte ao romper da manhã apparecem na Praça publica acompanhados

dos de quasi todo o Povo. Hum delles chamado Icilio, representa ser essencial para o exercicio das suas occupaçoẽs, convocar Assembleas, e poder fazer Discursos Oratorios ao Povo a respeito dos seus interesses, sem recear serem interrompidos. Todos applaudiraõ, e approváraõ huma Lei, que o mesmo Julio formára naquella noite com os seus collegas.

Aquella Lei declara: « Que nas As-
« sembleas dos Tribunos ninguem os
« poderá nem interromper, nem contra-
« dizer; que se alguem se atrever a fa-
« zer o contrario, dará fiador á condem-
« nação pecuniaria, em que for condem-
« nado, e se não quizer dar fiador, seja
« punido com pena de morte. » Por es-
te meio os Tribunos augmentavaõ con-
sideravelmente o seu Poder; mas sem
aquelle privilegio elles não poderiam
proteger o Povo, senão fracamente. Os
abusos da Aristocracia conservavaõ varia-
ções, que deviaõ produzir outros abu-
sos. Huma Lei semelhante, dava hum
golpe terrivel ao Senado, o qual a não
quiz logo confirmar, sustentando ser aquel-
la Lei a obra de huma Assembleia ille-
gitima. Declarou-se-lhe que se o Senado
recusasse os *Plebiscitos*, ou *Leis do Povo*,
se recusariaõ os *Senatus-Consultos*, ou *Dé-*
cretos

Plebiscito,
ou Lei, fei-
ta pelo Po-
vo, que
permite
aos Tribu-
nos ajuntar
o Povo, e
prohibe
contradi-
zellos.

cretos do Senado; e finalmente cedeo o Senado, ou por necessidade, ou por condescendencia.

Os Tribunos ansiosos em augmentar os direitos do Povo.

Tanto mais poderes adquirirão os Tribunos, quanto mais extensão davaõ aos direitos do Povo, os quaes tinhaõ hum interesse pessoal em augmentar. Se os Tribunos obraão por ambição, e se trabalhavaõ para si mesmos, tambem trabalhavaõ para restringir, e coarctar a authoridade do Senado nos limites de hum Governo mixto, em que a Aristocracia temperada pela Democracia não podesse opprimir os Cidadãos. A occasião de fazer huma nova experiencia das suas forças logo se offereceo. O feliz successo correspondeo tambem aos seus desejos.

Pessime conselho de Coriolano contra o Povo.

Tinha-se recebido trigo da Sicilia, precioso recurso na occasião da penuria. O Povo miudo sempre padecia, mas sem commetter violencia alguma, e contentando-se com o pouco, que a terra lhe dava para viver. A áltiva crueldade de Coriolano o enfureceo. Quando se tratou no Senado do uso, que se faria do trigo de Sicilia, huns propozeraõ, que o distribuíssem gratuitamente pelos pobres, conselho dictado pela Humanidade; e outros, que o vendessem muito caro, a fim de castigar, e de domar a audacia do Povo. Coriolano sustentou, que era neces-

sa-

sario aproveitar-se das circumstancias, a fim de abolir o Tribunato, e de abrogar as convenções do Monte Sagrado. Aquelle Heroe, cuja probidade, e desinteresse tanto se louva, ignorava as doces virtudes, que grangeão os corações. Coriolano julgava que tudo devia ceder á authoridade do Senado: a sua imprudencia sómente servio para diminuir a authoridade do Senado, e para se perder a si mesmo. Era pois tão difficultoso prever que huns partidos violentos não fossem hum motivo de violencias?

Os Tribunos scientes do que se passava, invocaõ os Deoses vingadores do perjurio. O Povo se enfurece, e pretende matar cruelmente a Coriolano. Aquelles Magistrados suspendem o Povo, e citaõ a Coriolano para comparecer perante elles. O soberbo Patricio despreza a sua citação. Os Tribunos empreendem prender Coriolano, e são rechaçados por Senadores moços. Finalmente os Tribunos convocaõ huma Assembleia, onde Coriolano, muito longe de fazer a sua apologia, e de evitar o resentimento popular, repete com hum tom imperioso tudo quanto disse no Senado; protesta que não reconhece por seus Juizes senão os Consules, e que se apparecia naquella Assembleia de sediciosos não era senão pa-

Coriolano
despreza o
Povo, e os
Tribunos.

para os arguir da sua insolencia; o mesmo Coriolano jurou aos Tribunos hum odio irreconciliavel, chamando-lhes *o veneno da tranquillidade publica*.

Hum Tribuno o cita para o Juizo do Povo.

Sicinio, hum dos Tribunos, de sua authoridade propria condemna logo Coriolano á morte; e ordena que o precipitem do rochedo Tarpeio. O mesmo Sicinio vendo que os Patricios se dispunhaõ para o defender, e que a plebe não se movia por respeito aos Consules, o cita para o Juizo do Povo dentro do termo de vinte e sete dias. Era costume não se terminarem os negocios publicos, senão depois de tres mercados, a fim que os habitantes do campo podessem ter delles conhecimento; e o mercado se fazia todos os nove dias. Sicinio ajunta á citação, que se o Senado não regulasse a distribuição do trigo, os mesmos Tribunos lhe dariaõ as providencias.

O Senado constante que Coriolano seja julgado.

Nunca o Senado se tinha visto exposto a hum accommettimento tão perigoso. Esforçou-se, mas em vão, de reparar o golpe. Pôz o trigo ao mesmo preço, em que estava antes das perturbações; porém nada pôde alcançar no animo de Sicinio, nem o fazer desistir da sua accusação, e nem obrigarlo a entregar aos Senadores o primeiro exame da causa, como os Reis o haviaõ praticado. Os

ou-

outros Tribunos, nenhos violentos, ou mais habeis, receando fazerem-se odiosos por causa de humia inflexivel obstinação, consentirão em deixar julgar pelo Senado, se o negocio devia transferir-se para o Povo. O Senado delibera; disputa-se com ardor. Appio, segundo o seu costume, exclama que tudo está perdido, se não se reprimem os sediciosos. Valerio lhe oppõe os perigos, as desgraças de humia guerra civil, e sustenta que dando ao Povo qualquer mostra de condescendencia, o farão favoravel ao accusado. O maior numero seguiu o ultimo parecer. Então Coriolano perguntou aos Tribunos qual era o crime, de que o accusavaõ? *De ter affectado a Tyrannia*, respondêraõ os Tribunos. *Se não se trata senão de refutar humia accusação semelhante*, replicou atrevidamente aquelle Heroe, *eu comparecerei perante o Povo.*

Os Tribunos, resolutos a vingarem-se, formáraõ as suas baterias com toda a industria imaginavel. Elles previaõ, que se os Comicios se ajuntassem por Centurias, conforme o Systema estabelecido por Servio, o Senado disporia dos votos. Os mesmos Tribunos exigiraõ que se ajuntassem os Comicios por Tribus, pretendendo, que todo o Cidadão devia dar igualmente o seu voto, em hum negocio

Os Tribunos obtem os Comicios por Tribus.

cio que interessava os direitos do Povo. Cedeo-se tambem a respeito daquelle ponto essencial; e desde então se mudou a fórma do Governo em vantagem dos Plebeos. Tal he a instabilidade de huma constituição imperfeita, e tempestuosa.

262
Coriolano
destrerrado.

Chegado o dia dado para o Juizo, estando juntas as Tribus, o Consul Minucio faz a sua Oração a favor do illustre Cidadão, o qual se apresenta no Tribunal do Povo; Minucio insiste sobre o seu nascimento, as suas proezas, e os seus serviços; pede em nome de todo o Senado, que o não tratem como criminoso. O Tribuno Sicinio não prosegue menos a sua accusação. Os esforços, e os empenhos, que Coriolano tinha feito para abolir o Tribunato, para impedir que o preço do trigo não diminuísse, eraõ segundo elle mesmo provas certas de que Coriolano aspirava á Tyrannia. Coriolano destroe aquella imputação mostrando as cicatrizes das suas feridas, e nomeando os Cidadãos, que salvou em batalhas. Porém Decio, outro Tribuno, o argue de ter distribuido hum despojo, do qual as Leis, dizia elle, não lhe permit-tião dispôr, posto que houvessem muitos exemplos do contrario. O accusado refuta frouxamente aquelle agravo imprevisto.

Co-

Coriolano he condemnado a hum desterro perpetuo. De vinte e nove Tribus sómente houve nove, que lhe forão favoraveis.

C A P I T U L O II.

Desde o desterro de Coriolano, até ao estabelecimento do Decemvirato.

O POVO, depois da condemnação de Coriolano, triunfou como de huma victoria decisiva alcançada contra os Patricios; devendo antes arguir-se a sua ingratição para com hum Cidadão respeitavel, de quem recebêra os serviços mais notaveis, e cujo crime, a manter-se nos termos da accusação, era imaginario, e sem provas. Não tardou muito tempo, que não se experimentasse, quanto importa conservar huns Homens, tão capazes pelo seu character de offender, como de servir. Coriolano não ouviu mais que a voz da vingança; e tendo-se retirado para Ancio, Terra dos Volscos, obrigou-os a pegar nas armas contra a sua Patria. Coriolano fazendo-se seu General, entrou no territorio de Roma, e derramou por toda a parte o susto, o medo, e o terror.

262
Coriolano
vinga-se da
injustiça,
combatêdo
pelos Volscos.

Envião-se-lhe Deputados.

Coriolano he defamado por sua Mãe.

Sua morte.

Quanto superiores eraõ naquelle tempo os Gregos aos Romanos.

Vio-se então o Povo, e o Senado mudar de procedimento a seu respeito. O Povo governado pelos successos requeria o seu perdão, ao qual o Senado se oppunha por ver unicamente em Coriolano effeitos de hum inimigo da Republica. O perigo porém abrandou os Senadores; os quaes enviáraõ huma Embaixada ao implacavel Coriolano, que a recebeo com desprezo. Os Sacerdotes tambem vieraõ por sua vez, e foraõ despedidos do mesmo modo. A illustre Veturia, na frente das Senhoras Romanas, desarmou finalmente hum filho rebelde. Os sentimentos da Natureza domáraõ aquella alma orgulhosa. *Roma está salva*, exclamou elle, *porém perdestes o filho*. Coriolano fez a paz *, e morreo, segundo alguns Authores, assassinado pelos Volscos; e segundo outros, padecendo em huma triste velhice, e cheio de saudades da sua Patria.

Themistocles, seu contemporaneo, experimentou huma fortuna semelhante, depois de ter salvado Athenas, por meio da sua Politica, e do seu valor. Comparando estes dous Homens celebres, facil he

* Em memoria do serviço, que Veturia tinha feito, o Senado edificou hum Templo á *Fortuna das Mulheres*, no qual unicamente as damas tiveraõ o privilegio de entrar.

he observar a superioridade da Grecia, então victoriosa da Asia, a respeito de huma nova Republica, da qual os únicos inimigos eraõ huns pequenos Póvos da Italia, situados ao redor della. Porém Roma, sempre armada contra os seus visinhos, mostrava por meio de guerras pequenas, que algum dia subjugaria as mais poderosas Nações.

Com tudo as disputas se renováraõ na occasiaõ de huma Lei Agraria, proposta pelo Consul Cassio. Esta Lei, segundo dizem, foi-lhe inspirada unicamente pela ambição, como hum meio para alcançar o Poder Soberano. Cassio pretendia que se dividisse, não sómente pelos Romanos, porém pelos alliados, huma parte das Terras conquistadas, e que os Patricios haviaõ usurpado havia muito tempo. O artigo dos alliados desagradou ao Povo, o qual reservava para si todo o lucro da divisaõ. O Senado conveyo, que naquella divisaõ não teriaõ parte os estrangeiros, excepto aquelles, que tivessem ajudado, e soccorrido para a conquista; determinou, por hum Decreto, que dez Senadores seriaõ encarregados da execuçaõ da Lei. Em nenhuma outra cousa se cuidava, senão em ganhar tempo, a fim de arruinar o projecto de Cassio. Assim que aquelle Consul acabou o seu emprego,

267

Lei Agraria do Consul Cassio

Cassio he castigado com pena de morte, como se tivesse aspirado á Tyrannia.

dous Questores o accusáraõ perante o Povo de ter aspirado á Tyrannia. Cassio, segundo Dionysio de Halicarnasso, foi convencido, e castigado com pena de morte. O seu mesmo Pai, segundo a relação de alguns Escriitores, foi o seu accusador no Senado, e o fez executar em sua casa. O que he certo, he que o Senado recorreo muitas vezes á accusação da Tyrannia contra os que se interessava em perder.

O Povo descontente.

O Senado o occupa por meio da guerra.

Familia dos Fabios.

Como o seu Decreto não era mais que hum artificio a fim de enganar o Povo, a sua execução se requereo inutilmente. Tudo annunciava huma proxima rotura. Naquelle tempo he que os Consules puzeraõ principalmente a sua politica, em excitar continuamente novas guerras, em as quaes se podesse occupar por fóra o ardor inquieto dos Plebeos. Não querendo estes alistar-se os obriga-vaõ com o ameço de hum Dictador. Os Equos, os Volscos, os Veientes, e os Etruscos, ficáraõ derrotados em diversos choques. Refere-se que em huma daquellas guerras, a unica familia dos Fabios, composta de trezentos e seis Homens, atemorizou por muito tempo os inimigos; e que finalmente foi sorprendida, e opprimida pelo maior numero, sem escapar hum unico Homem da

da tropa. Porém esta geração não se acabou.

As perdas dos Romanos, sempre reparadas com felizes successos, eraõ pouca cousa em comparação das infelices, que a discordia produzio. Apenas se depozeraõ as armas, logo as dissensões se renováraõ na Cidade, particularmente a respeito da Lei Agraria. Tambem houveraõ grandes disputas na eleição dos Magistrados. Os Plebeos pretendiaõ hum Consul do seu partido, e o nomeavaõ; os Patricios elegiaõ o outro. O Senado chegou a ser mais atrevido, e mais severo por causa da morte subita de hum Tribuno, a qual consternou os seus collegas, como se os Deoses se tivessem declarado contra os seus projectos. Os Consules mandáraõ açoitár todos aquelles, que não quizessem alistar-se. Vole-ron, antigo Official Plebeo, appellou para o Povo de huma sentença semelhante; o Povo não se descuidou de o soccorrer, expul- sou os Lictores, quebrou as suas alabar- das, e elegeo algum tempo depois Vole- ron para hum dos seus Tribunos.

Aquelle Magistrado, sem mostrar resentimento algum pessoal, prejudicou a authoridade dos Patricios, os quaes tinhaõ muita influencia na eleição dos Tribunos, que se fazia por Curias. Assim os Comi- cios

As differen-
sões conti-
nuão.

Severidade
do Senado.

Vole-ron
appella pa-
ra o povo.

281
O Tribuno
Vole-ron
pretende
fazer passar
a eleição

dos Tribunos para os Comícios por tribus.

cios das Curias, como os Comícios das Centurias, não podião ajuntar-se senão por hum decreto do Senado; em aquellas Assembleas sempre se ouviaõ os Auspícios, e os Patricios sendo unicamente agoureiros, tinhaõ na mão o poder de dirigir, e de desfazer aquellas Assembleas, sujeitas a huma politica superstição. Pelo contrario os Comícios das Tribus eraõ sem auspícios, e sem consentimento do Senado. Todos os moradores do campo menos unidos com os Patricios, do que os moradores da Cidade, tendo o direito de votar nos Comícios das Tribus, não o tinhaõ nos Comícios das Curias. Finalmente o Povo por causa do numero decidia nos Comícios das Tribus. Para estes Comícios, he que Valeron emprendeo fazer passar a eleição dos Tribunos, a eleição dos Edis, e geralmente todos os negocios, que podessem ser do interesse do Povo.

Grande contenda a respeito da sua Lei, a qual finalmente se publica.

A sua Lei encontrou a mais forte opposição da parte do Consul Appio Claudio, filho daquelle, que vimos tão ardente por causa das prerogativas do Senado. Appio, menos capaz ainda que seu Pai de se accommodar com as conjuncturas, blasfemou em huma Assembleia com tanto fel, e altivez, que chegou a rebellar todos os Plebeos, posto que a do-

doçura de Quincio seu collega os tivesse grangeado. Chegárao a dar huns nos outros. Se fosse uso trazer armas pela Cidade, a contenda teria sido sanguinolenta. A moderação do Senado prevenio as suas consequências. Não sómente declarou o mesmo Senado, que estando ambos os partidos animados pelo zelo, era necessario esquecer-se dos excessos commettidos por huma, e por outra parte; mas tambem approvou a Lei de Voleron.

A Tyrannia antiga dos Senadores havia sido a causa de todas aquellas mudanças; as quaes, sem duvida, não se teriao movido, se houvesse hum procedimento recto, e moderado. Appio, muito fegoso, para receber a lição da experiencia, descarregou o seu genio feroz sobre o exercito, que mandava contra os Volscos; e Tyranno dos seus Soldados, os teve por outros tantos inimigos. Os Romanos sendo traidores ao seu dever, deixárao-se vencer a fim de se vingar do seu General. O seu furor, e a sua ira manifestárao-se por meio de terriveis execuções. Os centuriões foraõ açoutados, e degollados, e todas as tropas foraõ dizimadas. Pelo contrario, o Consul Quincio, adorado pelos seus Soldados, gozava em outra parte da vic-

O Exercito de Appio deixa-se vencer por causa do odio, que tinha a este Consul.

to-

toria. Que differença deve produzir a boa, ou má vontade das tropas!

Appio ac-
cusado pe-
los Tribu-
nos.

Sua conf-
tancia.

Depois daquelle Consulado, os Tribunos tornáraõ a tratar da Lei Agraria, origem inexaurivel de disputas. Os Consules eraõ de parecer, que os contentassem; porém a vehemencia de Appio excedeo a todas as suas razões. Os Tribunos, irritados com hum novo desprezo, accusaõ perante o Povo aquelle, que he a causa de tudo. Appio comparece, mais como juiz, do que como réo; e de tal modo impõe com a sua presença, que os Tribunos não se atrevem a pronunciar nada contra elle. O mesmo Appio mata-se depois a si mesmo, prevendo que seria condemnado na segunda Assembleia. O seu filho, a pezar dos Tribunos, fez a sua Oração funebre, que foi applaudida pelo mesmo Povo, tão grande era a admiração, que tinha excitado a valerosa constancia do Pai! Se huns Homens semelhantes se moderassem, fariaõ a felicidade, e a gloria da sua Patria; porém como hum violento, e soberbo espirito fez muitas vezes as suas mesmas virtudes perigosas, entretiveraõ nella o fogo da discórdia.

Continua-
ção das
perturba-
ções.

Os Patricios, e os Plebeos ricos, possuidores das Terras, não se querendo despojar dellas, e sendo a Lei Agraria sem-

sempre sustentada pelos Tribunos, aquella opposição de interesses não podia deixar de perpetuar as perturbações civis. Chegou-se ao ponto, que o Povo se ausentou dos Comícios por Centurias; e que os Consules foraõ eleitos huma vez pelos votos dos unicos Patricios, e dos seus Clientes. Roma no meio das dissensões conservava invenciveis encantos para os seus Cidadãos, os quaes não queriaõ estabelecer-se em Colonias: *os Romanos preferiaõ antes, diz Tito-Livio, pedir Terras em Roma, do que as receber em outra qualquer parte.* Aquelle amor da Patria preparava já de longe as emprezas, por meio das quaes haviaõ de obter o Imperio do Mundo.

Amor da
Patria.

Porém longe de poder formar naquelle tempo vastos projectos, não havia tão pouco Leis civis, proprias para regular a conducta, e manter a fortuna dos Cidadãos. Os Consules sentenciavaõ todos os pleitos, por meio ou dos principios da equidade natural, ou dos antigos usos, ou de algumas Leis de Romulo, e dos seus Successores, cujos vestigios apenas se haviaõ conservado em os Livros, que o Povo desconhecia. Aquella Jurisprudencia arbitraria era hum segredo mysterioso entre os Patricios, que della extrahiaõ huma parte da sua au-
tho-

Roma es-
tava falta
de Leis.

thoridade; e o Povo tinha a infelicidade de ignorar aquillo mesmo, que lhe devia servir de regra, e decidir da sua sorte.

291
 Lei Teren-
 cia para fa-
 zer publi-
 car hũ Co-
 digo, e di-
 minuir o
 poder dos
 Consules.

O Tribuno Terencio, ou Terentillo emprendeo remediar as desordens. Hum numero de Patricios morreo por causa da peste; ambos os Consules se achavaõ ausentes por causa de expedições: aquelle instante pareceo-lhe muito favoravel para o seu intento. Terencio propôz publicar hum Corpo de Leis, o qual todos seriaõ obrigados a seguir na administração da Justiça. O mesmo Terencio não parando aqui, e depois de ter declamado contra o Poder despotico dos Consules, os quaes descrevia como dous Monarcas absolutos, requereo a eleição de sinco Commissarios, para fixarem os limites ao seu poder. Tal foi o objecto da famosa Lei Terencia, taõ capaz de inquietar os Senadores, como a Lei Agraria. A Lei Terencia foi accommettida, e defendida com o ardor, que he ordinario em iguaes circumstancias. A uniforme individuação daquellas fortes, e vivas contestações não entra em o nosso plano de Historia. De huma, e de outra parte o interesse particular prevalecia muitas vezes ao interesse geral; e os Tribunos não eraõ os menos apaixonados. Quincio Ceson, compara-

Disputas
 violentas a
 esse respei-
 to.

Ceson ac-

vel-

vel com Coriolano, e filho do grande Cincinnato, de quem logo fallaremos, foi a victimada sua colera, por se oppôr á sua empreza. Ceson, accusado falsamente, sahio de Roma sem esperar pela sua sentença. Dez Cidadãos o abonáraõ por huma quantia. Seu Pai depois de a pagar, foi obrigado a viver em huma pequena quinta, unico bem que lhe restava.

Herdonio, Sabino rico, aproveitando-se do favor daquellas perturbações, se faz Senhor do Capitolio. Os Consules ordenaõ ao Povo, que se arme contra o inimigo. Os Tribunos o dissuadem, certificando ser aquella ordem hum artificio do Senado. Finalmente, as instancias, e as promessas do Consul Valerio determinaõ o Povo á obediencia. Todos concorrem ao Capitolio, e o Capitolio ficou livre. Morto Valerio no assalto, tiraõ Quincio Cincinnato do arado a fim de o pôr no seu lugar. Quincio Cincinnato, confundindo a constancia com a docilidade, restabelece a boa ordem; torna a dar vigor á Justiça, e faz esquecer de algum modo os Tribunos. Depois do seu Consulado, Minucio hum dos seus Successores deixa-se cercar pelos Equos, aos quaes fazia a guerra. Assim que aquella noticia chega a Roma, o perigo do Exercito Romano obriga a crear hum

cusado pelos Tribunos.

O Capitolio tomado por hum Sabino, e liberto.

Quincio Cincinnato tirado do arado para ser Consul, e depois Dictador.

Dictador. A eleição cahe em Cincinnato. Este illustre Lavrador deixa novamente o seu campo, põe-se na frente dos Cidadãos, liberta Minucio, subjuga os Equos, volta em triumpho, vê seu filho Ceson justificado, e chamado, renuncia a Dictadura, e vai outra vez pegar no seu arado, do qual faz maior caso do que das honras.

Amor da
pobreza, e
Disciplina
Militar.

Por ventura os que fazem menos apreço destes admiráveis exemplos dizendo que os Romanos ignoravaõ naquelle tempo a corrupção das riquezas, reflectirão sufficientemente nas acções de avariza, tão communs entre os Patricios desde o principio da Republica? O amor da pobreza sómente pertencia aos Homens grandes. Se esta virtude era rara, a pobreza ao menos desviava os vícios corruptores, e a disciplina Militar, junta com a força do corpo, e com a valentia, devia fazer invenciveis os Romanos. Quando Cincinnato salvou a Minucio, fez-lhe renunciar o Consulado, por se ter deixado surprender pelo inimigo. *Tu, ó Minucio, debes aprender a arte da guerra como Tenente, antes de mandar as Legiões como Consul.* O Exercito de Minucio não teve parte alguma no despojo, por ter estado quasi em perigo de ser vencido. Os Romanos, com huma disciplina tão

exacta, e huns sentimentos tão elevados, estando quasi sempre em guerra, necessariamente deviaõ ou morrer, ou subjugar todos os demais Povos.

Porém os Romanos não se podiaõ unir entre si. Os Tribunos, persistindo sempre em os seus projectos, impediraõ que o povo se alistasse, até que se lhes dêsse satisfação. O Senado recorre a Cincinnato, o qual deixou o seu campo para o vir ajudar com os seus conselhos. Como as terras da Republica estavaõ assoladas, sem que ninguem pegasse nas armas, Cincinnato foi de parecer, que os Patricios unicamente com os seus Clientes marchassem contra o inimigo. O Povo envergonhado com aquelle exemplo, mostrou-se mais docil. Os Tribunos consentiraõ nas levas, com tanto que se augmentasse o seu numero de sinco. Cincinnato, como Politico illuminado, julgou que os Tribunos seriaõ menos unidos á proporção que chegassem a ser mais numerosos; e o Senado cedeo ás suas razões. Eis-aqui pois agora dez Tribunos do Povo. Grangear, e corromper hum Tribuno, era o meio de suspender as emprezas dos outros. Os novos Tribunos juráraõ entre si de sustentar o que a pluralidade decidisse em o seu conselho. Aquella harmonia não podia durar muito tempo.

Os Tribunos impedem que o Povo se aliste.

Cincinnato faz augmentar o seu numero a fim de os dividir.

Fi-

O Senado
consente
na Lei Te-
rencia.
Creação
dos De-
cemviros.

Finalmente, depois de novas disputas, onde se vê a animosidade, e a violencia, em lugar de zelo, e de Justiça, o Senado, temendo a total ruina da Republica, deo o seu consentimento á Lei Terencia. Resolveo-se que dez Commissarios seriaõ encarregados de compilar hum Corpo de Leis; que seriaõ revestidos por hum anno do Poder Soberano; que todas as Magistraturas cessariaõ naquelle espaço de tempo, sem exceptuar o mesmo Tribunato, cuja authoridade se havia conservado no tempo dos Dictadores; e que as sentencas dos Decemviros seriaõ sem appellação, aos quaes sómente pertenceria o poder de fazer a paz, ou a guerra. Os Tribunos não pudéraõ obter que houvessem Plebeos no numero daquelles novos Magistrados. Nomeou-se logo Appio Claudio, Consul naquelle tempo, filho do segundo Appio, que se havia morto pelas suas mesmas mãos. O seu Collega foi nomeado seu socio, com outros Consulares, e com tres Senadores, que tinhaõ ido, como deputados, a Athenas, a fim de fazer huma compilação das Leis da Grecia.

QUARTA EPOCA.

OS DECEMVIROS,
E AS DOZE TABOAS.

*Variações perpetuas em a Republica desde o
anno de Roma 302, até o anno de 363.*

CAPITULO I.

*Desde a Creação dos Decemviros, até ao
estabelecimento da Censura.*

OS Decemviros, ou porque fossem animados com sentimentos patrios, dignos da sua importante Commissão, ou porque quizessem fazer firme, e permanente a sua authoridade, com hum principio respeitavel, governárao no principio como verdadeiros Pais da Patria. As insignias, e as demonstrações do Poder Consular estavao nas mãos de hum unico, e os outros sómente erao distinctos da Plebe por hum Official, que os precedia. Os Decemviros presidiao alternativamente, hum dia cada hum, e postos no Tribunal assim que amanhecia, terminavao as demandas com tanta bondade, como justiça.

302

Os Decemviros principiao com prudencia, e sabedoria.

O

O mesmo Appio chegou a ser as delicias do Povo, por quem antecedentemente era abominado; e Roma depois de tormentas tão violentas, gozava de hum socego feliz, desconhecido depois de extincto o dominio dos seus Reis.

Leis das
doze ta-
boas ap-
provadas
pelo Povo.

Sendo a Legislação o principal objecto do novo Governo, os Decemviros trabalharaõ no seuCodigo com ardor. As Leis, que vieraõ de Athenas, foraõ interpretadas por hum Grego, desterrado de Efeso. Os Decemviros ajuntáraõ á compilação, que dellas fizeraõ, huma parte das antigas Ordenações Regias. Acabada esta obra, a expuzéraõ ao Publico em dez taboas de azinheira, convidando os Cidadãos para as examinar, para escolher, em huma palavra, para ser os seus proprios Legisladores. O Senado tinha aprovado as Leis por hum Decreto. O Povo examina pouco o que deseja. Arrebatado com a fingida moderação dos Decemviros, confirmou as dez taboas em os Comicios por Centurias. As outras duas taboas propostas no anno seguinte, foraõ do mesmo modo acceitas, a pesar de hum artigo odioso, que prohibia aos Patricios alliaem-se com as familias plebeas.

Elogio que
dellas faz
Cicero.

Aquellas diversas Leis serviraõ sempre de fundamento para o Direito Publico,

co, e para o Direito civil dos Romanos. Cicero faz dellas hum magnifico Elogio: e não teme propôr que todos os principios da sociedade se achão em as doze Taboas, que são superiores a todas as Bibliotecas dos Filósofos, assim pelo pezo da authoridade, como pelas utilidades, que dellas resultaõ. » Porque, « diz Cicero, nós aprendemos na Sciencia do Direito Civil, que a honestidade, e a virtude se devem preferir a tudo; « esta Sciencia nos mostra por huma parte o verdadeiro merecimento honrado por meio das recompensas, das dignidades, e da gloria; por outra parte, os vícios, e as injustiças castigadas por meio de condemnações pecuniarias, de ignominia, de prizaõ, dos açoites, do desterro, e da morte; cujas lições nos dá não por meio de dilatadas, e vãs disputas; porém com hum tom de authoridade, que nos faz domar as nossas paixões, pôr hum freio aos nossos desejos, e conservar os nossos bens sem pôr nem olhos, nem inãos ávidas no bem alheio. « (*L. I. de Orat.* 193.) Tal deveria ser a Legislação. De mais, esta descripção parece mais persuasiva, do que verdadeira a certos respeitos.

As Leis das doze Taboas, das quaes Algumas
TOM. II. Q res-

deſſas Leis
erao crueis.

resta unicamente hum pequeno numero de fragmentos, erao claras, e concisas, superiores neste ponto ás Leis de Solon, posto que muito menos conformes com a Humanidade. Esta Leis respiravao em diversos Artigos o espirito da Tyrannia, que os Decemviros naõ dissimuláao muito tempo. Os Pais conservavao a respeito dos seus filhos hum poder absoluto, e os Senhores a respeito dos seus escravos. Os devedores erao entregues ás violencias dos Crédores: depois do terceiro dia de mercado, os Credores podiao despedaçar o corpo de hum devedor, que naõ tinha por onde pagar, e dividillo entre si; (esta he a opiniao commum; porém póde-se acaso crer que huma Lei taõ atroz fosse recebida?) penas capitaes contra os Authores dos Libellos, e os Poetas; e outras muitas disposicoes crueis, as quaes foi necessario logo suavizar, daõ a conhecer o espirito dos Legisla- dores.

Leis a res-
peito dos
ladroes.

Era licito matar, naõ sómente o ladraõ de noite, porém o ladraõ de dia, quando sendo perseguido, se defendia. A Lei obrigava, naõ obstante, a gritar naquella occasiao, e a chamar os Cidadãos. « Esta he huma cousa, diz Montesquieu, « que as Leis, as quaes permittem fazer-
« se justiça a si mesmo, devem sempre
« exi-

« exigir: o exclamar da innocencia, he
 « quem no mesmo instante da acção,
 « chama testemunhas, chama Juizes. » O
 ladrao sorprendido com o furto devia
 ser açoitado, e reduzido a ser escravo,
 se tivesse a idade de puberdade; aquelle
 que tivesse já occultado o seu roubo,
 era sómente condemnado a pagar o valor
 duplicado. Por que razão havia huma se-
 melhante differença?

Os parentes da parte materna não
 succediao, a fim que os bens não podes-
 sem passar de huma para outra familia;
 porém todos podiao fazer o seu testamen-
 to, e eleger para herdeiro tal Cidadão,
 que quizessem, em prejuizo dos seus pro-
 prios filhos: o Pai, tendo o direito de
 vender os seus filhos, com maior razão
 os podia desherdar. Acaso esta só deter-
 minação não prova que as Leis Roma-
 nas taõ louvadas, erao sujeitas a gran-
 des abusos? Roma tinha com tudo
 grande utilidade em receber Leis, que
 servissem de huma regra determinada, e
 fixa para os Cidadãos; e provavelmente
 o Povo considerou mais aquella vantagem,
 do que os inconvenientes de algumas ty-
 rannicas disposições.

Duas Leis daquellas deviao produzir
 hum bem infinito, resumindo, e abreviando os Processos. As mesmas Leis or-

A respeito
 das Suco-
 sões, e do
 Testamen-
 tos.

Os Proce-
 sos logo
 julgados.

denaõ que se os Litigantes naõ concordão entre si, o Juiz tome conhecimento da sua causa desde o nascer do Sol até ao Meio-Dia, e que a sentença se passe antes do Sol se pôr. Pela continuação do tempo, viraõ-se obrigados a conceder hum pouco mais tempo, porque as Causas chegavaõ a ser mais numerosas, e mais difficultosas; porém os Romanos naõ conhecêraõ nem os desvios, nem as dilações da trapaça moderna, que muitas vezes fazem triunfar a injustiça, arruinaõ igualmente ambos os partidos, e fazem ser os Processos hum dos maiores flagellos da Sociedade.

Os Decem-
viros fa-
zem-se
Tyrannos.

Se o Decemvirato sómente tivesse produzido as doze Taboas, teria sido hum Epoca gloriosa para a Republica. Porém degenerou em Tyrannia. Appio conseguiu, por meio da sua hypocrisia, e da sua docilidade, fazer-se nomear segunda vez para servir naquella Magistratura, estabelecida sómente por hum anno. Concedêraõ a Appio os collegas que quiz, e logo o mesmo Appio juntamente com os seus collegas tiráraõ a máscara. Foraõ estes dez Tyrannos, unidos com mutuas obrigações, cada hum escoltado por doze Lictores, pizando aos pés as Leis, e os Cidadãos, exercendo hum terrivel Despotismo, do qual fugiraõ os principaes
do

do Estado. Acabado o anno, os Decemviros conservárao o seu Emprego sem consentimento nem do Povo, nem do Senado. Ter-se-hia dito, que as doze Taboas tinhao estabelecido o direito do mais poderoso.

Hum Povo, tal como os Romanos, cioso da liberdade, e costumado a desprezar a morte, não podia soffrer por muito tempo huma violenta oppressão. Dous crimes atrozes precipitárao a ruina dos Decemviros, os quaes tinhao levantado tropas contra os Equos, e Sabinos, que aproveitando-se da fraqueza de Roma, vinhao assolar o seu territorio. Aquellas legiões descontentes deixárao-se vencer. Sicinio Dentato (a quem Tito-Livio dá o nome de L. Siccius) hum dos seus Officiaes mais valerosos, Plebeo zeloso, tão livre nos seus discursos, como intrepido em os combates, foi assassinado á traição por ordem dos Tyrannos. O attentado de Appio contra Virginia ainda os fez mais abominaveis.

Appio tendo ficado em Roma, em quanto os seus Collegas peleijavao, namorou-se de Virginia, filha de Virginio, Plebeo valente, a qual estava promettida em matrimonio a Icilio, Tribuno antigo do Povo. Appio depois de vãs tentativas para satisfazer a sua paixão, quiz

Dentato
assassinado
por ordem
dos Decemviros.

Attentado
de Appio
contra Vir-
ginia.

co-

como Juiz , mandar arrebatat aquella , que tinha resolvido deshonnar , suppondo-a filha de huma Escrava de hum dos seus Clientes , que a reclamava. Icilio defende Virginia com o ardor de hum amante ; o Povo move-se , e Appio he expulso do seu Tribunal. Porém a força o teria logo feito triunfante , se Virginio , advertido do perigo da sua filha , não tivesse partido com diligencia do campo em que estava , para voar a seu soccorro. Virginio chega , litiga a sua causa , e vê o formidavel Decemviro prompto para mandar executar huma sentença de rapto. Virginio , transportado , e fóra de si mesmo , a fim de salvar a honra de sua filha , passa-lhe o seu peito com huma faca , e mostrando a Appio a ensanguentada faca : *He por este sangue , lhe disse Virginio , que eu faço voto da tua cabeça aos Deoses infernaes.* Appio ordena que o prendão , porém em vão. Virginio abre caminho por entre o Povo , cujo odio excita contra os Tyrannos ; e vai espalhar entre os soldados o desejo da liberdade , e da vingança.

Humas Scenas tão tragicas não deixoão de produzir o seu effeito , quando os Homens soffrem o jugo com impaciencia. Excepto hum numero pequeno de almas servís , todos abandonarão os Decem-

Virginio mata sua filha a fim de salvar a sua honra.

304
Abrogação do Decemvirato.

cemviros, e se entregáram aos sentimentos Republicanos. Ambos os Exercitos se ajuntáram no Monte Sagrado, para onde o Povo os seguiu, e acompanhou em grande multidão. O Senado não sabia que partido devia tomar. Finalmente tendo sido obrigados os Decemviros a depôr o seu poder por causa do geral clamor, mandáram dous Deputados ao Povo, Horacio, e Valerio, seus inimigos, com pleno poder de concluir a pacificação. Restabelece-se o Tribunato, e o direito de appellação, considerados como o fundamento da liberdade; abroga-se o Decemvirato, porém sem permittir violencia alguma contra os Decemviros. Valerio, e Horacio foram eleitos Consules. Humas Leis populares, que estes estabelecêram, augmentáram a affeição, que todos lhes tinham. Os mesmos Consules prohibiram que se creasse Magistratura alguma, da qual não fosse permittido appellar, e ordenáram que as Leis plebeas emanadas dos Comicios por Tribus, obrigariam a todos os Cidadãos, assim como as Leis emanadas dos Comicios por Centurias. Esta Lei muito favoravel para os Tribunos não podia deixar de affigir o Senado, que foi obrigado a consentir nella por causa das circunstancias.

Virginio era Tribuno, e desejava
mui-

Novas Leis
em utilida
de do Povo

Os Decem
viros cast
gados.

muito mais do que os seus Collegas castigar os Decemviros. O mesmo Virgínio declara-se por accusador de Appio, e o manda prender, não obstante huma apellação ao Povo, dizendo que hum monstro não estava no caso de reclamar a protecção das Leis, e que merecia ser posto na mesma prizaõ, á qual elle mesmo chamava insolentemente a *habitação dos Plebeos*. Appio morre na prizaõ antes do dia da sentença, ou fosse por huma morte voluntaria, como certifica Tito-Livio, ou fosse por ordem dos Tribunos, como conjectura Dionysio de Halicarnasso. Oppio, outro Decemviro, he accusado, e morre do mesmo modo. Os outros oito desterraõ-se voluntariamente a fim de se pôr em seguro. Os seus bens são confiscados; depois publica-se hum perdão geral, que dissipa os temores.

A desgraça da Sociedade he, que
 Os Tribunos os Homens raras vezes se contem em os
 mos preten- limites da Justiça; e que os mais ansio-
 dem con- sos em punir o abuso da authoridade em
 ferver-se os outros, abusaõ voluntariamente da sua,
 no empre- quando tem o seu poder. Os Tribunos
 go: pretendiaõ conservar os seus Empregos,
 e talvez se fariaõ taõ perversos como os
 Decemviros, se não tivessem tido por
 collega Duilio, Homem sabio, e bom
 Cidadão, o qual fez frustrar o seu pro-
 jecto.

jecto. Por outra parte o Senado mostrava-se pouco recto. Os Consules Valerio, e Horacio tendo derrotado os inimigos, o Senado lhes negou a honra do triumpho, por causa do descontentamento de serem populares. Quando se não faz justiça aos outros, o prejuizo sempre cahe naquelle mesmo, que não a faz. Os Consules, picados contra o Senado, dirigiram-se ao Povo, e obtiveram o seu triumpho.

Injustiça
do Senado
para com
os Consu-
les popula-
res.

Porem o Povo, menos illustrado, e mais inclinado aos excessos, logo se deshonrou por meio de huma injustiça a mais infima. Os Aricianos, e os Ardeatas disputando entre si hum territorio, o elegêram para arbitro da sua differença. Hum velho Plebeo declarou que aquelle territorio pertencia a Roma, sendo huma dependencia de Coriolos; e aconselhou se tomasse posse do territorio. Em vão representárao os Consules, quanto seria odioso hum procedimento semelhante, o qual tiraria aos Romanos a estimação, e a confiança das Nações; e que em materia de honra, e de probidade, as perdas erao inestimaveis. As suas demonstrações forao inuteis, e as Tribus se adjudicárao o territorio, sem pensar que algum dia se envergonhariao daquela infamia. Pouco tempo depois o Senado fez tudo quanto pô-

Injustiça
do Povo, o
qual se ad-
judica hum
territorio,
de que era
arbitro.

pôde para a desvanecer, entregando as Terras.

308
Novas dis-
sensões.

As intestinas discordias, flagello uni-
do de algum modo ás Republicas, cuja
constituição está ainda fluctuante, rei-
navaõ em Roma mais do que nunca. Ca-
da Tribuno queria fazer-se notavel por
meio de victorias a respeito do Senado:
porque quando se alcançaõ felizes succes-
sos nas suas empresas, sempre se fazem
mais atrevidos. Os Matrimonios entre os
Patricios, e os Plebeos eraõ prohibidos
por huma Lei das doze Taboas; o que
levantava entre aquellas duas Ordens hu-
ma barreira odiosa. Os primeiros, pos-
suidores do Consulado, julgavaõ realmen-
te ser nascidos para o Imperio: os ou-
tros, soccorridos pelo Tribunato, tendiaõ
continuamente ao restabelecimento da i-
gualdade natural. Canuleio, Tribuno atre-
vido, favorecido pelos seus Collegas,
protestou solemnemente oppôr-se a qual-
quer leva de tropas, até conceder-se a
liberdade dos Matrimonios, e regular-se
que tanto os mesmos Plebeos, como os
outros, poderiaõ ser nomeados Consules.
Nas vespas de huma guerra era neces-
sario haver condescendencia. O Artigo
dos Matrimonios se conced o. Porém
com o receio de fazer o Consulado
vil, os Senadores propuzêraõ a Creação
de

Liberdade
dos Matri-
monios en-
tre os Pa-
tricios, e os
Plebeos,

de tres Tribunos Militares, os quaes occupariaõ o lugar de Consules, e seriaõ eleitos indifferentemente entre os Patricios, e os Plebeos. O Povo tendo approvado aquelle projecto, deo huma singular prova de moderação; e nomeou tres Patricios para a nova Dignidade. Estes renunciáraõ alguns mezes depois, porque os auspicios, segundo se dizia, não tinhaõ sido favoraveis. Este foi, sem duvida, hum artificio do Senado, para repôr as cousas no antigo pé. O Consulado foi effectivamente restabelecido. Os Tribunos não tinhaõ interesse algum em se lhes oppôr desde que o Povo estava resolutto a dar os seus votos aos Patricios, cujos talentos, e sagacidade mereciaõ a preferencia.

Tres Tribunos Militares, em lugar de Consules.

CAPITULO II.

Desde o estabelecimento da Censura, até ao desterro de Camillo.

HAVIA dezesete annos, que se não tinha feito o Censo, ou a resenha dos Cidadãos, e a interrupção deste sabio, e prudente uso perturbava a ordem da Republica. Os Consules Quincio Capitolino, e M. Geganio, cuidáraõ em o restabelecer.

310
Estabelecimento do Censores.

cer. Cheios, e opprimidos com negocios, a fim de satisfazer por si mesmos a hum emprego semelhante, como faziaõ os antigos Consules, introduziraõ huma nova Magistratura, que foi encarregada daquelle cuidado. Tal foi a origem dos Censores. A sua Dignidade pareceo logo tão pouco importante, que os Tribunos não se dignáraõ de a disputar aos Patricios; porém em poucos annos se levantou quasi em parallelo com o Consulado. A Censura adquirio a inspecção dos costumes, o direito de punir, e de degradar qualquer Cidadão, que fosse. A vigilancia das rendas, e a conservação dos edificios publicos se lhe confiáraõ. A' Censura he que se deve attribuir em parte a gloria, e a prosperidade de Roma; *porque, segundo a excellente observação de Montesquieu, ha huns mdoz exemplos, que são peiores do que alguns crimes; e muitos Estados acabáraõ mais depressa, por violar os costumes, do que por violar as Leis.* Os Censores, reprimindo o vicio, apartavaõ hum contagio fatal, que altera, dissolve, e extingue cedo, ou tarde o Corpo Politico.

Quanto
augmen-
tou a sua
authorida-
de.

Duração
da Censura.

O tempo deste Emprego determina-
do em sinco annos, de hum até outro
lustro, se reduzio pouco tempo de-
pois a dezoito mezes; de modo que no

espaço do resto do lustro, não havia Censores. O Dictador Emilio fez aquella mudança em 319. Assim que o Povo a approvou, Emilio renunciou a Dictadura, *a fim de mostrar, que os Empregos de dilatada duração não são do meu gosto*, disse o mesmo Emilio. Ambos os Censores daquelle tempo, indignos certamente do seu lugar, vingárao-se mandando riscar o nome de Emilio do registo da sua Centuria, o que era o mesmo, que privallo do direito de voto; e sujeitando-o a hum tributo oito vezes maior do que aquelle, que costumava pagar. Este grande Homem suspendeo a indignação do Povo, prompta a manifestar-se contra elles. Emilio desprezou huma ignominia, cuja causa era honorifica.

Injustiça dos Censores a respeito de Emilio.

Roma agitada sempre com partidos, e sempre em guerra com os seus visinhos, variou ainda muitas vezes em os seus systemas de Governo, teve novos Tribunos Militares, cujos lugares foraõ occupados novamente pelos Consules, e vio renascer as queixas dos Tribunos do Povo, a respeito dos Cargos, que se deixavaõ para os Patricios, e a respeito das Terras, cuja divisaõ se requeria. A Historia faz-se enfadonha com a repetição destas individuações uniformes, das quaes deixou muitas, que seriaõ de pouca utilidade.

Variações, e perturbações em o Governo,

General
morto pe-
los seus
Soldados.

O Consul Posthumio, apedrejado pelos seus soldados, aos quaes o tinha feito odioso huma excessiva severidade, he o primeiro exemplo, depois da fundação de Roma, de hum General morto pelas tropas. Quando a Disciplina fôr destruída juntamente com os costumes, veremos que o proprio sangue dos Cesares não se conservará.

347
Dá-se hu-
ma paga ás
tropas da
Infantaria.

Em o mesmo tempo acha-se hum Decreto do Senado, para conceder huma paga aos Soldados, que servissem na Infantaria. O Povo gostoso applaudo muito hum Decreto semelhante. O serviço militar, que o Povo fazia á sua custa, era a causa dos empréstimos, da miseria, e das perturbações. O mesmo Povo deo testemunhas do mais forte reconhecimento aos Senadores, protestando que qualquer Cidadão prodigamente derramaria dahi por diante o seu sangue pela defeza da Patria, sentimento digno de hum Povo semelhante.*

Os Tribu-
nos se lhe
opõem,
porém em
vão.

Os Tribunos, dispostos a hir contra tudo o que o Senado fazia, exclamá-

* No tempo de Polybio, o simples Infante tinha dois obolos por dia, o Centurião quatro, e o Cavalleiro seis. Segundo Polybio, o alqueire de trigo valia ordinariamente quatro obolos, e era sufficiente para qualquer soldado, para oito dias. A paga, em consideração do alimento, era pois muito grande; porém nada mais se dava aos Soldados, como se dá hoje em dia.

márao contra aquelle Decreto, com hum zelo affectado; dizendo que a paga militar seria hum pezo para o Povo; que os soldados antigos, depois de ter servido á sua custa, não consentiriaõ que os novos fossem pagos da sua fazenda; e finalmente que huma semelhante innovação, chegaria a ser funesta á Republica, procurando algumas utilidades aos particulares. As suas declamações principia-
vaõ a persuadir os animos. Porém tendo-se os Patricios taxado generosamente, e os ricos Plebeos tendo seguido o seu exemplo, desvanecêraõ-se as murmurações; os mesmos pobres quizeriaõ contribuir, e o Senado concebeo maiores intentos.

A guerra, até áquelle tempo, só-
mente tinha consistido em algumas incur-
sões pelas terras inimigas, e em comba-
tes raras vezes decisivos. Qualquer cam-
panha de vinte, ou trinta dias exauria
os recursos do soldado: era necessario
voltar com diligencia, e nada se acaba-
va. Huns exercitos entretidos á custa da
Republica, eraõ os unicos, que podiaõ
extender longe o seu poder. Logo es-
ta mudança he notavel. O estabeleci-
mento das tropas pagas fará a mesma
Epoca em as Monarquias modernas.

Resolveo-se logo o sitio de Veios,
Ci-

Utilidades
desta insti-
tuição.

348
Famoso si-

elo de
Veios.

Cidade de Etruria, visinha de Roma, rica, forte, e inimiga mortal dos Romanos; os quaes a accommettêraõ com hum methodo, de que a sua Historia ainda não deo exemplo algum. Os Romanos fizeraõ linhas de circunvallação, e contravallação, humas a fim de se acautelar contra as sahidas, e as outras contra os ataques dos que viessem soccorrer os sitiados. Os Tribunos Militares (porque naquelle tempo não havia Consules) querendo passar o Inverno em as linhas, ordenáraõ que as tropas construissem barracas naquelle sitio. Os Tribunos foraõ logo obedecidos, pois os soldados preferiaõ o campo á Cidade, onde a sua paga cessaria. Porém hum projecto taõ util, chegou a ser para os Tribunos do Povo hum assumpto de queixas, e de injurias; clamáraõ que os Generaes tinhaõ conjurado a perda dos soldados, e attentado contra a liberdade publica; tanto arruinava as melhores cousas o espirito de partido. Felizmente não foraõ acreditados. Surpreendidos os sitiantes pelos Veienses, e vendo queimadas todas as suas machinas, huma fatalidade semelhante, longe de excitar murmurações, reduplicou o zelo dos Cidadãos. Ricos, e pobres requerêraõ que queriaõ servir naquelle sitio, promettendo de não voltar senão depois da tomada de Veios.

Quexas injustas dos Tribunos contra os Generaes.

A discordia dos Generaes, a violenta paixão dos Tribunos do Povo, a peste, a superstição, e os esforços dos inimigos prolongarão a guerra. Camillo, creado Dictador, era digno de a terminar. O mesmo Camillo mandou abrir hum caminho subterraneo, a fim de penetrar dentro da Praça, que não esperava tomar de assalto. Acabada a obra, julgando-se Camillo certo, e seguro do feliz successo, escreveo ao Senado para saber o emprego, que se pretendia fazer do despojo. Depois de algumas contestações, se declarou que o despojo se dividiria entre o Exercito, e todo aquelle que ao Exercito se ajuntasse. Este era o meio de augmentar repentinamente o Exercito. Em quanto huma parte dos Romanos accommettiaõ as muralhas, os mais entrãõ pelo subterraneo da Cidade! Veios foi tomada depois de hum sitio de dez annos (357). Hum Tribuno pretendia que ametade dos Cidadãos se estabelecessem em Veios. Camillo, e o Senado reprováraõ prudentemente aquella proposição, receando que Roma, e Veios não chegassem a ser as Capitaes de dous Estados. Distribuirãõ-se sómente Terras por aquelles, que quizessem formar huma Colonia na Terra dos Veien-
ses.

Camillo tomou Veios depois de hum sitio de dez annos.

Proposição de estabelecer em Veios ametade dos Cidadãos.

Tomada
de Falerias
pelo mes-
mo Gene-
ral.

Falerias, Cidade dos Faliscos, foi sitiada algum tempo depois. Parece difficuloso crer-se que hum Mestre de escola, sahindo todos os dias da Praça com os seus discipulos, chegasse ao campo de Camillo, para lhe entregar aquella mocidade. Porém não se pôde deixar de applaudir a acção ou verdadeira, ou falsa do General. As palavras, que Tito-Livio põe na sua bocca, são a Lei da Humanidade: *Sem estar unidos por meio das convenções com os Faliscos, nós o estamos, e estaremos sempre unidos por meio da Natureza. A guerra tem suas leis, assim como a paz, e nós sabemos fazer a guerra com tanta justiça, como com valor.* Camillo, segundo o Historiador, enviou o traidor, com as mãos prezas atraz, açoitado pelos seus discipulos; e os sitiados admirados da virtude dos Romanos, pediraõ logo a paz.

Camillo
accusado
por hum
Tribuno.

Voto que
Camillo ti-
nha feito.

Com tudo Camillo he accusado por hum Tribuno, de se ter apropriado de huma parte do despojo de Veios. He verdade, que Camillo depois da distribuição dos despojos, tinha pedido a decima parte delles, a fim de cumprir hum voto em honra de Apollo. Os Pontifices foraõ consultados a respeito daquelle voto, que se cumprio com fervor; e até as mesmas Mulheres concorrêraõ para elle

sa-

sacrificando as suas joias. Rollin faz neste lugar huma reflexão, da qual se poderia abusar. « Os Romanos não ignoravaõ, » diz Rollin, que o voto he hum contrato, que se ajusta com a Divindade, e e huma promessa solemne que se lhe faz, da qual não se permite diminuir de nenhum modo cousa alguma; e que se he hum crime faltar á palavra a respeito dos Homens, he huma impiedade, e hum sacrilegio faltar á palavra a respeito de Deos. « Este pio Escritor não deveria accrescentar, que huns votos inspirados pela superstição pôdem ser hum grande abuso; que neste caso não se lhes deveria applicar tanto valor; e que os Romanos mereceriaõ maiores elogios, se a sua piedade houvesse sido mais solida? A sua falsa Religião os obrigou muitas vezes a cumprir votos; que huma razão illuminada impediria fazer.

Reflexão
de Rollin a
respeito do
voto.

Seja o que for a respeito do voto de Camillo, o Povo irritou-se contra a sua pessoa, não sómente por causa da perda daquella porção do despojo, que se lhe havia tirado, mas porque o General triunfára de hum modo muito cheio de fasto. Camillo desterrou-se voluntariamente, a fim de prevenir huma sentença injusta; supplicando aos Deoses, segundo alguns Escriitores, que reduzissem a sua

Camillo
desterra-se
voluntaria-
mente.

Patria ingrata a que sentisse a sua falta Aristides partindo para o seu desterro fez supplicas inteiramente contrarias. Se o Grego excede ao Romano na virtude, Roma não he menos competidora de Athenas na injustiça. Todo o merecimento superior, como Cicero observa, foi sempre a victima da perseguição em as antigas Republicas. *Que ninguém seja superior entre nós*, disserão os Efesios desterrando a Hermodoro; *se se encontrar qualquer Homem eminente, se retire logo para qualquer outro Povo.* (Tusc. 5.) Aquelle absurdo Proverbio, descreve hum sentimento muito commum naquelle tempo. Porém a necessidade faz sentir a falta dos Homens grandes. Os Romanos julgáráo logo que não se podia achar Romano, que se substituisse a hum Camillo.

Os Homens
grandes
persegui-
dos em as
antigas Re-
publicas.

QUINTA EPOCA.

ROMA TOMADA PELOS GAULEZES.

Progressos dos Romanos na Italia, desde o anno de Roma 363, até 471.

CAPITULO I.

Irrupção dos Gaulezes na Italia. — Tomada de Roma. — Leis de Licinio, &c.

OS Gaulezes, habitantes da Gaula Celtica, entre os Rios Sena, e Garona até aos Alpes, fizeram huma irrupção na Italia no Reinado de Tarquino I.; depois vieram varias vezes procurar estabelecimentos na mesma Italia. Attribue-se aos Gaulezes a fundação de Milão, de Como, de Brescia, de Cremona, e de algumas outras cidades. Hum novo exame daquelles Barbaros foi attrahido por Aruns, de Clusia na Etruria, a quem os seus Concidadãos não tinham feito justiça (362). Os vinhos de Italia foram, segundo dizem, o attractivo, que Aruns offereceo aos Gaulezes, para os interessar na sua contenda. Clusia

Irrupção dos Gaulezes na Italia.

Clusia implora o socorro dos Romanos.

sia sitiada implorou o soccorro de Roma. Posto que o Senado não tivesse razão alguma particular para se interessar na sorte dos Etruscos, com tudo mandou tres Patricios mancebos, com ordem de contratar a paz. A imprudencia dos Embaixadores deo motivo para que toda a tormenta cahisse sobre a mesma Roma.

Os Embaixadores de Roma violão o direito das gentes.

Os Embaixadores perguntárao a Brenno, Chêfe dos Gaulezes, qual era o direito, que tinha a respeito da Etruria. Brenno respondeo que os Clusienses tendo terras inuteis, recusavao injustamente cedellas aos Gaulezes, os quaes tinhao nellas tanto direito, como os Romanos a respeito das terras, das quaes se haviao apoderado; que tudo pertencia á gente valerosa, e que a espada lhe dava o seu direito. Estas razões descrevem o character do Povo, a quem ellas erao familiares. Os Embaixadores, dissimulando a sua indignação, supplicárao que que-riaõ entrar na Praça, com o pretexto de conferir com os sitiados. Porém em lugar de inspirarem a paz, puzeraõ-se á frente dos Clusienses, e derrotárao os Gaulezes.

Brenno pede satisfação, mas de balde.

Immediatamente Brenno marcha para Roma, manda por hum Rei de armas pedir satisfação, e pretende que os cul-

culpados sejam entregues á sua vingança. O Senado perplexo deixa ao Povo a decisão daquelle negocio. Os Embaixadores em lugar de serem condemnados, são nomeados Tribunos Militares para o anno seguinte; o que era provocar os Gaulleses. Brenno precipitou a sua marcha, certificando ser seu unico intento assolar, e destruir os Romanos.

Os Romanos governados por seis Tribunos Militares, e sem Consules, partirão ao encontro do inimigo com forças muito desiguaes, e muito mais fracas por causa da relaxação da disciplina. Sómente o numero dos seus Generaes era hum grande inconveniente. Os Romanos ficárao derrotados na batalha de Allia, quasi sem combater. Não se tinhao consultado os agouros, que erao tão respeitados pelo Povo, por causa da politica superstição do Senado: este foi sem duvida hum motivo da falta de valor dos soldados. Roma encheo-se de consternação, e de terror. Os Velhos, as Mulheres, e os Meninos, todos se refugiárao em as Cidades visinhas. A mocidade mette-se no Capitolio, a fim de o defender até á ultima extremidade. Oitenta Senadores illustres fazem voto de se sacrificarem á morte; sacrificio patriotico, ao qual se unia a virtude de ate-

363

Batalha de Allia seguida da tomada de Roma.

Voto dos Senadores vellos.

mo-

morisar os inimigos. Os Gaulezes chegam, e matao cruelmente aquelles veneraveis Homens immoveis nas suas cadeiras Curules. Os mesmos Gaulezes atacáo o Capitolio, e tendo sido rechaçados, deitaó fogo á Cidade. Neste tempo he, que os antigos Monumentos Historicos se queimáo.

Camillo
perdoado,
e nomeado
Dictador.

Se Camillo tivesse preferido o triste gosto da vingança ás obrigações de Cidadão, Roma ficava perdida sem recurso algum. Porém Camillo sempre sensível ao amor da Patria, e talvez á ambição de mandar os Romanos, empenhou os Ardeates, entre os quaes vivia desterrado, para tomarem armas contra os Gaulezes, huma parte dos quaes assolavaó os campos, que havia nos suburbios de Roma. Camillo derrotou hum destacamento. Os Romanos nimando-se novamente, lhe supplicáo que se puzesse na sua frente. Persuadido Camillo que o Poder Supremo residia naquelles, que defendiaó o Capitolio, pretendo obter a sua approvação, como necessaria. Hum Mancebo Plebeo se encarregou daquella perigosa commissão, e veio outra vez annunciar a Camillo, que estava nomeado Dictador.

O Capito-
lio salvado
por Man-
lio.

Manlio, Consul antigo, salvou o Capitolio accommettido de noite pelos Gau-

Gau-

Gaulezes. Póde-se duvidar que os gansos mais vigilantes, do que os cães, occasionassem o rebate, e acordassem Manlio. Porém assegura-se, que os gansos depois daquella occasião se honraraõ em Roma, onde os cães foraõ abominados, e até castigados; porque não se deixava de empalar hum caõ todos os annos. Humas semelhantes ridicularias conservavaõ o Povo supersticioso na idéa, que o Cco fazia Milagres pela Republica. Como os gansos eraõ consagrados a Juno, Juno sem duvida tinha empregado os seus clamores pela salvaçaõ de Roma.

Fabula dos
gansos.

As circumstancias, que se seguem não tem maior probabilidade. Conforme Tito-Livio, e a multidaõ dos Historiadores, depois de sete mezes de bolqueio, os sitiantes, e os sitiados igualmente abatidos por causa da falta de viveres, e das enfermidades, começaõ a ter huma conferencia: Brenno pretende mil marcos de ouro; por semelhante preço ajusta-se a comprar huma paz vergonhosa; Sulpicio traz a quantia, e queixa-se de que os Gaulezes se servem de balança falsa; Brenno em resposta augmenta ao pezo a sua espada, exclamando; *desgraçados os vencidos*. Camillo chega naquelle mesmo instante, e como Dictador desfaz o ajuste: *He a ferro*, exclama Camillo, e não

Circumstan-
cias pouco
provaveis
da salvaçaõ
de Roma,

o ouro, que deve resgatar os Romanos. Combate-se de huma, e de outra parte; os inimigos são mortos cruelmente, dos quaes nem hum só fica para levar á Gaulia a noticia do desastre.

Relação
contradi-
ctoria de
Polybio.

Independentemente das maravilhas, que fazem aquella narração muito suspeitosa, a relação de Polybio não permite dar-lhe fé. Polybio nos refere que os Gaulezes se ajustáraõ com os Romanos, restituiraõ-lhes a Cidade, e foraõ defender o seu proprio territorio accommettido pelos Venetos. Como desprezáraõ os authores Inglezes da Historia Universal huma observação taõ util, e taõ importante, que faz Rollin a pezar da sua pouca critica?

A Cidade
reedificada
sem arte.

Roma foi reedificada/em hum anno, semelhante a huma Aldea, sem alinhamento algum, nem ordem: os canos se acháraõ debaixo das proprias casas dos particulares. Os Romanos em quanto ás Artes, em lugar de fazerem progressos, parecem ter declinado desde o estabelecimento da Republica. Os mesmos Romanos mais socogados no tempo dos Reis, pudéraõ executar, sem duvida, Obras mais excellentes. Além de que tudo sentia a confusão occasionada pelas circunstancias dos negocios.

Manlio ac-

Manlio, o Salvador do Capitolio,
Pa-

Patricio distincto por causa dos seu serviços, o qual tinha merecido, e obtido trinta e sete recompensas militares, Corôas civicas, Corôas muraes, e outras muitas, (porque honrar o valor era hum dos principaes objectos da Politica Romana para o excitar); Manlio aspirava, segundo dizem, á suprema authoridade, sustentava, animava os plebeos contra os Nobres; pagava as dividas dos pobres, livrando-os da perseguição dos seus Creditores, e empregava o perigoso talento de lisonjear, e de grangear o Povo, com a idéa de o sujeitar. Porém o mesmo Manlio foi, como outros muitos a victima daquella ambição. Cosso, nomeado Dictador pelo Senado, o mandou prender, sem ninguem se atrever a pôr-lhe obstaculo. Tal era o Imperio da Dictadura.

cusado por
aspirar á
Tyrannia,

Manlio solto da prizaõ, assim que Cosso renunciou a sua Dignidade, renovou todas as suas intrigas. Manlio foi accusado perante o Povo. Os Historiadores dizem, que a fim de o fazer condemnar, foi necessario fazer a Assembleia fóra do campo de Marte, em hum lugar, donde se não podesse descobrir o Capitolio; taõ grande era a impressaõ, que aquelle objecto fazia em seu favor. Manlio foi precipitado do proprio Capitolio.

370
Manlio he
punido cõ
a pena de
morte.

O Povo arrependendo-se, e chorando a sua perda, julgou que Jupiter colerico o vingava por meio de huma peste, que sobreveio immediatamente depois do seu supplicio.

Passo fême-
lhante de
Melio, suc-
cedido an-
tesedente-
mente.

Muitos annos antes, (314) Melio, Cavalleiro Romano, havia-se feito do mesmo modo suspeito de aspirar á Tyrannia, distribuindo trigo pelo Povo em huma occassião de fome. Cincinnato muito velho naquelle tempo, foi revestido da Dignidade de Dictador; e Servilio, General da Cavallaria, matou Melio, ao qual o Povo tinha tirado das mãos do Lictor. O Dictador felicitou a Servilio por ter livrado a Patria de hum Tyranno. Etas especies de successos, frequentes

Pode-se
suspeitar o
Senado de
injusto nes-
tas accusa-
ções.

na Historia, não provaõ talvez menos o inquieto ciume do Senado, do que o odio da Dignidade Real. O amigo do Povo dava sempre motivo de desconfiança aos Patricios; os quaes, duvido, que escrupulizassem a respeito das provas de Tyrannia, que fizeraõ morrer tantos Cidadãos illustres. O exemplo dos Graccos confirmará adiante esta conjectura. Tomemos outra vez o fio dos successos.

A vaidade
de huma
Mulher dá
occafiaõ a
grandes
projectos.

As guerras pequenas começam de novo com os vizinhos de Roma; porém o unico objecto digno de nos demorar, são as domesticas perturbações, e as mu-
dan-

danças, que ellas occasionaõ. A vaidade de huma mulher dispõe o Povo para conseguir huma vantagem, que sempre se lhe tinha disputado. Duas filhas de Fabio Ambusto, Patricio, eraõ casadas, huma com hum Plebeo rico; a ultima achando-se hum dia em casa de sua Irmã, e vendo as honras que lhe faziaõ, como Mulher de hum dos primeiros Magistrados, preoccupou-se de huma violenta tristeza por se ver confundida com a Plebe. Esta Mulher apparecia sempre cheia de melancolia. Seu Pai querendo saber a causa, lhe arrancou finalmente o seu segredo. *Vós me casastes*, lhe disse aquella filha, *em huma familia excluida das honras da Republica. Que differença entre minha Irmã, e eu!* Fabio a amava ternamente, e lhe prometteo que os seus desejos se satisfariaõ.

Nunca a experiencia provou melhor, como as pequenas causas pôdem produzir grandes effeitos. Este Pai não pensou mais do que nos meios de satisfazer a sua filha. Licinio seu Esposo, e Sextio, Plebeo moço de hum merecimento superior, abraçaraõ as mesmas idéas de Fabio. Tendo estes sido eleitos Tribunos do Povo, propuzêraõ differentes Leis contrarias directamente aos interesses do Senado. Licinio, e Sextio queriaõ que se abolisse

377
Leis de Licinio contra os interesses do Senado.

sobre tudo o Tribunato Militar, que o Consulado se restabelecesse, e hum dos Consules fosse dalli em diante Plebeo. A fim de mandar publicar aquella Lei, acrescentárao-lhe outras duas mais formidaveis para os Patricios: A primeira, que se diminuiria do principal das dividas tudo o que estivesse pago em juros, e que o resto se satisfizesse em tres pagamentos iguaes de hum para outro anno: a segunda, que nenhum Cidadão possuisse mais de quinhentas geiras de Terra, e o excedente se distribuisse pelos pobres, que não possuissem herdades algumas.

Os Tribunos oppo-
tos entre si.

Facil he imaginar-se quanto inquietárao o Senado, e quanto alterárao o Povo aquellas Leis. A discordia se excita, multiplicaõ-se as intrigas, tudo chega a ser partido, tudo tumulto. Os Patricios recorrem á Politica: grangeárao os outros Tribunos, que com huma só palavra suspendem as deliberações, e impedem se recolhaõ os votos. Licinio, e Sextio, voltando as mesmas armas contra os seus Collegas, oppõem-se á eleição dos Magistrados, e continuando sempre em o seu Emprego, renovaõ as mesmas opposições sinco annos successivos. Deste modo vieraõ a cahir em huma verdadeira Anarquia. Huma guerra contra Velitres fez conhecer a necessidade, que havia

Anarquia
de sinco
annos.

via de Chefe. Seis Tribunos Militares foram postos então, como anteriormente, á frente da Republica. Velitres he sitiada; porém as perturbações renascem em Roma.

Esta he a oitava vez, que são eleitos Tribunos do Povo. Licinio, e Sextio eram tão formidaveis ao partido contrario, pois que faziam mover perfeitamente todas as maquinas do Coração Humano, vexando os Nobres com interrogações, ás quaes se não podia responder sem offender o Povo. « Por ventura he
« justo, que vós possuais mais de qui-
« nhentas geiras de Terra, ao mesmo
« tempo que a maior parte dos Ple-
« beos, reduzidos a duas geiras, apenas
« conservaõ bastante espaço para edifi-
« car para si huma cabana, e huma se-
« pultura? Acaso he necessario que o Po-
« vo endividado eternamente se consu-
« ma em os ferros, e que cada casa de
« Patricio seja huma prizaõ? Os Ro-
« manos pôdem-se julgar livres do jugo
« dos Reis em quanto gemerem debaixo
« da Tyrannia dos Nobres? E por ven-
« tura ha outro algum remedio para
« aquellas infelicidades, do que nomear
« Consul a hum Plebeo juntamente com
« hum Patricio » O Povo persuadia-se avidamente daquellas razões. Os Tribu-

Licinio, e
Sextio in-
flammaõ o
Povo con-
tra o Sena-
do.

nos estavaõ divididos. Licinio, e Sextio mostravaõ-se resolutos para vencer todos os obstaculos. O Senado, em huma posição tão critica, vio a necessidade, que havia de hum Dictador: Camillo, que depois da liberdade de Roma, se havia distinguido com outras muitas victorias, foi nomeado Dictador.

Camillo,
quinta vez
Dictador.

Aquelle grande Homem não podendo reduzir os Tribunos á obediencia, renunciou asperamente a Dictadura, á qual porém foi novamente elevado quinta vez, posto que tivesse oitenta annos, porque os Gaulezes tornavaõ a accommetter Roma. As suas cortadoras espadas, manejadas com arte, e força foraõ huma das principaes causas da sua victoria de Allia. O Dictador, a fim de os privar daquella vantagem, deo aos Romanos vestidos de aço, mandou guarnecer os seus escudos com folhas de ferro, e os armou com lanças compridas, proprias para se defenderem dos botes das espadas. Camillo derrotou os Gaulezes, recebeu as submissões de Velitres, triumphou, e sempre teve disputas com os Tribunos.

Camillo
derrota os
Gaulezes.

386
O Dictador
insultado
em Roma.

Por muito grande que fosse o respeito, que todos tinhaõ á sua pessoa, a Dictadura já não imprimia o mesmo temor, nem a mesma veneração, como an-

antigamente, pois a fizeraõ ser muito commun. Os Homens familiarizaõ-se com os objectos que saõ costumados a vêr; e hum grande erro he gastar prodigamente aquillo mesmo, que deve ser raro para ser util. Como da Praça publica se tinha feito hum campo de batalha, Sextio, e Licinio chegáraõ a tanto com a sua audacia, que fizeraõ violencia ao Dictador. Hum dos seus Officiaes se atreveo a lançar-lhe a maõ. Os Patricios rechaçáraõ o insolente: Camillo marchou para o Capitolio; e fez voto de edificar hum Templo á Concordia, quando o socego estivesse restabelecido. Finalmente o Senado vio-se obrigado a ceder ao Povo, permittindo-lhe eleger hum Consul Plebeo; todos os passos dos Tribunos se referiaõ áquelle fim: o mais naõ era senaõ hum meio para chegar ao mesmo fim. Com tudo a Lei, que determinava as herdades das Terras, a quinhentas geiras, tambem foi acceita.

por se ter
feito muito
commun a
Dictadura.

Cócede-se
o Consula-
do aos Ple-
beos: de-
terminaõ-
se as her-
dades em
quinhentas
geiras de
Terra.

CAPITULO II.

*Os Plebeos admittidos ao Consulado. —
Estabelecimento da Pretura, e do Al-
motecelado rural. — Negocios dos
Campanios, e dos Latinos, &c.*

Consul
Plebeo.

Creação da
Pretura, e
do Almo-
tecelado
rural.

VIO-SE hum novo Homem, o Tri-
buno Sextio, revestido da Dignidade
Consular. A pezar das prevenções dos
Nobres, o merecimento que podesse ele-
var os Plebeos ás primeiras honras, era
hum bem para o Estado. Camillo obte-
ve do Povo, como em troca, a criação
de hum emprego novo reservado unica-
mente para os Patricios, a que deraõ o
nome de Pretura. Os Consules, occupa-
dos pela maior parte das vezes na guer-
ra, não podião já mais administrar a jus-
tiça. O Pretor (naquelle tempo não hou-
ve senão hum) foi encarregado daquel-
la parte essencial do Governo. Creáraõ-
se tambem dous Edís Patricios, ou *Cur-
iaes*, para cuidarem dos Templos, dos
Theatros, dos Jogos, das Praças publi-
ca, dos muros da Cidade, &c. &c.

Nobreza
affecta ás
Magistratu-
ras Curules.

As Magistraturas Curules, (assim cha-
madas, porque davaõ o direito de andar
em huma cadeira de marfim) eraõ o Con-
su-

culado, a Censura, a Dictadura, a Pretura, e o novo Almotecelado. Estas Magistraturas transmittiaõ o titulo de Nobres aos descendentes daquelles, que as obtinhaõ. Deste modo houve alguma differença entre *Nobre*, e *Patricio*. A vaidade, sempre fecunda em distincções, distinguio tambem os Nobres Patricios, dos Nobres Plebeos.

Huma peste, em que morreo Camillo, *Homem unico na felicidade, e na desgraça*, diz Tito-Livio, perturbou totalmente a commum alegria. Segundo a natural inclinação do Género Humano, os animos consternados se entregáraõ á superstição; porem a superstição naquelle tempo nada teve de feroz. Pretende-se que a Superstição foi a causa da instituição das representações Scenicas, ou Theatraes, como hum meio para socegar os Deoses. A mesma Superstição fez renovar a cerimonia do *Lectisternio*, praticada já duas vezes, que consistia em levantar leitos nos Templos, em collocar nelles as Estatuas dos Deoses, e das Deosas, aos quaes se servia hum banquete, de que os Homens se aproveitavaõ.

Nada fazendo cessar a peste, alguns velhos propuzeraõ, como o melhor remedio, huma pratica antiga, interrompida havia muito tempo, que con-

Representações scenicas, *Lectisternio* estabelecidos pela Superstição:

Dictador para pregar o prego sagrado:

sistia em pregar solemnemente hum prego na parede do Templo de Jupiter Capitolino. Para semelhante operação era necessario hum Dictador. Manlio Imperioso foi eleito para pregar o sagrado prego. Antigamente os pregos servião em Etruria, e Roma para contar o numero dos annos, por falta de Algarismos. O Consul os pregava, donde nasceo certamente a idea extravagante de dar a tão pouca cousa huma importancia tão grande. Em quanto á Superstição, nada he incrível, especialmente da parte dos Romanos.

— — —
Acção
pafinosa do
mancebo
Manlio, pa-
ra salvar seu
Pai accusa-
do.

Manlio altivo, severo, teria abusado da Dictadura, se os Tribunos do Povo o não obrigassem a renuncialla pouco tempo depois da cerimonia. Hum dos Tribunos o accusou depois por causa das violencias com os Cidadãos, sem exceptuar hum dos seus filhos, a quem fazia trabalhar no campo como hum escravo, por ter hum defeito na lingua. Sciente aquelle filho da accusação de seu Pai, e esquecendo-se dos seus máos tratos, partio para Roma, e correndo a casa do Tribuno, pôz-lhe o punhal na garganta, e obrigou-o a dar hum juramento de não continuar de nenhum modo aquella causa. O Povo approvou huma acção, em que respirava a ternura fi-

filial, posto que por outra parte reprehensível.

Naõ me demorarei em descrever o combate do Mancebo Manlio Torquato, contra hum gigante Gaulez, ao qual tomou o collar de ouro, depois de o matar á vista de ambos os Exercitos; nem hum semelhante combate de Valerio Corvo, que se suppõe ter sido soccorrido por hum corvo, posto em o seu capacete; nem o milagre do golfo, em que se diz, Curcio se precipitára, tendo declarado os agouros, que o golfo se taparia, quando nelle se tivesse lançado o que havia de mais precioso; nem outros factos desta qualidade, inventados, ou ornados pelo orgulho nacional. Apresso-me para chegar ao tempo da guerra Punica; e no intervallo resumirei aqui sómente o que póde dar materia para reflexões.

Acções
maravilho-
sas que não
merecem
ser referi-
das.

O valor Romano exercita-se em continuadas guerras. Genucio, Consul Plebeo, deixa-se surprender pelos Hernicos; as suas tropas o abandonáraõ; Genucio foi morto. Os Patricios entaõ exclamaõ novamente contra a nova Lei, como se hum General extrahido do Povo fosse isento de ser derrotado. Com tudo, Licinio foi elevado pela segunda vez ao Consulado, e não ficou derrotado.

Consul
Plebeo vê-
cido pelos
inimigos.

As

Licínio vio-
la a sua pro-
pria Lei das
quinhentas
geiras de
Terra.

As suas Leis o tinhaõ feito odio-
so á Nobreza. O mesmo Licínio violan-
do-as se attrahio huma justa accusação.
Em lugar de quinhentas geiras, Licínio
possuia mais de mil geiras; porém a fim
de illudir a Lei, tinha feito huma ces-
saõ fingida da metade a seu filho, depois
de o ter emancipado. Assim que Licínio
naõ occupou mais o seu Emprego, foi
convencido daquelle dolo, e condemnado
a pagar huma multa pecuniaria.

Aquella
Lei devia
ser illudida
pela avare-
za.

A avareza sempre he engenhosa em
se livrar das cadeas, que o Governo lhe
dá. Se a communidade dos bens naõ está
solidamente estabelecida assim como em
Sparta, parece impossivel incluir a pro-
priedade em huma estreita circunferencia.
Os Romanos adquirindo sempre Terras,
e podendo dispôr dos seus bens por tes-
tamento, a Lei Licinia devia annullar-se
per si mesma. O juro do dinheiro deter-
minou-se a hum por cento cada anno;
porém este foi hum meio para excitar os
artificios da usura. Dez annos depois se
diminuio ainda ametade do juro.

Reducção
do juro.

Esforçaõ-
se em tirar
o Consula-
do aos Ple-
beos, os
quaes ob-
tem ainda
a Censura.

Os Patricios ciosos de ver a Rutilo,
Dictador Plebeo, derrotar os Etruscos, se
inflammáraõ mais por recuperar as suas
antigas prerogativas, e conseguiraõ con-
servar o Consulado no seu corpo por es-
paço de alguns annos. O Povo queixou-
se,

se, as divisões animárao-se novamente, e foi necessario satisfazer aos Plebeos, os quaes não obstante abrião o caminho para se introduzirem na Censura. O poder de crear os Senadores, transferido dos Consules para os Censores, augmentou consideravelmente a authoridade daquelle Emprego.

Huma violenta guerra se atêa entre os Romanos, e os Samnites. Estes accommettiaõ, e estavaõ quasi para subjugar os Campanios, Povo brando, cuja Capital, aquella famosa Capua, temia a chegada, e ataques do inimigo. Os Campanios imploraõ o soccorro de Roma. Responde-se-lhes que a Republica estando unida com os Samnites por meio de hum Tratado solemne, não o póde quebrar em seu favor. Os Campanios vencem aquella difficuldade entregando-se aos Romanos, que os recebem com os braços abertos. Mandaõ-se Embaixadores aos Samnites a supplicar-lhes que não emprehendessem cousa alguma a respeito de huma Terra dependente de Roma. No caso em que as supplicas fossem mal revidas, os Embaixadores deviaõ ameaçar. Os Samnites mostraõ a sua indignação assolando a Campânia, e os Romanos logo lhes declaraõ a guerra.

A guerra foi vantajosa para o parti-

410
Os Campanios se entregão aos Romanos a fim de obter o soccorro contra os Samnites.

As tropas

corrom-
pem-se em
Capua.

tido mais costumado a vencer. Porem humma triste experiencia mostrou logo, que a austeridade dos costumes tão necessaria á Republica, não estava isenta do contagio. Os soldados Romanos, enganados com as delicias de Capua, fizeram hum infame conspiração a fim de expulsar os Campanios de Capua, e apoderar-se da sua Terra. Os effeitos daquella conspiração tendo sido prevenidos pelo Consul Rutilio, diversos sediciosos marcharão armados contra Roma. Era este hum attentado inaudito. Valerio Corvo foi nomeado Dictador; o qual empenhou-se em sujeitar os sediciosos, sem effusão de sangue. Em quanto aos Samnites, foram reduzidos por causa das suas derrotas a pedir a paz, e renovar a sua alliança.

Rebellião
dos Campa-
nios, e dos
Latinos.

Com tudo os Latinos pretendião ou livrar-se do jugo, ou ter parte nas primeiras Dignidades de Roma. Rebellião-se estes juntamente com os Campanios, e com alguns outros Póvos. Pega-se novamente nas armas. Nesta guerra distinguem-se ambos os Consules, Manlio Torquato, e Decio Mus. Vendo Decio, que os Romanos fraquejavão, sacrificou-se por hum voto, aos Deoses Infernaes, lançou-se entre os Latinos, e morreo como humma victima, que devia salvar a Patria. Manlio tinha condemnado o seu proprio fi-
lho

Voto, pelo
qual Decio
se sacrifica
aos Deoses
Infernaes.

Severidade

lho a morte, por ter combatido sem sua ordem. Manlio alcançou huma victoria completa, que se pôde attribuir ao entusiasmo, com que aquelles exemplos animáraõ os soldados. Muitos annos depois, o filho de Decio fez de si hum sacrificio, assim como seu Pai, em a guerra de Pyrrho, com o mesmo successo para o exercito. Estas grandes, e brilhantes acções, taõ proprias para mover as almas credulas, quasi sempre tem feliz exito, quando domina a superstição.

Tendo sido finalmente subjugados os Latinos, o Consul Camillo, neto do celebre Dictador, aconselhou que lhes concedessem o direito de Cidadão, para os unir com o Estado, e augmentar o numero dos Cidadãos. *O unico meio, diz Camillo, para estabelecer solidamente huma dominação, he de fazer com que os Povos sujeitos obedeçam com alegria, e contentamento.* Esta sabia, e prudente politica tinha contribuido mais que tudo para o poder Romano. O Senado seguiu as Maximas antigas; porém pondo huma differença entre os vencidos, segundo parecessem mais, ou menos culpados. Varias Cidades Latinas obtiveraõ o direito de Cidade; algumas perdêraõ huma parte das suas Terras. Velitres foi arrasada,

de Manlio
para seu fi-
lho.

O Direito
de Cidadão
concedido
aos Latini-
nos.

Castigá-
raõ-se os
mais cul-
pados.

da, por ter sido muitas vezes rebelde. Os Campanios forão despojados. Mandárao-se Colonias para diversas partes. Roma alcançou huma grande utilidade das suas ultimas victorias, que prognosticavao a Conquista total da Italia.

Dito atre-
vido de
hum Pri-
vernato.

Priverna, Cidade dos Volscos, rebellando-se algum tempo depois, ficou logo vencida. A questao era saber como se tratariao os prisioneiros. Infinitos Senadores os julgavao dignos de morte. A nobre altivez de hum Privernato os salvou a todos. Perguntarao-lhe que pena mereciao os seus Concidadaos? *Aquella que merecem huns Homens, que se julgaao dignos da liberdade*, respondeo o Privernato. Porém se acaso vos perdoarem, instou o Consul Plautio, de que modo vos conduzireis vós? *O nosso procedimento*, replicou o prisioneiro, *dependera do vosso. Se vós nos concederdes condiçoes justas, nós seremos constantemente fieis: e se nos impozerdes condiçoes crueis, e injuriosas, a nossa fidelidade sera breve.* Os Romanos tinhao hum fundo de grandeza de alma, e considerando serem aquelles Homens zelosos da liberdade, dignos da sua Republica, os fizerao Romanos.

Os Roma-
nos admi-
rao o Pri-
vernato, e
perdoao aos
rebeldes.

Conspira-
çao preten-
dida de Mu-

Ao mesmo tempo em que a sua gloria crescia deste modo juntamente com o seu poder, cento e setenta Mulheres (al-

(alguns levão o seu numero até trezentas, e setenta), forão convencidas, dizem os Historiadores, de ter preparado veneno para seus maridos, em hum tempo de epidemia, e preveniraõ o supplicio envenenando-se a si mesmas. Ainda não havia Lei contra os matadores de veneno; taõ pouco conhecido era aquelle crime, A conspiraçãõ se attribuiu a huma especie de demencia, e julgando-se ser hum flagello da colera celeste; se elego hum Dictador para pregar o prego no Templo do Capitolio. Tito-Livio não se atreve a certificar hum facto taõ pouco provavel. Apenas seria capaz de hum frenesi semelhante a Cidade mais corrupta do Mundo: os bons costumes praticavaõ-se em Roma.

Com tudo, o Povo gemia sempre por causa da crueldade dos credores. O direito de mandar prender os devedores que não podião pagar, e de os tratar, como se fossem escravos, até satisfazer as suas dividas com os seus serviços, era-lhes concedido por huma Lei das doze Taboas. Publilio, Plebeo ainda moço, tinha-se sacrificado áquella escravidão a fim de libertar della seu Pai. O mesmo Publilio tendo sido tratado indignamente pelo credor, fugio, e queixou-se ao Povo. O Senado entãõ lavrou hum

lheres contra seus Maridos.

Lei que prohibe prender o devedores

De-

Decreto, pelo qual prohibia prender os devedores, cujos bens, e não a pessoa, deviaõ responder pela divida. Este Regulamento tão precioso da liberdade se confirmou pelos Comicios; porém a avareza nem sempre o respeitou.

C A P I T U L O III.

Guerra dos Samnites. — Censura de Appio. — Plebeos admittidos ao Sacerdotio.

Papirio
pretende
castigar Fa-
bio por ter
vencido
contra as
suas ordēs.

OS Samnites tinhaõ tomado novamente as armas. Fabio, General da Cavallaria, os derrota na ausencia, e contra as ordens do Dictador Papirio, que chegando para o castigar, ordena aos Lictores, que o despojem, e preparem as varas, e os machados. O exercito se lhe oppõe. Fabio refugia-se em Roma, e seu Pai appella para o Povo da sentença do Dictador. Papirio arrazoa contra elles; insiste sobre as Leis Militares, e a inviolavel authoridade do Commandante; cita finalmente os exemplos de Bruto, e de Manlio. Não se atrevendo o Povo a implorar a sua clemencia, os dois Fabios lançaõ-se aos seus pés, e supplicaõ o perdaõ. Este era o caso, em que a severidade das Leis podia

dia ser suavizada, sem detrimento da disciplina. O prudente Dictador servio-se para perdoar do seu poder absoluto.

Tantas victorias, das quaes se gloriavaõ os Romanos, lhes fizeraõ insupportavel a infamia, que padecêraõ em as Furcas Caudinas. Este he o nome, que se deo a hum desfiladeiro perto de Caudio, para onde Poncio, General dos Samnites, attrahio os Romanos por meio de hum artificio de guerra, e onde estes se acháraõ mettidos, como em huma prizaõ. O Pai de Poncio dava-lhe o conselho, ou de os tratar generosamente, ou de os matar cruelmente. Tomou-se hum máo partido, fazendo passar sob o jugo os Romanos, e mandando-os para a sua Terra sobre a palavra, que os Consules deraõ de acabar a guerra. Deixáraõ-lhes pois forças para se vingar.

Hum mudo furor devorava o coração dos Soldados; a sua ignominia espalhava por toda a Cidade maior cólera que consternação. O Senado declara, que o tratado sendo feito sem ordem sua, o Povo Romano não está ligado a observallo. O Consul Posthumio, que o tinha concluido, requer ser entregue aos Samnites juntamente com os outros Officiaes, a fim de desencarregar a Republica de todo

412
Os Romanos deslhó-rados em as Furcas Caudinas pelos Samnites.

Artificio do Consul Posthumio a fim de renovar a guerra.

do o empenho. Este não he o lugar, onde brilha aquella boa fé, que se attribue aos Romanos. Hum Fecial tendo entregado Posthumio, este dá de proposito em o Fecial, exclamando: *Agora eu sou Samnite, e tu es Embaixador de Roma: tenho violado ultimamente o direito das gentes; Roma pôde-nos fazer a guerra.* Poncio, justamente indignado de hum semelhante artificio, recusa entregar os prisioneiros que estão em seu poder. De huma, e outra parte preparaõ-se para a mais sangui-nolenta guerra.

Os Romanos vin-gaõ-se.

Curio Dentato incor-ruptivel.

Por espaço de muitos annos que a guerra durou, os Samnites continuamente derrotados, tiveraõ perdas irrepara-veis. Poncio, seu General, foi conduzi-do em triumpho para Roma, com as mãos prezas atraz. Em lugar de honrar o seu valor, tiveraõ a barbaridade de lhe mandar cortar a cabeça. Vinte e quatro triumphos alcançados aos inimigos, haviaõ custado muito sangue. Finalmente o Senado recebeu proposições de paz. Curio Dentato, Consul menos respeitavel pelo seu posto, que pelas suas virtudes, devia regular os Artigos. Este grande Homem, voluntariamente pobre, comia em pratos de pão, quando os Embaixado-res Samnites o vieraõ supplicar que os ou-visse, e offerecer-lhe huma grande quan-tia

tia de dinheiro, a fim de o attrahir ao seu partido. *A minha pobreza*, lhes disse Cúrio Dentato, *vos deo sem duvida a esperanza de me corromper; porém eu prefiro antes governar os que possuem riquezas do que as ter.* Se estas palavras mostraõ orgulho, o orgulho he de huma alma nobre. Concluiu-se hum tratado de Alliança, cujas condições se ignoraõ. A guerra tinha durado quarenta e nove annos.

463

Tratado de
Alliança cõ
os Samni-
tes.

Outros muitos Póvos da Italia, e particularmente os Gaulezes Senezes, estabelecidos nas costas do Mar Adriatico, ficáraõ vencidos quasi em o mesmo tempo pelos Romanos. Os Equos perdêraõ em sincoenta e sinco dias, quarenta e huma Cidades, que certamente naõ eraõ pela maior parte senaõ grandes Villas. Em aquelle tempo contavaõ-se duzentos e setenta e tres mil Cidadãos em estado de pegar nas armas. Deste modo Roma podia executar muito grandes empresas.

Outros Pó-
vos da Ita-
lia venci-
dos.

Nesta presente Epoca, houveraõ algumas mudanças notaveis. Appio Claudio, Censor no anno 441, cujo emprego exercitou por espaço de sinco annos, celebre especialmente por causa da construcção de hum aqueduto de sete milhas de comprimento, e por causa da Via Appia seguida até Capua, declarou-se ini-

Censura de
Appio,

mi-

Filhos de Libertos no Senado.

A infima Plebe em todas as Tribus.

Fabio reduz a Plebe ás quatro Tribus da Cidade.

Os Plebeos admittidos ao Sacerdocio.

migo do Senado, para quem os seus antepassados tiveraõ hum grande zelo. Appio admittio no Senado filhos de Libertos; abuso, que se supprimio. O mesmo Censor distribuio por todas as Tribus a infima Plebe da Cidade, o que era contribuir para a fazer arbitra das decisões, pois que desde aquelle tempo o Povo formava a pluralidade dos votos. Fabio, illustre General, tendo chegado a ser Censor, deo logo remedio a todas as desordens. Fabio metteo toda a Plebe em as quatro Tribus da Cidade, cujos votos não podiaõ fazer pender o equilibrio. Por causa desta util reforma adquirio Fabio o sobrenome de Maximo, cujo titulo passou aos seus descendentes. As suas victorias, e os seus triunfos não lhe teriaõ alcançado tanta honra. He necessario tambem confessar que muitas vezes huma Lei boa produz utilidades muito mais superiores do que as victorias.

Os Patricios estiveraõ sempre na posse do Sacerdocio: o que era huma prerogativa importante entre hum Povo supersticioso, levado dos auspicios, e das ceremonias de Religiaõ. Dous Tribunos do Povo, chamados Ogulnios, os accommettêraõ a respeito daquelle ponto: os mesmos Tribunos fizeraõ crear quatro Pontifices, e sinco agoureiros Plebeos.

Pou-

Poucos annos antecedentemente, Flavio, filho de Liberto, feito Edil Curul, desprezado dos Nobres por causa do seu nascimento, tinha-se vingado publicando os fastos, e as formulas de Direito, das quaes faziaõ os Pontifices hum grande mysterio, a fim de manter a sua authoridade: porque sómente por via delles se podia saber assim os dias em que se permittia litigar, como as formulas, que se usavaõ em as causas. Os mesmos Pontifices não queriaõ senão perpetuar a ignorancia do Publico, a fim de perpetuar a sua dependencia. Isto he o que já observámos na Asia, no Egypto, &c. Este corpo teria sido menos poderoso em Roma, onde realmente os Sacerdotes eraõ mais Cidadãos, se o Sacerdocio se não considerasse pela nobreza, como huma parte dos seus direitos, e como hum meio ou de os sustentar, ou de os ampliar.

Os fastos, e as formulas publicadas por Flavio em odio dos nobres.

S E X T A E P O C A .

GUERRA COM PYRRO ,

SEGUIDA DA GUERRA PUNICA.

Os Romanos fazem-se formidaveis fóra da Italia desde o anno de Roma 471 , até 552.

C A P I T U L O I .

*Guerra dos Tarentinos com os Romanos. —
Pyrrho vencido em Italia. — Acções
particulares.*

ROMA , combatendo , e subjugando os seus visinhos , tinha descoberto hum caminho para mais vastas Conquistas. Chegava o tempo , em que a sua ambição devia espalhar-se por fóra. De algum modo , não era necessário senão hum faísca , para atear aquelle grande incendio , que abrazou successivamente todas as partes do Mundo descoberto. Passemos a ver o seu nascimento , e os seus progressos. Entre as Cidades da Grecia Maior , que comprehendia as costas Meridionaes da Italia , Tarento , Colonia de Sparta , distinguia-se por causa da sua opu-

471
Os Tarentinos insultão os Romanos , e chamao Pyrrho em seu soccorro.

opulencia, do seu luxo, das suas delicias, e do seu orgulho. Tarento desprezava os Romanos como Barbaros; e os aborrecia como terriveis Conquistadores. Já Tarento tinha tratado occultamente contra elles, quando se atreveo a provocallos de hum modo que não merece perdaõ. Os Tarentinos tendo insultado algumas galeras Romanas, as quaes se apresentáraõ defronte do seu Porto, augmentáraõ de mais a mais os ultrages, insultando os Embaixadores da Republica, encarregados de lhe pedir satisfação. Hum dos mesmos Tarentinos manchou com a sua ourina o vestido do Consular Posthumio, Chefe da Embaixada. O Povo applaudio com grandes gargalhadas de riso. *Ride agora*, exclamou Posthumio, *porque depressa chorareis. As manchas do meu vestido se lavarão com o vosso sangue.* Os Tarentinos, quando commettêraõ semelhante excesso, estavaõ bebados, e temendo logo a vingança, pediraõ soccorro a Pyrrho, Rei de Epiro, hum dos maiores guerreiros da Grecia, instruido na escola dos Capitães de Alexandre.

Este ambicioso Principe, tão valeroso, como Alexandre, reduzido a hum pequeno Reino, e escuro, não procurava senão distinguir-se por meio de atrevidas emprezas, de que esperava grandes

Ambição
do Rei de
Epiro.

Confelhos
inuteis de
Cyneas.

utilidades. O famoso Cyneas, seu Ministro, Discipulo de Demosthenes em quanto á eloquencia, grande Politico, e habil General, representou-lhe baldadamente, que corria apôs huma quimera de felicidades, e que seria mais venturoso gozando da sua fortuna com sabedoria, do que atormentando-se com Conquistas incertas, e inuteis. Pyrrho a nada attendia, senão á sua paixão dominante. Já Pyrrho se imaginava ser Soberano da Italia, donde o seu dominio se estenderia rapidamente por todas as partes. O mesmo Pyrrho para melhor occultar os seus intentos, affectou ter repugnancia em ceder aos votos dos Tarentinos; pedindo-lhes que o conservassem em Italia o menos tempo que possivel fosse.

Pyrrho sujeita os Tarentinos á Disciplina.

Cyneas chega immediatamente a Tarento com tres mil Homens, e se faz Senhor da fortaleza, em quanto o Rei não chegava. Pyrrho embarca tres mil cavallos, vinte elefantes, vinte mil Infantes armados pezadamente, e vai ter logo com o seu Ministro: Pyrrho acha os Tarentinos sepultados na indolencia, e na brandura, não pensando senão em continuar as suas delicias, em quanto por elles se combatesse. Porém depois de ter hum Senhor, tudo muda por ordem sua. Os Theatros fecháraõ-se, e os banque-

quetes cessáraõ. Este Povo sensual he obrigado a aprender a Disciplina Militar, e vê-se incorporado com as tropas Epirotas. Muitos fugiraõ; pois não podiaõ soffrer, ainda para defeza da sua Patria, nem oppressão, nem trabalhos. Este era hum Povo de Mulheres; tanto degeneraõ os Homens entre o luxo, e a ociosidade.

Huma desculpa engenhosa salvou aos moços libertinos, os quaes em as desordens tinhaõ injuriado o Rei, que os mandou chamar no dia seguinte a fim de castigar a sua insolencia. Tendo sido reprehendidos asperamente: *Verdadeiramente*, disse hum dos culpados, *se o vinho não se acabasse, teriamos feito peor; pois te teriamos assassinado.* Pyrrho ou desprezou discursos de bebados, ou teve a gloria de os perdoar.

Pyrrho
perdoa a
insolentes.

Com tudo o Consul Levino entrava pela Terra dentro. Ambos os Exercitos combatêraõ com valor; e o Principe Grego, muito conhecido pelo esplendor das suas armas, esteve exposto aos maiores perigos. Pyrrho disfarçou-se com outras armas, sem mostrar menos valor. Os seus elefantes lhe alcançáraõ a victoria. Os Romanos não os tendo ainda visto, se atemorizáraõ por causa daquelles animaes monstruosos, os quaes viaõ carregados de combatentes; os Cavalleiros fo-

473
Batalha de
Heraclea,
onde os
Romanos
ficao venci-
dos.

forão arrastados pelos cavallos espantados; a desordem introduzio-se por toda a parte, a fugida chegou a ser geral. Com tudo tinha-se feito hum tal mortandade nos inimigos, que Pyrrho proferio a respeito da sua victoria: *Se alcanço outra victoria semelhante, fico perdido*. Pyrrho não deixou de marchar para Roma, donde esteve distante sete legoas; porém vendo chegar dous Exercitos Consulares, retirou-se promptamente.

Fabricio
enviado ao
Rei de Epi-
ro, faz-se
admirar
dos Gre-
gos.

Enviaõ-lhe Embaixadores para tratar do resgate, ou troca dos prisioneiros. O virtuoso Fabricio, pobre entre os honorificos empregos, era da Embaixada. Os offerecimentos de dinheiro, que o Rei lhe fez, serviraõ para manifestar o seu desprezo das riquezas. Explicando-lhe Cyneas hum dia os principios da Seita dos Epicuristas, que elle professava: *O Deoses*, exclamou o Romano, *permitti que os nossos inimigos possaõ seguir hum Doutrina semelhante, em quanto nos fizerem guerra!* Accrescenta-se que Pyrrho convidára a Fabricio para ficar na sua Corte, onde lhe promettia o primeiro lugar: *Eu não te aconselharia semelhante proposta*, respondeo Fabricio, *porque os teus vassallos, depois de me terem bem conhecido, mais gostariaõ ter-me por seu Rei, do que a ti.*

Cyneas

Este Principe desejava a paz com hum

hum Povo tão difficultoso de vencer. ^{trata da}
 Cyneas foi encarregado de acompanhar ^{paz em}
 os Embaixadores Romanos, e de tratar ^{Roma.}
 do ajuste da paz. Os Romanos forão admirados pelo habil Ministro. Ninguém, nem homens, nem mulheres, quiz aceitar os presentes mandados pelo Embaixador em nome do Rei seu Amo. O Senado depois de hum grande, e dilatada deliberação, excitado pelo velho Appio, deo a seguinte memoravel resposta, em que se vê impresso o character constante da Republica: « Primeiramente he necessario que Pyrrho saia da Italia, depois mandará pedir a paz; porém em quanto se conservar na Italia, Roma lhe fará sempre guerra. » Cyneas teve ordem para partir no mesmo dia. O mesmo Cyneas dando conta ao Principe da sua Embaixada, disse que *Roma lhe parecera hum Templo, e o Senado hum Assemblya de Reis.*

Os Romanos reque-rem com instancia que Pyrrho saia da Italia.

Algun tempo depois o Medico de Pyrrho offereceo-se aos Romanos, segundo dizem, para o matar com veneno por dinheiro. (Cousa difficultosa de se crer; por ventura podia este Medico esperar em Roma melhor fortuna, do que em hum Corte?) O Consul Fabricio avisando generosamente ao Rei da traição, mereceo, conforme Eutropio, o

Fabricio avisa a Pyrrho da traição do seu Medico.

se-

seguinte Elogio da sua parte: *Seria mais facil desviar o Sol do seu curso, do que Fabricio do caminho da probidade, e justiça.* Refiro de bom agrado estas acções, como interessantes lições de virtude; daquella varonil virtude, que despreza o mesmo, que as almas corruptas adoraõ. Em humas póde a Critica suspeitar haver fingimento; porem concordão com o character dos mais illustres Romanos, cuja grandeza de alma tinha certamente motivos para abater inimigos sensuaes, acostumados ás riquezas, e ao luxo.

478
Pyrrho vên-
cido em
Benevêto.

Pyrrho, cansado de hum guerra infructuosa, valendo-se de hum pretexto para se retirar da Italia, passa á Sicilia aonde era chamado pelos Syracusanos a fim de os soccorrer contra os Carthaginezes; em cuja empreza foi ao principio bem succedido, e perdendo depois toda a esperanza, voltou para a Italia. Curio Dentato, accommettido por Pyrrho, junto a Benevento, alcança a victoria, e o põe em fugida. Já os Romanos não se admiravaõ dos elefantes, os quaes feridos com humas especies de dardos inflamados, que os Romanos lhes arremessavaõ, e traspassados com lanças, se enfurecêraõ tanto, que aquelle furor, como muitas vezes havia succedido, voltou-se contra os donos dos elefantes.

O campo de Pyrrho, onde o lugar de todos os corpos de tropas estava marcado em hum só circuito, ensinou aos vencedores a arte dos acampamentos. Os Romanos sempre attentos a imitar o que achavaõ bom nos costumes estrangeiros, ajuntavaõ os vastos recursos do engenho, aos recursos da disciplina, e valor. Imitando he o meio por onde se chega a aperfeiçoar as boas cousas, a fim de crear depois outras novas.

Arte dos
acampa-
mentos.

Pyrrho, seis annos depois do principio da guerra, abandonou a Italia; e foi toinar a Macedonia a Antigono Gonatas; e levando a guerra até ao Peloponneso, foi morto no sitio de Argos. Pyrrho, atrevido, resolutos, porém inconsiderado, e temerario, não era senão hum illustre aventureiro, que devia ceder á firme constancia dos Romanos. As Cidades de Tarento, Crotona, Locros, toda a Grecia Maior, e toda a Italia propriamente assim chamada, logo se acháraõ debaixo do dominio Romano; ao menos como Póvos alliados, muito fracos para se oppôr aos intentos da Republica. A causa principal dos seus progressos era a severidade da Disciplina; do que se vio hum novo exemplo muito memoravel.

Pyrrho a-
bandona a
Italia, onde
dominaõ
os Roma-
nos.

Rhegio, Colonia Grega, situada na

ex- Excessos da

guarnição
de Rhegio
severamē-
te castiga-
dos.

extremidade Meridional da Italia, pon-
do-se debaixo da protecção de Roma,
tinha recebido huma guarnição de qua-
tro mil Homens. Os Soldados tomando
os costumes da Terra, e entregando-se ás
delicias, foraõ finalmente conduzidos a
commetter todo o genero de crimes pelo
gosto da sensualidade. Por meio de huma
abominavel conspiração, fizeraõ-se senho-
res de tudo, matando cruelmente os Ci-
dadãos. O castigo de semelhante atroci-
dade estava suspenso por causa da guer-
ra de Pyrrho. Hum consul foi encarrega-
do da publica vingança. Os rebeldes fo-
raõ sitiados em Rhegio pelo mesmo Con-
sul, e obrigados a render-se depois de
huma grande, e furiosa resistencia. A
maior parte expuzeraõ-se á morte; tre-
zentos foraõ os prisioneiros, que foraõ
todos condemnados pelo Senado a pa-
der o ultimo supplicio, e executados
naõ obstante a opposição de hum Tribu-
no. Os Romanos, sem aquelles exemplos
de disciplina chegariaõ a ser huns Saltea-
dores.

Severidade
da Censu-
ra.

Cornelio
excluido
do Senado

A severidade da Censura naõ contri-
buio menos para a conservação dos cos-
tumes, em que essencialmente se funda-
va a gloria de Roma. Os Censores ex-
cluião do Senado a Cornelio Rufino,
que havia sido Dictador, e Consul duas

ve-

vezes, por possuir alguma cousa mais de quinze marcos de prata em sua baixela. Posto que Cornelio Rufino tivesse a reputação de hum Homem ávido, e injusto, o mesmo Fabricio tinha contribuido para o fazer elevar ao Consulado. *Eu prefiro antes*, dizia este grande Homem, *ser saqueado por hum Consul, do que ser conduzido prisioneiro pelo inimigo.* Entre os Candidatos daquelle anno não havia hum bom General, que fosse Homem honrado.

Julgar-se-hia que o incorruptivel Curio fosse accusado no mesmo tempo, de ter lucrado grandes quantias de dinheiro sobre o despojo da guerra? Curio a fim de se justificar produziu hum vaso de páo, de que se servia em os Sacrificios, jurando ser aquelle todo o despojo, que recolhêra em sua casa. Depois da derrota de Pyrrho, tendo-lhe offerecido o Senado sincoenta geiras de Terra conquistada, Curio respondeo que vivia bem com sete geiras, e que nunca se resolveria a dar hum máo exemplo.

Hum desinteresse tão nobre excitava a emulação na Republica. Huns Embaixadores mandados ao Egypto, a fim de fazer alliança com Ptolomeo Philadelpho, trouxerao ricos presentes daquelle Principe; que tendo-os recebido a seu

por causa da sua baixela de prata.

Pobreza de Curio.

Desinteresse dos Embaixadores enviados ao Egypto.

pe-

Primeira
moeda de
prata.

pezar, os depositárao no Thesouro. O Senado agradeceo aos Embaixadores, por terem feito, pelo seu procedimento, respeitaveis ás Nações estrangeiras os costumes Romanos. As riquezas na verdade não erao muito conhecidas, pois que em Roma não se bateo moeda de prata, senão depois da fugida de Pyrrho; porém vio-se, que não saõ o ouro, nem a prata os unicos alimentos da avareza.

CAPITULO II.

Introducção para as guerras Punicas. — Republica de Carthago. — Revoluções de Sicilia.

Introducção
às
Guerras
Punicas.

NO'S vamos vêr abrir-se hum Theatro maior para as armas, e para a Politica Romana. Antes de traçar a descripção das Guerras Punicas he necessario ter conhecimento de Carthago, daquella famosa competidora de Roma, tão poderosa pelo seu Commercio, e pelas suas riquezas; porém chegada já ao ponto fatal, em que as Potencias se arruinão pela excessiva ambição.

Governo
de Carthago.

Carthago fundada pelos Tyrios quasi setenta annos antes da fundação de Roma, tinha hum Governo mixto dig-

digno, sem duvida, de elogios, pois que gozou por mais de cinco Seculos da paz interior, e da liberdade civil. Dous Magistrados annuaes chamados *Suffetas*, eraõ semelhantes no poder aos Reis de Sparta, ou aos Consules Romanos. Os negocios importantes decidiaõ-se no Senado, sendo unanimes os votos; de outro modo passavaõ para o povo. Havia hum Tribunal de cento e quatro Senadores, ao qual os Generaes davaõ conta do seu procedimento: Tribunal muito severo; porque os mesmos maõs successos eraõ castigados de morte, como se a fortuna podesse ser governada pelo melhor General. Cinco daquelles Juizes formavaõ hum Conselho superior semelhante ao Conselho dos Eforos; os lugares vagos do Tribunal principal se proviaõ por nomeação sua.

Senado.

Tribunal
dos cinco.

Aristoteles observa dous consideraveis defeitos na distribuição dos Empregos; hum era porque se davaõ muitos Empregos a huma só pessoa, o que raras vezes se póde ajustar com o bem commun; e outro era porque os pobres tinham exclusiva para os primeiros Empregos, o que dá muita consideração ás riquezas, e deixa muito pouca emulação ao merecimento. Com tudo he necessario confessar, que se os pobres não fo-

Dous defeitos, que Aristoteles critica neste Governo.

Reflexões a respeito deste objecto.

forem Aristides, ou Fabricios, as Magistraturas poderiaõ chegar a ser mais perigosas entre as suas mãos do que entre as mãos das pessoas menos expostas á tentação de se enriquecer. Além de que, em huma Republica Commerciante, poucos Cidadãos bem educados ha, que não sejaõ ricos. A desgraça de Carthago, he porque tendo-lhe as riquezas introduzido a corrupção, e irritado a avareza, tudo se vendeo, posto que nada fosse propriamente venal; e entãõ, segundo a observação do Filosofo, os Magistrados não tiverãõ escrupulo de reparar os seus pagamentos, que haviaõ adiantado, á custa dos particulares, e do Estado.

Vícios dos
Carthagi-
nezes.

Sacrificios
Humanos.

Os Carthaginezes occupados sómente com o seu Commercio, desprezando as Artes, e as Sciencias, que não conduziaõ para as riquezas, eraõ velhacos, viciosos, e crueis. A superstição fez sobre tudo atrozes os seus costumes, pois sacrificando a Saturno victimas humanas, os seus proprios filhos não eraõ isentos de ser sacrificados, e as Mães suffocando a voz da Natureza, viaõ sem derramarem de seus olhos huma só lagrima aquelles horrorosos Sacrificios. Plutarco na consideração de semelhantes horrores, julgava ser mais injuriosa á Divindade a superstição, do que o Atheismo. Em o
tem-

tempo de Xerxes, Gelon, Rei de Syracusas, tendo derrotado os Carthaginezes, impôz-lhes por condição de paz, que abolissem os humanos sacrificios; porém huma Lei tão salutifera não se observou, senão em quanto se não pôde violar sem risco algum. Os adevinhos eraõ consultados em todos os negocios importantes, e a credulidade consagrava todos os erros.

Parece que a temperança era huma virtude dos Carthaginezes, ou ao menos que a exigiaõ daquelles, cuja intemperança ordinariamente he mais funesta. Os Magistrados em quanto exercitavaõ os seus Empregos, abstinhaõ-se de vinho; e os soldados o não podiaõ beber em quanto estavaõ na Campanha. Posto que a Nação não fosse guerreira, e se servisse de tropas mercenarias, a fim de conservar o sangue, e o Commercio dos Cidadãos, tinha hum uso proprio para excitar o ardor do serviço. Os Militares traziaõ tantos anneis, quantas eraõ as Campanhas em que se acháraõ. Aquelles anneis eraõ huma gloriosa distincção. A honra he o estímulo dos guerreiros.

Carthago unida sempre com Tyro, donde derivava a sua origem, tinha-se insensivelmente levantado pelas suas Colonias, e pelo seu Commercio, chegan-

Temperança prescripta aos Magistrados, e ás tropas.

Recompensa Militar.

Poder, e Commercio de Carthago.

gando a ser superior áquella famosa Cidade. Sardenha, e huma grande parte da Sicilia, e da Hespanha lhe estavaõ sujeitas. Carthago, Senhora do Mar, recolhia de toda a parte sem grandes gastos o superfluo de differentes Terras, para o vender por alto preço em outra parte. Não achando concorrência alguma, Carthago facilmente impunha aquella especie de tributo ás Nações.

Viagem de
Hannon.

Hannon, hum dos seus maritimos, tinha tido ordem para fazer o gyro de Africa pelo Estreito de Gibraltar. Os mantimentos faltáraõ-lhe na viagem; sem o que Hannon teria executado, assim como os Fenicios no tempo de Nechos, huma das maiores emprezas que os Antigos pudéraõ imaginar. Porém Carthago dilatando o seu Imperio, tendia para a sua ruina; porque o animo conquistador, perigoso a todos os Povos, he incompativel com o regime, e interesse dos Povos commerciantes.

Tratados
antigos dos
Carthagi-
nezes com
os Roma-
nos.

Carthago tinha feito varios tratados com a Republica Romana; o primeiro no Consulado de Bruto, pelo qual determinavaõ-se certos limites á navegação dos Romanos, e os Carthaginezes obrigavaõ-se a não fazer damno algum em o Lacio. Este Tratado, que Polybio nos transmittio todo por extenso, prova que

que desde aquelle tempo se levantava entre ambos os Póvos huma mutua desconfiança. Por meio do segundo Tratado, em o anno de Roma 405, 348 annos antes de Jesu Christo, convierão ambas as Nações, entre outros Artigos, que os Romanos não poderião negociar em Sardenha, nem em Africa, excepto em Carthago, onde lhes seria permittido vender as fazendas não prohibidas, assim como os Carthaginezes fariaõ em Roma. Convenções renovadas depois com algumas mudanças. Estas convenções supõem da parte dos Carthaginezes hum poder superior, e da parte dos Romanos bastantes forças para se fazer temer. Ambos os Póvos quizerão subjugar a Sicilia; e a ambição ateou logo a guerra. Antes de fazer a sua narração, fallemos hum pouco ácerca das revoluções da Sicilia.

Dionysio o Tyranno, feito Senhor de Syracusas, sessenta annos depois de se livrar do jugo da familia de Gelon, e onze annos depois de derrotar os Athenienses, obrigando-os a fugir, (405 annos antes da nossa Era), havia estabelecido nesta Ilha o seu dominio pelos seus talentos, pelas suas victorias, e crueldades. Dionysio foi o vencedor dos Carthaginezes; e os expulsou totalmente da Sicilia. A sua vaidade ridicula de Poeta,

Dionysio o Tyranno:

Revoluções de Sicilia depois

da guerra
com os A-
thenienses.

a sua paixão pelas Coroas Olympicas, os seus rigores contra os amigos da verdade, a sua cruel, e desconfiada Tyrannia, a sua falta de Religião escandalosa, estavaõ juntas a huma força de engenho, e de valor, que o manteve no Throno trinta e oito annos, rodeado de huma multidão de inimigos domesticos.

Accões
deste Ty-
ranno.

Entre varias acções, que se referem a respeito de Dionysio o Tyranno, as seguintes me parecem notaveis. Dionysio tinha mandado prender o Filosofo Filoxenes por se atrever a não admirar, nem elogiar os versos, de que Dionysio se gloriava. Depois de o mandar chamar no dia seguinte, e lendo-lhe outra Obra nova, perguntou-lhe o seu parecer. Filoxenes voltando-se para os guardas, disse: *Levem-me outra vez para a cadeia.* O Tyranno, por esta vez, dissimulou a zombaria, que d'elle se fazia. Dionysio tendo necessidade de dinheiro, roubou hum Templo de Jupiter, e tirou hum manto de ouro massiço, com que o Deos estava ornado. *Este manto, proferio Dionysio, he muito pezado para o Veraõ, e muito frio para o Inverno.* Dionysio mandou-lhe pôr hum manto de lã, proprio para todas as Estações. Este desgraçado Principe não queria para seus barbeiros senão as suas filhas; e reccando ainda entre as

suas

suas mãos as tesouras, e a navalha, lhes ensinou a queimar-lhe os cabellos com cascas de nozes. Dionysio o Moço, seu filho, succedeo-lhe sem obstaculo.

Dionysio, o Moço.

Aquelle Principe, brando, e sensual, logo se entregou aos enganos da fortuna, parecendo não reinar senão para se sepultar nas delicias. Porém Dion seu cunhado, o mais sabio, e o mais prudente dos Syracusanos, persuadindo-lhe attrahir para a Corte o famoso Platao, o estudo, a Filosofia, e os costumes entráram na Corte juntamente com aquelle Filosofo. Se os Cortezãos tivessem abraçado a reforma, Syracusas teria tido hum Principe bom. Os Cortezãos inventando imposturas contra Dion, o fizeram desterrar. Platao tambem foi desterrado. *Vós não*

Dion perseguido, expulso Dionysio.

deixareis de me desacreditar com os vossos Filosofos, lhe disse o Principe, quando o despedio. *Deos nos livre*, respondeo o Filosofo, *que estejamos no caso de pensar em vós por falta de assumpto na nossa Academia!* Logo as mais escandalosas injustiças cumuláram a desgraça de Dion. Os seus bens se vendêram, e a sua Mulher foi dada a outrem. A Sicilia, opprimida como elle, reclamou o seu soccorro contra o Tyranno. Dion resolveo, a pezar dos conselhos de Platao, o qual desapprovava semelhante empreza, vingar a sua Patria,

e a si mesmo por meio de huma grande, e manifesta revolução. Com effeito, Dion livrando Syracusas, a governou algum tempo com sabedoria, e prudencia; porém o Povo ingrato, a quem offendia a severidade dos seus costumes, se esqueceo repentinamente dos seus beneficios; Dion foi assassinado por hum perfido amigo, e Dionysio subio novamente ao Throno, donde havia dez annos que tinha descido Dionysio. Vencido novamente pelo famoso Timoleonte, a quem os Corinthios mandáraõ soccorrer Syracusas, Colonia sua, foi desterrado para Corintho, onde acabou os seus dias miseravelmente. Os Spartanos julgáraõ atemorizar a Filippe com o seu exemplo, respondendo as duas seguintes palavras a huma carta, que lhes escreveo, em a qual os ameaçava: *Dionysia em Corintho.*

Agathocles, outro Tyranno de Syracusas.]

A Sicilia não gozou muito tempo da liberdade, e da paz, que Timoleonte lhe havia alcançado. Agathocles, contemporaneo de Alexandre, fazendo-se Senhor de Syracusas, atreveo-se a dilatar a guerra até á Africa, e derrotou as tropas de Carthago; depois padecendo hum revéz, abandonou o seu exercito com cobardia, e envenenou-se.

Os Syracusanos cha-

Syracusas, sitiada novamente pelos Carthaginezes, recorreo a Pyrho, o qual man-

mantinha a guerra na Italia. Este Principe foi combater por Syracusas, alcançou logo o successo mais feliz, e acabou com os infelizes revezes da fortuna. Pyrrho, deixando a Sicilia, exclamou: *Que formoso campo de batalha deixamos nós aos Carthaginezes, e aos Romanos!* Os Syracusanos elegêrao a Hieron para seu Rei. Naquelle tempo he que principiárao as guerras Punicas, que se originárao antes da Politica ambiciosa de Roma, do que da necessidade, e da justiça.

mao Pyrrho contra os Carthaginezes.

Os Syracusanos elegem Hieron para seu Rei.

CAPITULO III.

Primeira Guerra Punica, e suas consequencias.

OS Mamertinos, Póvos originarios da Campania, tinhao-se apoderado de Messina por meio de hum attentado, semelhante áquelle da guarnição Romana de Rhegio, que se castigou severamente, como temos relatado. Hieron os accommetteo; Carthago os soccorreo. Porém temendo os Mamertinos as emprezas dos Carthaginezes, tanto como as emprezas do Rei de Syracusas, puzêrao-se debaixo da protecção dos Romanos. A honra não permitia que o Senado se declarasse a favor dos

489

Os Romanos fazem a guerra injustamente na Sicilia.

dos Mamertinos. O Povo menos delicado a respeito das decencias, queria huma guerra, de que esperava tirar grandes utilidades. A vontade do Povo fez a Lei; recorrêraõ ás armas. O Consul Appio Claudio passou o estreito com huma frota pequena, derrotou Hieron, e os Carthaginezes, os quaes se tinhaõ unido juntamente, deixou guarnição em Messina, e voltou coberto todo de gloria; pois os Romanos até áquelle tempo não tinhaõ experimentado as suas armas fóra do continente.

Hieron faz
alliança cõ
os Romanos.

Hieron, ou por prudencia, ou por fraqueza, fez hum tratado com Roma, a fim de salvar os seus Estados. Os Carthaginezes eraõ Senhores de huma grande parte das costas, e das Cidades maritimas; das quaes porém podiaõ ser expulsados com o soccorro dos Syracusanos.

491
Os Romanos formão
huma Marinha formidable.

Agrigento, Cidade famosa, foi tomada depois de hum sitio dilatado; os inimigos foraõ derrotados em huma grande batalha. Dando aquelles successos aos Romanos novas esperanças, dilataõ as suas idéas, e vendo a necessidade, que havia de huma Marinha, emprendem formalla; porque os Romanos nunca tiveraõ frota digna daquelle nome, sendo os seus baixeis mais depressa huns barcos, do

do que huns navios. Huma galera Carthagineza, que havia dado á costa em Italia, lhes serve de modelo. Trabalha-se com tanta força, que em dous mezes, segundo Polybio, armaõ-se cem galeras de cinco ordens de remos, e vinte de tres ordens. Os remadores tinhaõ-se exercitado na borda do Mar, assentados em bancos, como se tivessem manobrado em chusma nas galés. Com tudo as galeras, e a manobra dos Romanos não podiaõ igualar ao principio com as de hum Povo, que tinha o Imperio do Mar. Para alcançar a superioridade, era necessario achar o meio de combater a pé firme sobre as ondas, e de inutilizar a destreza, e a sciencia maritima dos Carthaginezes. Que cousas não ha de inventar o engenho, excitado por grandes mvtivos?

O Consul Duilio mandou pois acrescentar a cada galera huma maquina, chamada *corvo*, que cahindo em hum navio inimigo, o devia aferrar, e formar huma especie de ponte para a abordagem. Aquella invenção teve todo o successo possivel. Duilio derrotou os Carthaginezes, matou-lhes sete mil Homens, fez sete mil prisioneiros, metteo a pique treze galeras, e tomou oitenta. Nunca os Romanos tiveraõ huma victoria taõ agradavel. Duilio gozou toda a sua vida de hu-

Victoria
naval do
Consul
Duilio.

humã honra extraordinaria. Quando Dui-lio voltava para casa depois de cear fóra, era precedido de hum tocha accesa, e de hum tocador de instrumento musico.

Outros suc-
cessos.

Acção he-
roica de
Calpurnio.

Em poucos annos, as heroicas ac-ções, e as victorias se succedem quasi sem interrupção. Corsega, e Sardenha forão tomadas ao inimigo. Calpurnio, Tribu-no Legionario, salva o Exercito em Si-cilia por humã acção semelhante á acção de Leonidas contra os Persas. Os seus tre-zentos companheiros morrem; Calpurnio he o unico, que escapa, coberto de fe-ridas, e humã coroa de relva basta para sua recompensa. A batalha de Ecnoma, ganhada pelos Romanos, os quaes to-márao mais de sessenta galeras, os pôz em estado de accommetter a Africa.

Regulo vai
á Africa
depps da
victoria de
Ecnoma.

Regulo, hum dos Consules victo-riosos, dilata a guerra até á Africa, e no fim do seu Consulado recebe ordem de a continuar em qualidade de Pro-Consul. Regulo entao se lamenta, e requer hum Successor, allegando por motivo, que hum ladrao lhe roubou os instrumentos da sua lavoura, e que se elle não fôr man-dar cultivar o seu pequeno campo, cor-re o risco de morrer de fome junta-mente com a sua familia. O Senado orde-na que o Campo de Regulo se cultive,

e a

e a sua familia se sustente á custa do Publico. O Povo Romano, diz Seneca, chegou a ser o seu rendeiro. Deste modo tambem a pobreza realça a gloria dos Generaes. Porém he difficiloso crer, que Regulo não tivesse algum outro motivo occulto para pedir a sua demissão. Qualquer simples exposição de necessidade lhe teria alcançado, sem duvida, o mesmo soccorro. Talvez que Regulo suspirasse pelo triumpho, do qual o poderia frustrar qualquer revez da fortuna. A continuação dos factos authoriza esta conjectura.

Regulo tendo-se adiantado até ás portas de Carthago, e querendo finalizar a guerra, offerece ao inimigo humas condições de paz tão intoleraveis, que apezar do geral terror são desprezadas. O mesmo Regulo, dizendo, *que he necessario saber vencer, ou sujeitar-se ao vencedor*, tinha alentado novamente o animo dos vencidos por meio da vergonha, e da desesperação. Auxiliares Gregos, pagos pelos Carthaginezes, chegam em hum circumstancia tão critica. O Lacedemonio Xantippo forma as tropas, ensina-lhes a Arte Militar, acostuma os soldados á disciplina, e enche-os de ardor, e confiança. Xantippo accommette o presumido Regulo, o qual julgando-se invencivel, nenhuma cautela tomava para vencer:

497

Regulo vencido por Xantippo, e por culpa sua.

cer. Os Romanos ficam derrotados, e o seu General prisioneiro. Exemplo muito proprio, conforme a reflexão de Polybio, para confiar menos em nós, e ser mais prudentes. Saibamos por meio da experiencia dos erros, e infelicidades alheas evitar aquelles erros, aquellas infelicidades. Este he o precioso fruto da leitura. Xantippo tinha salvado os Carthaginezes, e receando-se do seu ciume, retirou-se occultamente.

Os Romanos continuão a guerra com ardor.

Roma reduplica os seus esforços, arma grande numero de galeras, e continua com força huma guerra, cujos primeiros successos não podiaõ desvanecer-se. As tempestades, e os naufragios destroem a frota. Renuncia-se o imperio do Mar. Depois prova-se a grande superioridade, que o Mar dá ao inimigo; e trabalhaõ com ansia para armar huma nova frota. Antes que a frota estivesse prompta, o Pro-Consul Metello alcançou junto a Panormia (Palermo) huma completa victoria. Sessenta elefantes serviraõ de ornato ao seu triumpho. Este foi hum novo espectáculo para os Romanos.

Fim heroico de Regulo, segundo a maior parte dos Historicadores.

Finalmente a frota parte, e vai siti-
 ar Lilybea, a praça mais forte, que os
 Carthaginezes tinhaõ na Sicilia. Em aquel-
 le tempo mandaraõ os Carthaginezes Em-
 baixadores propôr a troca dos prisioneiros.

ros. Se he necessario dar credito a muitos Historiadores, a pezar do silencio de Polybio, Regulo, que tinha acompanhado os Embaixadores, persuadio a não fazer aquella troca, e voltou para Carthago a padecer o supplicio mais horroroso. Os Romanos, a fim de vingarem a sua morte, entregárao os prisioneiros principaes ao furor da sua Mulher, e dos seus filhos, os quaes não se mostráram menos barbaros, que os Carthaginezes. He certo que com a propria virtude confundia-se a ferocidade.

Ambos os Póvos, no espaço de nove annos que durou o sitio de Lilybea, serviraõ-se de todos os seus recursos. Claudio Pulcher, Consul orgulhoso, e imprudente accommettendo a frota dos Carthaginezes no porto de Drepano, perdeu a frota de Roma, que foi destruida por Adherbal. Refere-se que Claudio sabendo, antes da batalha, que os Frangãos Sagrados não comiaõ, os mandára lançar ao Mar, dizendo por zombaria: *Se os Frangãos não quizerem comer, ao menos bebãõ.* Não era necessario mais para que a superstição abatesse o animo dos Romanos. Outras muitas infellicidades, assim como tempestades, e naufragios, aniquiláraõ a marinha. Sómente alguns armadores preparavaõ corsarios á sua custa, e in-

304
Batalha de
Drepano,
onde os
Romanos
perdem a
sua frota

Os Romanos re-
paraõ esta
perda, e al-
cançaõ vi-
ctorias.

e inquietáraõ o inimigo com os seus corpos. Em fim o zelo dos Cidadãos suprio á falta do Thesouro. * Todos, conforme as suas posses, contribuirão para hum novo preparativo de guerra; a Republica, cujas promessas não enganavaõ, obrigou-se a embolçar algum dia os avanços, que lhe fizessem. Depressa se preparáraõ duzentas galeras de sinco ordens de remos. O consul Lutacio destruiu a frota de Hannon, depois derrotou Amilcar Barcas, Pai do grande Annibal, obrigou os Carthaginezes a pedirem a paz, e dictou-lhes as suas condições imperiosamente.

§ 11
Tratado de
paz.

Estipulou-se que os Carthaginezes evacuariaõ toda a Sicilia; que pagariaõ aos Romanos no espaço de vinte annos dous mil e duzentos talentos de prata, avaliados quasi em quatro milhões de cruzados; que entregariaõ sem resgate os prisioneiros, e fugitivos; finalmente que não fariaõ a guerra nem a Hieron, nem aos seus alliados. O Povo Romano confirmou aquelle Tratado, exigindo de mais mil

Os Romanos daõ as
Leis com
força.

* No principio do sitio de Lilybea, era o dinheiro tão raro, que hum alqueire de trigo em Roma não custava senão hum as, a decima parte do dinheiro, ou do drachma. Pelo mesmo preço tinha-se hum congio de vinho, que vem a ser mais de três canadas; doze arrateis de carne, dez libras de azeite, &c. (*Plin. Liv. XVII. C. III.*)

mil talentos pelos gastos da guerra, reduzindo a dez annos o termo do pagamento da outra quantia, e obrigando os Carthaginezes a abandonar todas as Ilhas situadas entre a Sicilia, e a Italia. A Sicilia, excepto o Reino de Syracusas, foi declarada *Provincia* dos Romanos. Aquelle nome deo-se ás Terras conquistadas fóra da Italia; para onde se mandava todos os annos hum Pretor, e hum Questor, o primeiro para sentenciar as causas civis, e o segundo para a arrecadação dos tributos.

A Sicilia
Provincia
Romana.

Deste modo, he que os Romanos, depois de vinte e quatro annos successivos de guerra, sem riquezas, sem experiencia em a Marinha, e depois de ter perdido setecentas galeras, deraõ as Leis áquella opulenta Carthago, cujas perdas eraõ menos consideraveis, e os recursos muito mais amplos. Huma constancia inflexivel nas resoluções, huma paixão invencivel pela gloria, e conquistas, o continuado costume dos combates, e a exacta severidade da disciplina, determináraõ a fortuna a declarar-se por parte de Roma. Hum Povo unicamente guerreiro devia exceder a hum Povo, que só fazia a guerra por causa do Commercio.

Quanta superioridade tinhaõ os Romanos na guerra.

De mais disso, os Carthaginezes,

O rigor da disciplina

naõ inspi-
rava senaõ
valor.

crucificando os seus Generaes, quando eraõ vencidos, inspiravaõ maior terror, do que emulaçaõ; os Romanos castigando a desobediencia, e cobardia, degradando todo o que faltasse á sua obrigaçaõ, desprezando resgatar os prisioneiros, inspiravaõ valor sem fazer crime dos infelizes successos, dos quaes ninguem está isento. Quatrocentos Cavalleiros moços commandados para trabalhos urgentes, e indispensaveis, naõ querendo obedecer, foraõ privados dos seus cavallo pela sentença dos Censores. Porém aquelles naõ eraõ subditos perdidos para a Republica; pois podiaõ desvanecer a sua infamia; podiaõ novamente elevar-se; hum castigo salutifero servia de tornar a animar o sentimento da obrigaçaõ. Em hum palavra, Roma com muita ambiçaõ tinha excellentes soldados; a mesma Roma sem descanso encaminhava-se ao fim da sua Politica, á sua grandeza, e os seus Consules eraõ taõ efficazes em obrar bem, quanto menos era o tempo, que tinhaõ para mandar. Este he sobre tudo o meio, por onde Roma venceo as Nações. No fim da primeira Guerra Punica, se achou o numero dos Cidadãos diminuido consideravelmente.

§ 14
Rebelliaõ

As tropas de Carthago, compostas de Africanos mercenarios, em lugar de ser-

servir com aquella actividade, que inspira o amor da Patria, estavam dispostas para a rebelliao pelos seus proprios interesses. Determinou-se despedir aquellas tropas, e diminuir o seu soldo. Este foi o sinal de huma terrivel sedicao. A Cidade, sem hum defensor tal, como Amilcar, teria sido tomada, e saqueada. Os mercenarios se fazem Senhores da Sardenha, e a offerecem aos Romanos. Estes, depois de terem desprezado o seu offerecimento, valem-se de hum pretexto para tomar aquella Ilha, por julgarem ser-lhes ella conveniente, e ordenao aos Carthaginezes, que a renunciem, obrigando-os a pagar os gastos dos preparativos de guerra, por cujo meio se tinhao della apossado. Carthago, naõ podendo ainda vingar-se, cedeo.

na Sardenha contra os Carthaginezes.

Os Romanos, apezar da paz, se apode-rao daquel-la Ilha.

Huma paz geral deo occasiao a se fechar o Templo de Jano, que tinha estado sempre aberto desde o Reinado de Numa. Poucos mezes depois se abriu novamente o Templo, o qual só Augusto fechou. A guerra era o elemento dos Romanos. E he possivel que a maior parte dos Authores louvem a sua humanidade, e a sua justica!

Templo de Jano fechado.

Os Romanos mandaõ huma Embaixada á Illyria pedir a indemnisação dos damnos causados a alguns Mercadores pe-

521
Pirataria dos Illyrios.

pelos corsarios Illyrios. A Rainha Teuta responde, que os Romanos não serão accommettidos por piratas, porém que os Reis daquelle Terra não costumão prohibir os corsos aos particulares. *Entre nós, replica atrevidamente o Embaixador mais moço, o damno feito a qualquer Cidadadaõ he vingado pela Republica; nós vos obrigaremos a reformar os vossos costumes.*

Teuta irritada por hum semelhante insulto, manda matar os Embaixadores. Os Romanos submettem a Illyria, e aproveitaõ a occasiaõ de apparecer na Grecia. Athenas, e Corintho admittem os Romanos nos seus jogos, e nos seus mysterios, sem prevêrem que algum dia chegariaõ a ser escravos daquelle Povo antes desconhecido.

Com tudo os Gaulezes faziaõ os seus preparativos contra Roma, a qual distribuindo as Terras dos Senonezes, os tinha irritado. Os Pontifices foraõ consultados a respeito dos meios de se escapar da tormenta, e com a sua resposta, dous Gaulezes foraõ enterrados vivos. A barbara Superstiçaõ parecia ordenar por toda a parte o homicidio, em honra da Divindade, que o prohibe, e o castiga. Aquella barbaridade enfureceo mais os Gaulezes, os quaes derrotáraõ em Etruria hum Exercito consideravel; porém com-

Roma
queixa-se,
e a Illyria
fica sujeita.

Honras,
que na
Grecia re-
cebem os
Romanos.

Guerra
Contra os
Gaulezes
de Italia.

combatendo meio nús foraõ derrotados em diversas batalhas. Os Romanos em 530 atravessaõ a primeira vez o Rio Pó; tomaõ Milaõ, Capital da Insubria; e senhoreando-se da Liguria, fazem de ambas aquellas Terras huma Provincia com o nome de Gaula Cisalpina. Estabeleceose em Cremona huma Colonia, e outra em Plasencia. Depois subjugaõ a Istria, e a Illyria. Eu aponto sómente estes successos. A segunda Guerra Punica nos offerece successos mais memoraveis.

A Gaula Cisalpina reduzida a Provincia, &c.

C A P I T U L O IV.

Segunda Guerra Punica, até á batalha de Cannas.

OS Carthaginezes não estiveraõ muito tempo sem reparar as suas perdas, por meio de novas Conquistas em Hespanha, até onde Amilcar estendêra a guerra, depois de ter feito jurar a Annibal, seu filho, hum odio irreconciliavel contra os Romanos. Amilcar no espaço de nove annos, dilatou muito por aquella Terra o dominio de Carthago, a qual extrahia de Hespanha thesouros immensos. Asdrubal, seu Genro, succedeo-lhe no mando, seguiu os seus passos, fundou

Progreſſos dos Carthaginezes em Hespanha, no tépo de Amilcar, e Asdrubal.

TOM. II.

X

Car-

Carthagera, e augmentou hum poder, cujos progressos não podiaõ deixar de inquietar Roma, a qual vendo-se ameaçada pelos Gaulezes, empregou as negociações com a sua perigosa competidora, que da sua parte temia a renovação da guerra. Ajustou-se que os Carthaginezes não passariaõ o Ebro, e que Sagunto, Cidade consideravel, aliada dos Romanos, ficaria livre, e independente.

Annibal
mandado á
Hispanha.

Seu caracte-
r.

Era impossivel que a paz subsistisse muito tempo entre duas Nações tão ambiciosas, e com interesses tão contrarios. Asdrubal naturalmente pacifico observou o Tratado; porém tinha pedido, e obtido que lhe enviassem o Moço Annibal. Asdrubal morreo; Annibal foi seu successor, e implacavel inimigo de Roma, e não desejando senão guerra, entregou-se logo aos vastos projectos do seu genio, e da sua paixão. Annibal de idade de vinte e seis annos, já unia a prudencia com a heroicidade. Os soldados o adoravaõ por ser ao mesmo tempo o seu modelo, e o seu bemfeitor. O mesmo Annibal, sobrio, vigilante, incançavel, acostumado com os trabalhos, não dando ao somno senão o tempo em que podia respirar depois dos negocios, dormindo algumas vezes pelo chão entre as sentinellas, recompensava liberalmente em os outros as

acções, e as virtudes Militares, das quaes elle mesmo parecia fazer as suas delicias; e para desgraça dos Romanos, Annibal possuia os talentos de huma politica artificiosa, como se já fosse hum completo General.

Posto que o partido Barquense, de que seu Pai tinha sido Chefe, dominasse em Carthago, e se tivesse declarado pela guerra; como o outro partido podia algum dia ser vencedor, Annibal não quiz emprender cousa alguma sem approvação da Republica. Annibal lamentando-se dos Saguntinos pelos seus Emisarios, fazendo os Romanos suspeitos, e odiosos, alcançou hum pleno poder de obrar a respeito de Sagunto, como julgasse conveniente aos interesses de Carthago. Sagunto sitiada implora o soccorro de Roma. Mandaõ-se Embaixadores, cujas representações não produzem effeito algum. Os Saguntinos, depois de sette mezes de sitio, reduzidos á ultima extremidade, queimaõ quanto tem de mais precioso, lançaõ fogo ás casas, onde morrem a maior parte juntamente com suas Mulheres, e filhos. Tudo o mais foi passado ao fio da espada.

Roma arguiu-se fortemente por não ter soccorrido huns alliados tão fieis, e tão uteis, e preparando-se logo para a

§ 34
Annibal fia,
tia, e toma
Sagunto,
alliada de
Roma.

Os Roma
nos decla
raõ a guer
ra a Car
thago.

guerra, mandou huma nova Embaixada a fim de pedir razão de huma empreza contraria aos Tratados, e ao direito das Gentes. Em lugar de entregar Annibal, como os Romanos pretendiaõ, justificá-raõ-se com o seu proprio exemplo do sitio de Sagunto. Fabio, Chefe da Embaixada, sem entrar naquellas superfluas discussões, fazendo huma prega no seu vestido: *Eu trago aqui comigo a paz, ou a guerra*, disse Fabio atrevidamente, *escolhei*. O Chefe do Senado, com hum tom tambem altivo, lhe declarou, que elle mesmo podia eleger. *Abi tendes a guerra*, replicou Fabio. O partido Barquense a desejava; a guerra foi acceita voluntariamente.

Exame dos
motivos da
segunda
Guerra
Punica.

Esta he huma grande questao da politica saber, se aquella guerra era justa, ou não. O ultimo Tratado declarava expressamente, que os Carthaginezes não accometteriaõ Sagunto, e sobre este ponto tinhaõ violado a sua convenção. Porém a invasaõ da Sardenha, e Corsega pelos Romanos, o novo tributo, que haviaõ imposto a Carthago depois da conclusaõ da paz, não eraõ emprezas menos odiosas. Como o Tratado concluido com Asdrubal, não tinha tido outro consentimento, da parte da Republica Carthagineza, senaõ hum silencio de muitos annos,

nos, não deixava de haver pretexto para illudir a sua observancia. De huma, e outra parte, achamos injustiça, violencia, aspereza, e hum ciúme ambicioso, que sómente espera as favoraveis circumstancias. A voz da piedade, e as regras da boa fé, tem pouca força, quando governaõ as paixões. Esta he a razão, porque a guerra a mais justa na apparencia, he quasi sempre condemnavel em o seu principio. Roma parece ter direito para vingar Sagunto; porém Roma queria mais que tudo abater, e despojar Carthago.

Em quanto a universal Politica não se dirigir pela Moral, lamentemo-nos do Genero Humano. Entaõ os mesmos Tratados serãõ hum laço fragil. Entaõ os Estados, sempre postos em cautela, e sempre desconfiados huns a respeito dos outros, serãõ inimigos com a apparencia da amizade; e como a primeira Lei Natural obriga cada hum a cuidar na sua propria conservação, succederá algumas vezes, que os horrores da guerra se possaõ justificar, sómente pela necessidade de prevenir certos ataques, dos quaes se não defenderiaõ por outro meio.

Os Embaixadores Romanos, os quaes decorrêrãõ pela Hespanha, e pelas Gaulas para attrahir os Póvos á sua alliança,

Pouca Moral em a Politica.

Roma sollicita em vaõ o soc-

achá-

corro dos
Hespa-
nhoes , e
Gaulezes.

acháraõ na mesma Hespanha, e entre os proprios Gaulezes grandes prevenções contra a Republica. Em Hespanha responderão-lhes, que a ruina de Sagunto não inspirava o desejo de ter semelhantes aliados. Na Gaula, se achou muito ridiculo, que depois de ter maltratado tanto aos Gaulezes, viessem propôr os Romanos huma guerra para defeza de Roma. A Republica achou-se pois reduzida ás suas proprias forças, as quaes eraõ consideraveis. Além de seis Legiões, compostas de vinte e quatro mil Infantes, e de mil e oitocentos cavallos, houve hum corpo de quarenta e oito mil Homens dos outros Póvos da Italia, e huma frota de duzentas e quarenta vélas. Ambos os Consules tiráraõ por sorte o Governo das suas repartições. Sempronio partio para Africa, e Publio Scipiaõ devia combater em Hespanha.

Preparos
de Annibal
para a
guerra da
Italia.

Com tudo, tendo Annibal na sua mão o mando dos Exercitos, e o poder de fazer quanto julgasse conveniente, sem estar comprimido, assim como os Consules pelos limites do tempo, preparava-se para hir fazer a guerra na Italia. Nunca empreza foi concertada nem com maior valor, nem com mais prudencia. Annibal tomou as melhores medidas para a segurança do Estado; informou-se.

ex-

exactamente dos obstaculos, que no caminho encontraria; conciliou a si huma grande parte dos Gaulezes, por meio da sua bondade, e das suas liberalidades, e fez-se senhor do coração dos Soldados. Nenhum perigo atemorizava Annibal, porque tudo tinha previsto, e posto que devesse encontrar por toda a parte terribes perigos, estando certo de os poder vencer, partio com a confiança de hum verdadeiro Heroe.

A passagem do Ebro, e dos Pyreneos, por onde gloriosamente deo principio a sua empreza, não he nada em comparação da passagem do Rhodano, e dos Alpes. Scipião, com a noticia da sua marcha, tinha chegado a toda a diligencia a Marselha, resolutos a combater na Gaula. Porém enganado por causa da promptidão do inimigo, nem o pôde encontrar, nem impedir de passar o Rhodano. A rapida corrente daquelle Rio, os Gaulezes, que defendião a outra borda do mesmo Rio, nada suspende aquelle grande Homem. Annibal salva os seus proprios elefantes, e depois de chegar ás faldas dos Alpes em o mez de Outubro, os acha cobertos de gelo, e de neve, e guardados por huns montanhezes ferozes, os quaes podiaõ destruir as suas tropas ás pedradas. Annibal passa os Alpes em

535
Annibal
passa os Al-
pes, a pe-
zar das
maiores di-
ficultades.

em quinze dias com infinito trabalho, e chega em fim ao bello Paiz, que propunha aos seus soldados, como a recompensa dos seus trabalhos. Havia sinco mezes e meio, que Annibal tinha partido de Carthagená á frente de sincoenta mil Homens de infantaria, e de vinte mil cavallos, dos quaes não conservava senão vinte mil infantes, e dous mil cavalleiros.

A sua marcha desde a Hespanha he huma das mais memoraveis expedições.

Esta marcha de quasi quatrocentas legoas por entre innumeraveis obstaculos, se deve celebrar entre as proezas dos Conquistadores mais famosos. A relação, que Polybio nos deixou de semelhante marcha, he admiravel, posto que nella se não encontrem nem as maravilhas, nem a pompa de Tito-Livio. O vinagre, com o qual este Author faz dissolver os rochedos dos Alpes, he muito semelhante ás quimeras de Herodoto. Que vinagre não seria necessario para semelhante fim!

Primeiras expedições de Annibal em Italia.

Depois de Annibal ter dado algum descanso ás suas tropas, quiz fazer-se notavel com expedições, que fizessem soar ao longe o terror do seu nome, e das suas armas. A tomada de Turin foi o seu preludio. Scipião tinha vindo promptamente soccorrer a Italia. Este Consul encontrando-se com os Carthaginezes além do

Rio

Rio Tesino, combate, e fica ferido; a sua cavallaria julgando-o morto, foge; e Scipião torna a passar o Pó seguido de perto por Annibal. Os Gaulezes o abandonão, e unem-se com o inimigo.

Sempronio, sendo chamado da Sicilia, vaõ, e presumido, lisonjeando-se de vencer sem o seu collega, que ainda estava enfermo da sua ferida, obstina-se em dar batalha, a pesar das representações de Scipião; e como Sempronio não procurava o tempo dos negocios, mas sim o seu tempo, (reflexão admiravel de Polybio) toma taõ contrarias medidas, que ambos os Exercitos Consulares ficão derrotados na margem do Rio Trebia. Sempronio, desde o principio da acção, attrahido por hum industria de Annibal, tinha passado aquelle Rio, a pezar da neve, que cahia. Os seus soldados cheios de frio, e padecendo fome, apenas podião pegar nas suas armas, ao mesmo tempo que os Carthaginezes estavaõ armados contra os rigores da estação, e da fadiga. Podia-se prognosticar o successo, á vista de hum erro semelhante.

O vencedor tenta entaõ a passagem do Monte Apenino, a qual as circuncancias fazem quasi taõ perigosa, como a passagem dos Alpes. Hum horro-

Batalha do Rio Trebia perdida por Sempronio.

Marcha perigosa de Annibal até á Etruria.

rosa tempestade lhe opprimio o seu Exercito por espaço de dous dias inteiros, sem poder levantar as barracas. Naquella tempestade morrem sete elefantes, e juntamente infinita gente, e muitos cavallos. Annibal, ao sahir dos montes, ainda accommetteo o Consul Sempronio, e depois de hum aspero combate, sem victoria decisiva, penetra com diligencia pela Etruria dentro pelo caminho mais breve. Acha diversas legoas para passar; novo perigo invencivel para qualquer outro. As suas tropas estão com os pés em agua por espaço de quatro dias, e quatro noites. Annibal montado no unico elefante, que lhe fica, apenas se tira do lodo, e perde hum olho por causa de hum defluxo occasionado pelo máo ar, e pela fadiga. Quanto mais dignos de admiração seriaõ estes prodigios de valor, se tivessem por alvo a felicidade da Humanidade!

336
Os Romanos derrotados em Trasimeno.

Hum novo Consul, indigno de mandar, o temerario Flaminio, prepara-se a augmentar a gloria de Annibal. Flaminio entra logo atemorizando a Superstição Romana, com hum desprezo arrogante dos auspicios; depois, impaciente por combater, metteo-se em hum desfileiro junto ao lago Trasimeno. Os inimigos o investem, o mataõ, e derrotaõ o

seu

seu Exercito. Sómente seis mil Romanos escapão da mortandade; e no dia seguinte são obrigados a render-se. Quatro mil Homens, que vinhaõ ajuntar-se com Flaminio, também são derrotados. Annibal parecia dominar a fortuna.

Annibal, sempre politico, ainda entre tantos felizes successos, tratou com grande humanidade os alliados de Roma, remettendo os seus prisioneiros sem resgate, a fim de os attrahir ao seu partido. Annibal fazendo-se Libertador daquelles Póvos, despojados pela ambição, e injustiça, sómente achou soccorro nos Gaulezes.

Sabia politica do vencedor.

Tudo se perdia, se o mesmo Senado contra todas as regras não tivesse nomeado hum Dictador capaz de restabelecer os negocios. Fallo de Fabio, cuja prudencia eclipsa os Conquistadores mais celebres. O Povo da sua parte nomeou Minucio para General da Cavallaria; má eleição, que realçou o merecimento do Dictador. Fabio principiou por actos de Religiaõ, tanto mais necessarios, pois que os supersticiosos terrores combatiaõ os animos. Fabio mandou cumprir hum antigo voto desprezado, ao qual se suppôz estava annexo o feliz successo das armas. Tendo-se posto na frente das tropas, resolveo prudentemente deixar consumir-se

Fabio nomeado Dictador.

—
A sua prudência cõfunde Annibal.

—
Fabio não teme o desprezo, nem a zombaria.

se o inimigo por falta de viveres. Fabio se acampa nos altos, evita o combate, cança Annibal, e o confunde com este novo genero de guerra. Minucio, tão intrepido, quanto prudente era Fabio, em vão desacreditou o seu procedimento, á vista das assolacões, que fez o Carthaginez nas terras dos alliados. Em vão a cruel, e quasi unanime reprehensão de cobardia desacreditava o Dictador: Fabio teve a constancia de não temer o desprezo, nem a ridicularia de sacrificar a Patria á sua propria gloria, e de não fazer conta alguma da opiniaõ pelo preço do seu dever. *Eu seria verdadeiramente cobarde, dizia Fabio, se commettesse erros por temor da zombaria.*

—
As injustiças manifestão a sua virtude.

Finalmente, Fabio he accusado de ter intelligencias com Annibal; a razão era, porque este poupava as suas terras, com a idêa de o fazer suspeito. Fabio ordena a seu filho, que venda as terras, e empregue o dinheiro em resgatar os prisioneiros. O mesmo Fabio he obrigado a voltar para Roma; e vendo-se injuriado por hum Tribuno do Povo, contenta-se de responder: *Fabio não pôde ser suspeito pelos seus Concidadãos.* A injustiça chega até dividir a authoridade do mando entre Fabio, e o seu General de Cavallaria: Fabio entrega áquelle teme-

merario ametade das tropas. O mesmo Fabio vê logo a Minucio travar batalha com os Carthaginezes, e quasi ficar cercado de todas as partes, e quasi inteiramente derrotado. Fabio, naquellê tempo, cahe sobre o inimigo, e o corta. Para resistir a tanta virtude, era necessario não ser Romano. Minucio envergonhou-se dos seus excessos; depôz a sua authoridade nas mãos do Dictador. Esta campanha he humas das melhores lições, que a Historia pôde dar, ou seja aos Generaes, ou aos Cidadãos.

Fabio
salva o te-
merario
Minucio.

CAPITULO V.

*Batalha de Cannas, e continuação da guerra,
até ao mando de Scipião Africano em
Hespanha.*

A EXPERIENCIA tinha ensinado, quanto influa no bom successo da guerra, a eleição do General. Porém o Povo nada se aproveita da experiencia, a preocupação o arrasta, e a intriga lhe fecha os olhos. Terencio Varraão, filho de Carneiro, cujo officio elle mesmo exercitou, e cuja elevação deveo á lisonja, com que concorreo para os populares gostos; Varraão, sem outro algum merecimento, mais

Varraão,
Consul
peffimo.

Emilio seu
Collega.

mais que huma presumida arrogancia, foi nomeado Consul, a pezar da nobreza. Emilio, seu collega, tendo as virtudes de hum bom Cidadão, e os talentos de hum bom General, encontrou em Varrao hum adversario mais formidavel do que os proprios Carthaginezes. Oito Legiões, cada huma composta de sinco mil Homens de infantaria, e de trezentos de cavallaria, sem contar as tropas dos alliados, formavao, ás ordens de ambos os Consules, hum Exercito poderoso; o qual sómente governado por Emilio, teria sido invencivel; porém a temeridade de Varrao foi causa da sua perda na famosa batalha de Cannas na Apulha.

537
Batalha de
Cannas,
perdida por
culpa de
Varrao.

Dous Generaes, tendo huma igual authoridade, e principios totalmente contrarios, mandando alternativamente cada qual o seu dia, são duas cabeças, que querem conduzir o mesmo corpo com sentimentos oppostos. Huma infelicidade certa he inevitavel por causa da sua discordia. Varrao aproveitou-se do seu dia, em que mandava, para se precipitar. Nada ha mais imprudente, como as suas disposições, e nada ha mais bem combinado, como as disposições de Annibal. Os Romanos forao cercados, e ficarao derrotados. A mortandade foi tao horrorosa, depois de tres horas de combate, que o General Cartha-

thaginez exclamava pela conservação dos vencidos. Emilio perdeu a vida juntamente com quasi quarenta mil Homens, entre os quaes havia perto de tres mil Cavalheiros. Varraão fugio para Venusa acompanhado de hum pequeno numero de cavallos.

No meio da consternação inexplicavel, causada por semelhante desastre, he que se mostra a magnanimidade Romana com toda a sua força. Os conselhos de Fabio finalmente são attendidos. Prohibe-se ás Mulheres sahir de suas casas, porque os seus alaridos augmentavaõ a perturbação, e o terror; fechaõ-se as portas por causa dos timidos Cidadãos, os quaes pensavaõ em se retirar; recebem-se occultamente os correios com medo, que não espalhem temor; e cada Senador corre pela Cidade, a fim de apaziguar a agitação dos animos. Varraão ajuntou dez mil Homens das reliquias do Exercito, e voltou para Roma; o Senado marcha em corpo ao seu encontro, e lhe agradece sollemnemente *por não ter perdido a confiança da Republica*. Esta unica acção equivale a hum triumpho. Que cousas se não devem esperar de huns Senadores, quando chegaõ a imitar as virtudes dos Fabios?

Ao mesmo tempo levaõ os Senadores todo o seu dinheiro para o Thesouro.

Admiravel
procedi-
mento do
Senado deo
pois da
derrota.

Esforços
dos Romanos

ro.

nos a fim
de susten-
tar ainda a
guerra.

ro. Os Cavalleiros, e todas as Tribus se-
guem o seu exemplo. Alista-se a moci-
dade desde a idade de dezesete annos;
armaõ-se oito mil escravos *; e nega-se
pagar o resgate dos prisioneiros, ou seja
a fim de conservar as rendas, ou a fim de
animar as tropas a cumprir a sua obriga-
ção, ou a fim de abater as esperanças
do inimigo. Na Cidade levantaõ-se qua-
tro Legiões, e dez mil cavallos, e os al-
liados daõ as tropas, que se lhes pedem.
Aquelles, que arguem Annibal de não
ter sabido aproveitar-se da victoria,
sitiando Roma, nada reflectem a res-
peito dos obstaculos, que teria encon-
trado sómente no character dos Roma-
nos.

Hannon
sustenta
em Cartha-
go, que he
necessario
fazer a paz.

Hannon, adversario inflexivel do
Partido Barquense, discorria talvez me-
lhor em Carthago. Annibal tendo manda-
do a seu Irmaõ Magon annunciar a vic-
toria de Cannas, e pedir soccorro, Han-
non persistio em o seu sentimento; sus-
tentando que, pois que os Romanos não
davaõ sinal algum de desesperação, não
davaõ nenhum passo para obter a paz,
e não

* Antes de os alistar, perguntava-se-lhes, se que-
rião servir. Elles respondêrão, *volo*, (eu quero);
donde veio o nome, que lhes deraõ de *Volones*. Esta
pergunta não se fazia aos Cidadãos, por serem obri-
gados a servir.

e não mostravaõ della o menor desejo , não estavaõ reduzidos , como se dizia , á ultima extremidade ; que se podia alcançar huma paz vantajosa , e util , attendidas as circumstancias ; porem que huma unica derrota podia arruinar todos os projectos de Annibal. O mesmo Hannon concluio dizendo , que não era necessario mandar soccorro algum para Italia. « Annibal não necessita de soccorros , » disse aquelle Senador , se tem alcançado victorias decisivas ; e se nos engana com falsas relações , não os merece. » Fez-se ludibrio de semelhante parecer , o qual se justificou pelo que succedeo. Como a individual narraçaõ das expedições nos levaria muito longe , limitar-me-hei puramente no que he meramente necessario.

Capua tendo sido traidora a Roma , e recebendo Annibal em seus muros , chegáraõ as delicias daquella Cidade a ser para o proprio Annibal hum precipicio funesto. Annibal passou em Capua o Inverno entre as delicias. O exemplo do Chefe he contagioso. Os seus soldados se afrouxáraõ ; em lugar do militar descanso , de que necessitavaõ sem duvida , entregáraõ-se a hum descanso effeminado , e cobarde , que lhes enervou o corpo , e a alma. Aquelles mesmos soldados acos-

Os Carthaginezes corrópem-se em Capua.

tumados , e fortes com todos os trabalhos da guerra, fugião de Capua levando em sua companhia mulheres meretrizes, donde nascêrao as frequentes deserções. Já os soldados não respiravao mais, senão pelas doçuras da Campania. *Ricos depois de tantas victorias*, diz Montesquieu, *por ventura não encontrariao elles por toda a parte outra Capua?* Não, se a disciplina se mantivesse com vigor.

Vantagens alcançadas pelos Romanos. Os seus escravos se distinguem.

Por muito formidavel que Annibal fosse sempre, os Romanos logo lhe foram superiores. Sempronio com hum tropa de escravos derrotou hum Exercito Carthaginez. O mesmo Sempronio tinha promettido a liberdade a todo aquelle, que lhe trouxesse a cabeça de hum inimigo; e tendo-se apercebido, quando estavao empenhados em qualquer acção, que os escravos perdiao o seu tempo em cortar cabeças, mandou publicar hum ordem, que não se daria liberdade a nenhum escravo, em quanto se não ganhasse a batalha. Então reduplicando aquelles valentes escravos as suas forças, compráao por meio da victoria hum gloriosa liberdade. Acaso era necessario mais para ensinar quanto offende a Humanidade a escravidão? Philippe, Rei de Macedonia, a quem Annibal tinha mettido na sua alliança, appareceo na Grecia Maior,

Filippe aliado de Annibal.

Maior, e perdendo huma batalha contra Levinio, logo se tornou a embarcar. O mesmo Annibal se retirou, evitando o encontro do Consul Marcello, o qual ao depois se immortalizou pelo sitio de Syracusas, hum dos maiores successos da presente guerra.

Hieron, alliado fiel dos Romanos, acabava de espirar em huma idade muito adiantada. Hieronymo, seu neto, e seu Successor, tinha seguido outr s maximas, unindo-se com os Carthaginezes. Este mancebo Tyranno, (outro nome não merece) tendo rebellado os seus vassallos, dos quaes Hieron era Pai, foi morto as mãos dos conjurados. Os Syracusanos não deixáram de tomar partido contra Roma. Marcello, tendo chegado pouco tempo depois a Sicilia, intentou subjugallos.

Syracusas tinha vencido antigamente aos Athenienses. O illustre Archimedes, parente dos ultimos Reis, o maior Geometra do seu seculo, fazia a sua Conquista mais difficultosa, do que era no tempo de Alcibiades. O prodigioso effeito das suas maquinas, com as quaes opprimia os Romanos, e submergia as suas galeras, obrigou a Marcello a mudar o sitio em bloqueio, depois de extraordinarios, porém inuteis esforços. Já o mesmo Marcello cuidava em se retirar, quando lhe repre-

539
Marcello
vai / sitiar
Syracusas,
que se ti-
nha decla-
rado con-
tra Roma.

Archime-
des a de-
fende tres
annos.

Syracusas
he tomada
á escala.

sentáraõ que as escadas podiaõ chegar á altura de qualquer muralha. Intentando Marcello a escala de noite, se apoderou finalmente da Cidade, e honrou a memoria de Archimedes, que foi morto por hum soldado, sem o conhecer. A capacidade de hum unico Homem sustentava a sua Patria havia tres annos. Syracusas, cujo character era muito semelhante ao character de Athenas, chegou a ser juntamente com o resto da Sicilia huma Provincia de Roma.

542
Os Romanos tomam novamente Capua, e depois Tarento.

Os Romanos distinguem-se igualmente em Italia, e em Hespanha. Capua he sitiada, e opprimida pelos Romanos. Annibal, desesperando de a soccorrer, emprende o sitio de Roma para fazer diversaõ, precipita-se neste atrevido projecto, e Capua vê-se reduzida á ultima extremidade. Os principaes Authores da rebelliaõ mataõ-se a si proprios; os Cidadãos se sujeitaõ. Os mesmos Cidadãos são dispersos por diversas partes; e estabelece-se em seu lugar huma Colonia, para onde todos os annos se nomeava hum Prefeito, para hir nella administrar a Justiça. Fabio, pouco tempo depois, tomou Tarento aos Carthaginezes, os quaes se tinhaõ assenhoreado della. Fabio achou em Tarento quantidade de Estatuas, e Retalulos, chefes de obra da Arte, que des-

despreso: *Deixe-nos aos Tarentinos os seus Deoses irritados*, respondeo Fabio, quando lhe perguntárao que uso pretendia fazer delles. (Os Deoses de Tarento se representavao como guerreiros, segundo o uso de Sparta.) Marcello, Homem de bom gosto, tinha pelo contrario ornado os Templos de Roma com os chefes de obra de Syracusas, Este grande Capitaõ, vencedor de Annibal, cahio infelizmente em huma emboscada, em que foi morto. Morte de Marcello. O Heroe Carthaginez fez-lhe as ultimas honras. Marcello foi chamado *a espada de Roma*, appellido digno dos seus serviços.

CAPITULO VI.

Fim da segunda guerra Punica.

A GUERRA em Hespanha não era menos viva, em a qual Publio Scipiaõ, e Cneo, seu Irmaõ, tiveraõ os maiores, e mais felizes successos, pois tinhaõ tomado novamente Sagunto; porém tendo-se separado, foraõ hum, e outro atacados por forças superiores, e perdêraõ a vida em o anno de 54. Marcio, Cavalleiro moço, teve a gloria de os vingar, e forçando o campo inimigo por hum noctur-

Ambos os Scipiões mortos em Hespanha.

turno ataque, alcançou duas vantagens. Com tudo a perda de ambos os Generaes parecia irreparavel, quando o grande Publio Scipião, filho do Primogenito, se offereceo para continuar a guerra, não tendo mais de vinte e quatro annos. O mesmo Publio Scipião foi nomeado Pro-Consul.

543
Scipião, o
Moço, he
mandado, e
toma Car-
thagena.

Os seus successos parecem prodigios, que em parte se devêraõ á Arte de mudar para o bem publico a vulgar Superstição. Se Scipião não tivesse fingido, que Neptuno lhe tinha apparecido, para lhe aconselhar o sitio de Carthagena; e se não tivesse annuciado, como hum prodigio, o refluxo do Mar, que devia fazer o porto vadeavel; os Romanos teriaõ tremido sómente com a proposição da empreza. Carthagena foi tomada de assalto em hum dia; nella se acháraõ dezoito galeras, cento e trinta navios mercantes, carregados de provisões, os armazens, e arsenaes cheios, e immensas riquezas. Este golpe era mortal para o poder de Carthago.

Scipião su-
jeita a Hes-
panha; a
sua virtude
contribue
muito pa-
ra os seus
successos.

O Pro-Consul augmentou a sua gloria por meio do maior exemplo de virtude. Sendo-lhe conduzida á sua presença huma cativa moça, esta lhe encanta os seus olhos. Scipião depois de lhe fazer varias perguntas, sabe que está despo-
sa-

sada com hum Principe daquella Terra; elle a entrega ao seu esposo, o qual louvando a Scipião, como se fosse hum Deos, lhe attrahe alliados. Em pouco tempo os Carthaginezes perdem Hespanha, a qual he dominada pelos Romanos. A actividade, o valor, a prudencia, e a reputação deste mancebo General, favorecido pelo seu amigo Lelio, o fazião por toda a parte terrivel, e respeitavel. Masinissa, Rei Numida, resolvendo-se desde então a renunciar a alliança de Carthago, a fim de se unir com Scipião, chegou a ser hum amigo zeloso de Roma.

Estando toda a Hespanha sujeita, o Senado manda Successores a Scipião. Este grande Homem depõe a authoridade nas suas mãos, sem murmurar. Scipião volta. Todas as Centurias, por huma unanime voz, lhe ordenaõ publicamente o Consulado antes da idade requisita. Hum merecimento tão superior se exceptuava pelo mesmo espirito da Lei.

Asdrubal, irmão de Annibal, tinha passado os Alpes com hum grande Exercito em 546. Os Consules haviaõ alcançado hum victoria completa contra Asdrubal; os inimigos perdêraõ nesta batalha, e acção sincoenta mil Homens, e o seu General, cujo successo dissipou os receios da Republica de Roma. Se ambos

548
Scipião he
chamado, e
feito Consul.

Asdrubal,
Irmão de
Annibal,
tinha sido
vêcido em
Italia.

os Irmãos estivessem unidos, seria quasi impossivel defender-se, tendo diminuido o numero dos Cidadãos quasi hum metade, depois da primeira campanha de Annibal. Tanto mais eraõ os perigos, que se tinhaõ vencido, quanto mais forças davaõ a confiança, e o valor.

Scipião, a
pezar de
Fabio, he
mandado a
Africa.

Outro qualquer que não fosse Scipião, não teria com tudo concebido o intento de hir fazer a guerra em Africa. Scipião propoz o intento; e as suas expedições de Hespanha o livravaõ da suspeita de temeridade. O velho Fabio, ou fosse por ciume occulto contra hum mancebo, que lhe fazia sombra, ou fosse mais depressa por excessiva circumspecção natural dos velhos; porque devem-se interpretar favoravelmente, quanto he possivel, as intenções de hum Homem grande; Fabio, digo, combateo aquelle projecto com todas as suas forças, representando ser hum projecto muito proprio para arrastar a perda da Italia, ameaçada sempre por Annibal. O Senado, persuadido mais das razões do Consul, deo a Sicilia em repartição a Scipião permitindo-lhe passar á Africa, se julgasse ser util. Todo o anno se passou em preparativos. Scipião, posto que accusado falsamente pelos seus invejosos de ter gasto o tempo em as delicias, recebeu ordem de executar a
em-

empreza na qualidade de Pro-Consul.

Apenas chegou Scipião ao Continente, e alcançou huma vantagem contra os Carthaginezes, logo Masinissa se declarou a favor dos Romanos. Syfax, outro Rei Numida, competidor de Masinissa, posto que antecedentemente aggregado a Scipião, declara-se contra os Romanos. Scipião derrota em varias batalhas sanguinolentas tanto a Syfax, como a Asdrubal, General Carthaginez. Masinissa subjuga a Numidia, e casa com a famosa Sofonisba, que em outro tempo lhe fora promettida, e que tinha casado com Syfax. A sorte desta Princeza he singular; da escravidão passa ao Throno.

549
Masinissa,
e Syfax.

Com tudo Carthago treme de temor. Annibal he Annibal, o qual tinha experimentado grandes perdas na Italia, he chamado. O mesmo Annibal deixa aquelle excellente Paiz, com o pezar de hum Conquistador, a quem se tira com violencia o seu despojo. A sua partida foi acompanhada de huma universal alegria, á qual sómente Fabio foi insensivel. A velhice tinha provavelmente ou afrouxado a sua alma, ou alterado o seu genio; Fabio mostrava-se muito prevenido contra o grande Scipião. Se fosse ciume, como lhe arguirão, qual he pois a virtu-

Morte de
Fabio.

tude, que não deva recear de se degradar pelo vicio? Fabio morreo antes do fim daquela guerra.

Conferen-
cia de Sci-
piaõ com
Annibal.

Tendo os Carthaginezes quebrado huma tregoa com o mais indigno modo, Scipiaõ, em os circuitos de Carthago, punha tudo a fogo, e sangue. Annibal recebe ordem para o accommetter, e manda logo espias, a fim de reconhecer o inimigo; os quaes são prezos, e conduzidos á presença do General Romano, o qual depois de os ter bem examinado, os manda embora, dando-lhes tambem algum dinheiro. Annibal, cheio de pasmo, e admiração com semelhante noticia, deseja a paz, e pede a Scipiaõ, que lhe conceda huma Conferencia; nella lhe expõe as revoluções da fortuna, esforça-se para lhe inspirar sentimentos pacificos, e offerece-lhe a cessaõ da Hespanha, e de todas as Ilhas, situadas para a banda da Italia. O Romano deo a mesma resposta, que Alexandre tinha dado a Dario. Separemo-nos para dar batalha.

551
Batalha de
Zama gan-
nhada por
Scipiaõ.

A celebre batalha de Zama devia decidir da sorte de ambas as Nações. Os auxiliares de Carthago logo foraõ obrigados a fugir. Hum grande numero de elefantes, feridos, e espantados, contribuirão para a sua derrota. Porém já Scipiaõ perdia a esperanza de romper a falan-

lange Carthagineza, que Annibal formára dos seus veteranos; quando Lelio, e Masinissa, voltando de hir no alcance dos fugitivos, a accommettêraõ pela retaguarda, e completáraõ a victoria. Os inimigos perdêraõ quarenta mil Homens, entre mortos, e prisioneiros, e os Romanos sómente dois mil. Annibal teve grande trabalho em salvar-se.

Observemos de passagem, que a cavallaria, ou a Numida, ou a Hespanhola, muito superior á cavallaria de Roma, tinha sido humas das causas principaes dos felizes successos do Carthaginez. A deserção de infinitos Numidas, depois da residencia em Capua, e ao depois a alliança de Masinissa, reparáraõ a este respeito o prejuizo dos Romanos.

O terror, que Roma experimentou depois da batalha de Cannas, experimentou Carthago, depois da batalha de Zama. O mesmo Annibal declarando, que o unico recurso, que havia, era a paz, a persuadio sem muito trabalho. Scipiaõ desejava concluilla, temendo que qualquer Consul não lhe tirasse a honra de ter terminado a guerra. O mesmo Scipiaõ impoz as seguintes condições: « Os Carthaginezes conservarão as suas Leis, e tudo do quanto possuiaõ em Africa antes da guerra; porém Roma ficará com a Hespa-

Vãtagem, que a cavallaria dava.

552
Tratado de paz, que acaba a segunda guerra Púnica

» panthe, e com as Ilhas do Mediterraneo.
 » Os Cathaginezes entregarão os prisioneiros, e os desertores, os seus elefantes, e todas as suas náos de guerra, excepto dez galeras de tres ordens de remos. Não poderão fazer guerra, nem em Africa, nem em outra qualquer parte, sem o consentimento do Povo Romano. Pagarão dez mil talentos no espaço de sincoenta annos. Entregarão a Masinissa tudo quanto lhe tomáram, ou aos seus antepassados. Darão cem reffens, á eleição de Scipião, para segurança da sua fidelidade. »

O Tratado
 se ratifica
 em Roma.

Ainda que muitos Senadores quizessem a continuação da guerra, ou para satisfazer as suas idéas de ambição, ou para favorecer os novos Consules, aquelle Tratado se ratificou em Roma. Perguntando hum Senador ao Chefe da Embaixada Carthagineza: *Qual he o Deos, que vós tomareis para testemunha da sinceridade dos vossos juramentos?* O Embaixador respondeo: *Os mesmos, que castigáram tão severamente os nossos perjurios.* Resposta humilde, que nenhum Romano daria. A differença de character de ambos os Povos, não he a menor causa da differença do successo.

Fim do Tomo Segundo.

TA-

T A B O A

D A

GEOGRAFIA ANTIGA,

Para facilitar a intelligencia desta Obra.

A

ACAYA. Era ao principio huma Comarca do Peloponneso. Quando a Grecia foi subjugada pelos Romanos , a Provincia Romana chamada *Acaya* comprehendia a Attica , a Leocia , a Eocida , o Peloponneso , &c. , e as Ilhas juntamente.

Adriatico. (Mar) o Golfo de Veneza.

Albania. Região da Asia , junto ao Mar Caspio , hoje chamada Schivan , e Dagestan , onde fica Derbent.

Allobrogos. Povos da Gaula Narboneza , em huma parte do Delfinado , e quasi toda a Saboya.

Alpes. Montes , que se dividiram em varias partes , com differentes nomes. — *Alpes Cottianos* , entre o Delfinado , e o Piemonte (o monte Cenis). — *Alpes Gregos* entre a Saboya , e o Piemonte (o pequeno Monte de S. Bernardo.) —

Alpes Juliannos , entre a Istria , e a Carniola , em os Estados da casa de Austria. — *Lepontianos* na Suissa — *Maritimos* entre a Provença , e o Estado de Genova. — *Noricos* , entre a Baviera , o Tirol , e a Carinthia. *Penninos* , entre o Milanez , e o Valés , (o grande Monte de S. Bernardo). — *Rheticos* , em o Tirol , &c.

Amano. Parte do Monte Tauro na Asia , que separa a Syria , da Cilicia.

Arabia. Região da Asia , entre a Palestina , o Mar Vermelho , e o Golfo Persico. A Arabia dividia-se

na-

naquelle tempo, assim como hoje, em tres partes: 1. Arabia *Petrea*, em os confins da Palestina, e do Egypto. 2. Arabia *Deserta*, para o Norte, onde habitavaõ huns certos Povos, dos quaes havia huma Tribu chamada *Sarracenos*, nome que depois se fez commum para todos os Arabes. 3. Arabia *Feliz*, para o Meio-Dia. As suas Cidades principaes eraõ Jatrippa (Medina), Macoraba (a Meca), Saba (Sanaar.)

Armenia. Armenia Maior, para o Norte da Mesopotamia, hoje Turcomania. — Armenia Menor, na Asia Menor, era huma parte da Cappadocia, conquistada pelos Reis de Armenia.

Atlas, Monte grande da Africa, que se estende desde o Occidente até ao Oriente.

Asia Menor. Hoje Natolia, comprehendia a Frygia, a Lydia, a Bithynia, o Ponto, a Cappadocia, a Galacia, a Jonia, a Caria, a Cilicia, &c.

Assyria. Alem do Tigre. Ninive foi a Capital antiga. As outras Cidades famosas saõ Arbelles (Erbil), e Ctesifon, Capital dos Parthos. Esta Região chama-se hoje Kurdistan.

Attica. Comarca da Grecia, onde ficava Athenas, hoje Serines, ou Athéni.

B

BABYLONIA, ou Chaldea: para o Meio-dia de Mesopotamia, e de Assyria. Babylonia, sua Capital, situada junto ao Eufrates, destruiu-se. Suppoz-se que Bagdad ficava no mesmo lugar: porém Bagdad fica junto ao Tigre. Esta Região chama-se presentemente Irak-Arabi.

Bactriana. Provincia da Persia para cá do Oxo (o Gihon), he huma parte da Terra dos Tartaros Usbeckezes.

Baleares. Ilhas sujeitas á Hespanha, hoje Maiorca, e Minorca.

Beocia. Comarca da Grecia, situada para o Occi-

cidente da Attica. Thebas, (Thiva) era a sua Capital.

Betica. Provincia de Hespanha, o seu nome se derivava do Rio Bætis, (o Guadalquivir). Esta Provincia comprehendia a Andaluzia, o Reino de Granada, e huma parte da Castilha Nova.

Bithynia. Provincia situada para o Norte da Asia Menor. As suas Cidades principaes eraõ Prusia, Nicea, Calcedonia, Micomedia &c. nomeadas hoje Bursa, Isnich, Scutari, If-Nikmid.

Borysthenes. Dnieper, Rio, que desagua no Mar Negro.

Bosforo de Thracia. Estreito de Constantinopla, por meio do qual se communica a Propontide (Mar de Marmora) com o Ponto-Euxino, isto he, o Mar Negro. — *Bosforo Cimerio*, ou Chersoneso Taurico, hoje a Crimea.

Bretanha. A Grã-Bretanha, chamada tambem Albão, comprehendia, assim como hoje, a Inglaterra, e a Escocia. Porém na Bretanha Romana nunca houve, senão a parte Meridional da Escocia juntamente com Inglaterra. — A Bretanha pequena, chamada tambem Hibernia, e algumas vezes Scotia, era a Irlanda.

Brutio. Parte da Italia Meridional, onde ficavaõ Crotona, Cosença, e Rhegio.

C

CAMPANIA. Parte da Terra de Labor, e do Principado ulterior em o Reino de Napoles.

Cantabrios. Povo da Hespanha Tarragoneza na Guisquesa, Biscaya, e Navarra. Os Romanos tiveram muito trabalho em os subjugar.

Cappadocia. Grande Provincia da Asia Menor, situada para o Mar Negro. Cappadocia formou hum Reino, cuja Capital era Cesarea. Esta Região chama-se hoje Amasia, ou Amnazan.

Caspian (as portas). Assim se chamava hum passagem

fagem de Montes difficilissima , entre os Montes Caspios , e o Mar Caspio. Esta passagem hoje pretende-se que fica junto á Cidade de Derbent.

Caucaso. Ramo do Monte Tauro na Asia , entre o Mar Negro , e o Mar Caspio.

Cele-Syria. Comarca de Syria situada em hum Valle delicioso. Os seus limites são pouco conhecidos. Vide *Syria*.

Celtica. Vide *Gaula*.

Choldea , ou *Caldea*. Vide *Babylonia*.

Chersonneso. Este nome dava-se a muitas Peninsulas. *Chersonneso Cimbrico* , (a Jutlandia.) — *Taurico* , (a Crimea) — De *Thracia* , (a Romania)

Cilicia. Provincia Meridional da Asia Menor , onde ficavaõ as Cidades de Tarsia , e de Issio.

Colchida , chamada depois *Lasica*. Região da Asia , situada ao Oriente do Mar Negro , hoje Mingrelia.

Comagenes. Provincia da Syria , junto ao Rio Eufrates.

Corcyra. Ilha da Grecia , situada ao Occidente , em o Mar Jonio , hoje Corfu.

Creta , Ilha , em que se contavaõ varios Reinos ; he a Ilha de Candia situada ao Meio-Dia do Archipelago.

Cyrenaica. Comarca da Lybia , que faz hoje a parte Occidental do Paiz de Barca.

D

D*ACIA.* Terra , que comprehendia a Hungria Alta , Transilvania , Valachia , e Moldavia , situada além do Danubio. Os seus habitantes eraõ conhecidos com o nome de Getas. Os Romanos , tendo abandonado a Dacia Maior , deraõ aquelle nome a humas Comarcas situadas aquem do Danubio.

Dalmacia. Parte Oriental da Dalmacia de hoje , da Bosnia , juntamente com a Servia Occidental.

As

As suas Cidades eraõ Salona , Belgrado (*Taurunum*), &c.

Dardania. Nos confins da Macedonia , fazendo algumas vezes parte da Dacia. Este nome dá-se a outras Terras.

E

E *GEO* (o Mar) hoje o Archipelago.

Egypto. Se dividia em tres partes. 1. O *Egypto* Baixo , cujas Cidades principaes foraõ Tanis , Pélusa , Canopa , e Alexandria : 2. O *Egypto* Central , ou Medio onde ficava Menfis : 3. O *Egypto* Alto , ou Thebaida , onde ficavaõ Thebas , Elefantis , e Syena.

Emilia. Comarca de Italia , ou da Gaula Cisalpina , entre o Pó , e o Apenino : Emilia comprehendia o Estado de Parma , e estendia-se até Ravenna.

Epyro. Comarca da Grecia , hoje Albania Baixa. Ambracia (Larta), e Nicopolis (Preveza) edificada por Augusto depois da batalha de Actium , eraõ as suas Cidades principaes.

Equos. Povo antigo de Italia , que habitava ao comprimento do Rio Anio , hoje o Teverone.

Espanha , e melhor Hespanha , logo se dividio pelos Romanos em duas partes : em Hespanha *Uterior* , e Hespanha *Citerior* , ou Tarragoneza. A primeira se subdividio depois em duas Provincias , a Lusitania , e a Betica. (Vide Luz. , e Bet.) A segunda se dividio em tres Provincias : 1. A Tarragoneza propria , em que ficavaõ Tarragona , Saragoça , Pamplona , e Numancia : 2. A Gallecia , em que ficavaõ Braga , Porto , Lugo , e Leão : 3. A Carthagineza , em que ficavaõ Carthagena , Valença , e Toledo.

Ethiopia , situada ao Meio-Dia do *Egypto* , he hoje a Nubia , e a Abyssinia. Na Ethiopia distinguiaõ-se os Trogloditos , que habitavaõ em cavernas , na Costa do-Mar Vermelho.

Etalia. Comarca da Grecia, situada junto ao Golfo de Corinθο, ou de Lepanto, hoje o Despotal, parte da Livadia.

Etruria. Hoje a Toscana, juntamente com a parte do Estado Ecclesiastico, situada ao Occidente do Tibre.

Eubea. Ilha do Mar Egeo, na costa da Beocia, cuja Capital era Chalcis: o Rio Eupiro a separava da Terra firme; hoje Negro-Ponto.

F

FALISCOS. Povo de Etruria junto ao Rio Tibre. A sua capital era Falerias.

Fidenates. Povo do Lacio, cuja Capital era Fidenas.

G

GALACIA, ou *Gallo-Grecia*. Provincia da Asia Menor, onde se estabelecêraõ os Gaulêzes. A sua Capital era Ancyra, hoje Anguri.

Gaula. Dividida em quatro partes, Belgica, Celtica, Aquitania, e Narbonneza. 1. A *Gaula Belgica* comprehendia as Terras situadas entre o Oceano, o Rheño, e os Voges, até ao Sena, e o Marne. 2. A *Celtica*, o centro, e a maior parte da França. 3. A *Aquitania*, entre o Oceano, o Garonna, e os Pyreneos. Estas tres primeiras partes chamavaõ-se *Gaula Cabelluda*, (*Comata*), por se trazer nestas partes os cabellos compridos. 4. A *Narbonneza* (chamada tambem *Braccata*, nome originado de hum modo de vestir) incluia o Languedoc, a Provença, o Delfinado, e Saboya.

Augusto estendeo a parte Narbonneza até ao Rio Loire. Successivamente se fizeraõ novas divisões. No fim do quarto Seculo, a *Gaula* dividia-se em dez-sete Provincias; houveraõ duas Narbonnezas, tres

tres Aquitanias, tres Lyonneseas, quatro Belgas, a Viennese, a Senonese, a Sequanese, &c.

Como a parte Septentrional da Italia era povoada de Colonias Gaullezas, os Romanos derao-lhe o nome de *Gaula Cisalpina*: os mesmos Romanos chamavao *Transalpina* a Gaula propria, situada além dos Alpes relativamente a Italia.

Germania. Comprehendia as Terras entre o Rheno, o Danubio, o Vistula, e o Oceano Septentrional. Razaõ por que se chamava a *Grande Germania*. A *Pequena* era huma parte da Gaula, para cá do Rheno, onde se tinhaõ estabelecido humas Povoações de Germanos.

Dinamarca, Suecia, Noruega, e huma parte da Polonia se incluiaõ na Grande Germania, porém não toda a Alemanha situada para o Meiodia.

Grecia. Parte Meridional da Turquia da Europa. A Grecia se dividia em seis partes; Macedonia, Epyro, Theffalia, Acaya, Peloponneso, e as Ilhas.

A *Grecia Superior* he a parte Meridional da Italia, onde se estabelecêraõ Colonias Gregas.

H

HELLESPONTO. Estreito, que separa a Europa da Asia: hoje o Estreito dos Dardanellos. O mesmo nome se deu a Terra situada na Asia junto a esse Estreito. As Cidades de Lamplaco, e de Cifico faziaõ parte do Hellesponto.

Helvecios. Povo Celtico, cuja Região era a Suissa de hoje, excepto o Cantão de Basilea.

Hemo, (hoje Balkan). Monte que atravessa a Thracia.

Hercynia. (Mata de). Esta immensa mata cobria quasi toda a Alemanha, e se estendia desde Alsacia, e Suissa até a Transilvania.

Hypanis. Rio da Scythia na Europa, hoje o Rio Bog.

Hyrcania. Província da Persia situada ao Meio-Dia do Mar Caspio, hoje Mazanderan, ou Tabaristan.

I

I*BERIA.* Província da Asia entre o Mar Caspio, e o Mar Negro: he a Georgia. Dava-se tambem este nome a Hespanha, por causa do Rei Ebro (*Iberus*).

Illyria. Esta Região muito extensa depois das Conquistas dos Romanos, se dividio em oito Províncias, que ainda depois se subdividiram: 1. A Rhecia: 2. A Norica: 3. A Pannonica: 4. A Liburnia: 5. A Dalmacia: 6. A Illyria propria (onde ficão Scutari, e Durazzo): 7. A Mesia: 8. A Dacia. Os limites desta Região eram o Danubio, a lagoa de Constança, e o Reno, os Alpes, o Mar Adriatico, a Grecia, e a Thracia.

India. Os Antigos não tiveram conhecimento algum desta Região, senão da Península Occidental, e do que forma em grande parte os Estados do Mogor. Esta parte da India fica situada para cá do Ganges. A Região de Brachmanês situada além do Ganges, nas origens desse Rio, he o Tibete ou a Região dos Lamas. A Península de Malaca se chamava *Chersoneso do ouro*. Na India incluia-se a Região dos Sines (dos Chinezes) que era sem duvida a parte Meridional da China, juntamente com a Cochinchina, e o Tonquin.

Insabria. Parte da Gaula Cisalpina, habitada pelos Gaullezes Insubres. Milão era a Capital.

Jonia. Comarca da Asia Menor, onde ficava Milet, Efeso, Smyrna, &c.

Isauria. Região de Montanhas na Asia em os confins da Cilicia: hoje, Sauba, em a Caramania.

Italia, em o seu principio era somente a parte Meridional desta Região conhecida hoje com este nome. Depois dividio-se toda esta Região em nove partes: 1. Gaula Cisalpina, ou *Togata* (depois

pois Lombardia) : 2. Etruria : 3. Ombria : 4. Piceno : 5. Samnia, e Sabina : 6. Lacio : 7. Campanha : 8. Grecia Superior : 9. Ilhas. Augusto fez da Italia onze Provincias, e Constantino dezefete.

Judea, na Asia, hoje parte da Syria.

L

LACIO, Região dos Latinos, dos Rutulos, dos Volscos, dos Hernicos, &c. he a Campanha de Roma, e a parte vizinha a Terra do Labor.

Laconia, em o Pelopounezo, Região dos Spartas, hoje Maina.

Lazica. Vide *Colchida*.

Lesbos, hoje Metelin, Ilha do Archipelago.

Libano. Corda de Montes, nos confins da Syria, e da Palestina.

Libya, hoje a Região de Barca, na Africa.

Liguria, hoje Costa de Genova, e parte do Piemonte, Monferrato, e Milanez; situada ao Meio-Dia do Pó.

Lucania. Parte da Grecia Superior, onde ficava Sybaris, Roscianum, (Rossano), &c.

Lusitania. Provincia de Hespânia situada entre o Douro, o Guadiana, e o Oceano; comprehendia esta Provincia quasi todo o Portugal, com humas partes de ambas as Castellas.

Lydia. Comarca da Asia Menor, onde ficava Sardes.

M

MACEDONIA. Entre a Grecia, e a Thracia. Os Turcos dão-lhe o nome de *Makidunia*. As suas Cidades principaes eraõ Pella, Jenitza, Theffalonica, ou Saloniki, &c.

Mauritania. Parte da Africa, situada ao Meio-Dia do Estreito de Gades (de Gibraltar). Os Romanos

nos accrescentárao-lhe huma porção da Numidia. Tudo se dividio em tres Provincias , que comprehendiaõ os Estados de Marrocos , juntamente com a parte Occidental de Argel.

Media. Provincia da Persia , situada ao Norte de Babilonia , hoje Irak-Agemi.

Mesopotamia , hoje Diarbeck. Provincia da Asia , entre o Tigre , e o Eufrates , onde ficavaõ Edessa , Nisibe , Carres , Singara , Atra , &c.

Mesia. Esta Região corresponde á Servia Oriental de hoje , e á Bulgaria Occidental.

Messenia. Região dos Messenios , em o Peloponneso , situada ao Occidente da Laconia.

N

NCRICA. Comarca entre a Italia , e o Danubio , he huma parte dos Circulos de Baviera , e Austria.

Novempopulania , situada na Gaula , he a Gascunha , e a Guienna Meridional.

Numidia. Esta parte da Africa , antes dos Romanos entrar nella , estendia-se muito longe. Numidia foi desmantelada pelos Romanos a fim de engrandecer a Mauritania. No tempo de Augusto , a mesma Numidia não era mais do que a parte Oriental do que se chama Reino de Argel.

O

ORCADAS. Ilhas situadas ao Norte da Grã-Bretanha , hoje Orckney.

P

PALESTINA. Vida Judea.

Palus - Meotides. Hoje Mar de Zabacha , ou de A-

Azow, que communica com o Mar Negro.

Pannonia. Provincia da Illyria, situada ao Meio-Dia do Ister (do Danubio), comprehendendo huma parte da Austria, e da Hungria. As suas Cidades eraõ Sirmio, Sirmich, *Vindobona*, Vienna, &c.

Parthia. Região dos Parthos, situada ao Oriente da Media. Esta Região faz parte do Khorassan.

Peloponneso. Grande Península, unida com o resto da Grecia pelo Istmo de Corintho, que he a Morea.

Pergamo. Capital de hum Reino do mesmo nome, na Asia Menor, onde ficava antigamente o Reino da Phrygia.

Persia. Este nome deo-se ás Terras situadas além do Tigre até ao Indo. A Persia propria era huma Provincia daquellas Terras, assim como a Media, a Parthia, a Bactriana &c.; o que corresponde á Persia de hoje, e a huma parte da Região dos Tartaros Usbeckeses.

Phase. Rio célebre da Asia, na Colchida; hoje Rio-ne, ou Fache.

Phenicia. Região dos Fenicios na Asia. Esta Região era huma Costa estreita entre o Mediterraneo, e o Monte Libano, hoje comprehendida em a Suria.

Phocida. Comarca da Grecia, situada para o Occidente da Beocia, onde ficavaõ a Cidade de Delfos, o Parnaso, e Helicon.

Phrygia. Comarca da Asia Menor, situada para a parte do Hellesponto, onde ficava a famosa Troia.

O Ponto. Parte da Asia Menor, situada nas Costas do Ponto Euxino; era o Reino de Mithridates.

Ponto Euxino; hoje o Mar Negro.

Propontide. Golfo entre o Hellesponto, e o Ponto Euxino; hoje Mar de Marmora.

R

RHECIA. Parte Occidental da Illyria. Esta he a Região dos Grísões, e huma parte do Tirol, da Suabia, e da Baviera.

Rhodopo. Monte da Thracia, quasi paralelo ao Monte Hemo, o qual atravessava huma Provincia do mesmo nome.

Rutulos. Povo do Lacio, cuja Capital era Ardea.

S

SABINOS. Povo de Italia, cuja Região corresponde á Sabina, no Estado Ecclesiastico, e se estendia até ao Abruzzo ulterior. Os Sabinos tinham Cures (Vescovio), Reate (Rieti) &c.

Samnio. Região dos Samnitas na Italia, entre os quaes se contavaõ os Marfos, hoje o Abruzzo em o Reino de Napoles.

Sarmacia, se dividio pelos Antigos em Sarmacia Europea, e Sarmacia Asiatica. A Sarmacia Europea situada entre o Vistula, o Danubio, o Ponto Euxino, o Tanais, e os Montes Rifeos, comprehendia a Polonia, a Russia Europea, e a Tartaria Menor. A Sarmacia Asiatica era o que hoje se chama Kasan, Astrakan, e Circassia.

Scandinavia. Na Germania Septentrional, he a Suecia, e a Noruega. Tambem tinha o nome de Scandia, e Balcia.

Scythia. Parte Septentrional da Asia, hoje Tartaria Maior, parte, onde se collocava a Sarmacia Asiatica. A parte mais Oriental, que se estendia para o Meio-Dia até aos Brachmanes, e aos Sines, chamava-se Serica: esta era talvez a China Septentrional. — A *Scythia Menor* ficava na Europa na foz do Danubio.

Sicambros. Povo celebre da Germania Occidental,

os quaes juntamente com os outros Germanos, formárao a Liga dos Francos.

Sogdiana. Província da Persia, situada entre o Oxo, (Gihon) e o Jaxartes (Sihon). A capital era Maracanda, hoje Samarkand.

Syria. Esta Região da Asia, chamada Oriente pelos Romanos, dividia-se ao principio em Syria, Fenicia, e Palestina. Fizerao-se novas divisões. A primeira parte se subdividiu em cinco Províncias: 1. a Syria propria, onde ficavao Antioquia, Se-
lencia, Emeso, Cidades situadas junto ao Oronte (o Affi). 2. Comagena; 3. Ofroena; 4. Palmyrena; 5. Fenicia Damascena, antigamente Cele-Syria, onde ficavao Damasco, e Heliopolis (Balbeck.)

T

TANAIS. Hoje o Don, Rio que desagua no Mar de Zabache.

Tauvo. Corda de montes na Asia, cujos ramos tinham diferentes nomes.

Thebaida. Comarca do Egypto Superior, situada para a parte da Ethiopia. A sua Capital era Thebas.

Thessalia. Província da Macedonia, situada ao Meiodia do mesmo Reino, do qual se separava pelas montanhas, hoje a Janna.

Thracia. Hoje a Romania, e a Bulgaria Occidental. A Thracia, no tempo dos Imperadores Romanos, se dividiu em seis Províncias; 1. Thracia propria, junto da Macedonia; 2. Rhodope; 3. Europa, onde ficava Byfancio; 4. Hemimon; 5. Segunda Mesia; 6. Scythia Menor junto ás bocas do Danubio.

Lago de Thrasimeno. Hoje de Perugia.

V

VENETIA. Veneza , Região povoada pelos Gaulezes *Venetos* , que comprehendia o Estado de Veneza , e humma parte do Mantuano , do Milanez , e do Ferrarez. Mantua era humma das suas Cidades.

Volscos. Povos do Lacio , que possuíam Anxur (*Terracina*) , Arpinum (*Arpino*) , Cassinum (*Monte Cassino.*)

S U M M A R I O

D A S M A T E R I A S

Deste Segundo Volume.

CONTINUAÇÃO DA HISTORIA GREGA.

L I V R O I V.

Desde o Reinado de Filippe , até ao dominio dos Romanos na Grecia.

CAP. I. **R**EINADO de Filippe de Macedonia ,
até ao estabelecimento do seu poder na Grecia. 5

A Macedonia desprezada antes de Filippe. Filippe eleito Rei em lugar de seu sobrinho. Filippe disciplina os Macedonios. Sua falange. Sua politica profunda , e artificiosa. Filippe não emprende senão depois de ter pensado em tudo. Filippe grangea a si o partido dos Thessalios , e acommette Olynthia. Os Athenienses não mandão soccorros sufficientes. Demosthenes , inimigo declarado de Filippe. Os Athenienses haviaõ-se feito incapazes de grandes cousas. O Theatro absorvia os fundos da guerra. Politica imprudente de Demosthenes. Guerra Sagrada contra os Foccos. Furor de ambos os partidos. Filippe declara-se , e engana os Athenienses. Filippe dá fim á guerra Sagrada. Filippe he admittido no numero dos Anfidócios. Antiga guerra Sagrada.

CAP. II. *Fim do Reinado de Filippe de Macedonia.* 15

Filippe forma novas empresas. Filippicas. Filippe reprehende aos Athenienses , terem implorado o soccorro dos Persas. Demosthenes faz tomar as

ar-

armas. Focion he nomeado General. Retrato deste grande Homem. Sua politica preferida a politica de Demosthenes. Nova guerra de Religião na Focida. Demosthenes faz concluir huma alliança com os Thebanos contra Filippe. Focion condemna Demosthenes com razão. Batalha de Cheronea ganhada por Filippe. Este Principe usa da victoria com moderação. Processo de Demosthenes, e de Eschines. Justificação de Demosthenes a respeito da ultima guerra. Filippe emprende a guerra contra os Persas. Filippe morreo assassinado. Alegria indecente de Demosthenes, e dos Athenenses. Vícios de Filippe misturados com grandes qualidades. Sua vigilancia na educação de Alexandre. Sua carta para Aristoteles. Parecer que deo a seu filho. Seu amor para a verdade. Sua moderação. Sua justiça. Desprezo injusto, que Demosthenes fazia de Filippe.

CAP. III. *Reinado de Alexandre, até á batalha de Arbella.* 23

Mocidade de Alexandre, presagio de grandes cousas. Sua paixão pela gloria. Sua conversação com dous Embaixadores da Persia. Sua ambição. Alexandre he desprezado, e faz-se temer. Alexandre destroe Thebas. Valor de huma Mulher. Alexandre perdoa a Athenas. Alexandre faz-se declarar Generalissimo contra os Persas. Alexandre visita Diogenes. Preparos da expedição dos Persas. Temeridade desta empreza. Estado do Imperio dos Persas. Ocho, Tyranno, assassinado. Dario Codomano. Alexandre na Asia. Sabios, e prudentes conselhos de Memnon, os quaes não forão abraçados pelos Persas. Alexandre toma Tharsa. Sua doença, e sua força de alma. Imprudencia de Dario. Observações a respeito dos Historiadores de Alexandre. Quinto-Curcio pouco digno de credito. Arrio, mais judicioso. Successo de Abdolonymo provavelmente fabuloso. Thesouros de Dario, tomados em Damasco. Alexandre em lugar de hir no al-
can-

cance de Dario, marcha para Tyro. Sitio, e tomada de Tyro. Relação de José, a respeito da viagem de Alexandre a Jerusaleem. Alexandre no Egypto. Alexandre parte para o Templo de Júpiter Ammon. Alexandria edificada por ordem sua.

CAP. IV. *Fim do Reinado de Alexandre. — Sua morte.* 44

Alexandre rejeita os offerecimentos de Dario. Batalha de Arbella. Morte de Dario. Qualidades deste Príncipe. Os Macedonios corruptos por causa das suas conquistas. Excessos de Alexandre. Conspiração. Morte de Parmenion, e de seu filho. Novas façanhas. Homicidio de Clito. Callisthenes castigado por ter dito a verdade. Ambição excessiva de Alexandre. Alexandre quer conquistar a India. Discurso de Taxilo. Poro vencido. Alexandre obrigado a voltar, visita o Oceano. Reflexões a respeito das suas Conquistas. O que Alexandre fez na Persia, quando voltou. Sua morte. Noticias falsas de veneno. As paixões tinham corrupto Alexandre. Elogio deste Príncipe por Montesquieu. Alexandre merece mais vituperio do que elogio.

CAP. V. *Discordias em Athenas. — Fim de Demosthenes, e de Focion. — Demetrio Faleceo.* 57

Liga do Peloponneso contra os Macedonios. Harpalo pretende corromper os Athenienses. Focion incorruptivel. Demosthenes corrupto. Louco procedimento dos Athenienses depois da morte de Alexandre. Focion não os pôde desviar da guerra. Antipatro os subjuga. Morte de Demosthenes. A precipitação funesta aos Gregos. Divisões entre os Capitães de Alexandre. Perdicas Regente; depois Antipatro. Polysperchon, novo Regente, se esforça em gaingear o partido dos Gregos. Focion accusado injustamente. Sua morte. Acções de probidade de Focion. Cassandra dá Lei aos Athe-

Athenienses. Governo prudente de Demetrio Falereo. Sua attenção em reformar os costumes. Demetrio Poliorcetes restabelece a Democracia em Athenas. Demetrio Falereo he tratado indignamente. Seu retiro.

CAP. VI. *Guerra entre os Capitães de Alexandre.*
 — *Divisão do seu Imperio.* — *Irrupção dos*
Gaullezes. 67

Guerras entre os Capitães de Alexandre. Toda a sua familia exterminada com homicidios. Batalha de Isso. Divisão entre Ptolomeo, Cassandro, Lyfimaco, e Seleuco. Procedimento dos Athenienses a respeito de Poliorcetes. Demetrio usurpa a Macedonia, e he privado do Reino. Famoso sitio de Rhodes. Ptolomeo faz florecer o Egypto. Academia, e Bibliotheca de Alexandria. Torre de Faros. Fim tragico de Lyfimaco, e de Seleuco. Cerauno usurpa as suas rendas. Antigono Gonatas. Irrupção dos Gaullezes. Brenno pretende roubar o Templo de Delfos. Derrota dos Gaullezes, cheia de prodigios. Gaullezes estabelecidos na Asia.

CAP. VII. *Liga dos Acheos.* — *Arato. Agis. Cleomenes.* — *A Grecia subjugada pelos Romanos.* 74

Liga antiga dos Acheos desunida no tempo dos Reis de Macedonia. Arato forma novamente a Liga. Seu caracter. Arato pretende expulsar os Macedonios da fortaleza de Corintho. Sua heroica generosidade. Arato consegue a sua empresa. Argos não entra na Liga. O Tyranno de Megalopolis se depõe voluntariamente. Sparta corrupta pela avareza. Agis emprende restabelecer as Leis de Lycurgo. Impossibilidade desta reforma. Abolição das dividas, porem a divisão das Terras não se faz. Tudo muda na ausencia de Agis. Agis he condemnado á morte, e executado. Cleomenes accêita o projecto de Agis. Cleomenes declara a guerra aos Acheos. Violencias de Cleomenes. Divisão das Terras. Usos an-

antigos restabelecidos. Cleomenes pretende dominar os Acheos. Arato chama os Macedonios para o Peloponneso. Cleomenes vencido em Salacia. Acção atrevida de Filopemenes. Cleomenes retira-se para o Egypto, conservando-se para a Patria. Cleomenes excita os Egypcios á rebelião. Sua morte. Sparta cahe em hum inteiro esquecimento. Philippe, Rei de Macedonia, manda envenenar Arato. Filopemenes sustenta a confederação. A Grecia subjugada pelos Romanos, exercita sobre elles o Imperio das Letras. He necessario estudar aquillo, que interessa o entendimento humano.

L I V R O V.

Em que se trata das Artes, da Litteratura, e Sciencias dos Gregos.

CAP. I. Das Artes da Grecia.

91

§ I. Agricultura, Commercio, e Navegação.

Utilidades da Agricultura. Preço dos frutos. Commercio dos Athenienses. Se as riquezas fazem a felicidade de hum Estado. Commercio de Alexandria. Canal de communicação com o mar Vermelho. Marinha, e Navegação.

§ II. Architectura, Escultura, Pintura, e Musica.

95

Architectura. As tres ordens Gregas as mais perfeitas. Lei de Efeso para os Architectos. A Escultura aperfeiçoada por Fidias. Outros Escultores célebres. Lysippo. Pintura na Grecia. Maravilhas mais que duvidosas. Diferentes especies de pintura. Pintores célebres. Polygnotes, Apollodoro, Zeuxis, Parrhasio. Panfilio. Timanthes. Apelles. Protogenes. Recompensas excessivas dos Artistas. Corrupção que resulta das excessivas recompensas. Importante esti-

eslimação da Musica. Sua Verdadeira utilidade. Musica antiga.

§ III. *Arte Militar.*

104

Arte Militar. Cidadãos Soldados. Soldo das tropas. Armas dos Gregos. Infantaria, Cavallaria. Arte dos sitios. Maquinas. Meios de excitar o valor.

CAP. II. *Bellas Letras.*

108

§ I. *Poesia.*

Vantagens dos Gregos na Litteratura. Sua lingua. Origem, e objectos da Poesia. Tragedia. Sua utilidade. Comedia antiga, mediana, e nova. Licença concedida a Aristofanes. Verdadeira Comedia. Os modernos superiores na Arte Dramatica. Furor dos Athenienses para o Theatro. Outros generos de Poesia.

§ II. *Historia.*

113

A Historia entre os Gregos. Herodoto. O seu exemplo anima a Thucydides. Thucydides. Critica pessima de Dionysio de Halicarnasso. Xenofonte. Polybio. Dionysio de Halicarnasso. Diodoro de Sicilia. Plutarco.

§ III. *Eloquencia.*

119

Eloquencia em Athenas. Demosthenes. Seus trabalhos. Isocrates Orador mediocre. Sonhas Rhetoricos.

CAP. III. *Sciencias.*

122

§ I. *Filosofia.*

Como os animos se voltaõ para as Sciencias. Objecto dos primeiros Filozofos. Seitas Jonica, e Italica. Pythagoras reformador dos costumes. Seus trabalhos na Italia. A que cousas pretendia Pythagoras que se declarasse a guerra. Modo como Pythagoras formava os seus discipulos. Sua Dou-

Doutrina a respeito da Divindade. Transmigração. Seus discipulos Legisladores. Thales, Anaxagoras. Anaxagoras perseguido. Socrates. Platao. Abuso dos numeros. Aristoteles. Arcefilao, Carneades. Antisthenes, Chefe dos Cynicos. Diogenes, seu discipulo. Crates, e Hipparchia. Zeno, e os Estoicos. Seu systema a respeito de Deos. A respeito da virtude. O Sabio dos Estoicos. Juizo a respeito da Seita Estoica. Democrito. Epicuro, e os seus discipulos. O que Epicuro entendia por sensualidade. O seu sabio, e prudente procedimento. Pyrrhonismo. Atheismo. Seita Eleatica. Protagoras, e Diagoras. Accusações de impiedade contra os Filosophos.

§ II. *Geometria. Astronomia. Geografia.* 140

Geometria. Astronomia. Thales, Anaximandro. Meton. Eudoxo, e Pytheas. Juizos precipitados contra huns factos naturaes. Observações Astronomicas. Geografia. Superioridade dos modernos. Descobrimientos modernos attribuidos aos antigos.

§ III. *Medicina.* 146

Medicina. Herodico. Hyppocrates. Seitas em a Medicina. Botanica. Anatomia, &c.

§ IV. *Sciencia Economica.* 150

Sciencia Economica muito desprezada. Tratado Economico de Xenofonte. Seu tratado das rendas. Attrahir os Estrangeiros. Facilitar o Commercio. Abundancia do ouro, e da prata. Prohibição de trabalhar nas minas. A Theorica dos contratos mais necessaria hoje em dia. A marinha custava pouco aos Athenienses. Lei de Solon. Outra Lei de Demosthenes.

HISTORIA ANTIGA.

TERCEIRA PARTE.

HISTORIA ROMANA.

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES.

157

Plano desta Historia. A Historia dos primeiros Seculos de Roma muito incerta. Apezar daquella incerteza ha Tradições dignas de fé. Data da fundação de Roma.

PRIMEIRA ÉPOCA.

FUNDAÇÃO DE ROMA

O S R E I S.

R O M U L O.

161

Romulo, Chêfe de Salteadores, fundador de Roma. Politica de Romulo, e idéa da sua Monarquia. Divisão do Povo em tres Tribus. Estabelecimento do Senado. Os tres poderes. Romulo tinha-se reservado indistritosamente muita authoridade. Cavalleiros Romanos. Patrocos, e Clientes, estabelecimento admiravel. Leis barbaras a favor dos Maridos, e dos Pais. Dous objectos de Romulo, ter Homens, e Terras. As primeiras guerras dos Romanos pouco dignas de individuações. Tacio, Rei dos Sabinos, collega-

ga do Romulo. Romulo assassinado pelos Senadores.

N U M A. 167

Numa Pompilio eleito Rei. Numa conserva a paz para formar a Nação. Influencia reciproca das Leis, e dos costumes. Numa inclina-se á Religião. Instituições religiosas. Primeira Religião de Roma, provavelmente Celtica. Estabelecimento das Vestaes. Os Feciaes. A guerra revestida com as cores da Religião. Numa inspira o gosto da Agricultura. Corpo de Officios estabelecidos para unir os Romanos, e os Sabinos. Novo Kalendario. Lei que permittia de emprestar as Mulheres. Morte de Numa. Os seus Livros a respeito da Religião queimados pelo Senado, muito tempo depois.

T U L L O H O S T I L I O. 174

Tullo Hostilio. Guerra com os Albanos. Horacios, e Curiacios. Tito-Livio digno de critica. Alba destruida. Morte de Tullo.

A N C O M A R C I O. 176

Anco Marcio. Guerras declaradas aos Latinos. Formulario do Fecial. Obras uteis de Anco. Porto de Offia. Marinhas de sal, &c.

T A R Q U I N O o A N T I G O. 177

Tarquino o Antigo procura ambiciosamente, e obtem a dignidade de Rei. Tarquino augmenta o Senado, e edifica hum circo. O numero dos Cidadãos augmentado por meio das victorias. Triunfo estabelecido. Construcções de Tarquino. Fábula do agoureiro Nevio. Superstições da Etruria, e da Grecia intruduzidas por Tarquino. Tarquino he assassinado pelos filhos de Anco Marcio.

S E R V I O T U L L I O. 182

Servio Tullio se apossa do Throno, e grangea o amor do Povo. Novas guerras. Servio emprende uteis
Aa ii in-

innovações. Dous abusos para reformar, os tributos iguaes por cabeça, e a superioridade da infima plebe em os Comícios. Dá-se poder ao Rei para executar o seu plano de reforma. Tribus da Cidade, e do campo. Meio para facilitar o Censo. Os Cidadãos divididos em seis classes, e as classes em Centurias. A primeira classe dominava em os Comícios. A ultima classe excluida da milicia. Censo-Lustro. Suavidade da sorte dos escravos. Libertos admittidos no numero dos Cidadãos. Servio socega a animosidade dos Sabinos, e dos Latinos. Tratado na Lingua Latina, e em caracteres Gregos. Affassinio de Servio.

TARQUINO o SOBERBO.

190

Tarquino o Soberbo. Sua Tyrannia. Como Tarquino subjuga os Gabios. As suas victorias augmentaõ o seu poder. Livros Sybillinos uteis para senhorear o Povo. Capitolio edificado. Fabula que servio para elevar o animo dos Romanos. Lucrecia violada pelo filho de Tarquino. Bruto faz proscrever a dignidade de Rei. Roma deve muito aos seus Reis. Duvidas a respeito da Historia destes Reis.

SEGUNDA ÉPOCA.

OS CONSULES

EM LUGAR DOS REIS.

O Povo opprimido pelo Senado.

196

Dous Consules substituidos ao Rei pelo Senado. O nome de Rei unido com o Sacerdocio. Enthusiasmo da liberdade. Bruto condemna á morte os seus dous filhos. Collatino renuncia o Consulado, e Bruto morre em huma batalha. Procedimento de Publicola a favor do Povo. Persena fitia Roma.

ma. Acções de Horacio Cocles, e de Mucio Scevola. Porfena faz a paz. Clelia. Morte de Publicola. O Povo vexado pelos Patricios. Crueldade dos credores. Murmurações dos pobres. Propõe-se a abolição das dividas, a qual se oppõe Appio Claudio. O Povo recusa de pegar nas armas. Engana-se o Povo propondo-se a Dictadura. Creação de hum Dictador. A Dictadura foi utilissima. O Dictador Larcio reprime a sedição. Resenha exacta dos Cidadãos. Batalha de Regilla, a qual assegura o estabelecimento da Republica. Os Latinos sujeitos inteiramente. Morte de Tarquino. Os Patricios principião novamente as suas vexações. Sedição do Povo. Procedimento prudente do Consul Servilio a fim de socegar o Povo. O Senado nega-lhe o triumpho; o mesmo Servilio o ordena. Crueldade inflexivel do Senado, seguida de hum rebellião. O Dictador Valerio esforça-se em vão de apylacar o Senado. Os Soldados detidos a seu pesar por causa do juramento. Os Soldados illudem o juramento, e se retiraõ para o Monte Sagrado. Deserção do Povo. A sua moderação admiravel. O Senado envia Deputados ao Povo.

TERCEIRA ÉPOCA.

TRIBUNOS DO POVO.

O POVO ADQUIRE AUTHORIDADE.

CAP. I. *Desde a criação dos Tribunos do Povo, até ao desterro de Coriolano.* 213

Os Deputados do Senado são bem recebidos pelo Povo. Apologo dos membros, e do estomago. Junio Bruto obriga o Povo a pedir Magistrados Plebeos. Creação dos Tribunos do Povo. A sua pessoa sagrada. O seu poder sem signaes de dignidade.

de. Edis. Tomada de Coriolos, Capital dos Volscos. O Povo faz o gasto das exequias de Menenio Agrippa. Tumulto popular a respeito da fome. Os Tribunos esquentão o Povo. Os Tribunos irritados por causa dos Consules os impedirem de fazer hum discurso Oratorio ao Povo. Poder Plebeo, que permite aos Tribunos ajuntar o Povo, e prohibe de os contradizer. Os Tribunos ansiosos em augmentar os direitos do Povo. Pessimmo conselho de Coriolano contra o Povo. Coriolano despreza o Povo, e os Tribunos. Hum Tribuno o cita para o juizo do Povo. O Senado consente que Coriolano seja julgado. Os Tribunos obtem os Comicios por Tribus. Coriolano desterrado.

CAP. II. Desde o desterro de Coriolano, até ao estabelecimento do Decemvirato. 225

Coriolano vinga-se da injustiça, combatendo pelos Volscos. Envia-se-lhe Deputados. Coriolano he defamado por sua Mãe. Sua morte. Quanto superiores eraõ naquelle tempo os Gregos aos Romanos. Lei Agraria do Consul Cassio. Cassio he castigado com pena de morte, como se tivesse aspirado á Tyrannia. O Povo descontente. O Senado o occupa por meio da guerra. Familia dos Fabios. As diffensões continuão. Severidade do Senado. Voleron appella para o Povo. O Tribuno Voleron pretende fazer passar a eleição dos Tribunos para os Comicios por Tribus. Grande contenda a respeito da sua Lei, a qual finalmente se publica. O Exercito de Appio deixa-se vencer por causa do odio que tinha a este Consul. Appio accusado pelos Tribunos. Sua Constancia. Continuação das perturbações. Amor da Patria. Roma estava falta de Leis. Lei Terencia para fazer publicar hum Codigo, e para diminuir o poder dos Consules. Disputas violentas a este respeito. Ceson accusado pelos Tribunos. O Capitolio tomado por hum Sabino, e Liberto. Cincinnato tirado

do do arado para ser Consul, e depois Dictador. Amor da pobreza, e disciplina Militar. Os Tribunos impedem que o Povo se aliste. Cincinnato faz augmentar o seu numero a fim de os dividir. O Senado consente na Lei Terencia. Creação dos Decemviros.

QUARTA ÉPOCA.

OS DECEMVIROS, E AS DOZE TABOAS.

VARIAÇÕES PERPETUAS EM A REPUBLICA.

CAP. I. Desde a criação dos Decemviros, até ao estabelecimento da Censura. 239

Os Decemviros principiaõ com prudencia, e sabedoria. Leis das doze taboas approvadas pelo Povo. Elogio que dellas faz Cicero. Algumas destas Leis eraõ cruéis. Leis a respeito dos ladrões. A respeito das successões, e dos testamentos. Os processos logo julgados. Os Decemviros fazem-se Tyrannos. Dantato assassinado por ordem dos Decemviros. Attentado de Appio contra Virginia. Virginio mata sua filha a fim de salvar a sua honra. Abrogação do Decemvirato. Novas Leis em utilidade do Povo. Os Decemviros castigados. Os Tribunos pretendem manter-se no emprego. Injustiça do Senado para com os Consules populares. Injustiça do Povo, o qual se adjudica hum territorio, do qual era arbitro. Novas dissensões. Liberdade dos Matrimonios entre os Patricios, e os Plebeos. Tres Tribunos Militares, em lugar de Consules.

CAP. II. *Desde o estabelecimento da Censura, até ao desterro de Camillo.* 251

Estabelecimento dos Censores. Quanto augmentou a sua authoridade. Duração da Censura. Injustiça dos Censores a respeito de Emilio. Variações, e perturbações em o governo. General morto pelos seus soldados. Dá-se huma paga ás tropas da Infantaria. Os Tribunos se lhe oppõem, porêm em vão. Utilidades desta instituição. Famoso sitio de Veios. Queixas injustas dos Tribunos contra os Generaes. Camillo toma Veios depois de hum sitio de dez annos. Proposição de estabelecer em Veios ametade dos Cidadãos. Tomada de Falerias pelo mesmo General. Camillo accusado por hum Tribuno. Voto que Camillo tinha feito. Reflexão de Rollin a respeito do voto. Camillo desterra-se voluntariamente. Os Homens grandes perseguidos em as antigas Republicas.

QUINTA ÉPOCA.

ROMA TOMADA PELOS GAULEZES.

PROGRESSOS DOS ROMANOS NA ITALIA.

CAP. I. *Irrupção dos Gaulezes na Italia. ----- Tomada de Roma. ----- Lei de Licinio, &c.* 261

Irrupção dos Gaulezes na Italia. Clusio implora o soccorro dos Romanos. Os Embaixadores de Roma violão o direito das Gentes. Brenno pede satisfação, mas debalde. Batalha de Allia, e tomada de Roma. Zelo dos velhos Senadores. Camillo perdoado, e nomeado Dictador. O Capitolio salvo por Manlio. Fabula dos Gansos. Circunstancias pouco provaveis da salvação de Roma. Relação contradictoria de Polybio. A Cidade reedificada sem arte. Manlio accusado por aspirar á

Ty-

Tyrannia. Manlio he castigado de morte. Passo semelhante de Melio succedido antecedentemente. Póde-se suspeitar o Senado de injusto nestas accusações. A vaidade de huma Mulher dá occasião para grandes intentos. Leis de Licinio contra os interesses do Senado. Os Tribunos oppostos entre si. Anarchia de cinco annos. Licinio, e Sexto inflammao o Povo contra o Senado. Camillo quinta vez Dictador. Camillo derrota os Gaulezes. O Dictador insultado em Roma por se ter reduzido a ser muito commum a Dictadura. Concede-se o Consulado aos Plebeos: determina-se as posses em quinhentas geiras de Terra.

CAP. II. *Os Plebeos admittidos ao Consulado. ----- Estabelecimento da Pretura, e do Almotecelado rural. ----- Negocios das Campanios, e dos Latinos &c.* 274

Consul Plebeo. Creação da Pretura, e do Almotecelado rural. Nobreza unida com as Magistraturas Curiaes. Representações scenicas, e *Lectisternium*, estabelecidos pela superstição. Dictador para pregar o prego sagrado. Acção do mancebo Manlio para salvar a seu Pai accusado. Acções maravilhosas que não merece n ser referidas. Consul Plebeo vencido pelos inimigos. Licinio viola a sua propria Lei das Terras. Aquella Lei devia ser illudida pela avareza. Reducção do juro. Esforço-se a tirar o Consulado aos Plebeos: os quaes obtem ainda a Censura. Os Campanios se entregão aos Romanos, a fim de obter o seu soccorro contra os Samnites. As tropas corrompem-se em Capua. Rebelião dos Campanios, e dos Latinos. Consagração de Decio. Severidade de Manlio para seu filho. O direito de Cidadão concedido aos Latinos. Castigárao-se os mais culpados. Dito atrevido de hum Privernato. Os Romanos admittaõ o Privernato, e perdoão aos rebeldes. Conspiração pretendida de Mulheres contra seus Maridos. Lei que prohibe de prender os devedores.

CAP.

CAP. III. *Guerra dos Samnites. ----- Censura de Appio. ----- Plebeos admittidos ao Sacerdocio.* 284

Papiro pretende castigar Fabio por ter vencido contra as suas ordens. Os Romanos deshonrados em as Furcas-Caudinas pelos Samnites. Artificio do Consul Posthumio, a fim de renovar a guerra. Os Romanos vingão-se. Curio Dentato incorruptivel. Tratado de alliança com os Samnites. Outros Povos de Italia vencidos. Censura de Appio. Filhos de Libertos no Senado. A infama plebe em todas as Tribus. Fabio reduz a plebe ás quatro Tribus da Cidade. Os Plebeos admittidos ao Sacerdocio. Os fastos, e as formulas publicadas por Flavio em odio dos nobres.

S E X T A É P O C A.

GUERRA COM PYRRHO,

SEGUIDA DA GUERRA PUNICA.

OS ROMANOS FAZEM-SE FORMIDAVEIS FÓRA DA ITALIA.

CAP. I. *Guerra dos Tarentinos com os Romanos. ----- Pyrrho vencido em Italia. ----- Acções particulares.* 290

Os Tarentinos insultão os Romanos, e chamaão Pyrrho em seu soccorro. Ambição do Rei de Epiro. Conselhos inuteis de Cyneas. Pyrrho sujeita os Tarentinos á Disciplina. Pyrrho perdoa a insolentes. Batalha de Heraclea em que os Romanos ficão vencidos. Fabricio enviado ao Rei de Epiro faz-se admirar dos Gregos. Cyneas trata da paz em Roma. Os Romanos requerem com instancia que Pyrrho saia da Italia. Fabricio avisa a Pyrrho da traição do seu Medico. Pyrrho vencido em Bene-
ven-

vento. Arte dos acampamentos. Pýrrho abandona a Italia onde dominaõ os Romanos. Excessos da guarnição de Rheggio severamente castigados. Severidade da Censura. Cornelio excluido do Senado por causa da sua baixella de prata. Pobreza de Curio. Desinteresse dos Embaixadores enviados ao Egypto. Primeira moeda de prata.

CAP. II. *Introducção ás guerras Punicas. ----- Republica de Carthago. ----- Revoluções de Sicilia.* 300

Introducção ás guerras Punicas. Governo de Carthago. Senado. Tribunal dos juico. Dous defeitos que Aristoteles critica neste Governo. Reflexões a respeito deste objecto: Vícios dos Carthaginezes. Sacrificios humanos. Temperança prescrita aos Magistrados, e ás tropas. Recompensa Militar. Poder, e commercio de Carthago. Viagem de Hannon. Tratados antigos dos Carthaginezes com os Romanos. Dionysio, o Tyranno. Revoluções de Sicilia depois da guerra com os Athenienses. Acções deste Tyranno. Dionysio o moço. Dion perseguido expulsa Dionysio. Agathocles outro Tyranno de Syracusas. Os Syracusanos chamaõ Pýrrho contra os Carthaginezes. Os Carthaginezes elegem Hieron para seu Rei.

CAP. III. *Primeira guerra Punico, e suas consequências.* 309

Os Romanos fazem a guerra injustamente na Sicilia. Hieron faz alliança com os Romanos. Os Romanos formão huma marinha formidavel. Victória naval do Consul Duilio. Outros successos. Acção heroica de Calpurnio. Regulo vai para Africa depois da victória de Ecnoma. Regulo vencido por Xantippo, e por culpa sua. Os Romanos continuão a guerra com ardor. Fim heroico de Regulo, segundo a maior parte dos Historiadores. Batalha de Drepano, onde os Romanos perdem a sua frota. Os Romanos recuperão esta perda, e alcançaõ victórias.

rias. Tratado de paz. Os Romanos dão as Leis. A Sicilia Provincia Romana. Quanta superioridade tinham os Romanos na guerra. O rigor da disciplina não inspirava senão valor. Rebelião na Sardenha contra os Carthaginezes. Os Romanos a pesar da paz apoderam-se daquela Ilha. Templo de Jano fechado. Pirataria dos Illyrios. Roma queixa-se, e a Illyria fica sujeita. Honras que na Grecia recebem os Romanos. Guerra contra os Gaulezes de Italia. A Gaula Cisalpina reduzida em Provincia, &c.

CAP. IV. Segunda guerra Punica até á Batalha de Cannas. 321

Progressos dos Carthaginezes em Hespanha no tempo de Amilcar, e de Asdrubal. Annibal mandando em Hespanha. Seu caracter. Annibal cerca, e toma Sagunto aliada de Roma. Os Romanos declaram a guerra a Carthago. Exame dos motivos da segunda guerra Punica. Pouca moral em politica. Roma sollicita em vão o soccorro dos Hespanhoes, e dos Gaulezes. Preparos de Annibal para a guerra da Italia. Annibal passa os Alpes a pesar das maiores difficuldades. A sua marcha desde a Hespanha he hum das mais memoraveis expedições. Primeiras proezas de Annibal em Italia. Batalha do Rio Trebia perdida por Sempronio. Marcha perigosa de Annibal até á Etruria. Os Romanos derrotados em Trasimena. Sabia politica do vencedor. Fabio nomeado Dictador. A sua prudencia confunde Annibal. Fabio não teme o desprezo, nem a zombaria. As injustiças manifestam a sua virtude. Fabio salva o temerario Minucio.

CAP. V. Batalha de Cannas, e continuacão da guerra até ao mando de Scipião Africano em Hespanha. 333

Varrao Consul pessimo. Emilio, seu collega. Batalha de Cannas perdida por culpa de Varrao. Admiravel procedimento do Senado depois da derrota.

ta. Esforços dos Romanos a fim de sustentar ainda a guerra. Hannon sustenta em Carthago, que he necessário fazer a paz. Os Carthaginezes corrompeu-se em Capua. Vantagens alcançadas pelos Romanos. Os seus escravos se distinguem. Filippe alliado de Annibal. Marcello vai sitiár Syracusas, que se tinha declarado contra Roma. Archimedes a defende tres annos. Syracusas tomada á escala. Os Romanos tomão novamente Capua, e depois Tarento. Morte de Marcello.

CAP. VI. *Fim da segunda guerra Punica.* 341

Ambos os Scipiões mortos em Hespanha. Scipião, o moço, sujeita a Hespanha; a sua virtude contribue muito para os seus successos. Scipião he chamado, e feito Consul. Asdrubal, irmão de Annibal, tinha sido vencido em Italia. Scipião a pezar de Fabio he enviado para Africa. Masinissa, e Syfax. Annibal he chamado. Morte de Fabio. Conferencia de Scipião com Annibal. Batalha de Zama ganhada por Scipião. Vantagem que a cavallaria dava. Tratado de paz, que acaba a segunda guerra Punica. O tratado se ratifica em Roma.

LIVROS impressos por FRANCISCO ROLLAND,
Impressor-Livreiro em Lisboa, no Largo
do Loreto.

- A** NNO Christão de Croiset , em 4. 2 Vol. 1797.
Atlas Moderno para aprender a Geografia, em 8. com
24 Mappas.
Aventuras de Telemaco , em 8. com notas.
Arte Poetica de Horacio , trad. e illustr. por Candido
Lusitano , em 8.
Adagios , Proverbios , e Anexins da Lingua Portugueza
em 8.
Amigo do Principe , e da Patria , ou o bom Cidadão ,
em 8.
Belizario de Marмонтel , em 8.
Boa Lavradora , em 8.
Christão do tempo presente confundido pelos primei-
ros Christãos , em 8. 1792.
Costumes dos Christãos , por Fleury , em 8. 2 Vol.
Collecção de Historias , Anecdotas , &c. para ins-
trução da Mocidade , em 8. 3 Vol. 1799.
Catecismo Romano abreviado , em 8.
Cartas sobre as Modas , em 8.
Desvarios da Razaõ , em 8. 3 Vol.
Dicionario da Biblia , em 8. 1794.
Diario do Christão , em 12.
Discurso sobre o modo de fomentar a industria do Povo,
em 8.
Dialogos dos Mortos , em 8.
Descripção das enfermidades dos Exercitos , em 8.
Despedidas da Marchal de . . . a seus filhos , em 8.
Escolha das melhores Novellas , e Contos moraes , em
8. 7 Vol.
Escola Fundamental de lêr , escrever e contar , com
os Elementos da Doutrina Christã , por hum Pro-
fessor , em 12.
Elogios dos Reis de Portugal , em 8.
Espirito do Christianismo , em 8.
Elementos da Poetica por Pedro José da Fonseca ,
em 8.
Elementos da Civilidade , em 8.
Fabulas de Esopo , com applicações moraes , em 8.

- Gozo de Si-mesmo por Caraccioli , em 8. 1792.
- Historia Geral de Portugal por La Clede , em 8.
15 Vol.
- Historia de Portugal por Damiaõ Antonio , em 8.
17 Vol.
- Historia Ecclesiastica de Ducreux , em 8. gr. 9 Vol.
- Historia Universal de Millet , em 8. gr. 9 Vol.
- Heroismo da Amizade : David , e Jonatas , Poema ,
em 8.
- Homem Escrupuloso , util para as almas escrupulo-
sas , em 8.
- Historia de Carlos Magno , em 8. 2 Vol.
- Historia de Theodosio o Grande , por Flechier , em 8.
- Historia da Virtuosa Portugueza , em 8.
- Imitação de Christo por Kempis : Nova edição , em 12.
- Imitação da SS. Virgem , em 12.
- Laura de Anfriso , em 8.
- Livro dos Meninos , Traduzido do Francez , em 8.
- Mil e huma Noites , Contos Arabicos , traduzidos em
Francez por Mr. Galland , e do Francez em Portu-
guez pelo Traductor do *Viajante Universal*. em 12.
3 Vol. 1801.
- Medicina Domestica de Buchan , em 8. 8 Vol.
- Miserere exposto em pensamentos , em 8.
- Miscellanea Curiosa , e Proveitosa , em 8. 7 Vol.
- Naufragio de Sepulveda , Poema de Jeronymo Corte-
Real , em 8.
- Noites Clementinas , em 8.
- Noites d'Young , em 8. 2 Vol. com estampas.
- Noticia da Mythologia , ou Historia do Paganismo ,
em 8.
- Obras escolhidas do Marquez de Caraccioli , em 8.
8 Vol.
- Officio da Semana Santa ; Nova edição augmentada com
Meditações , e Orações para a Confissão e Com-
munhão , em 12. com estampas.
- Origem , e Orthografia da Lingua Portugueza por
Duarte Nunes de Lyaõ , em 8.
- Obras de Sá de Miranda , com a sua Vida , e Comed.
em 8. 2 Vol.
- Obras Poeticas de Domingos dos Reis Quita , em 8.
2 Vol.
- Obras Poeticas de Valadares Gamboa. em 8.

Panegyricos , e Discursos Evangelicos, em 8. 4 Vol.
 Paraíso Perdido de Milton , em 8. 2 Vol.
 Perfeito Pedagogo na arte de educar a Mocidade ,
 em 12.
 Peregrinação de Christão , debaixo da allegoria de hum
 sonho , em 8.
 Pratica da Devoção do Cotação de Jesus pelo Padre
 Croiset , com a Vida da Vener. Marg. A-la-Coque,
 em 8. 1786.
 D. Quixote , traduzido em Portuguez , em 8. 6 Vol.
 1794.
 Religião do Homem Honrado de Caraccioli. em 8. 1792.
 Reflexões sobre a Misericordia de Deos, em 8. 1786.
 Reflexões sobre a vaidade dos Homens, em 8.
 Regras da Versificação Portugueza por hum Anonymo ,
 em 8.
 Retrato da morte , com hum Dialogo entre hum
 Vivo , e hum Morto , em 8.
 Syntaxe Latina , explicada segundo o moderno systema
 filosofico , em 8.
 Sciencia dos Costumes , em 8.
 Tratado completo de Anatomia , ou Descripção de
 todas as partes do corpo humano , escrito em
 Francez por Mr. Sabatier , e trasladado em vul-
 gar. Em 8. 2 Vol.
Com brevidade sahira o Tomo 3.
 Theatro Estrangeiro , em 8. 6 Num.
 Thesouro de Pregadores em 8. 2 Vol.
 Tratado das Obrigações da Vida Christã, em 8. 2 Vol.
 Tratado das Aguas das Caldas, em 8.
 Viajante Universal, ou noticia do mundo antigo e mo-
 derno. Obra recopilada dos melhores Viajantes , em
 8. 15 vol. 1801.
 Vida de D. Joáo de Castro por Jacintho Freire de An-
 drada, em 8.
 Vida de Jesus Christo na Eucharistia, 8.

**PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET**

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

D
18
M5419
1801
v.2
c.1
ROBA

Not wanted in RBSC

